



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Ivan Tadeu Gomes de Oliveira

.paisagens ~~ar~~riscadas:

infraestruturas daninhas,

assembleias multiespécies e

ressurgências criativas

na baía da Ilha de Santa Catarina

[Ilha de Santa Catarina]

dezembro de 2020

Ivan Tadeu Gomes de Oliveira

.paisagens ~~ar~~riscadas:

infraestruturas daninhas,

assembleias multiespécies e

ressurgências criativas

na baía da Ilha de Santa Catarina

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em
Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Victorino Devos

[Ilha de Santa Catarina]

dezembro de 2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Oliveira, Ivan Tadeu Gomes de
Paisagens [ar]riscadas : infraestruturas daninhas,
assembleias multiespécies e ressurgências criativas na baía
da Ilha de Santa Catarina / Ivan Tadeu Gomes de Oliveira ;
orientador, Rafael Victorino Devos, 2020.
210 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Antropologia das paisagens.
3. Antropologia e Desenho. 4. Pesca. 5. Mar. I. Victorino
Devos, Rafael. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Ivan Tadeu Gomes de Oliveira

.paisagens [ar]riscadas: infraestruturas daninhas, assembleias multiespécies e ressurgências criativas na baía da
Ilha de Santa Catarina .

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos
seguintes membros:

Profa. Dra. Aina Guimarães Azevedo

Universidade Federal da Paraíba

(UFPB)

Prof. Dr. Gabriel Coutinho Barbosa

Universidade Federal de Santa Catarina

(UFSC)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção
do título de mestre em Antropologia Social.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Dr. Rafael Victorino

Devos Orientador

para Gabriela e Aru

AGRADECIMENTOS

Gabi, sem você, esse trabalho sequer existiria?

Mulheres da minha família. Sem vocês, eu sequer existiria?

Aru, você não sabe ler o alfabeto humano (Gabi, tente explicar isso a ela), mas sua companhia tá me ensinando tanto, que você não faz ideia (ou faz?)

Vó Avanir, a sua força me torna minúsculo; vô Eduardo, a sua generosidade é um abraço de conforto e incentivo.

Tordilho e Tostado, seu ritmo ditou o compasso desse trabalho – pelo menos foi o que tentei. Me desculpem os arroubos de impaciência;

Rafa, a maneira como você incentiva os meus desejos intelectuais e artísticos te torna, sem dúvida, o tipo de mestre mais admirável que existe no meu mundo; e o cuidado, e o cuidado?

Débora Bublitz, a cumplicidade da nossa amizade é um canoa que risca o rio dessa trajetória; Gio Del Duca e Gabi Fischer: seu comprometimento é exemplar e minha gratidão é verdadeira.

Gabriel, Aina, corpo docente do PPGAS/UFSC e as/os demais companheiros/as com as/os quais troquei “correspondências”: sua presença me nutriu nesse ano de isolamento social.

Minhas colegas e meus colegas da turma do mestrado PPGAS 2019: que momento para nossos caminhos se cruzarem, hein? Vocês são meu Bacurau.

Denize, sua capacidade de amar é exemplo e acalento: matriarcado em estado bruto; Márcio, me ensina o valor da dúvida.

Bernardo, Artur e Rúbia, Dani e Anna, Rafha e Sabri, Sérgio e Denis, família, abrigo: físico e emocional.

A todas e todos que desde sempre trabalham e lutam para que a educação pública resista ao projeto de sufocamento que desde sempre foi posto em prática neste país por quem não suporta a ideia de conviver

com a diferença, com sujeitos críticos, cidadãos conscientes, espíritos livres. Lembro de cada uma e cada um, da docência à administração educacional, que me orientou por caminhos tão tortuosos.

E, por fim, às bactérias que atuam no equilíbrio do meu corpo e às leveduras que fermentam o açúcar: tmj.

- O senhor bebeu da água do rio, não bebeu?

- Bebi. Eu estava com muita sede, não resisti.

- Fez bem em ter bebido. Aquele rio corre no espaço entre o ser e o não ser. E as melhores metáforas podem fazer surgir, no interior de todas as coisas, rios ocultos repletos de possibilidades. Assim como os melhores poetas conseguem mostrar claramente, dentro de uma paisagem, outra paisagem inédita. Desnecessário dizer que metáforas excelentes fazem excelentes poemas. O senhor não pode perder de vista essa *outra paisagem inédita*.

O assassinato do comendador vol. 2: Metáforas que vagam, Haruki Murakami, 2020.

Como certa vez me disse meu orientador, Rafael Devos, “onde tem ponte, tem pescador”. A partir da caracterização da assembleia que rodeia a arte de pesca com *tabuinha* e *ferrinho*, creio que podemos seguir a sentença: e onde há pescadores, (muito provavelmente) há peixes; e, no caso dessa paisagem costeira, onde há peixes, há camarões, siris, caranguejos, mariscos; níveis aceitáveis de temperatura, salinidade, salubridade, maritimidade. Em suma, habitabilidade mais que humana.

.resumo: a presente dissertação de mestrado busca, a partir de métodos etnográficos *em movimento*, descrever histórias de assembleias multiespécies perturbadas por infraestruturas antropocênicas na baía de Florianópolis – SC, Brasil. Para isso, nos inspiramos em discussões da antropologia das paisagens, sobretudo a partir dos trabalhos de Anna Tsing *et al.* Contra noções que tratam a paisagem como um espaço-objeto alheio aos habitantes-sujeitos, procuramos evidenciar as continuidades entre habitantes – humanos ou não humanos – e paisagem. Para nos auxiliar na tarefa de produzir uma etnografia menos pautada pelo excepcionalismo humano, buscamos diálogos transdisciplinares entre a Antropologia e campos científicos muitas vezes alheios às etnografias, tais como: a Ecologia, a Biologia, a Literatura e a Hidrografia. A partir das reflexões de Tim Ingold referentes a *habilidades*, coordenamos tais diálogos transversais com os saberes aprendidos junto a pescadores, peixes, marés, ventos e infraestruturas daninhas, a fim de conhecer os modos a partir dos quais as infraestruturas erguidas na baía afetaram e afetam as coordenações mais que humanas. Por fim, procuramos identificar e descrever os processos de ressurgências criativas fruto das relações multiespécies entre os habitantes da paisagem. A materialização da etnografia se deu a partir de uma diversidade de suportes: dos textos científicos tradicionais às descrições críticas em linguagem poético literária, passando pelos desenhos etnográficos feitos no e a partir do campo e exposições em *websites* e redes sociais. Ao fim e ao cabo, concluímos que já não nos basta *preservar*, é preciso *recuperar* as paisagens perturbadas na baía de Florianópolis. À essa tarefa urgentíssima é preciso mais que dar ouvidos aos seus habitantes tradicionais – humanos e não humanos: é preciso reconhecer sua voz, seus saberes, suas estratégias de ressurgência.

.palavras-chave: antropologia das paisagens – antropologia e desenho – pesca - mar.

.abstract: This Master's thesis search, from ethnographic methods *in movement*, to describe stories of multispecies Assemblies disturbed by Anthropocene's infrastructures in Florianópolis Bay, Santa Catarina, Brazil. For this, we are inspired by discussions of landscape anthropology, especially from the works of Anna Tsing *et al.* Against notions that treat the Landscape as an object-space unconnected to subject-inhabitants, we try to highlight the continuities between inhabitants - humans and non-humans - and the Landscape. To help us in the task of producing an ethnography that is less guided by human exceptionalism, we seek transdisciplinary dialogues between Anthropology and scientific fields often unrelated to ethnographies, such as Ecology, Biology, Literature, and Hydrography. Based on Tim Ingold's reflections referents to *skills*, we coordinate such transversal dialogues with the knowledge learned (or from) fisherman, fishes, tides, winds, and weeds infrastructures, to know how the infrastructures erected in the bay affected and affect more than human coordination. Finally, we seek to identify and describe the processes of a creative resurgence because of multispecies relations between the inhabitants of the landscape. The materialization of ethnography took place from a diversity of supports: from traditional scientific texts to critical descriptions in a literary poetic language, through ethnographic drawings made in and from the field work and exhibitions on *websites* and social media. In the end, we concluded that *preserving* is not enough, we must *recover* the disturbed landscape in the Florianópolis Bay. This most urgent task requires more than listening to its traditional inhabitants - humans, and no-humans: it is necessary to recognize their voices, their knowledge, and their resurgence strategies.

.keywords: landscape anthropology - anthropology and drawing - fishing - sea

.resumen: la presente tesis de maestría busca, utilizando métodos etnográficos *en movimiento*, describir historias de asambleas multiespecies perturbados por infraestructuras antropocéntricas en la bahía de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Con este fin, nos inspiramos en discusiones de la antropología de los paisajes, especialmente en las obras de Anna Tsing *et al.* Frente a las nociones que tratan el paisaje como un espacio-objeto ajeno a los sujetos-habitantes, intentamos resaltar las continuidades entre los habitantes - humanos **y** no-humanos - y el paisaje. Para ayudarnos en la tarea de producir una etnografía menos guiada por el excepcionalismo humano, buscamos diálogos transdisciplinarios entre la Antropología y campos científicos muchas veces ajenos a las etnografías, tales como: Ecología, Biología, Literatura e Hidrografía. A partir de las reflexiones de Tim Ingold sobre *habilidades*, coordinamos dichos diálogos transversales con el conocimiento aprehendidos con pescadores, peces, mareas, vientos e infraestructura dañinas, con el fin de conocer los modos en que las infraestructuras construidas en la bahía afectaron y afectan la coordinación más que humana. Finalmente, buscamos identificar y describir los procesos de resurgimiento creativo resultado de las relaciones multiespecies entre los habitantes del paisaje. La materialización de la etnografía se dio a partir de una diversidad de soportes: desde los textos científicos tradicionales hasta descripciones críticas en lenguaje poético literario, pasando por los dibujos etnográficos realizados en y desde el campo y exposiciones en sitio web y redes sociales. Al fin y al cabo, llegamos a la conclusión de que ya no basta *preservar*, hay que *recuperar* los paisajes perturbación en la bahía de Florianópolis. A esta tarea urgentísima es necesario más que escuchar a sus habitantes tradicionales - humanos y no-humanos: es necesario reconocer sus voces, sus saberes, sus estrategias de resurgimiento.

.palabras-claves: antropología del paisaje - antropología y dibujo - pesca - mar.

.sumário.

.contextualizando ~p. 13

.sobre a pandemia (~p. 37

.guia de relações multiespécies da baía de Florianópolis ~p. 43

.descrição crítica: as paisagens dentro da paisagem ~p. 96

.assembleia mais que humana: sentindo a paisagem a partir das coordenações entre humanos e não

humanos na baía de Florianópolis ~p. 148

.a arte de pesca com tabuinha e ferrinho: uma abordagem ecológica ~p. 184

.considerações finais ~p. 199

.referências bibliográficas ~p. 204

.contextualizando

A partir daqui a leitora ou leitor vai conhecer mais de perto as maneiras como a paisagem foi interpretada, sentida, experienciada ao longo da pesquisa etnográfica. Tentamos nos aproximar de abordagens que aproxime nossos corpos às paisagens, a fim de nos livrarmos da posição de espectadores distanciados. Com isso, a paisagem deixa de ocupar o lugar de mero objeto de fruição e passa a ser considerada a partir de seu caráter hiper dinâmico e entrelaçado com as vidas de todos nós – humanos e não humanos. Esse início é como uma carta convite ou uma sinopse: sem ela é possível se virar, não serão conhecidas nossas intensões e métodos de sentir a paisagem da baía de Florianópolis. Além disso, nesse trecho inicial apresentaremos alguns dos interlocutores teóricos que nos ajudam muito a lidar antropologicamente com a noção de paisagem mais que humana.

Para Dina e Doca.

.não procuro, portanto e somente, me fazer entender

Essa dissertação experimentará uma estratégia narrativa um pouco diferente daquelas que buscam costurar a trajetória do/a antropólogo/a ao seu campo de pesquisa. Em primeiro lugar, devido à percepção que carrego em relação aos limites da comunicação – apesar de suas potências. Percepção inspirada por diálogos que mantenho há algum tempo com romancistas e pensadores que refletem sobre a literatura, ficção e teoria literária – depois aprimorada pelo contato com os trabalhos de Strathern (2014), Viveiros de Castro (2015) e Anna Tsing (2019). Não vou me estender demais nesse assunto, posto que isso já foi detalhado em trabalhos meus no passado (Gomes, 2018), e muito melhor pelos estudiosos e pensadores do tema em quem busco inspiração (Saer 2009; Nodari 2015). Basta dizer que, mesmo reconhecendo os limites da linguagem – em especial, devido à natureza deste trabalho, da linguagem etnográfica –, não entendo que os mal-entendidos inerentes às traduções que os relatos etnográficos buscam fazer dos acontecimentos em campo sejam lançados à esteira do falso e que, por isso, sejam mera especulação sem materialidade. Entendo, ao contrário, que tais limites da comunicação e da linguagem, encarados com honestidade, certa resignação e critérios refletidos e reflexivos de tratamento, nos libertam da incipiente obrigação de relatar a suposta realidade objetiva dos acontecimentos vividos e testemunhados em campo. Não se trata de optar por esta ou aquela concepção de verdade, mas de tratar as experiências e acontecimentos observados em campo com um olhar menos rudimentar. Por mais que possa se aventar que tal postura tenda a resultar em uma subjetividade arriscada, já não é segredo que a suposta objetividade científica encarada como Verdade, apesar de – e por - obter efeitos na vida prática, tem suas armadilhas políticas. Sendo assim, o esforço de costurar minha trajetória ao campo de pesquisa e seus interlocutores seria, ao fim e ao cabo, peça de ficção – que contaria pra mim e para o leitor desta etnografia. Não vejo qualquer problema nessa escolha, apenas escolho inventar outra. Em segundo lugar, tendo em vista a discrepância entre a dinâmica da Vida, que acontece em múltiplos devires simultâneos, e o relato etnográfico, que, sendo linguagem, independentemente do suporte, é fragmentado.

Não procuro, portanto e somente, me fazer entender – por mim ou meu interlocutor. Busco, de outra maneira, produzir peça etnográfica que possa ser interpretada por leitor ativo e, com alguma sorte, inspirar novas perspectivas acerca do campo no qual a pesquisa é realizada. Outras formas de percebê-lo e de perceber as formas que são habitadas por humanos e não humanos. Do mesmo modo, não rogo para mim o impossível papel de máquina de síntese da paisagem de pesquisa. Aliás, é a própria noção de paisagem – que será abordada com mais detalhes adiante – que, resumida em uma palavra, inspira a forma de comunicar dessa

dissertação: retalhos (*patches*). Se a Vida acontece em devir dinâmico, mas se consigo apenas apreendê-la por fragmentos, muitas vezes imersos na penumbra, ocultos ou ofuscados pelo excesso de claridade, é dessa forma que será composta essa etnografia. Não é recente o reconhecimento de que a antropologia não procura a elaboração de saberes totalizantes e totalizados acerca de seus campos e sujeitos de pesquisa. Nesse contexto, buscarei compor essa dissertação como montagem e colagem dos retalhos da paisagem na e sobre a qual realizo essa pesquisa – ela própria um retalho biológico, geológico, histórico, político e cultural de paisagens maiores, menores, interseccionadas e intertemporais. Imagine então que, ao ler essa dissertação, estará como que visitando instalações em um museu – espero que um dos instigantes - em que não faz diferença considerável qual instalação iniciar a contemplação. E, entrando na instalação, não faz diferença, no conjunto total, a trajetória do seu corpo pela sala – buscamos ser anti-teleológicos. Como nas instalações interativas de Oiticica, ou no entendimento de que os olhos do leitor atuam na mesma qualidade da mão do autor, essa etnográfica está montada para que a fruição e o reconhecimento da paisagem que a inspirou sejam o mais livre possível. Caso a metáfora do museu pareça pretenciosa, talvez seja preciso dizer que a própria dissertação como metáfora do campo de pesquisa tenha também sua dose de pretensão. Mas se mesmo esse lembrete não é o bastante, então que se tome esta etnografia como uma revista de ensaios antropológicos, ideias e antropologia visual. Assim, quem preferir por realizar uma leitura corrida, dos primeiros aos últimos capítulos-ensaios, fique à vontade. Aquele ou aquela que estiverem visitando essa etnografia apenas por uma ou outra instalação, que vá direto ao ponto.

A primeira instalação deste museu etnográfico imaginado e imaginário contará com manchas (Tsing, 2019) e retalhos de contextualização da paisagem pesquisada, bem como as noções que orientam nossos sentidos em campo. Mas, antes de descortinar nossa paisagem de pesquisa, é necessário falar um pouco mais sobre o que entendemos por paisagem:

.colocando para dançar o binômio *perto-longe, passado e presente*

Florianópolis - ou Ilha de Santa Catarina, Nossa Senhora do Desterro, Meiembipe -, é uma das três capitais estaduais brasileiras – de um total de vinte e sete – com a maior parte de seu território e habitantes situados em uma ilha, cercada pelo Oceano Atlântico. Em geral, capitais estaduais possuem alta densidade demográfica, ou seja, habitam e se chocam em seu território inumeráveis projetos de fazer mundo. Em Florianópolis, são projetos humanos e não humanos em combinação bastante específica e nem sempre harmônica, haja visto a peculiaridade de um ecossistema diverso, cercado pelo mar, com relativa área verde - largamente impactada pelas aceleradas e intempestuosas infraestruturas de modernização e urbanização que atravessaram o Brasil ao

longo do último século. Modernização e urbanização inspiram projetos de fazer mundo. Longe de abranger a totalidade, esses ideais estéticos, éticos e políticos, caros aos sonhos desenvolvimentistas tão constantemente presentes no imaginário econômico e sociopolítico brasileiro, competem, ou melhor, se impõe a outros projetos, politicamente minoritários, alternativos e soterrados pelas forças que alimentam a locomotiva do progresso: sistema de produção capitalista, imperialismo, aceleração, crescimento e desenvolvimento são “detonadores” que também se manifestam, ao seu modo, na Ilha de Santa Catarina. A escolha pela noção de *detonadores* tem inspiração no ensaio de Anna Tsing (*et al*, 2019), em que as paisagens do Antropoceno são analisadas sob um prisma que reconhece os efeitos daninhos em paisagens multiespécies a partir da instalação de infraestruturas antropogênicas. Tais infraestruturas tendem a propiciar ambientes propícios a não humanos surtindo efeitos inesperados aos seus idealizadores.

Em comunhão com os princípios modernizantes, esse rol de valores atingiu proporção mundial, justificando violentas perturbações antropogênicas em paisagens que vão desde os latifúndios de monocultura de soja e criação de gado no Centro-Oeste e região Norte brasileira – com suas queimadas e desmatamentos criminosos –, aos mirtilos radioativos de Chernobyl (Tsing, 2019), bem como todos os efeitos dessas perturbações: da artificial aceleração antropogênica do efeito estufa ao extermínio em massa de centenas de milhões de abelhas por uso indiscriminado de herbicidas nas *plantations*, ao assassinato de povos indígenas e rios transbordantes em vida e diversidade, resultantes dos diversos crimes ambientais e consequente obliteração de vidas e comunidades humanas e não humanas. Em suma, tornando corriqueiro o que antes era incomum: a extinção em massa sem precedentes de espécies dos mais diversos seres vivos e os fins de diversos mundos: de indígenas, ribeirinhos e quilombolas.

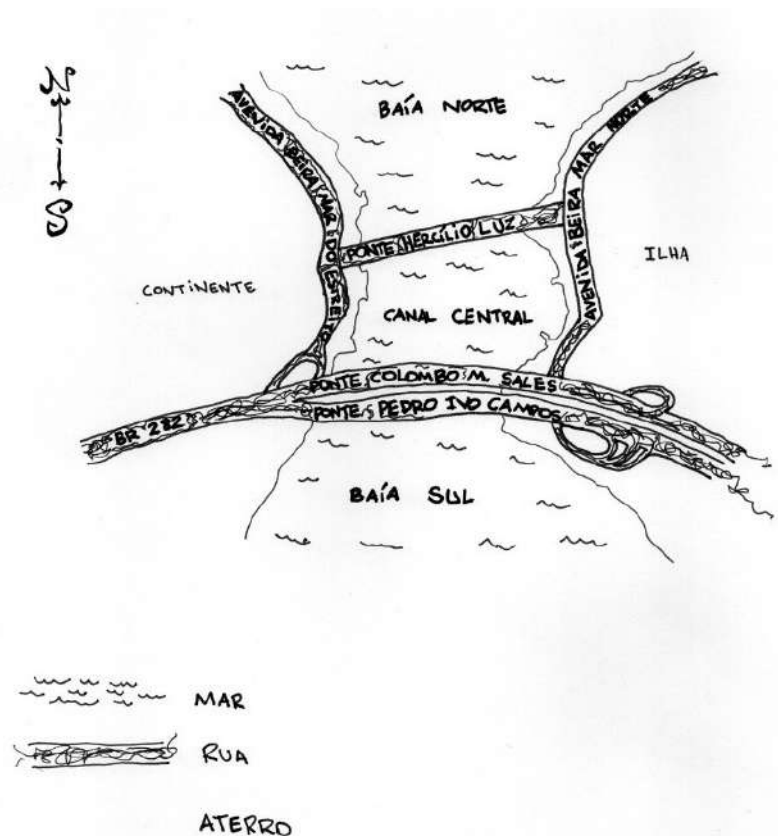
Exemplos dos colossais fenômenos mortíferos resultantes de infraestruturas no planeta são inúmeros e, infelizmente, não cessam de se multiplicar. Tomo emprestada de Anna Tsing a noção de infraestrutura, conforme mobilizada em palestra proferida no encerramento da Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia de 2019. A antropóloga caracteriza infraestruturas como projetos que alteram a água, a terra e a atmosfera, variando desde as *plantations* às fábricas e transações internacionais. São obras públicas de projetos materiais de transformações da paisagem. O impacto que tais projetos de fazer mundo tiveram, têm e terão nas vidas e mortes ao redor do planeta, bem como a imensa abrangência da conexão entre os fenômenos resultantes dessa ingerência *irresponsável* – porque não quer responder a nada nem a ninguém – nos trouxe ao Antropoceno.

Reconheço os limites e potências que a noção de Antropoceno carrega consigo. É preciso que, ao

evocar sua cartografia conceitual, não nos esqueçamos de que a referência ao *antropos* não deve ser generalizada – é preciso reconhecer as especificidades. Ademais, não nos interessa tampouco demarcar a origem dos eventos que realizam o Antropoceno: se foi nas invasões do mundo não Europeu em meados do século XV; nas sedentarização de certas comunidades humanas a partir do aprimoramento de técnicas agrícolas há cerca de 12.000 anos passados; ou na revolução industrial capitalista do século XIX. Demarcações dessa natureza tendem à linearidade teleológica. Nos interessa mais anotar e contar histórias acerca de seus processos e implicações no planeta e em suas paisagens.

Aceitamos a tese de que o Antropoceno, enquanto era geológica, se caracteriza pelas titânicas, tirânicas e tanatológicas consequências das ingerências humanas nas paisagens terrestres. *Tanto* pelo genocídio ameríndio a partir das navegações do século XV em diante, *quanto* pelo despejo colossal de gases de efeito estufa a partir da revolução industrial, *e ainda* pelas invisíveis e mortíferas nuvens radioativas produzidas pela explosão das bombas atômicas ou de acidentes nucleares como Chernobyl ou Fukushima. Tais eventos somam-se ao evidente impacto geológicos e biológicos que as atividades humanas – de *humanos-hegemônicos* – vêm inferindo no planeta, alterando radicalmente as formas de *ser-com* e *estar-com* no mundo, de humanos e não humanos, dos Xokleng de Santa Catarina, Brasil, às borboletas de Liverpool, na Inglaterra.

Dentre as diversas infraestruturas de relevância na Ilha de Santa Catarina, capazes de interferir consideravelmente na balança ecossistêmica de suas paisagens, o avanço da cidade para o mar – e seu consequente “vice e versa” –, a partir de obras de aterro que principiaram no início do século XX, certamente foi – e é – uma daquelas com maior capacidade de perturbação ecológica e marítima. Os princípios diretores da estratégia de aterramentos na ilha são inspirados por valores modernizantes e



desenvolvimentistas – herdeiros brasileiros do capitalismo industrial. Buscando ampliar a área terrestre a fim de acelerar o fluxo de automóveis, os aterros eram, na concepção urbanista do Estado desenvolvimentista brasileiro, infraestruturas indispensáveis para a construção de uma malha rodoviária capaz de aportar tal paradigma. Dentre as diversas consequências dessa escolha está o arruinamento de ecossistemas e paisagens mais que humanas na baía de Florianópolis, perturbando a diversidade marítima, afetado a cadeia trófica e até mesmo a intensidade do fluxo das marés. Os aterros acabaram com faixas de areia em praias da ilha, impedindo e impactando interações sociais de pescadores e pescadoras, além de afetar consideravelmente a prática da pesca artesanal e amadora, como veremos ao longo desta dissertação.

Na esteira do afã modernizante a partir de mega obras de infraestrutura, está a escolha de fazer a conexão do tráfego – de automóveis, pessoas, água encanada e elétrons - entre a ilha e o continente por meio de pontes. Atualmente são três, todas localizadas no centro da capital: a Hercílio Luz, a Colombo Machado Salles e a Pedro Ivo Campos, em ordem de construção e inauguração. As duas últimas têm suas cabeceiras insulares terminadas em uma das áreas aterradas da ilha.

Aterros marítimos, complexos viários, pontes, soterramentos de rios... São apenas algumas das infraestruturas dos projetos de fazer mundo humanos praticados em Florianópolis que, apesar das singularidades de sua realização local, se conectam a um imaginário e a consequências que extrapolam seu território: deste o rasgo mortífero na floresta amazônica desempenhado pela rodovia transamazônica à usina de Itaipu . O Antropoceno se caracteriza, entre outros fenômenos e características, por perturbações e simplificações modulares de paisagens heterogêneas necessárias aos modos de produção e circulação capitalistas. Exemplos disso podem ser verificados no recém lançado *Atlas feral* (Tsing *et al*, 2020), em que vídeos de curtíssima duração são dispostos em mosaicos com [paisagens extremamente difíceis de identificar a localização exata](#), senão pela legenda desvendada ao término de cada vídeo. Ainda assim, o produto das perturbações antropocênicas reverberam localmente, e por isso o Antropoceno necessita ser analisado também em contextos locais, com perturbações que variam em intensidade, e em recortes menos extensos em territórios mas não menos complexos, a fim de se atentar às dinâmicas das manchas do Antropoceno (Tsing *et al*, 2019).

Regularmente há a tendência de nos aterrorizarmos com mais intensidade ao testemunhar perturbações mais devastadoras, instantâneas, como os crimes ambientais a partir do rompimento das barragens de Mariana e Brumadinho em Minas Gerais – Brasil, responsáveis por um arruinamento colossal. Tal tendência é totalmente compreensível. São eventos mortíferos de capacidade catastróficas e merecem toda

nossa *raiva* e mobilização. Mas o Antropoceno se realiza também a partir de “*pequenas*” catástrofes do dia a dia, com efeitos de duração prolongada e que, ao contrário das “*grandes*” catástrofes, tendem a ser tratadas com menos urgência, podendo ser até mesmo desejáveis, posto que prometem o *progresso* e a *modernização*. Essas catástrofes relativamente naturalizadas – porque “faz parte”, “o preço a se pagar” – merecem também nossa atenção e nossos esforços em registrar suas dinâmicas corrosivas – inclusive *gritando* para evidenciar sua atuação silenciosa na devastação de paisagens multiespécies.

Observar antropologicamente e etnografar a paisagem perturbada pelos aterros, pontes e demais infraestruturas humanas, a partir de perspectivas que atentem para dinâmicas mais que humanas da Ilha de Santa Catarina, no presente e ao longo de sua história, nos convida a ficarmos alertas em relação às manchas das paisagens arruinadas pelo Antropoceno *mais à cerca*, reconhecendo a capacidade da etnografia em acompanhar os rastros, restos, vestígios e ruínas deixadas pelo capitalismo imperialista e seus projetos de construção e destruição.

Ao mesmo tempo, acompanhar os processos de ocupação dessas ruínas por humanos e não humanos, identificar e descrever as novas malhas e maneiras de interação mais que humana são algumas das tarefas que cabem, também, a antropólogas e antropólogos. As dinâmicas ecológicas de nossa paisagem de pesquisa se realiza, se organiza e desorganiza a partir da assembleia entre pescadores artesanais embarcados, pescadores que lançam seus artifícios pesqueiros da ponte, marinheiros, bagres, vento, lua, corvinas, tabuinhas, andarilhos, grafites, engenheiros, ciclistas, burriquetes, rachaduras, antropólogos, o mar e inúmeros nós a mais nessa malha dinâmica, de uma paisagem dinâmica, a partir de acordos – uns menos coesos e consensuais do que outros – que viabilizam, ou não, sua coexistência e a coexistência de seus projetos de fazer mundo diversos. Paisagens são feitas e desfeitas por muitas trajetórias, humanas e não humanas (Tsing, 2019, p. 241).

Não se trata, porém, de dourar a pílula da devastação antropocênica. Identificar e reconhecer as ressurgências (Tsing, 2019) espontâneas de vidas em ruínas com a devida atenção para que não se torne meramente uma modalidade estética de viver na era das catástrofes. É algo mais como [ficar com o problema](#) e não se entregar, mesmo quando nossa casa já foi barbarizada pelo imperialismo capitalista; é atentar às ressurgências criativas de corpos que teimam em não se dar por vencidos. Menos o romantismo da jornada do herói do que a teimosia de quem não se entrega com facilidade; menos o cinismo entorpecente do que a reafirmação da existência; *não somente* preservação: é preciso *recuperar*.

.você sente a umidade do vento marinho tocando sua face?

Esteja presente. Agora apure os ouvidos e acione a imaginação. Tente imaginar o mar. Você está de frente para o mar, em uma baía, e você está sozinho. É final de tarde, no céu tem nuvens rosadas e entre elas você consegue vislumbrar feixes dourados da luz do sol se esgueirando por entre as nuvens. E o mar está lá, com suas águas magnânimas e mais antigas do que você, eu e todos os seres vivos no presente. Qual a cor das águas que você vê? Quais aromas estimulam seu olfato? Você sente a umidade do vento marinho tocando sua face? Nessa paisagem, há apenas você, em pé, diante do mar, e com o céu rosa-ouro do fim de uma tarde quase fria. Não se esqueça de inspirar e respirar confortável e lentamente, e no mesmo ritmo da sua respiração, sinta a paisagem sendo tomada por uma claridade branca e opaca, como leite. A paisagem vai desaparecendo como naquelas passagens de filmes em que o tom de branco toma conta da tela, até tudo ficar totalmente branco. Então deixe agora os pensamentos voltarem a correr livres, qualquer imagem, qualquer afeto, tente se lembrar da paisagem que te cercava. Relembre o mar, escute o mar, esteja no mar:



Caso sua imaginação tenha projetado uma paisagem diferente dessa, é totalmente compreensível. Por muito tempo e diversas vezes transitei por esse lugar sem associá-lo ao que ele (também) é: o mar de uma baía – a baía de Florianópolis. Mesmo depois de ter definido esta paisagem como campo de pesquisa, me referia a ela como baía central e, depois de algum tempo, canal, mas sempre desvinculado, em meu sistema de referência simbólica íntimo – ou seja, na minha sensibilidade corporal –, do mar. Eu simplesmente não reconhecia que a fluidez das águas que por ali correm não se separam da costa marítima próxima e de todo o Oceano Atlântico. Há que ter ocorrido um processo muito intenso e complexo de modulação dessa paisagem e do meu corpo para que baía e canal sejam desvinculados de seu caráter marítimo. Ou melhor, não “há que ter ocorrido”, ocorreu. E esse processo passa por escolhas urbanísticas que percebem o ecossistema tradicional a cada ambiente como um obstáculo ao modelo de ocupação, habitação, mobilidade e usufruto advogado pelos padrões contemporâneos de desenvolvimento. No bojo dessas escolhas estão praias aterradas, fazendo a cidade avançar para o mar, devastando e arruinando o ambiente de inúmeras espécies marinhas e lançando para memórias dos antigos ou arquivos históricos as socialidades desenvolvidas no, pelo e para o ecossistema marítimo ora aterrado. Conhecer as linhas temporais da paisagem do canal interrompidas pela perturbação modernizante é como resgatar as memórias e histórias do vencido, e pode nos ajudar a calibrar os sentidos para a percepção da paisagem atual da baía de Florianópolis e os vestígios de maneiras de ocupar ruínas.

A fotografia acima não vale mais que mil palavras. Também não vale mais que mil memórias, mil assembleias multiespécies que foram aterradas junto com a praia que outrora existira ali. O historiador Paulo César dos Santos nos ajuda a se situar um pouco melhor nos processos que modularam e modificaram drasticamente a paisagem do canal (1997). Seu trabalho foi fundamental para me fazer perceber o impacto da inexistência da maritimidade do canal em minha percepção. A pesquisa de Santos pode ainda nos ajudar a traçar algumas linhas de tempo na malha de nossa paisagem. Parto do princípio de que a paisagem do canal, como qualquer outra, é uma unidade múltipla também em seu aspecto temporal, rítmico, de durações. Ou seja, a temporalidade e a duração do mar, contrasta com a duração e ritmo da ponte, do aterro, do bagre que se alimenta nas pilastras das pontes, do pescador que tarrafeia, do arquiteto urbanista que projeta objetos técnicos e malhas viárias e, por fim, desse antropólogo em trabalho de campo, procurando por materiais etnográficos. Ainda assim, essa múltipla e infinita malha de durações compõem a paisagem e seus habitantes, com suas habilidades (Ingold, 2015), agilidades (Tsing, 2019; Haraway, 2003) e *affordances* (Gibson, 2014) – noções que nos ajudaram a compreender a paisagem e que serão detalhadas noutro trecho da dissertação. Da

mesma forma que foi preciso definir a mancha da paisagem a ser pesquisada, nossa percepção e capacidade de descrição etnográfica exige que sejam destacados alguns assentos elevados de linhas de tempo a fim de ampliar nossa percepção acerca das transformações da paisagem observada, interagida e descrita. Tal método é proposto por Anna Tsing (2019, p. 248) e servirá de modelo para nos ajudar a se situar em meio à difusão. E neste ponto as anotações de Santos (1997) poderão nos ajudar a traçar coordenadas temporais, a fim de reconhecermos alguns dos eventos que assentaram marcos divisórios e que interromperam outras linhas de tempo e configuraram a paisagem do canal ao momento, conformação e confusão atuais.

.entre as ruínas da ditadura e do Estado democrático de direito

.“ponte da oportunidade”

*Antes da primeira
ponte, o centro
urbano tinha
todo o seu traçado voltado para o mar.
Pelo
mar, pela
Baía Sul,
é que se entrava e saía do povoado.
O porto era a
porta, a face da
cidade.*

(Santos, 1997, p.32)

No dia 30 de dezembro de 2019, em evento de reinauguração da Ponte Hercílio Luz, o então prefeito de Florianópolis, Gean Loureiro, em seu pronunciamento no palanque, repleto de autoridades políticas, falando para dezenas de pessoas que ardiam ao sol de quase meia dia do verão tropical, conjurou a histórica expressão “ponte da independência”, referenciando, segundo ele, à independência que sua inauguração, em 13 de maio de 1926, trouxe à população humana em relação ao mar, às balsas, ao monopólio dos transportes marítimos – em suma, à maritimidade do canal (Santos, 1997). No dia da reinauguração, no entanto, o então prefeito disse preferir o *slogan* “ponte da oportunidade”, tendo em vista as potencialidades de exploração econômica

derivadas da indústria do turismo que a ponte poderia propiciar. Aproveitando o púlpito, o prefeito se pôs a defender com veemência a implementação do projeto de construção de uma marina nas margens da baía norte, em trecho da Av. Beira Mar Norte, bem como enaltecer o engordamento – eufemismo estratégico para a palavra aterro - recém realizado na praia de Canasvieiras, no norte da ilha – segundo seu ponto de vista, [um sucesso](#), apesar dos afogamentos decorrentes da perturbação hidrográfica resultante da atuação das dragas – e defender que projetos semelhantes sejam realizados em outras praias de Florianópolis que estão sendo engolidas pela elevação do nível do mar – Antropoceno manda lembranças ao senhor prefeito.

A fala do então prefeito é didática, repleta exemplos e significados que nos ajudam a perceber algumas históricas perturbações de paisagens na Ilha de Santa Catarina, que são “tanto imaginárias quanto materiais”, conforme nos ensina Anna Tsing, pois envolvem “geografias físicas, fenomenologias e compromissos culturais e políticos” (Tsing, 2019, p. 247, grifo meu). Os três projetos de fazer mundo enaltecidos, defendidos e propalados pelo então prefeito estão no mesmo cesto dos eventos que Santos resgata para narrar os processos de desnutrição da maritimidade na baía de Florianópolis: 1) *pontes* como equipamentos urbanos hegemônicos para a mobilidade, especialmente por meio de automóveis; 2) *aterros* desmedidos em relação às necessidades inicialmente reconhecidos por seus projetistas, fazendo a cidade avançar ao mar e alterando sensivelmente o ecossistema ilhéu e, por fim, 3) a elaboração de *planos diretores de habitação e usos dos espaços* – vazios - resultantes dos aterros, a fim de lhes implicar direção e sentido, de dizer o que se pode e o que não se pode fazer em uma terra, ou melhor, em um mar arrasado. Exemplo de um plano atual, a marina da Beira Mar Norte: espaço arquitetônico urbanístico elitista em que só vive a maritimidade quem possui os meios materiais de ocupá-lo com plenitude, ou seja, possuir embarcações caríssimas – tanto para sua aquisição quanto manutenção nas docas das marinas. Além das perturbações ecológicas na baía, tais projetos têm em comum uma série de aspectos estéticos, éticos, históricos, políticos e culturais específicos, além de possuírem fragilidades questionáveis do ponto de vista do interesse público mais amplo. Tais aspectos se entrelaçam e se misturam ao ponto de ser impossível decantá-los e isolá-los como elementos singularizados, posto que são aspectos que, na base de suas intenções, tem como sustentação princípios indispensáveis para a manutenção do ideário desenvolvimentista, capitalista, imperialista, colonialista e de flagrante irresponsabilidade em relação ao ecossistema não humano e às consequências devastadoras que tais projetos de dominação e interferência humana resultam. Mas a fim de ilustração e singularização dessa mancha do Antropoceno, podemos identificar algumas imagens e particularidades de sua influência na paisagem das baías Norte e Sul da ilha.

Do ponto de vista *estético*, tais projetos se vinculam ao imaginário ideológico capitalista desenvolvimentista em que tais infraestruturas servem ao progresso civilizatório e ao aprimoramento das performances urbanas do capitalismo globalizado e flexibilizado. As expressões ora conjuradas pelo então prefeito ilustram isso. Independência e oportunidade. Independência da lentidão e demais limitações dos transportes marítimos, como barcos e balsas, e oportunidade de multiplicação do lucro a partir da exploração da indústria do turismo. De um lado, a imagem da aceleração e performance vinculada à mobilidade rodoviária automobilística e do outro a busca da rentabilidade superavitária a partir de equipamentos urbanos públicos. Essas imagens incitam a configuração estética urbana do *status quo*, muitas vezes desvinculado do empirismo do local ao qual se busca adequar a fim de encaixar os croquis urbanos de cidades modelos do imaginário ideológico referenciado. São princípios que tentam modular as dinâmicas das paisagens aos interesses dos investidores. A *ética* se manifesta a partir do que se busca definir como uso oficial e legítimo de cada ambiente urbano, bem como a marginalização de práticas que entram em desacordo com o que se espera – é uma ética dos usos. Pontes são feitas para (auto)mobilidade – ou a exploração comercial turística –, nos aterros devem ser desenvolvidos projetos de ocupação a partir de um rol exaustivo de atividades muito bem regulamentadas pelo Estado e que, de preferência, gerem “oportunidade” financeira – como dito por Mauro Almeida (2013), é preciso converter-se em mercadoria para obter o direito à existência.

Não há nada de novo debaixo do sol desses projetos. Apesar de suas singularidades contemporâneas, elas se inspiram em projetos de fazer mundo nem tão recentes assim, como nos mostra o trabalho de Paulo César Santos. Além disso, são projetos *históricos* também por estarem localizadas dentro de uma conjuntura histórica, *manézinha*¹, catarinense, brasileira, latino-americana, terceiro mundista, ocidental. Seu aspecto *político* se caracteriza pela influência da santíssima trindade moderna - [a aliança entre o pai Estado, o filho Mercado e a Ciência do espírito santo](#) – na modulação da paisagem. O Estado legitima politicamente a escolha, elaboração e financiamento do projeto, bem como na posterior regulamentação dos usos e manutenção da ordem com suas polícias e, em última instância, das reformas – *quando estas ocorrem*. Os Mercados atuam no lobby e realização das obras por meio de empreiteiras e empresas de engenharia, bem como na exploração financeiro comercial quando viável e, por fim, por via da indústria do turismo. Certa Ciência, quando em intersecção relativamente pacífica com os outros dois, por meio de laudos de viabilidade, planejamento urbanístico arquitetônico e engenharias diversas, muitas vezes como um ator inconveniente ou mero promotor de

¹ Termo tradicional de referência ao nativo da ilha ou àquilo que se origina de sua cultura, história ou tradição.

salvo conduto para a perturbação da paisagem.

A fala do então prefeito no evento de reinauguração da ponte Hercílio Luz, apesar das demãos contemporâneas, coaduna com o cerne dos princípios que moveram a estética do planejamento urbano da ilha desde quando se imaginou e executou a construção da ponte Hercílio Luz, em 1926, a saber, a escolha pelo monopólio dos transportes rodoviários nas políticas de mobilidade da capital, bem como a eleição da malha rodoviária como elemento simbólico de conexão da ilha com o restante do país e do continente. Ou seja, desconsiderar as mobilidades marítimas, como lanchas, barcos e balsas nos planos de mobilidade do Estado em detrimento do monopólio do automóvel. A independência dos barcos não tardou a se tornar dependência dos automóveis.

Segundo Paulo César Santos, a inauguração da ponte Hercílio Luz pode ser considerada “a primeira grande perda de sociabilidade marítima” pela qual passou a ilha (Santos, 1997, p. 32). O colonialismo industrial fica por conta da [inspiração política positivista, planejamento por engenheiros estadunidenses e execução de operários catarinenses](#). Os ideais de modernização da elite da época eram em grande medida colonizados e importados – não que hoje seja muito diferente –, e parte da conta foi paga, também, com o sacrifício de formas de socialidades percebidas por tal ideário como atrasadas, rudimentares, obstáculos ao progresso. O ritmo das socialidades costeiras não acertava o passo com o compasso capitalista de um ocidente pós-revolução industrial, pós-primeira guerra mundial e pré-crise de 1929. Durante o fordismo era preciso acelerar, era preciso abrir vias aos automóveis e ao mercado internacional de desafogo de produtos industrializados. A imagem da capital moderna e modernizada não se completava sem isso.

.infraestruturas de radical transformação e perturbação de paisagens percebidas como selvagens e atrasadas

As infraestruturas modernizantes e desenvolvimentistas se intensificaram nas décadas seguintes, sobretudo impulsionados por políticas de governo que fincaram raízes fortíssimas ao longo do tempo. Getúlio Vargas viabilizou o que pode da industrialização brasileira com empresas estatais de mineração - como a Vale do Rio Doce -, extração de petróleo – com a Petrobrás – e demais setores estratégicos em infraestrutura. Viabilizada a indústria, chegara a hora de definir seus caminhos, e na década de 1950 o então presidente Juscelino Kubitschek apostou no automóvel como meta de seu projeto de fazer mundo. Tal aposta resultou em inúmeras consequências, tantas que não caberiam nessa dissertação. Nos basta atentar à algumas das consequências que

lançaram a mancha antropocênica na baía de Florianópolis. Não fosse a eleição do transporte rodoviário como mote desenvolvimentista, a baía de Florianópolis, com as baías Norte e Sul, certamente seria outra paisagem.

Essa soma de conjunturas encontrou seu reagente final na ditadura civil militar brasileira iniciada na década de 1960. Os militares brasileiros, colonizados por ideias positivistas e historicamente influentes na política doméstica, têm especial apreço – para não dizer *fissura* – por projetos de desenvolvimento de infraestrutura nacional, e, após o golpe civil militar de 1964 e a tomada do poder político nacional, intensificou os investimentos em infraestrutura a partir do endividamento criminoso e irresponsável do Estado brasileiro – em suma, do trabalhador e trabalhadora brasileiros –, dívida essa que arrola daquela época com consequências até o momento em que essa pesquisa é realizada. Sobretudo sob ordens do ditador Emílio Médici, entre os anos de 1969 e 1974, as obras de infraestrutura passaram a despontar de norte a sul do país. Eram infraestruturas de radical transformação e perturbação de paisagens percebidas como selvagens e atrasadas pela elite sociopolítica da época, e que então entrariam no radar do desenvolvimento. Em sua conta podemos debitar: o rasgo da floresta amazônica pela rodovia Transamazônica, que resultou em impactos apocalípticos de naturezas diversas nas vidas – e mortes – de povos indígenas e não humanos que viviam em coordenação desde antes dos *nape* por lá e por aqui aportarem (Kopenawa, 2015); a ponte Rio- Niterói e, dentre tantas outras, os aterros da baía Norte de Florianópolis com a construção da segunda ponte, a Colombo Machado Salles.

Fundo Monetário Internacional, Fim do padrão ouro, “Milagre” Econômico, Ditadura Militar, aterros, pontes. Os retalhos vão sendo costurados e nossa paisagem adensando em significados. Conforme nos ensina Paulo César Santos, a concepção viária do centro de Florianópolis se conectava ao patamar político federal a partir dos Planos de Desenvolvimento – tanto o local, de Santa Catarina, quanto o Nacional, do governo Médici (Santos, 1997, p. 61), e transbordando os limites nacionais. Nessa conjuntura, as construção das pontes e os aterramentos dançavam no compasso perturbador das infraestruturas desenvolvimentistas que reificavam os automóveis e autoestradas como símbolo de progresso e modernidade (*idem*).

A construção da ponte Colombo Salles e os aterramentos, em simultaneidade, é o segundo conjunto de eventos de interrupção e alteração radical nas dinâmicas humanas e não humanas na paisagem do canal central abordado nessa dissertação, nas baías Norte e Sul e em outros pontos da ilha. Não seria somente a maritimidade do canal impactada, mas toda uma complexa malha de deslocamentos, técnicas, socialidades e práticas de diversos tipos, no centro e em demais ambientes da Ilha de Santa Catarina, a partir de projetos de

fazer mundo influenciados pelos anseios ocidentais modernos daquilo que entendem como desenvolvimento e progresso.

Os processos de aterramento em Florianópolis também reconfiguraram radicalmente as formas de viver não humanas na paisagem do canal. Somente no centro, a área aterrada se estende da Prainha – que tem esse nome porque já foi uma prainha - ao início da avenida Beira Mar Norte. Neste território, com área equivalente a cerca de 11 campos de futebol, está instalado o Terminal Rodoviário Maria Rita, o Terminal Integrado de Transporte Municipal do Centro, o Centro de Eventos e as cabeceiras das pontes Colombo Salles e Pedro Ivo Campos, além de extensas pistas de rolamento de automóveis e imensos espaços abertos, outrora alvo de intensas disputas estéticas de apropriação e utilização entre imaginações de contornos comerciais e usos públicos. O resultado atual é uma intensa perturbação ecológica do ecossistema não humano de ocupação marítima: alterando o comportamento do mar do canal; revirando o solo subaquático e, conseqüentemente, com amplo potencial de contaminação da matéria orgânica que alimenta diversas espécies que ali vivem ou transitam, alterando assim a cadeia trófica e a diversidade ali presente. Ao mesmo tempo, afunda toneladas de entulhos de proporções diversas, com potencial de serem ocupados como pesqueiros, ou seja, substrato para mariscos e abrigo e refatório para peixes e outras espécies marinhas.

Apesar da substancial perturbação causada pelos aterramentos, a vida não se extinguiu no canal. Nesse sentido, a mancha que o Antropoceno imprime na baía de Florianópolis não atinge patamares de devastação comparáveis com, por exemplo, o ocorrido no Rio Doce após o rompimento criminoso das barragens de Mariana e Brumadinho. Ainda assim, estudos na área da ecologia (Decarli, 2018; Moreira, 2011), em consonância com o Conhecimento Ecológico Local (CEL) dos pescadores e pescadoras da baía reconhecem considerável impacto negativo no ecossistema não humano da baía, tendo como consequência as infraestruturas da urbanização da ilha nas últimas décadas.

Tomo emprestado das ciências ecológicas aspectos do método de CEL para encorpar os relatos etnográficos cedidos por pescadores da baía de Florianópolis. Segundo Ivan Martins (2012), o CEL daqueles que habitam a paisagem “é uma fonte importante de conhecimento a respeito das espécies e dos processos ecológicos” (p. 09), e se define como o conhecimento singular adquirido por determinado coletivo humano que habita um ecossistema específico. Por se tratar de um conhecimento *ecológico*, diz respeito às relações mais que humanas realizadas ao longo do tempo em determinada paisagem (*idem*, p. 22). Não é raro que as informações científicas acerca dos processos ecossistêmicos de diversas espécies ou paisagens repousem, ao fim e

ao cabo, em Conhecimentos Ecológicos Locais obtidos a partir de interações com habitantes tradicionais de paisagens multiespécies.

Nesse sentido, pescadores que habitam a baía de Florianópolis, com os quais convivi em boa parte do campo, compartilham seu CEL, narrando quase em uníssono, histórias de abundância de vida marinha no canal em tempos passados. Era quase certo que em determinado ponto da conversa, mesmo após *matar*² peixe, as lembranças com tom de lamento de que “antigamente vinham pescar com carrinho de mão” (relato de André, em março de 2020), dada a abundância, em quantidade e qualidade – o tamanho e peso eram maiores, além da diversidade de espécies –, das pescas *de antigamente*. Ao longo dessa etnografia serão contadas histórias que trarão um grau de detalhamento maior acerca dos impactos resultantes da mancha antropocênica no ecossistema mais que humano da baía de Florianópolis.

.a imagem de um pescador remendando rede em sua cozinha pode conter, inclusive, potencial poético

Fim de mais um dia de trabalho – sou servidor público atuando na área administrativa da Universidade Federal de Santa Catarina. Apago as luzes da secretaria, tranco a porta, me despeço do Rei, porteiro do prédio, e sigo em direção ao bicicletário. O sol de outono já está se aproximando da linha tortuosa do Monte Serrat, anunciando que seu expediente por essas bandas da ilha também está se encerrando. A casinha mista de madeira e alvenaria alugada - quarto, cozinha, banheiro e sacada - em que morava ficava no bairro João Paulo, à cerca de 7km de onde eu trabalho. Considerado pelo senso geográfico empírico dos ilhéus o primeiro bairro do Norte da Ilha. Para mim, é a distância perfeita para se locomover de bicicleta de casa para o trabalho, do trabalho para casa. No caminho, passo pelo manguezal aterrado do Itacorubi, em que, entre outras edificações, um shopping center desponta com intenções de imponência. Pedalando pela ciclovia, beirando o que resta do manguezal, tento prestar atenção às coordenações de plantas que teimam em despontar, apesar das perturbações humanas. A maior parte do caminho é assim: de um lado os resquícios de manguezal, do outro pistas de rolamento automotivos de alta velocidade. Essa é uma paisagem comum na Ilha de Santa Catarina, em que impera a “dromotopia” (Santos, 1997, p. 66), ou seja, “o excesso de espaços para a circulação de alta velocidade” (idem), resultando em uma necrose modernista e o sufocamento de outras habitabilidades possíveis no território ilhéu.

² *Matar* é o termo utilizado de maneira bastante ampla pelos pescadores da paisagem pesquisada para se referir à captura dos animais marinhos.

Ainda assim, sou capaz de identificar, aqui e ali, habitabilidades teimosas ao longo do trajeto – a minha, como ciclista, é uma delas. Pessoas caminhando, como lazer, prática esportiva ou mobilidade, pedalando, colhendo plantas do manguezal para experimentos artísticos, colhendo amoras das raquíticas e escassas árvores frutíferas pelo caminho, remendando rede, fumando maconha, tirando selfies e, o que mais me atrai a atenção, tarrafeando em uma das pontes da Avenida da Saudade. Os pescadores que lançavam suas tarrafas em um dos canais do manguezal eram habitantes frequentes daquela paisagem e figuras rotineiras pra mim. Apesar do flagrante – e fragrante – estado de decrepitude sanitário do canal do manguezal, aquelas pessoas, em sua maioria homens, não se furtavam a marcar a presença de suas técnicas de pesca. Alguns – sobretudo um senhor de cabelos e barbas brancas, motorista de um Ford Escort azul marinho da década de 1990 – já eram meus conhecidos de convívio, os quais eu cumprimentava todas as vezes que nossas linhas se cruzavam e quando não estavam absortos em puxar suas tarrafas. Nunca parei para conhecer melhor aquelas pessoas ou os detalhes da pesca: os peixes que matavam, os pormenores técnicos e de interação com a atmosfera e paisagem do manguezal. Minha relação com eles era menos de antropólogo do que de coabitante daquela paisagem. Habitávamos o mesmo ambiente e atuávamos nele de maneiras distintas, com finalidades diversas, mas em harmonia. Vê-los lançar suas tarrafas, ao custo da desaceleração do meu pedalar, despertava em mim um ânimo sépia, de quem descobre que é vizinho de um pé de acerolas carregado que vive no terreno baldio em especulação que faz divisa com o corredor do seu quintal de chão concretado e cobertos de azulejos cafonas.

Adentrar o bairro do João Paulo exerce uma quebra de continuidade na paisagem. Da movimentada artéria que é a rodovia SC-401, que baliza a ciclovia na qual eu pedalava diariamente, passo a correr as veias capilares do sistema viário da ilha. Com a agilidade resultante da familiaridade do caminho, subo e desço os pequenos desníveis da estrada do atual bairro João Paulo: antigamente denominado Saco Grande I, mas com o súbito interesse da especulação imobiliária, em 1999, a prefeitura da cidade, sem promover discussão com a comunidade, “da noite para o dia”, alterou seu nome para João Paulo – a leitura popular indica que Saco Grande não era uma nome com muito apelo comercial.

Noto mais uma vez o contraste entre os habitantes do bairro. Os botecos e estabelecimentos comerciais tradicionais do bairro reunindo pequenos grupos de homens brancos que proseiam, dão risada, passam o tempo juntos: vestígios de práticas arcaicas – porque não cansa de repetir gestos, ritmos, ritos – de uma comunidade que interage há décadas e gerações seguidas. No mesmo ambiente, erguem-se condomínios verticais e horizontais, dos quais entram e saem SUVs e carros esportivos que tiram meu sossego ao pedalar. Vidros escurecidos,

enfiados dentro de suas caixas de metal. É raro ver esses habitantes interagindo no comércio do bairro. Fico imaginando a qualidade da interação que essa forma de habitar propicia. As ruas do bairro são faixas de rolamentos para seus carrões ou penico para seus pets. A paisagem que vislumbram das janelas de seus apartamentos ou casarões remetem quadros bucólicos ou fotografias no Instagram, com o devido distanciamento que esse tipo de relação com a paisagem proporciona.

Pedalandando em meio a esse tipo de pensamento, decido dar uma passada na padaria para pegar aquela rosca de polvilho para o habitual café da tarde com dona Dina e seu Doca: casal de pescadores aposentados, moradores do bairro desde a época em que corria água limpa de córregos que nasciam e desciam morro abaixo e proprietários da casinha que dividia com minha companheira. Dou sorte de encontrar roscas disponíveis, pois elas costumam sair bastante e acabar bem rápido no período da tarde.

Assim que chego em casa encontro a Dina cuidando da pequena horta que cultivava no quintal de casa. Mostro as roscas que trouxe e ela logo vai passar o café. Na cozinha de sua casa encontro o Doca remendando rede – apesar de aposentado e com idade bastante avançada (se aproximando dos 70 anos), ele não deixa de se lançar ao mar, a procura de algo a mais do que os camarões que arrasta... Conversamos e comemos com a naturalidade de quem faz isso desde antes de vir ao mundo. Em certo ponto da conversa levei o assunto até a minha pesquisa. Falei para eles sobre meu interesse em saber mais sobre como os aterros influenciaram a paisagem das baías e como isso reverberara em outros pontos da ilha. Seu Doca de pronto passou a contar que as alterações na baía Norte também foram consideráveis. Que antes dos aterros, a maré era mais forte nos momentos de enchente e vazante – o primeiro, quando a maré sobe, o segundo, quando desce – e com o enfraquecimento, a quantidade de camarões puxados era consideravelmente menor: conseguiam matar em um par de horas o que hoje se leva, com sorte, uma noite inteira, de seis à oito horas. Informação indispensável: Doca nunca limitou seus lanços de rede ao perímetro do Saco Grande: Cacupé, Sambaqui e demais perímetros da Baía Norte foram e continuam sendo alvo frequente de suas incursões ao mar, o que nos permite perceber a abrangência dos impactos da perturbação causada pelos aterros. Além disso, lembra dona Dina, a habitabilidade na orla das praias do João Paulo sofreu radical alteração. Os aterramentos no centro e Baía Norte resultaram na elevação do nível do mar nas praias dos bairros da Baía Norte. Como o João Paulo é bairro do norte mais próximo das áreas aterradas, o aumento no nível das águas ali foi tanto que praticamente extinguiu as faixas de areias, tornando possível sua visualização somente em dias de maré baixa. Por ser um saco, ou seja, uma pequeno recôncavo, uma pequena baía dentro da baía mais ampla, a elevação das

águas se tornaram notáveis. Eu, que passei a morar no bairro quando suas praias já haviam se tornando ruínas, estranhava quando a maré baixava e era possível visualizar a faixa de areia – para mim, o normal era sua ausência. Já para os “nativos da comunidade”, o “meu normal” era a ruína das práticas desenvolvidas na orla. Dona Dina dizia que o comum não era o remendo de rede na cozinha de casa, mas na orla da praia, diante dos ranchos dos pescadores, o que os mantinha em intenso contato diário. Com o engolimento das faixas de areia pelas águas empurradas pelos aterros e [elevação do nível do mar devido ao aquecimento global](#), essa sociabilidade desapareceu. Outra sociabilidade tornada memória é a coleta de berbigão – uma espécie bentônica de molusco bivalve de água salgada – nas pedras da orla. Incremento na alimentação, era comum, conta dona Dina, as coletas de berbigão nos finais de tarde nas praias do João Paulo. No entanto, as perturbações na paisagem da baía Norte extinguiram o molusco, desalojando-os da orla e afetando a sociabilidade e fonte de alimento tradicional, vitalício e abundante da vida dos moradores da comunidade – humanos e não humanos.

[

Sua história me fez lembrar da memória narrada por Edinho, um dos barbeiros nascidos e criados na comunidade. Certa vez, enquanto ele cortava meu cabelo, Edinho contava sua rotina de criança do então Saco Grande I: jogar futebol na praia com os amigos, alternando entre um mergulho e outro. Atualmente, o futebol na orla do João Paulo é impraticável, e se banhar em suas águas, severamente não recomendado, devido à ~~falta de~~ qualidade sanitária de suas águas. A baía Norte, paisagem que serve de atrativo estético para a especulação imobiliária do bairro, paisagem que é pintada na retina dos moradores dos condomínios quando abrem suas janelas ou portas no alto de suas sacadas e dão de frente para a baía, certamente não é a mesma paisagem arruinada que Edinho mistura com a baía de suas recordações de criança.

]

Memórias, socialidades e habitabilidades mais que humanas, fonte de sustento e nutrição, lazer. As histórias coletadas durante minha curta residência pelo bairro, em que o “novo e o velho” coabitam de forma bastante peculiar e ao mesmo tempo comum, me indicaram a potência das consequências dos aterros tiveram para afetar radicalmente não apenas o exato local em que foram realizados. Uma breve amostra de como as paisagens interagem no Antropoceno. A princípio, a imagem de um pescador remendando rede em sua cozinha pode conter, inclusive, potencial poético. Mas ao se aprofundar no gesto, podemos identificá-lo

como consequência da perturbação da paisagem a qual esse e outros pescadores, assim como os berbigões das pedras, se viram forçados a abandonar, junto com todas as potencialidades sócio-políticas que a interação num mesmo ecossistema propiciava. A extinção de determinadas práticas de lazer, como o futebol ou se refrescar nas águas, de pequenas coletas, como do berbigão, ou do impacto na pesca de camarões pode ser interpretado pelo ideário do progresso modernista como um custo baixo a se arcar. A contrapartida dos frutos do progressos certamente recompensa algumas perdas.

.a contrapartida dos frutos do progresso recompensa algumas perdas?

Exercitemos a dúvida. Experimento desenhar um gancho sobre o ponto final da última oração para transformá-la em um questionamento: a contrapartida dos frutos do progresso recompensa algumas perdas? Posta em termos econômicos – contrapartida, recompensa, perda – a pergunta limita sensivelmente suas possibilidades de tratamento. As histórias contadas, por humanos ou não humanos habitando em coordenação a Ilha de Santa Catarina, tensionam a pragmática economicista e colocam os questionamentos com outros termos, muito além dos interesses financeiros, de mercado. Tais histórias podem ser interpretadas por leitores atentos e sem pressa, com uma sensibilidade calibrada para os dissensos produzidos pelos diversos projetos de fazer mundo em choque na Ilha de Santa Catarina. Quando falo em dissenso, estou mencionando o termo como abordado por Jacques Rancière (2009), o qual não se refere apenas às discordâncias políticas ou de opinião, maculado pelo tom da discórdia que deve ser superada pelo consenso ou oprimida pela suposta opinião da maioria política. O dissenso é antes de tudo condição *sine qua non* às interações da esfera pública – eu diria ainda: assembleia mais que humana (Tsing, 2019) – e que, calibrado por uma partilha do comum, não precisa, necessariamente, resultar em conflito radical de aniquilação do outro. Em termos empíricos, há dissenso na forma de habitar e perturbar as paisagens esboçadas neste ensaio. A perturbação causada pelos pescadores artesanais é lenta (Tsing, 2019), ao passo que a perturbação resultante dos aterros atua na velocidade premida pelo Antropoceno, agindo na diminuição da diversidade: diversidade biológica, social, cultura e política (*idem*), como podemos atestar pelas histórias dos moradores do bairro do João Paulo com um arquivo de memórias pessoal mais vasto no tempo.

Ainda com Paulo César Santos, podemos estender e entender essa tendência como um padrão disseminado ao longo do século XX em Florianópolis. Os assentos elevados dos eventos resgatados nesse ensaio – as construções das pontes e as obras de aterramento –, coadunados com projetos de fazer mundo modernizantes que se chocam com os projetos de perturbação lenta, levou, segundo o historiador, “a incompatibilidade das malhas viárias da Florianópolis Histórica, plena de empiricidades, com a Florianópolis Aterrada, plena de

racionalidade” (Santos, 1997, p. 77, grifo meu). Essa modulação da paisagem, comum ao contexto do Antropoceno (Tsing *et al*, 2019), desconsidera os diferentes projetos de fazer mundo politicamente minoritários, em prol de uma utopia – ou distopia (Santos, 1997, p. 76) – modernizante com forte teor de racionalização e modulação da vida em planos cartesianos e em regras de três.

Até o início da década de 1970, os moradores da ilha perambulavam por um centro histórico banhando pelo mar da baía: o gargalo entre as baías Norte e Sul era consideravelmente menos estreito em alguns pontos. O mar com seu cheiro, seu ritmo, seu “temperamento, práticas, técnicas e usos (Santos, 1997, p.83) desempenhava papel primordial nas maneiras como as assembleias multiespécies interagiam nessa paisagem. Hábitos, performances e maneiras de *estar-com* a paisagem dialogavam amplamente com os objetos técnicos desenhados a partir desse ambiente: trapiches, rampas, escadas com acesso às águas, praias... A perturbação radical dos aterros infringiu dano crítico às maritimidades da paisagem, às habitabilidades e socialidades desenvolvidas desde há muito tempo. A racionalidade se impôs de forma virulenta às idiossincrasias dos habitantes desta paisagem. Santos é certeiro ao insinuar que a memória ilhoa foi profundamente marcada pela descontinuidade resultante do assento elevado pela intervenção nas linhas de tempo da baía (Santos, *idem*). Os inúmeros cafés da tarde que compartilhei com Dina e seu Doca dão som e substância à constatação do historiador.

A despeito das inúmeras infraestruturas urbanísticas de ocupação e preenchimento dos vazios de Vida relegados pelos aterramentos, se sente ao perambular pela paisagem do gargalo entre as baías, nas proximidades das cabeceiras das pontes, que se está caminhando por um palimpsesto rasurado e redesenhado cotidianamente pelos pés, mãos, caudas e pneus que a todo momento riscam linhas de perambulação nos chãos daquele lugar (Ingold, 2015). Concordo parcialmente com o diagnóstico resultante da pesquisa de Paulo César Santos acerca dos impactos que as obras de viés modernista causaram nas socialidades e habitabilidades marítimas. Há, inclusive, certo consenso em relação a esse ponto. No entanto, a partir do trabalho de campo etnográfico, ficou evidente para mim que, apesar dos esforços de se desvincular o caráter marítimo da paisagem, há, nas cercanias do canal, práticas que desafiam e tensionam as setas ética e estética do progresso e de suas infraestruturas ali erigidas.

Ao longo do trabalho de campo pude identificar uma pequena, silenciosa mas insistente assembleia multiespécies mantendo viva a maritimidade do canal, a despeito das investidas contra sua existência. Portanto, é preciso afinar bem os sentidos a fim de atentar para o aspecto político que não se realiza apenas a partir da

atuação da santíssima trindade moderna – Estado, Mercado e Ciência. Mirando com atenção, de dentro, com o corpo presente na paisagem e a sensibilidade afinada, é possível perceber que a política se dá também no chão, no mar, no dia a dia, na ebulição constante de dissensos que se manifestam desde os conflitos estéticos de projetos de fazer mundo, àqueles que resultam de contato entre os corpos dos diversos sujeitos, humanos e não humanos, que coabitam e se chocam da dimensão material e imaterial da paisagem. Desde o bagre que disputa a isca do pescador com corvinas e burriquetes, aos conflitos resultantes dos usos do canal entre militares, pescadores – da ponte ou embarcados –, remadores ou incentivadores da construção da marina na baía Norte. Desse aspecto que se dá na fenomenologia das superfícies – terrenas, marítimas e aéreas, todas em íntima conexão – se manifestam assembleias multiespécies que praticam a política diária da coabitação de paisagens, fazendo acontecer sua ressurgência em um ambiente dado como inerte. Comuns ao campo político, os dissensos e acordos pragmáticos, dinâmicos e constantes como nos ensina Mauro de Almeida (2013), se manifestam na paisagem e resultam em assembleias multiespécies que configuram e caracterizam as especificidades culturais da paisagem da baía de Florianópolis.

O que são *acordos pragmáticos*? Em diálogo com o antropólogo Mauro de Almeida, a noção de acordos pragmáticos se realiza em um contexto de *anarquismo ontológico*, ou seja, a partir da percepção de que coletividades conhecem e concebem a experiência mundana a partir de cosmovisões com singularidades específicas. Neste bojo podemos inserir as ontologias científicas, ontologias dos pescadores habitantes da baía de Florianópolis e ontologias dos engenheiros responsáveis pelas infraestruturas erguidas na baía. De acordo com Almeida, tais ontologias, apesar de diversas, são compatíveis a partir de acordos pragmáticos. Contudo, é preciso que haja tal abertura, que não sejam interações pautadas por modelos de exclusão ontológica, em que a autoridade de uma – normalmente associada a poder político – se sobreponha às perspectivas ontológicas das outras.

O aspecto cultural não se deixa enjaular integralmente pela dimensão simbólica e os usos e contra usos que se espera que sejam praticados. Sem dúvida, há, nos projetos de fazer mundo das pontes, dos aterros e da marina, “preferências culturais”, de práticas e usos propiciados pelo ambiente relativamente público. Mas além das assembleias oficiais do Estado, há essas outras, que se dão nos chãos da Vida e que resultam em manifestar outras performances e práticas mais que humanas. Por mais que a maritimidade atual do gargalo entre as baías Norte e Sul sofreram substancial modulação que, em certa medida, minguou a maritimidade ao ponto de este antropólogo que aqui escreve ter precisado percorrer um longo caminho para perceber, em seu íntimo, que a baía *é também* mar, seria precipitado demais decretar a extinção de sua maritimidade.

Os próximos trechos-instalações dessa dissertação-ensaio são frutos dos meus esforços em contar histórias de práticas e maneiras de habitar paisagens em ruínas: ambientes radicalmente impactados por perturbações financiadas pelo capitalismo industrial, financeiro, globalizado, colonialista com as bençãos do Antropoceno – como percebo a baía de Florianópolis. Bem como reconhecer contar histórias sobre performances, *affordances*, e práticas mais que humanas encharcadas de maritimidade. Em seu ensaio-manifesto *No tempo das catástrofes*, Isabelle Stengers nos convida a refletir atenta e demoradamente sobre as incursões de Gaia no planeta e em formas de lidar com elas comprometidos em não ceder à barbárie. Gaia pode ter mil nomes, mas a força de sua intrusão é incontrolável. Narrar histórias de ressurgências criativas de Vida pode nos ajudar a entender melhor a dinâmica das perturbações lentas, em que assembleias multiespécies ocupam paisagens arrasadas e criam estratégias de coordenação, mesmo que não intencionalmente do ponto de vista racionalista (Tsing, 2019). Nos casos específicos dessa dissertação, tentarei aprender com os habitantes da paisagem do canal - tantas vezes alterada e modulada pelos planos cartesianos do racionalismo ocidental - suas técnicas, percepções (Ingold, 2015; Gibson, 2014) e meios de reformular a maritimidade do canal, atentando para as potências e lições que esses habitantes têm a ensinar sobre ressurgências e restauração da diversidade a partir da ocupação de uma paisagem (ainda) parcialmente arruinada.

.sobre a pandemia (

Esse interlúdio está sendo escrito na semana entre os dias 14 e 16 de setembro e tem a intenção de contextualizar a pesquisa e elaboração da dissertação após a escrita da instalação de apresentação da paisagem. Tanto este trecho quanto o trecho sobre a assembleia da paisagem já foram esboçados, restando apenas a revisão. O ensaio gráfico está em processo. E daqui a dois dias estou partindo com minha companheira rumo à última incursão a campo, antes de seguir com a escrita do último capítulo sobre a arte de pesca com tabuinha e ferrinho.

[não tão] Acaso [assim]

Uma das lições por mim aprendidas durante a formação como pesquisador ao longo deste mestrado foi, certamente, a constante submissão à *contingência* imanente ao campo. Nada de novo, sei disso. Estar vivo é estar à mercê do inesperado. Por mais planejamento, elaborações matemáticas cartesianas e científicas, mesmo rezando a novena, as insuperáveis limitações do saber e do conhecimento é a regra. E mesmo os pesquisadores de laboratório, aqueles e aquelas que trabalham em um ambiente de maior controle – ou com menor incidência do acaso –, não possuem poderes especiais de prever com total precisão se esse reagente responderá como o esperado, ou se aquele reator vai resistir a um abalo sísmico. Mesmo que nada disso seja uma novidade também no campo da ciência, o *empirismo* da experiência diante do acaso agindo em sua própria pesquisa possui elementos pedagógicos muito eficientes: duros, ríspidos e insensíveis, é verdade; mas, ainda assim, eficientes à sua maneira. E, neste momento, sinto a desesperada necessidade de exercitar a capacidade reflexiva e de síntese na tarefa de compreender, aceitar e compartilhar as maneiras como a contingência inferiu em minha pesquisa.

Nas pesquisas de laboratório, as anotações dos desvios e inconsistências colaboram no aprimoramento da técnica de determinado campo científico. No caso das etnografias, o exercício de anotar os desvios em relação ao projeto inicial pode influir tanto em minha própria reflexão e sublimação das frustrações por haver acessado becos sem saída, como servir ao registro etnográfico da própria dinâmica da paisagem. Afinal, não é irrelevante que uma paisagem, em um curto período, analisada com foco nas influências exercidas pelo Antropoceno, tenha sofrido mudanças tão significativas. Em uma era em que a aceleração dos fenômenos disruptivos causa certo torpor, posto que nos ultrapassa em ritmo e quantidade de difícil – para não dizer impossível – assimilação total, o registro de como essas mudanças influenciaram esta etnografia e sua paisagem de pesquisa pode nos servir como um foco de reflexão e discussão sobre o grau de impacto que tais fenômenos, muitas vezes banalizados como de menor impacto, infringem na forma como interagimos com os lugares que habitamos e, conseqüentemente, em nossos afetos e maneiras de estar.

À antropologia das paisagens, espero poder colaborar com o relato dos métodos que adotei a fim de tentar contornar as dificuldades e limitações impostas pela contingência. Uma narrativa entre tantas, mas com suas peculiaridades e idiossincrasias da mistura entre este etnógrafo e a paisagem pesquisa. Uma vez que esta etnografia tenta elaborar sua análise particular de determinada mancha de uma paisagem inserida no Antropoceno (Tsing; Mathews; Bubandt, 2019), mesmo sabendo que os obstáculos que o acaso impôs ao campo desta etnografia certamente ressoam em outras pesquisas de paisagens arruinadas espalhadas pelo planeta, espero evidenciar uma das premissas que sustentam as perspectivas desse trabalho: o dinamismo da paisagem, exigindo deste pesquisador certa flexibilidade a fim de adaptar as formas de fazer e desenvolver pesquisa conforme o contexto.

Abalos sísmicos

Foram dois os abalos sísmicos que impactaram amplamente a pesquisa: o *primeiro* e mais abrangente: a pandemia de COVID_19, evento antropocênico por excelência, doença causada pelo vírus SARS_COV_2 com intenso poder de contaminação capaz de causar um grande número de mortes e de colapsar os sistemas de saúde mundo afora por demandar, em muitos casos, a internação de acometidos nas UTIs de hospitais a fim de que respirem com ajuda de aparelhos, uma vez que um dos sintomas mais drásticos da doença é a quase total inoperância do sistema respiratório.

A doença, em relação aos corpos singulares e aos corpos coletivos, é – ou *foi*, a depender de quando este ensaio for lido – muito, muito mais do que essa rasa explanação. Em relação aos impactos causados no campo de pesquisa, basta nos atermos a alguns aspectos específicos do complexo fenômeno pandêmico: o imperativo ético e inevitavelmente político de adotar a *quarentena* como medida mais eficaz de desaceleração das contaminações e, no caso do ofício do antropólogo, evitar ser um vetor da doença em seu campo de pesquisa e junto aos seus interlocutores. Essa preocupação foi uma constante durante o período de campo e dirigiu todas as escolhas e estratégias. Além disso, este antropólogo está inserido dentro do chamado grupo de risco da doença, ou seja, é um corpo com potencialidade de desenvolver complicações caso infectado e, conseqüentemente, exigir cuidados médicos mais delicados para, em última instância, se manter vivo.

Dentro desse contexto, o isolamento social adotado por mim se deu em um sítio de cultura e produção de tabaco no interior do Paraná, divisa com Santa Catarina. Nos planos iniciais, eu manteria um domicílio em Florianópolis e outro na propriedade rural dos avós de minha companheira. Contudo, conforme a pandemia se agravou, em meados de março, e a comoção social se intensificou, escolhi adotar as medidas de uma

quarentena rígida encampada no sítio. As incertezas eram muitas e angustiantes, e, como não poderia ser diferente, afetaram a pesquisa em cheio. Os planos e estratégias de campo foram todos suspensos – ou *cancelados*, como se confirmaria mais adiante. As pesquisas bibliográficas continuaram e havia material para a escrita do primeiro capítulo. A estratégia traçada pelo meu orientador e eu foi essa: continuar as leituras, escrever o primeiro capítulo e acompanhar o andamento da pandemia. Conforme os dias e semanas e meses transcorriam, fomos percebendo que a gravidade da situação não se amenizaria tão cedo. Me percebi posto em um momento decisivo para a pesquisa. Todo o planejamento – ou quase todo – havia sofrido abalos irreversíveis. Rapidamente descartei a possibilidade de aguardar a normalização da conjuntura e consequentemente alargar o cronograma da pesquisa. Sou servidor público na universidade e, além do prazo limite da pesquisa, há o prazo limite da licença funcional para sua execução. Mas, ainda mais relevante, havia a intuição de que essa seria uma escolha no mínimo temerária, a qual eu estaria ainda mais exposto à imprevistos.

O *segundo* abalo sísmico, mais próximo e imanente à dinâmica da paisagem pesquisada, ocorreu quase que em concomitância com o início da quarentena: a passarela da ponte Pedro Ivo Campos, lugar de importância considerável para um dos elementos de destaque da pesquisa, fora interditada para manutenção. Ao longo dessa dissertação espero conseguir transmitir o grau de relevância que esse lugar ocupa na paisagem como a percebo. Por hora, basta dizer que este era um ponto de referência para a etnografia da singular técnica de pesca com *tabuinha* e *ferrinho*, além de um potente catalisador de discussões que giram em torno das maneiras de ocupação de ruínas e da produção de relações que se manifesta no chão da cidade-paisagem.

Certamente a interdição proporciona material bastante para enriquecer a discussão sobre a dinâmica da paisagem, mas minhas intenções etnográficas sofreram baixa considerável com essa alteração de curso. Grande parte do campo seria realizado neste lugar. A dissertação certamente perde muito com esse impedimento de acesso, pois com ele, nos é impedido adentrar as narrativas de seus habitantes, sobretudo pescadores, que têm relação tão atada àquela paisagem, que muito poderia nos ensinar sobre sua dinâmica e sobre a atuação dos não humanos que ali habitam. Perde-se uma importante malha de linhas de contato que se cruzam na paisagem (Ingold, 2015).

Para nossa sorte, eu já havia realizado algumas incursões a campo na passarela. As primeiras em 2017, como atividade de uma disciplina isolada. Depois disso, mais algumas em 2019 e duas no início de 2020 – além

de minhas percepções como habitante da passarela todas as vezes em que flutuei por ali com a minha *Nanquim*³. Pude recolher algum material sobre a arte de pesca com *tabuinha* e *ferrinho*, algumas histórias e relatos de percepção da paisagem e o contato com burriquetes, corvinas, bagres, caranguejos e camarões. Mesmo assim, foram incursões que mais despertaram perguntas e abriram caminhos a percorrer durante o campo: todos interrompidos pela abrupta interdição.

Não quero soar um tom lamurioso. Tanto a pandemia de COVID_19 quanto a interdição da passarela afetaram violentamente vidas de maneiras que não se comparam às limitações dessa pesquisa. Estou apenas tentando esboçar como esses abalos impactaram essa dissertação e sua relação com seu autor. Minha intenção é abrir o armário à fim de tentar ilustrar o contexto em que essa pesquisa foi desenvolvida, bem como os motivos que nos levaram, meu orientador e eu, a escolher os caminhos que escolhemos.

As escolhas

Aguardar uma suposta e improvável normalização dentro ou além do prazo que eu tinha – tanto no campo acadêmico quanto profissional – não seria uma escolha razoável. Seria necessário improvisar, mas sem abandonar a qualidade e o rigor exigidos por uma dissertação. Uma tarefa difícil, mas obrigatória. A *primeira escolha* já foi explicada: realizar a quarentena e o isolamento social, acompanhando a situação pandêmica à fim de coordenar os passos seguintes relacionados às incursões a campo. Acompanhando os números, imprecisos e pouco confiáveis, como taxa de transmissibilidade e porcentagem de ocupação dos leitos de UTI.

Enquanto escrevo isso, percebo como é leviana e ingrata essa estratégia. Fria também. Mas reconheço que tudo isso não foi feito sem pesar. A angústia vem como O afeto de 2020. E, dentro das minhas enormes limitações, foi assim que os planos de pesquisa foram reordenados. Com isso, depois que a pandemia se alastrou de juízo e de fato no país, fiz apenas uma incursão à campo depois de março de 2020: entre os dias 26 e 27 de junho. Não foi o bastante, mas foi o suficiente para perceber com nitidez os contrastes na dinâmica da paisagem causados pelos dois abalos sísmicos desde minha última incursão ao campo, pré-pandemia no Brasil.

Já de volta ao sítio, após a incursão em campo dos dias 26 e 27 de junho, com algum material para trabalhar, entendi com ainda mais convicção que eu teria que desenvolver a pesquisa com as ferramentas e os materiais que detinha. *Fazer o que podia com o que tinha*. A *segunda escolha* foi realizar incursões como essa a

³ Minha bicicleta.

campo uma vez por mês, combinadas com pesquisas em arquivos contidos na internet.

Não foi preciso muito tempo para que essa segunda escolha fosse cancelada. A curva de transmissão do vírus aumentara no estado de Santa Catarina e, conseqüentemente, em sua capital. Seria arriscado demais voltar a campo naquele momento. Com o prazo no encalço e o contexto pandêmico jogando contra, acionei o plano de emergência: escrever o capítulo em que abordava a assembleia multiespécies da paisagem e desenhar o capítulo do ensaio gráfico com o material que tinha em mãos, com a expectativa de que, enquanto trabalhava, a situação se amenizasse ao ponto de poder fazer ao menos mais uma ou duas incursões a campo a fim de obter material para o último capítulo, o qual se debruçaria sobre a arte de pesca com *tabuinha e ferrinho*, e terminar o ensaio gráfico.

As escassas incursões a campo comprometeram também o trabalho junto aos não humanos da paisagem. Assim como a interlocução com os humanos, o contato com os não humanos se limitou ao material que já tinha, somado à estudos em arquivos e pesquisas científicas. Inúmeras perguntas permanecem em aberto, assim como impressões difusas sobre as interações multiespécies. Tanto a pandemia quanto a interdição da passarela limitaram as experiências etnográficas, deixando pouca margem para rotas alternativas.

Restou material para a elaboração de um texto aberto, com referências diversas e com a intenção de descrever e editar os retalhos que, a partir da minha percepção, compõem e são compostos pela paisagem. Inspirado em reflexões que vão do diálogo entre Strathern e Anna Tsing (2019, p. 63), arrisquei o jogo de uma descrição crítica, com alguma liberdade para dançar entre os limites entre o Real e o *inreal* (Nodari, 2015). Amparado pelo material etnográfico coletado e por teorias antropológicas às vezes não tão iluminadas pelo neon das citações, tracei linhas dançarinas de contato com intuito de narrar a assembleia multiespécies que percebi durante minhas pesquisas e observações em campo.

Daqui a dois dias, na 6ª feira do dia 18 de setembro de 2020, minha companheira e eu montaremos em nossas bicicletas e partiremos em direção à ilha de Santa Catarina para a realização do último campo anterior à escrita do último capítulo, aquele mais focado na técnica da arte de pesca com *tabuinha e ferrinho*. Honestamente, não guardo muitas expectativas em relação à importância do material coletado durante essa incursão a campo – sobretudo devido à interdição da passarela. A dinâmica da paisagem me ensinou uma ou duas coisas sobre isso. No entanto, há sempre a possibilidade de que a experiência etnográfica apresente algo que eu sequer imagine encontrar, e a contingência mostre que pode também ser favorável. Partirei focado em encontrar algum(ns) pescador(es) que possa(m) contribuir com informações sobre como eles próprios estão

lidando com os impactos recentes na paisagem. E mesmo que eu não os encontre, espero poder, com o pouco material que possuo sobre *tabuinhas* e *ferrinhos*, compor uma análise capaz de ilustrar a altura sua originalidade e os complexos aspectos criativos que a percepção ambiental dessas pessoas são capazes de elaborar.

)

Guia de Relações
Multiespécies
da baía de
Florianópolis

Este ensaio gráfico é resultado de vasta pesquisa acerca da frutífera associação entre antropologia e desenho. Mas mesmo antes do trabalho junto a teorias que ajudaram a situar o desenho no trabalho etnográfico, minhas mãos sempre me levaram a mobilizar as linhas desenhadas como forma de conhecer o mundo e manifestar as sínteses das minhas experiências. Muito embora de maneira intermitente, expressões gráficas apareciam aqui e ali ao longo de minha trajetória escolar, mesmo na graduação em Ciências Sociais, e o papel dos mestre-professores que motivaram essa prática foi também fundamental.

Mas foi ao longo da etnografia e das pesquisas para a dissertação, com incentivo do meu orientador prof. Dr. Rafael Devos, que a coordenação entre desenho e antropologia passou a ganhar mais corpo e reflexão. O maior desafio desse projeto diz respeito à mobilização do corpo para empreender os movimentos e a disciplina necessários para compor os desenhos. Tendo a escrita como prática central da formação escolar, a resistência em ficar diante de uma prancheta de desenho foi um obstáculo que constantemente houvera que ser transposto. Não apenas diante de uma prancheta, como o próprio desenho no caderno de campo durante as incursões à paisagem. Mesmo inclinado a desenhar, e ter certa familiaridade com a habilidade, não posso deixar de registrar como *escrever* demandou menos esforço corporal do que *desenhar*.

Mais do que cumprir com o compromisso que, em meu íntimo, firmei com o projeto proposto, eu queria me esforçar em, aos poucos, atravessar essas barreiras corporais e exercitar o desenho não apenas como maneira de representar a paisagem analisada, mas, mais do que isso, abrir meus canais perceptivos para as *potenciabilidades* que o *desenhar* tinham a oferecer a minha formação como antropólogo e, antes disso, como *habitante* da paisagem. Além disso, foi criando mais corpo a sensação de que a linguagem a partir dos desenhos propiciam maneiras bastante particulares de tratamento das experiências etnográficas, e eu ansiava em me arriscar para experimentar essas experiências.

Em meu auxílio, sempre tive a companhia de *amigas/os* antropólogas/os com papéis diversos: desde inspirar teórica e graficamente, à motivar nos momentos de insegurança exagerada. Em

especial não posso deixar de citar a prof.^a Dr.^a Aina Azevedo e seu maravilhoso trabalho *Weathering*, em parceria com Sara Schroer (2016) – um ensaio gráfico que me abriu as portas das possibilidades e potencialidades das coordenações entre antropologia e desenho. *Weathering* é um ensaio gráfico que trata de um retalho ecológico em que se desenvolve a interação mais que humana dentro da prática da falcoaria. A fim de descrever os diversos elementos – humanos e não humanos – que compõem a falcoaria, o desenho nos ajuda a perceber diversas dinâmicas de maneira nítida, ilustrativa e muito bela.

Outro antropólogo que colaborou neste projeto foi Tim Ingold em suas reflexões sobre algumas características que orbitam o desenho, o desenhar e as potenciabilidades possíveis em sua coordenação com a etnografia. Em especial destaque o diálogo que Tim Ingold realiza com o historiador da arte Norman Bryson, ensaiando comparações entre a pintura a óleo ocidental e o desenho. Ingold vai dizer que pintura a óleo preenche totalmente a tela. Que não há espaço sem preenchimento. Não há vazio – está sujeita à “lei do por toda parte” (Bryson *apud* Ingold, 2015). Na tarefa de representar seu objeto, o pintor cobre com grossa camada de tinta não apenas o vazio, como os traços dos esboços que serviram de guia no *processo* de composição das formas e do trabalho final. Não era por essa trilha que eu pretendia, tendo em vista que minha sensibilidade diante da paisagem percebia muitas linhas em constante emaranhamento, tecendo o ambiente (Ingold, 2015). Linhas que se tocam, se cruzam, mas não definem nem estacionam. Como os desenhos.

Desenhos, do ponto de vista de Ingold e Bryson – e do meu também -, não pretendem completar a tela. Linhas são levadas a passear (Klee *apud* Ingold, 2015) e, por repetição e leve (ou pesada) tessitura, deixam transparecer vazios no papel, uma vez que não tem por obrigação obediência à “lei do por toda parte”, mantendo à mostra o processo de composição, tornando a superfície do desenho uma reserva de possibilidades (Ingold, 2015). Não significa que a natureza inconclusa do desenho não seja capaz de contar histórias sobre o campo: o emaranhado de linhas, apesar de não conhecer uma conclusão final, possui a capacidade de se destacar e produzir formas distinguíveis na superfície em que se deita o desenho. Da mesma forma, a paisagem sob perspectiva antropológica nos convida, assim como o desenho, a compor etnografias que se inspirem em seu aspecto *processual, aberto, antitotalizante e inconclusivo* (Ingold, 2015).

A (re)aproximação do desenho com antropologia – ou o desenho como método etnográfico – inspirou desafios que ultrapassaram minha habilidade motora fina. Afinal, não se trata aqui de atribuir a qualidade do método à qualidade do traço (Kuschnir, 2012). Nesse sentido, ao longo da pesquisa, foram arriscadas algumas experimentações com caderno e caneta nanquim no colo e nas mãos, com o corpo sentado na cadeira de praia estirada na passarela da ponte Pedro Ivo Campos, deixando o olhar se demorar no espaço que pretendia etnografar. Disso saíram alguns dos desenhos espalhados neste ensaio. Era o aquecimento. Foi o bastante para perceber no corpo a distinção temporal em relação à métodos como a filmagem ou a fotografia.

Outro destaque digno de nota são as interações que o desenho e o desenhar podem provocar entre antropólogo/a e interlocutor/a. Permanecer sentado – ou em pé, ou caminhando, como for – com caderno e caneta no colo e nas mãos atraiu atenção desejada para começar a desenvolver relações com os interlocutores. Curiosidade, admiração e surpresa se mostraram caminhos para a aproximação entre nós.

Contudo, este ensaio gráfico buscou diálogo com outros campos e saberes, como a teoria literária, pode auxiliar o/a antropólogo/a a adentrar potencialidades da paisagem. O *fantástico* trabalho da arquiteta Ângela León em diálogo com as ideias dos romancista Daniel Galera e José Saer, além das reflexões do prof. Dr. Alexandre Nodari resultaram em uma pequena epifania: inscrever, por meio de desenhos, elementos da paisagem que faço campo com base nas imaginações dos interlocutores que a habitam. Conversar com pescadores, ciclistas e andarilhos que circulam (ou não) pela passarela, pelas margens e pelo canal, pedindo que imaginem, descrevam e projetem melhorias ou idealizações da paisagem de tal forma a tornar sua prática mais prazerosa, alegre, harmônica e convidativa – ou seja, pedir que façam o mapeamento do ambiente com base em sua forma de percebê-lo e projetá-lo.

Fazer um esforço ainda por uma antropologia que se atente à “outridade significativa”, como propôs Donna Haraway. Um outro que se comunica por outros canais que não a linguagem verbal – procurar entender também as perspectivas e projetos de fazer mundo dos habitantes não

humanos de nossa paisagem. A partir de suas narrativas, elaborar croquis, projetos, desenhos fantásticos – inspirado pelos desenhos de Ângela León - na intenção de que as respostas possam me dizer muito sobre a paisagem, o ambiente e as habitabilidades e socialidades de seus habitantes.

Tomado por essa soma de inspirações, junto com as demais pesquisas e incursões a campo realizadas ao longo da pesquisa, compus o ensaio gráfico que segue. Assim como o desenho de que fala Tim Ingold, é um ensaio *processual, aberto, antitotalizante e inconclusivo*. O fim não é bem um fim. A paisagem permanece em devir quando viramos nossas costas e nos dirigimos para casa. O que ficam são as histórias que tentei contar a partir do desenho, e que espero que possam imprimir em quem tiver contato com elas novas percepções sobre a paisagem da baía de Florianópolis e seus habitantes.

IMERGINDO NA PAISAGEM

" O "mapa" é uma malha política abstrata, uma proibição gigantesca imposta pela cenoura/cacetete condicionante do Estado "Especializado", até que para a maioria de nós o mapa se torne o território (...)

O mapa está fechado, mas a zona autônoma está aberta".

HAKIM BEY

BRASIL



O Estado de
Santa Catarina se
encontra no Sul
do Brasil.

(León, 2018)
p. 07

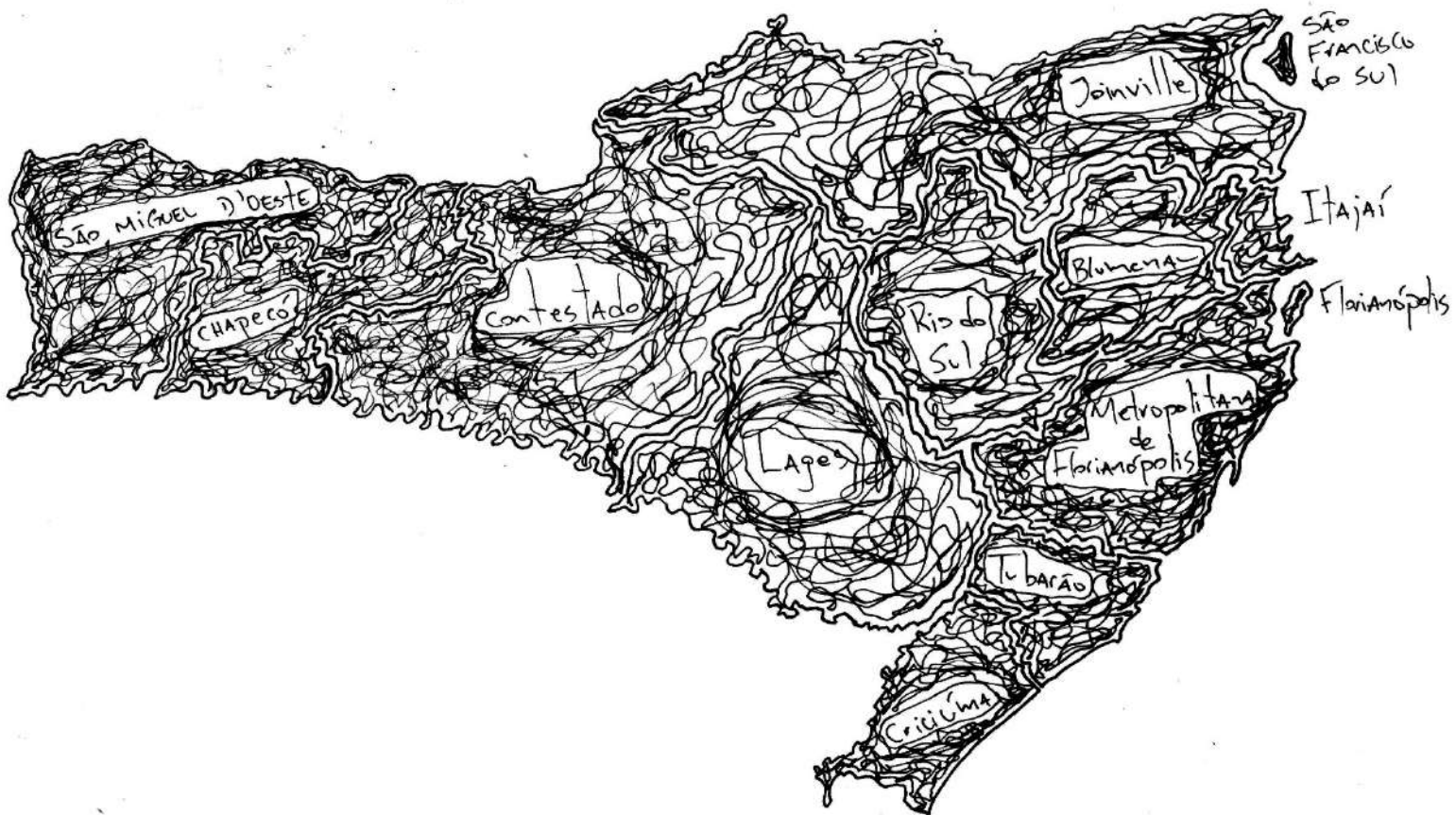


" O nome
Brasil vem
de uma árvore
espinhenta cuja
madeira lembra as
BRASAS."

(León, 2018, p.06)

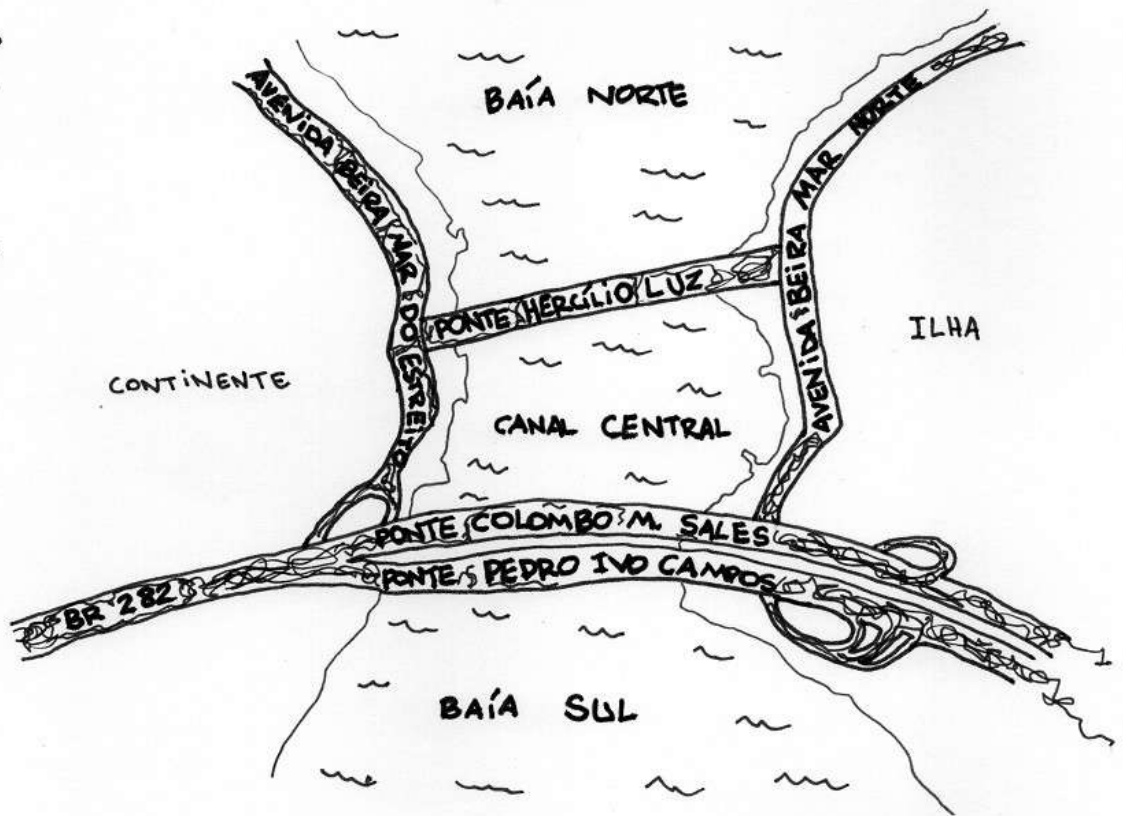
Foi um dos pri-
meiros não humanos
dessas terras a sofrer na
pele as consequências
do colonialismo europeu.

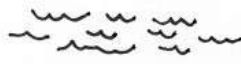
O ESTADO



OS BAIRROS





 MAR

 RUA

ATERRO

O gargalo entre as baías Norte e Sul é o lugar em que as margens do continente e da ilha são mais próximas, unidas por um estreito marítimo de cerca de 5000 metros de largura e 10 metros de profundidade.

Muitos dos desenhos que compõem este ensaio etnográfico representam retalhos dessa paisagem, mas não se limitam à ela.

Aqui você encontrará ambientes, objetos e performances humanas e não humanas que configuram a paisagem, mas também cenas, símbolos e fenômenos que se estendem e se manifestam — ao seu modo — em outros lugares: da cidade e além.

VILA-NÔMADE SUCATA



OCUPAÇÃO MULTIESPÉCIE
EM UMA SUCATA DE FERRO
QUE FOI **FERRADA** POR PES-
CADORES DE PONTE ENQUANTO
PASSAVA PELO CANAL CENTRAL
DE FLORIANÓPOLIS.

ÁGUAS





PRÉ FRONTAL PRÉ CHUVA

MARE' PI LA

VENTO CONTRA O PEDAL CENTRO-NORTE

ÁGUA FICA CRUZA NA BAIÁ NORTE

TRÁS CAIOR

NORDESTE

VENTOSO

LESTADA

TRÁS ÁGUA VIVA

SUÍZO

FRES

CO

NO VERÃO

TRÁS TAINHA

TRÁS BARRIL

TRÁS BURRIQUETE

TRÁS A FAVOR PI PEDAL DO CENTRO-NORTE

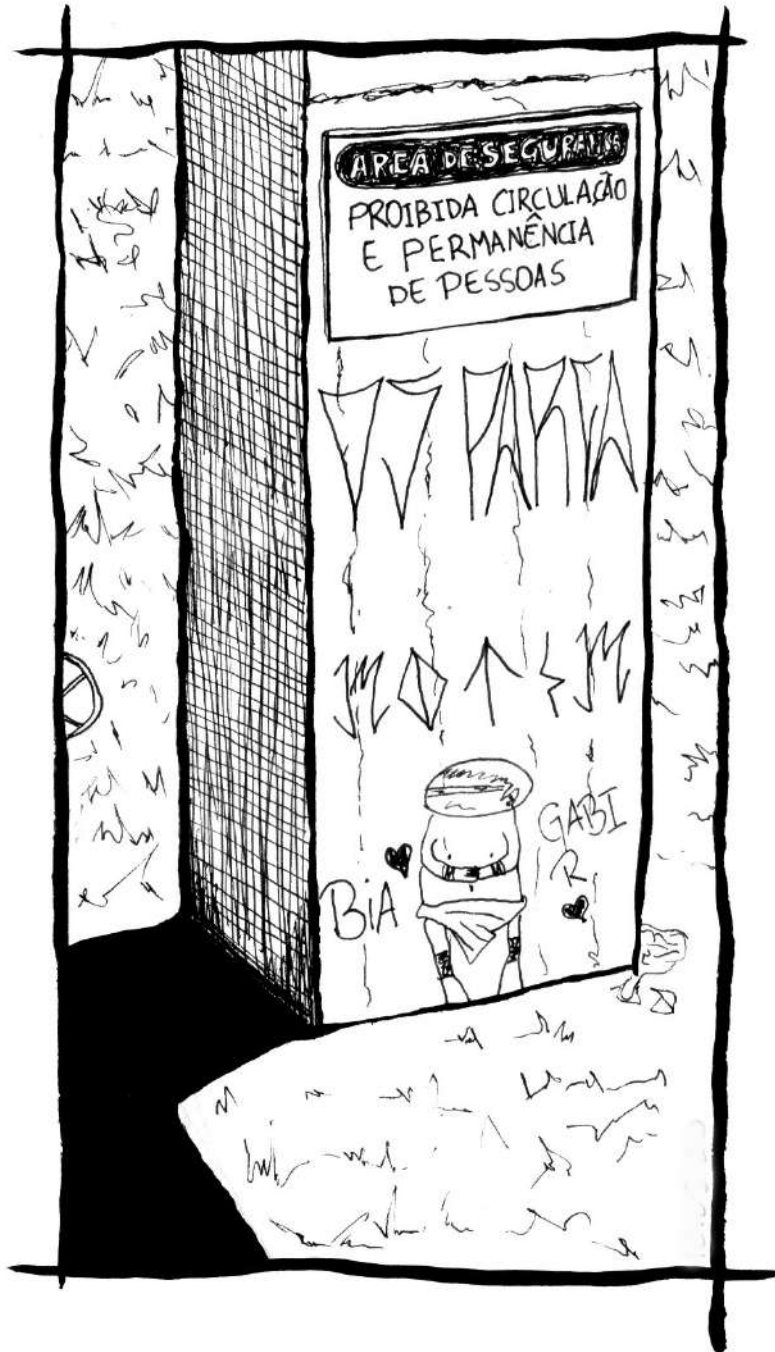
GELADO

NO INVERNO

SIMULAÇÕES

"Uma vez que o Estado se preocupa primordialmente com a Simulação, e não com a substância, a TAZ pode, em relativa paz e por um bom tempo, 'ocupar' clandestinamente essas áreas e realizar seus propósitos festivos"

HAKIM BEY

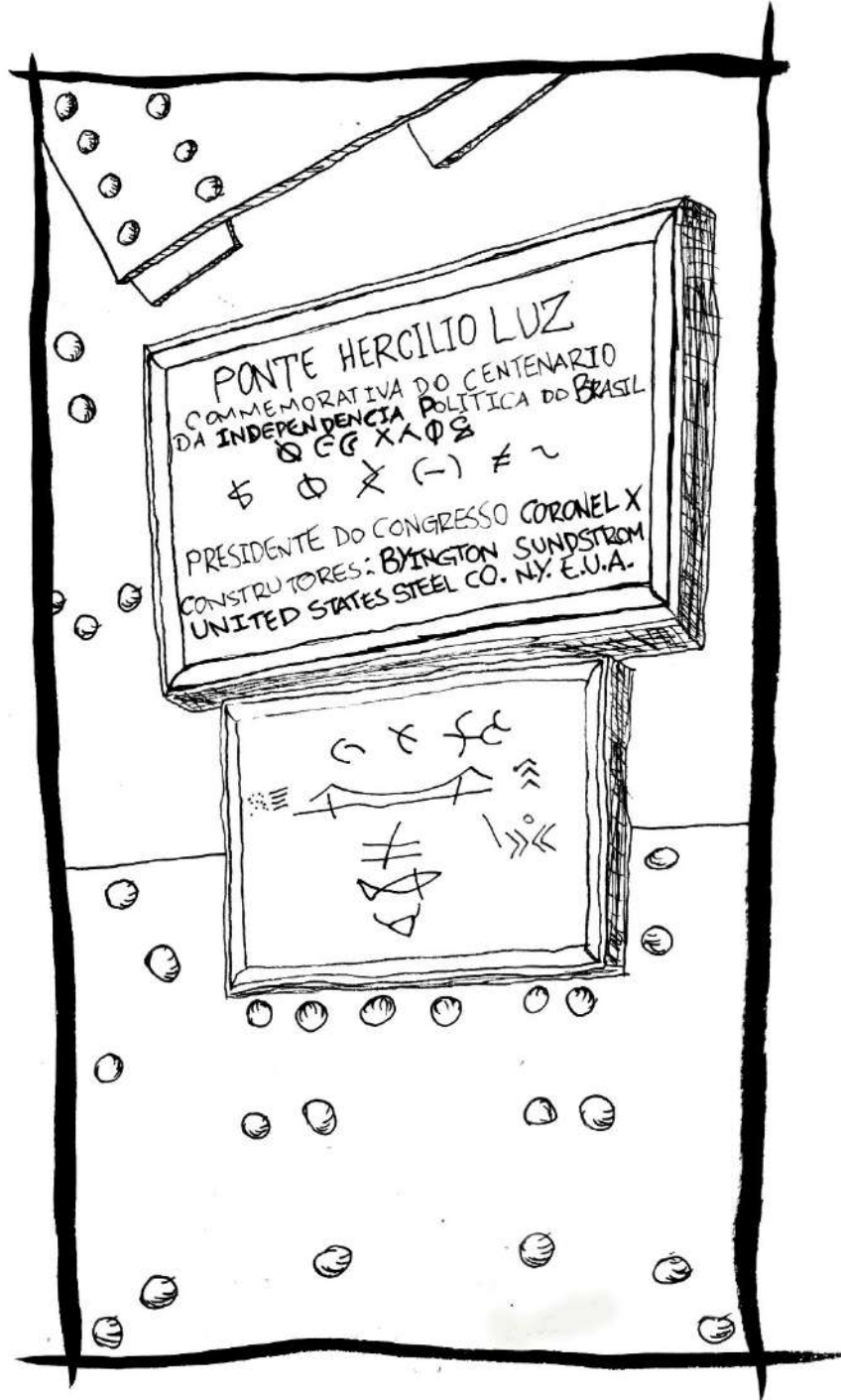


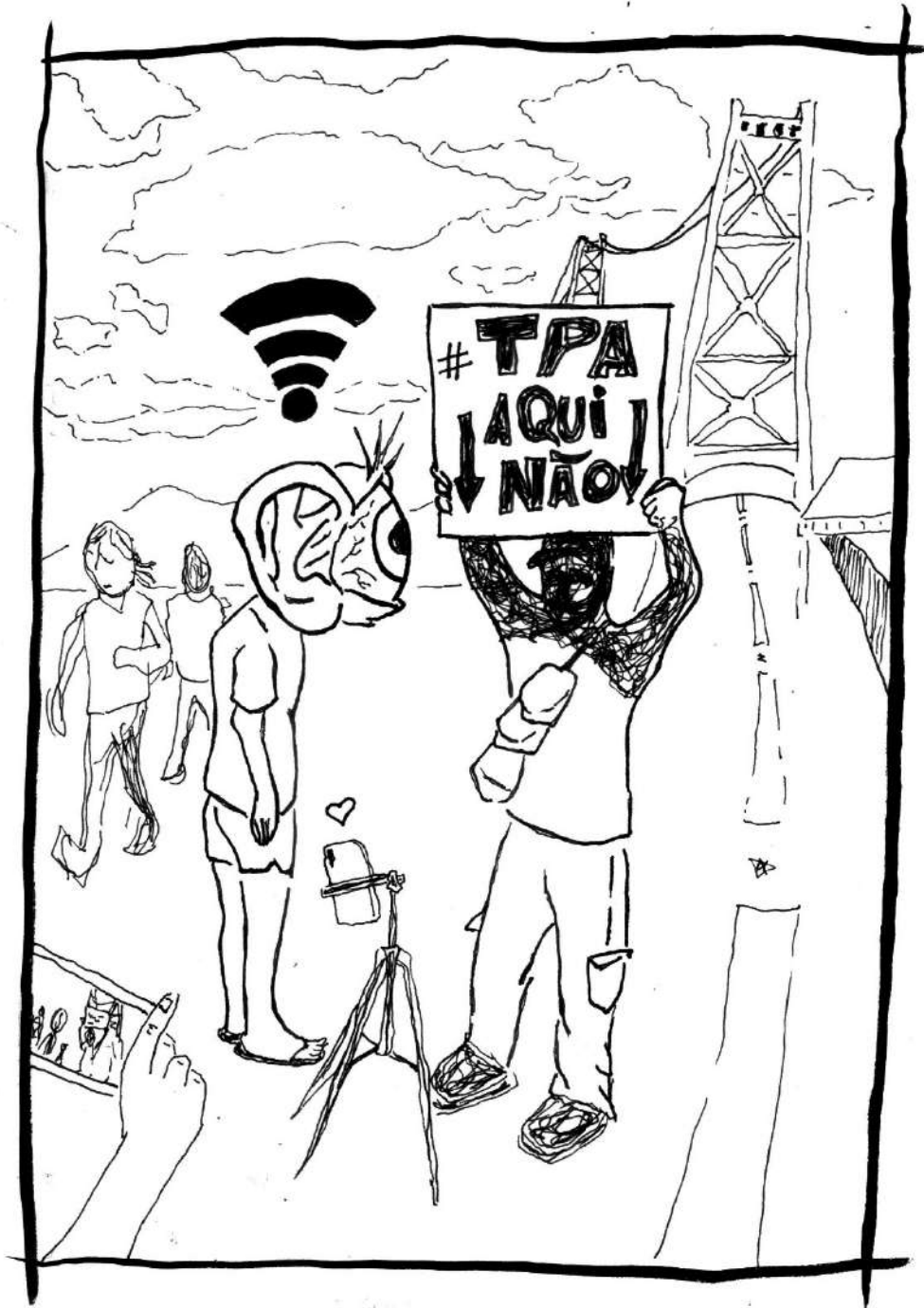
ÁREA DE SEGURANÇA
PROIBIDA CIRCULAÇÃO
E PERMANÊNCIA
DE PESSOAS



BIA

GABI



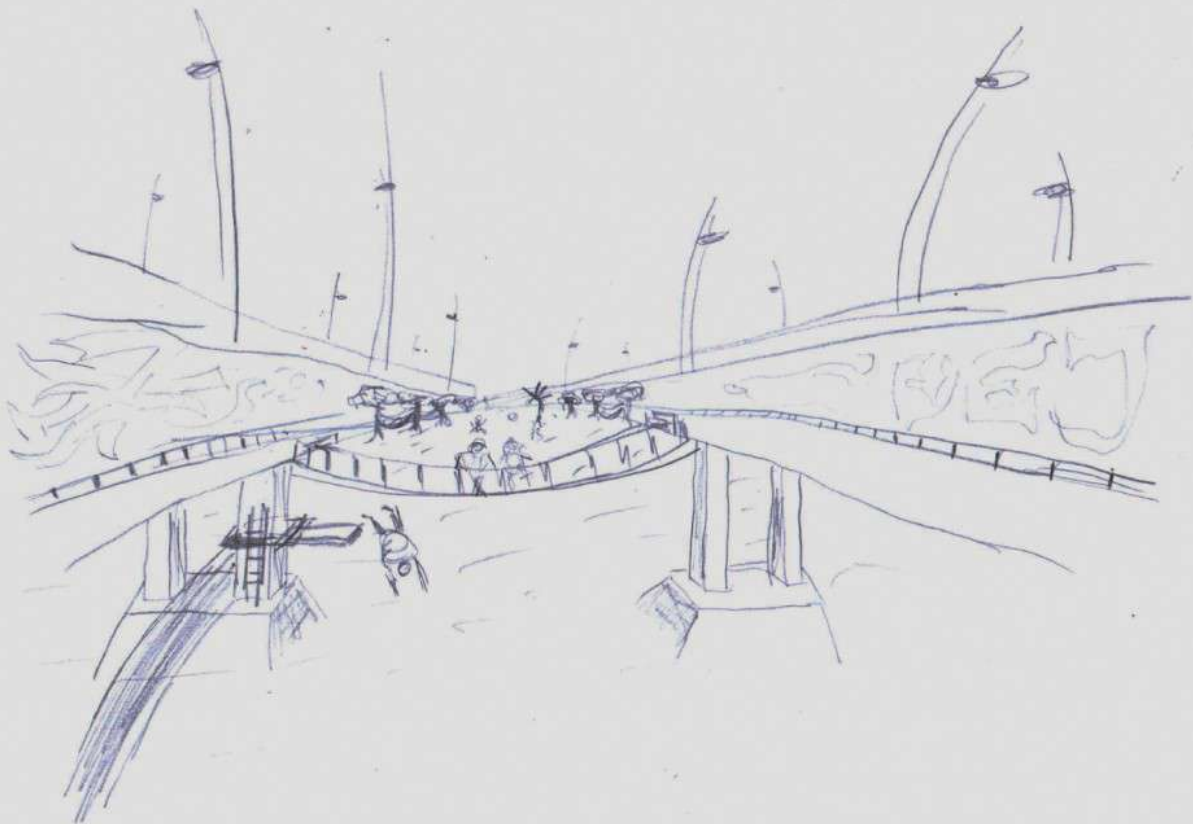
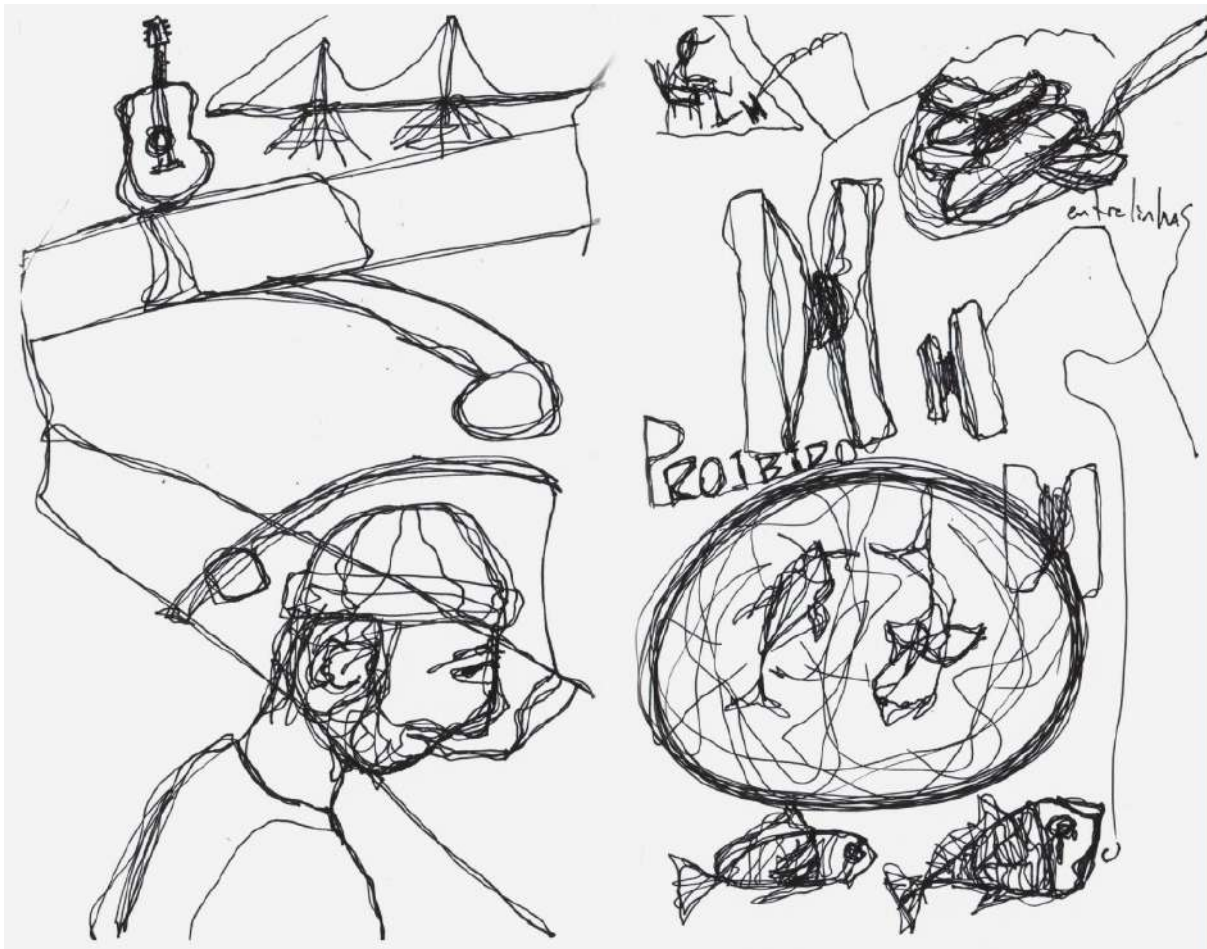


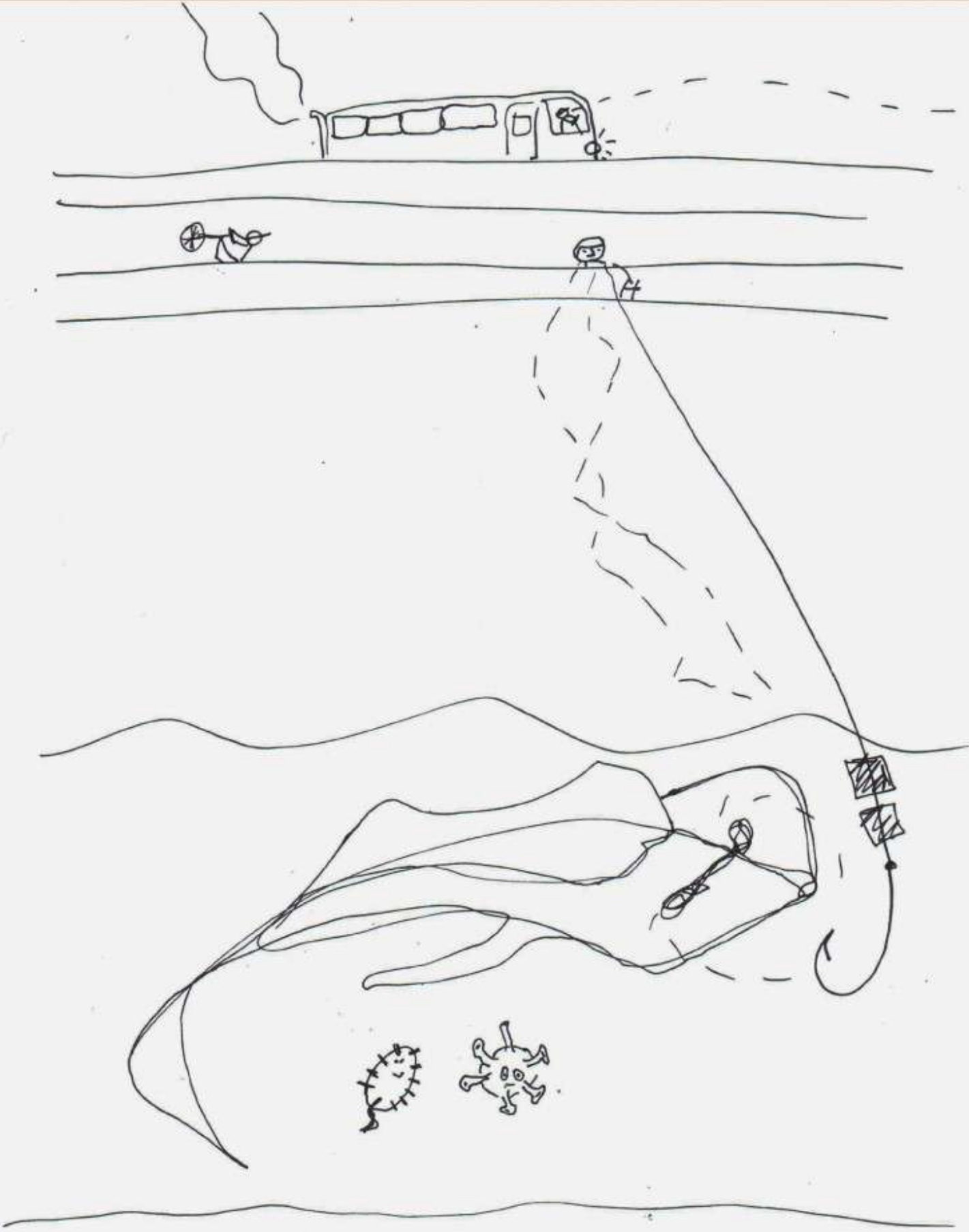
LINHAS ETNOGRÁFICAS

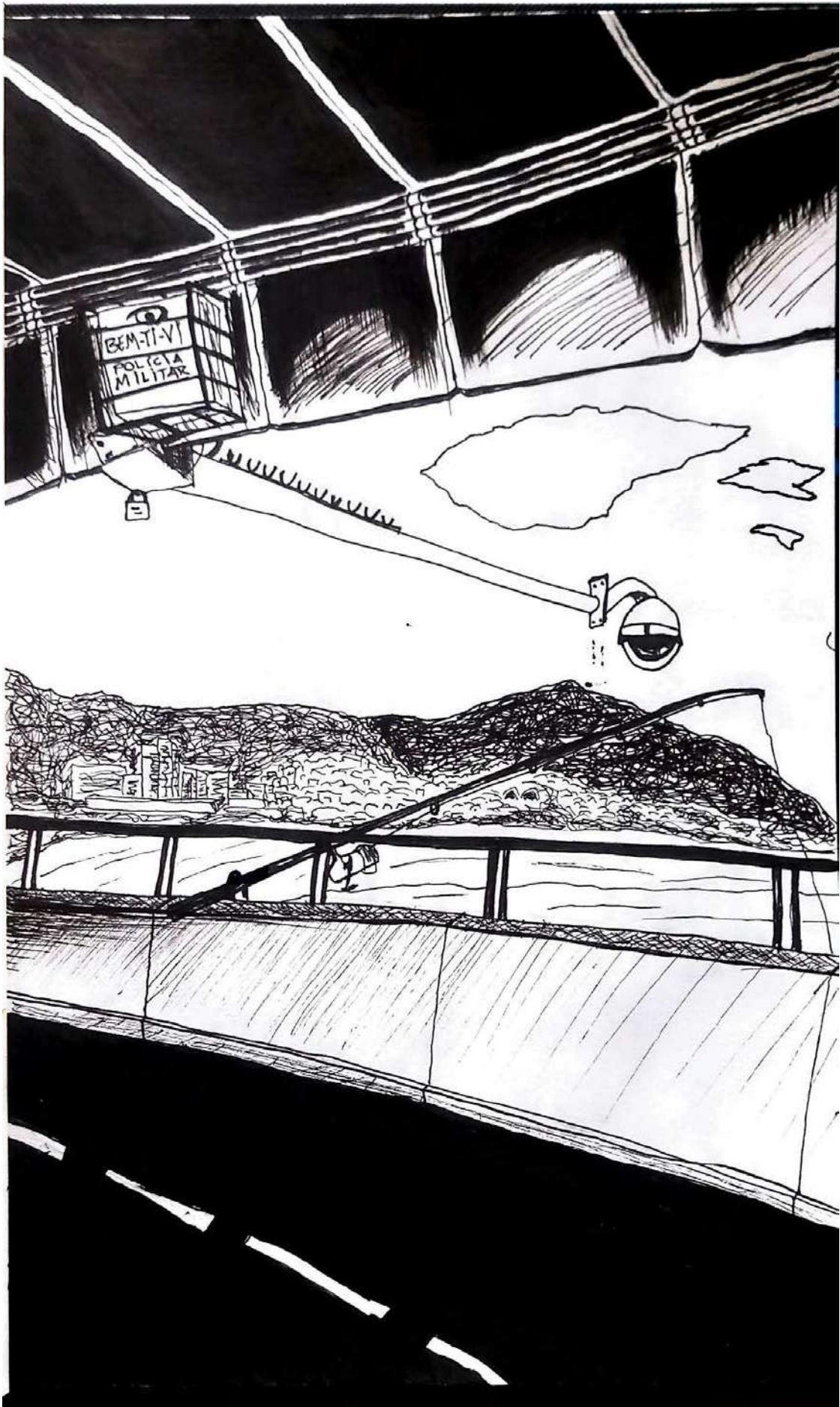
"(...) no desenho
o tempo de conclusão nunca
chega.

Esta' sempre acontecendo,
Sempre obra em
andamento"

Tim lugold









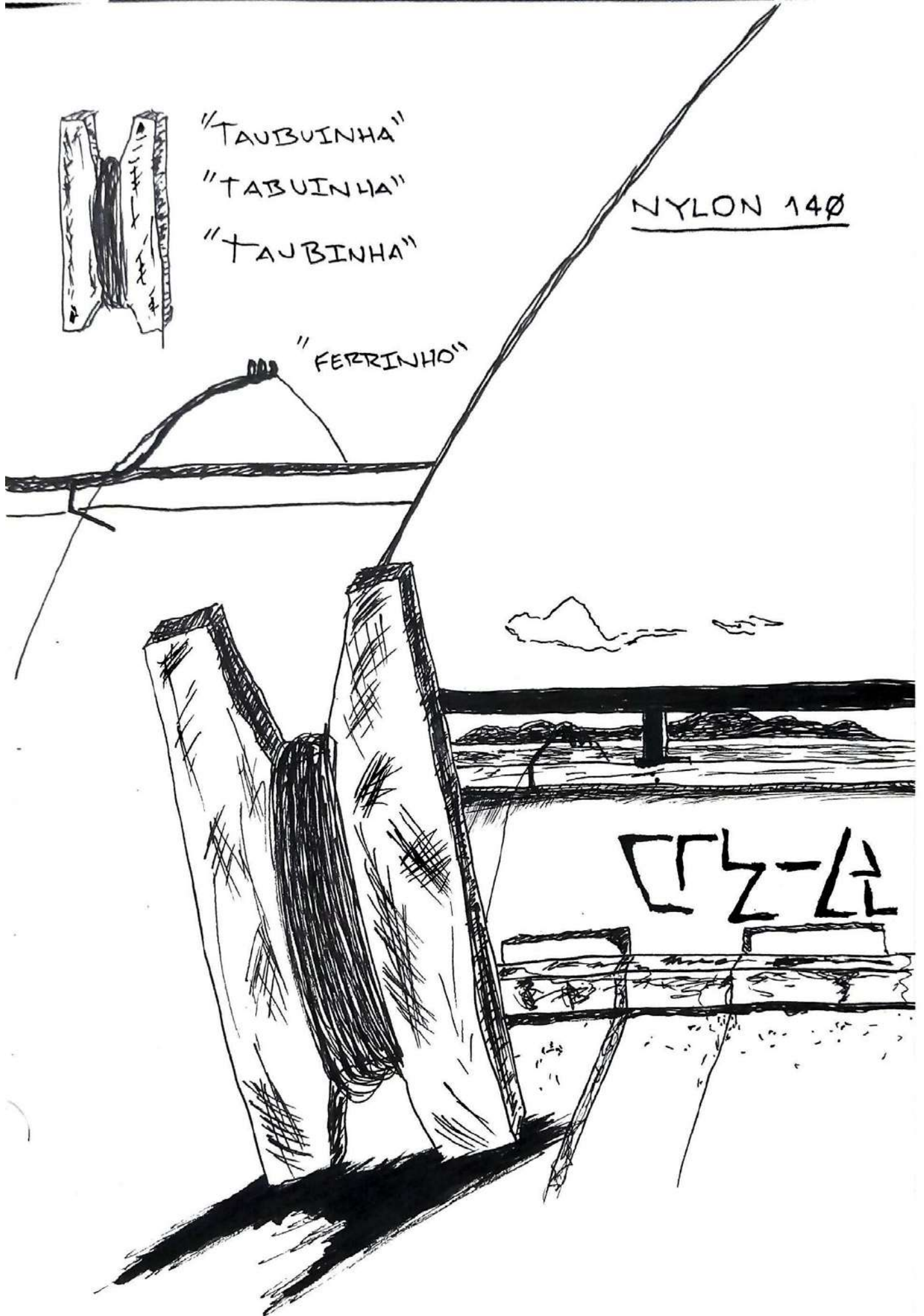
"TAUBUINHA"

"TABUINHA"

"TAUBINHA"

NYLON 14Ø

"FERRINHO"

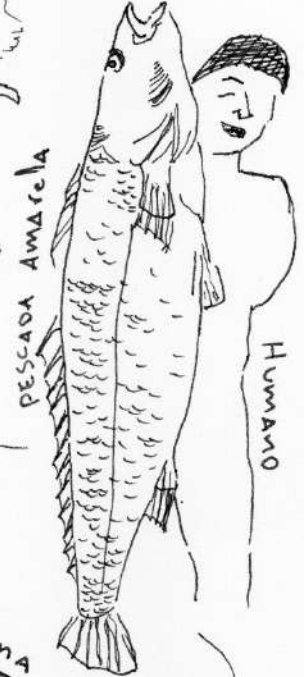
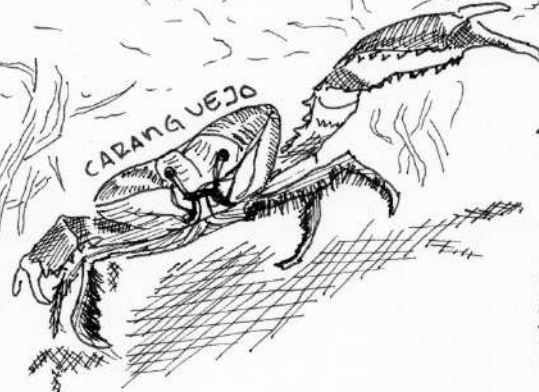


□ 5 - A

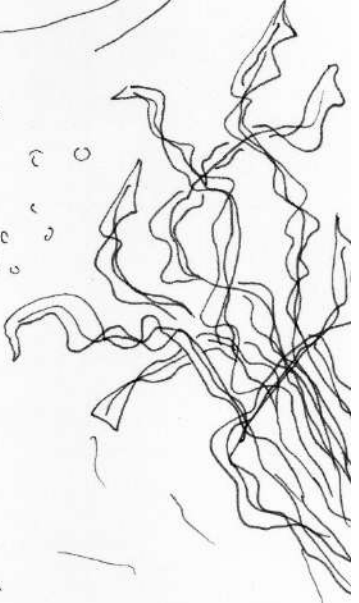
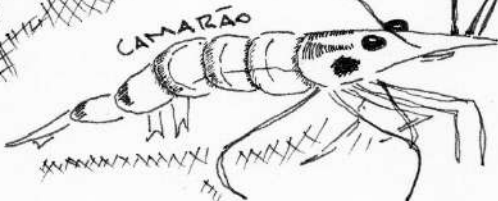
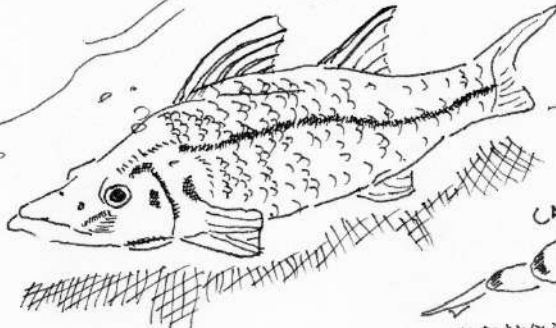
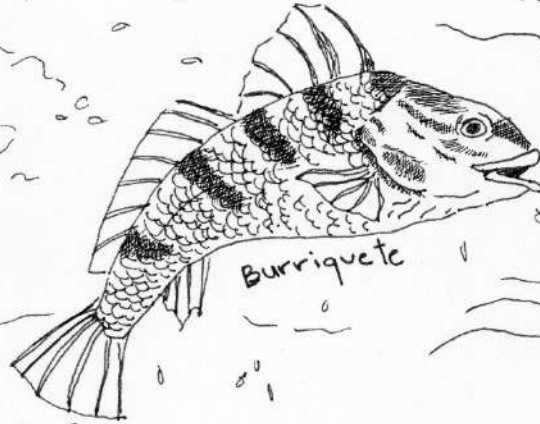
Assembleia mais que humana
na baía da Ilha de
Santa Catarina

"Assembleias de paisagens surgem
da justaposição de variados modos de
fazer mundos; nenhuma cosmologia
singular pode ordenar uma
paisagem sozinha!"

Anna Tsing



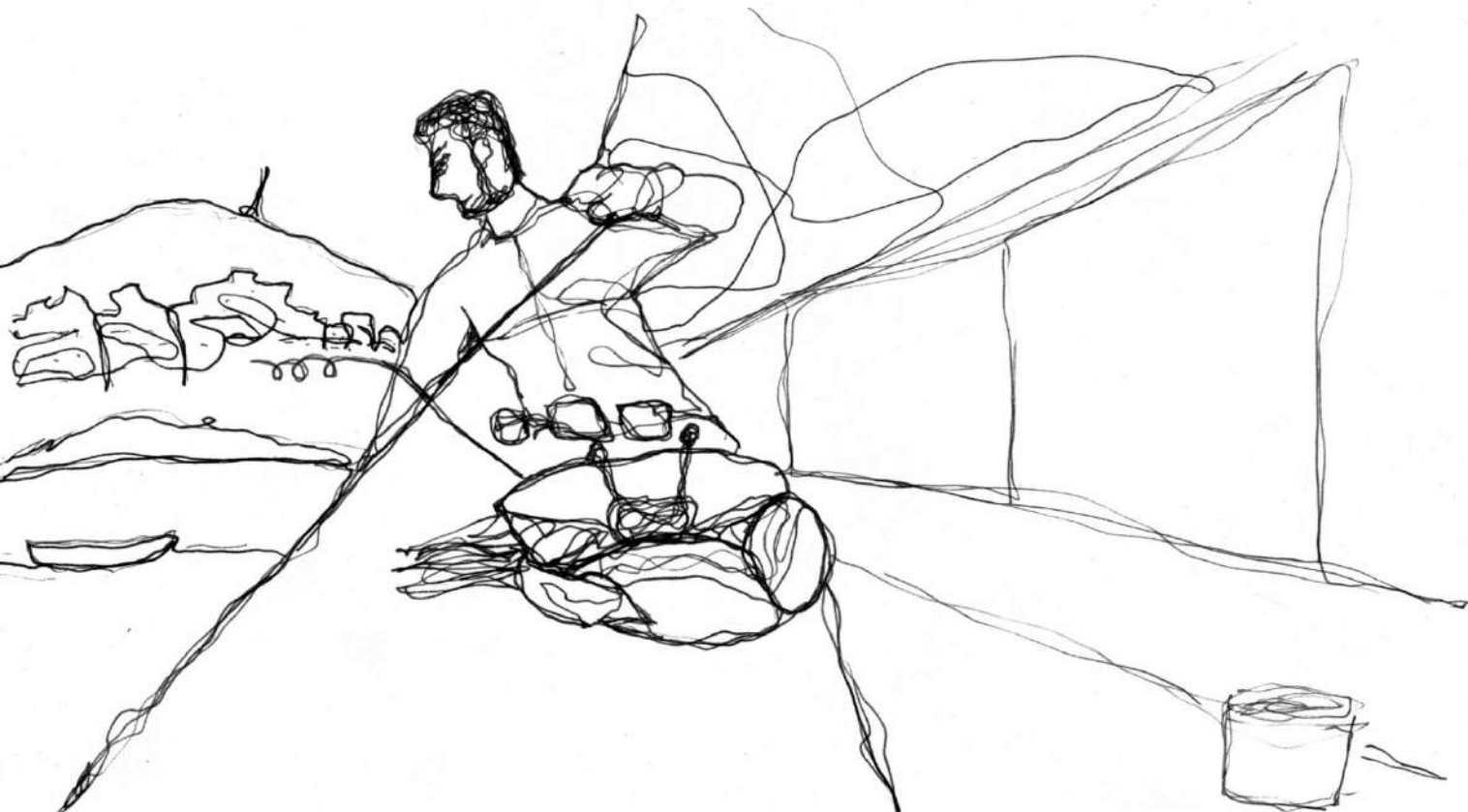
Humano





⁵²³ CARANGUEJO

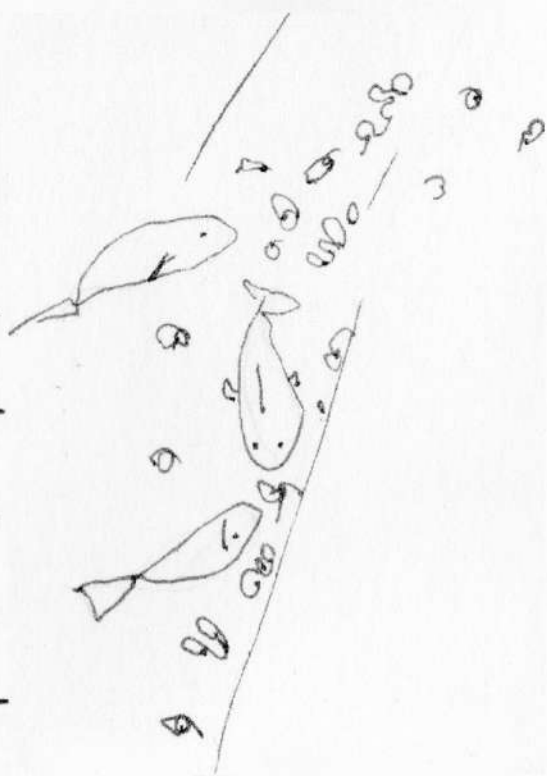
SÃO CRUSTÁCEOS HABITANTES DE MANGUEZAIS. A PERCEPÇÃO HUMANA, SEUS MOVIMENTOS SÃO LENTOS E ARRASTADOS, MAS QUE NÃO HAJA DESCUIDO: SUAS GARRAS SE FECHAM COM SURPREENDENTE VELOCIDADE AO MENOR SINAL DE AMEAÇA. ESTRANHAM NOSSO MODO DE ANDAR: "COM PRESSA E PRA FRENTE NÃO SE HABITA LUGAR ALGUM", DIZEM. PODEM SER AVISTADOS VISITANDO A PASSARELA DA PONTE PEDRO IVO CAMPOS NA COMPANHIA DE PESCADORES. LEVADOS DO MANGUE PARA A CASA DO PESCADOR, SÃO TRATADOS A PÃO-DE-LO: "TIRAMOS A SORTE GRANDE", COMEMORAM, IGNORANTES SOBRE SEU FUTURO: VIRAREM ISCA DE BURRIQUETE.



MARISCO



MARISCO é um nome bem comum dado a VÁRIAS espécies de seres bentônicos que só querem ficar PARADOS, quietinhos e NA deles, coladinhos em ALGUM substrato - como as PILASTRAS das pontes - se alimentando de bichos e partículas bem pequenas, e alimentando os peixes que habitam a baía.

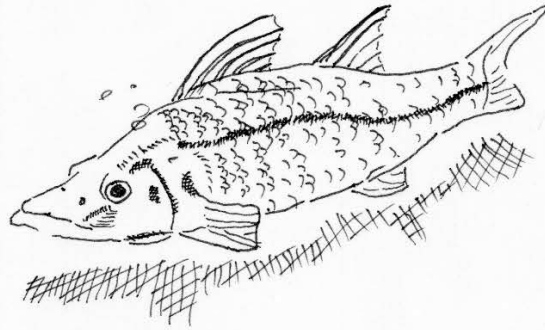




BAGRE

É UM PEIXE QUE TEM MUITOS PARENTES, A MAIORIA PREFERE ÁGUAS DOÇES, MAS MUITOS SE VIRAM BEM EM ÁGUAS SALGADAS **TAMBÉM**. NÃO É ENJOADO PRA COMER, VAI QUASE TUDO. SUA PELE É LISA COMO A PELE DE UMA ENGUIA. TEM PESCADOR QUE XINGA O BAGRE DE **PRA-GA** QUANDO FERZA UM, SEMPRE CUIDANDO P' NÃO SER FERRADO DE VOLTA PELOS FERROES DO BAGRE. SÃO VERDADEIRAS CABEÇAS DURAS, MAS BASTA OLHAR UM BAGRE NOS OLHOS P' PERCEBER O QUE SE PASSA POR TRÁS DESSA GROSSA CARAPAÇA: SEU OLHAR É TRANSPARENTE COMO VIDRO E MOLE COMO AS ÁGUAS TURVAS QUE AGUÇAM SUA **PERCEPÇÃO**.

Robalo Flecha



Super apreciado por diversos fatores: pelas qualidades da carne, pelo duelo da pesca e, por consequência, pelas sensações resultantes da captura. Peixes de paladar característico e exímio caçador, exige dos pescadores iscas vivas - camarões primeiro!

ÍNDIO AZUL

TATUADO NA PELE DA PONTE, O ÍNDIO AZUL É CRIA DO ARTISTA PLÁSTICO DE RUA CRÂNIO, HABITANDO AS CERCANIAS DO CANAL CENTRAL DE FLORIANÓPOLIS. DESDE MEADOS DA DÉCADA DE 2010. DISPÕE DE INCONTAÍVEIS — POSTO EFÊMEROS — PARENTES ESTALHADOS EM EQUIPAMENTOS URBANOS E ARQUITETÔNICOS MUNDADO AFOA. TACITURNO E RESERVADO, VIVE EM COMPANHIA DOS CANALESES DO RIZO, DAS FONTES ESTILOSAS DO VEJAM E MUITAS OUTRAS ENTIDADES PIGMENTADAS. QUANDO BAIXA SOBERANO VENTO SUL, O ÍNDIO AZUL É DOS POUCOS HABITANTES DO CANAL VISTOS POR ALI, APESAR DE CLARAMENTE SENTIR A CONDIÇÃO DE SEMI NU. HA BRATOS EM QUE O ÍNDIO AZUL ATUA REPELINDO FORÇAS DE NATUREZA REPRESSORA QUE SE ALIMENTAM DE ENERGIAS CRIATIVAS, E QUE NUNCA ANTES O ÍNDIO AZUL TRABALHA TANTO COMO NO ÚLTIMO PAR DE ANO...





CAMARÕES

CAMARÕES têm importância especial no ecossistema da baía de Florianópolis.

São demersais com papel atuante nas vidas de diversos seres - dos humanos aos burriquetes.

Seu decréscimo acentuado, devido o crescimento irresponsável da cidade, é sentido e lamentado por muitos seres e paisagens.

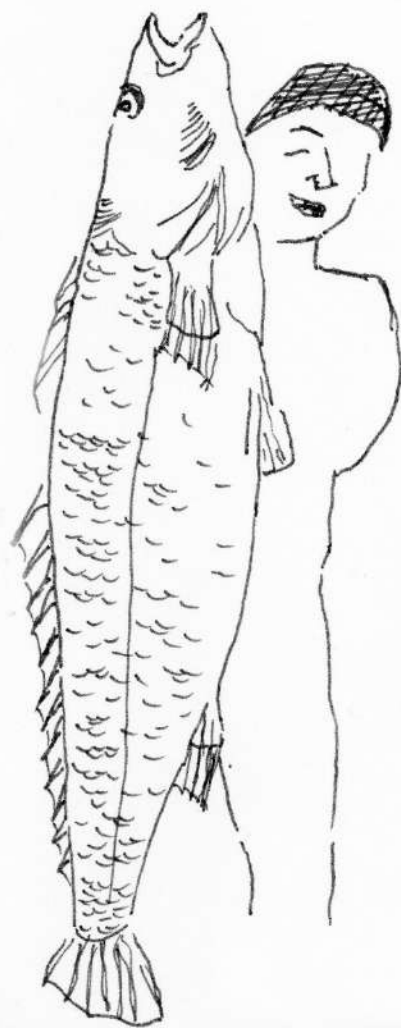


Pescada Amarela

Ágil, é exímia nadadora. Tem muitos nomes e parentes Brasileira fora.

Nas pontes da baía de Florianópolis é bem quista por muitos

Também pode ser encontrada em bacias de gelo no Mercado Municipal de Florianópolis.



CORVINA

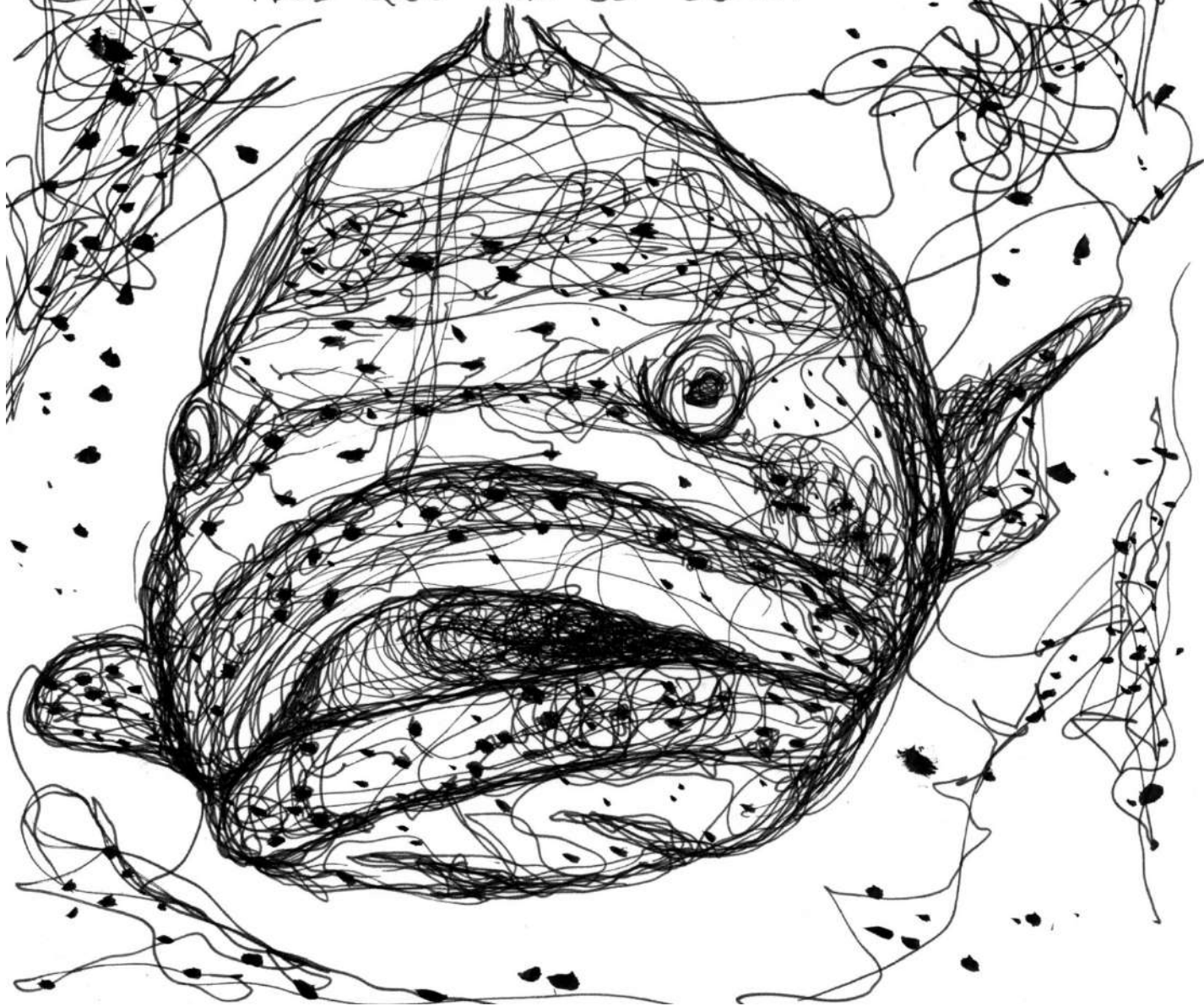


Prima do burri-
quete, a corvina,
Assim como seu
parente, gosta
de viver no fundo,
na lama da baía.

Apesar de não al-
cançar porte avantajado, não se
engane: a briga depois de ferrada
pelo anzol é pesada!

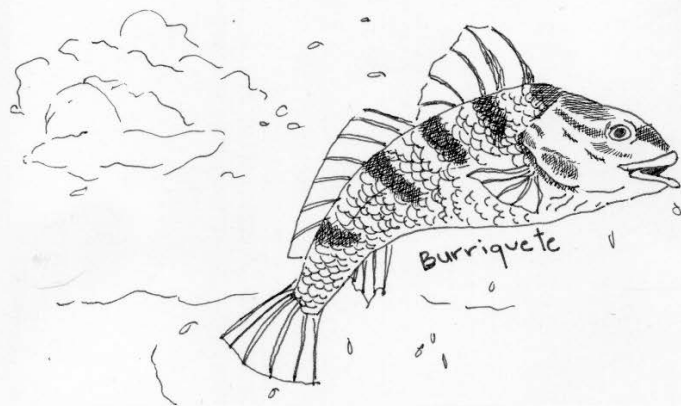
ITAJARA

TEM QUEM OS CONHEÇA COMO MEIO, MAS PREFIRO ITAJARA, POIS REMETE UM TEMPO EM QUE ERAM MUITOS E O ESPECTRO DA EXTINÇÃO NÃO BONDAVA SEUS CORPOS, QUE PODEM ALCANÇAR INCRÍVEIS TRÊS METROS E QUASE MEIA TONELADA. SUA PELE LEMBRA UMA PINTURA ABSTRATA EM PLENO E ELEGANTE MOVIMENTO. SÃO CALMOS, PACÍFICOS, LENTOS E SÁBIOS. ERMITÕES COMO MUITO ANTRÓPOLOGOS E ANTRÓPOLOGAS DURANTE SUAS PESQUISAS DE CAMPO E ESCRITAS DE DISSERTAÇÃO OU TESE, CERCANDO-SE E VIVENDO NA COMPANHIA DE OUTROS QUE NÃO OS SEUS.



Burriquete

Cobiçado pela MAIORIA dos pescadores das pontes, o burriquete é também conhecido como MIRAGUAIA.



Apesar da pesca industrial - que matou muitos burriquetes - eles são encontrados NA BAIÁ de Florianópolis em busca de comida - CAMARÕES e CARANGUEJOS - e ÁGUAS QUENTES e SALOBRAS.

ARTE DE PESCA COM TABUINHA E FERRINHO

" Talvez o olhar já queira
encostar
e eu enxergue com as
mãos "

BODGARINS

TUDO COMEÇA COM A ISCA

O TRAJETO

O ACESSO

A ESPERA

A BATIDA

A FERRADA

PEREBENDA A ATMOSFERA

A PUXADA

A ESPERA



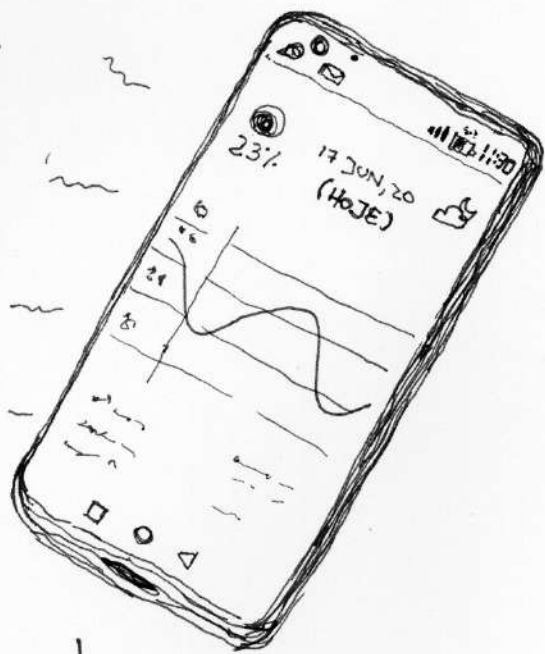
"Mas creio que o poder peculiar das obras de arte, (...) não reside nos objetos como tais; são justamente objetos como tais que são comprados e vendidos. Seu poder reside nos processos simbólicos que eles provocam no ^(A) Admirador ^(A), e esses possuem características sui generis que são independentes dos próprios objetos e do fato de que eles são possuídos e trocados".

Alfred Gell

Presente aqui também.

CELULARES

Previsão do tempo e das marés é vasculhada nos app's, mas sem muito protagonismo. É uma lanterna que pouca ilumina a penumbra de segredos até o peixe.



Há bem mais dados na atmosfera do que pode processar um celular.

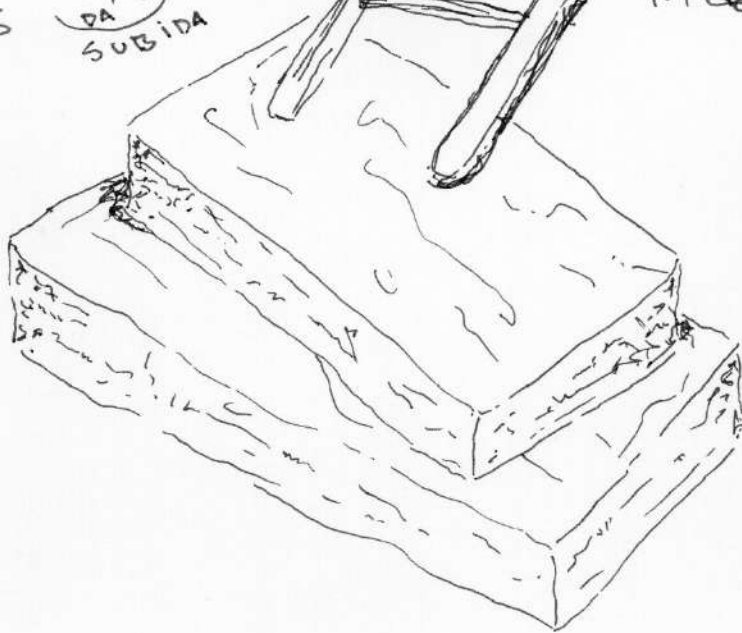
O minério digital não substitui a sensibilidade analógica do corpo.

A escada entrou em cena
como artefato indispensável
A partir do acordo
entre os pescadores e
O Engenheiro.

sem ela,
depois que foram inter-
ditadas as duas
passarelas — Norte
da Colombo

Salles e
DA UMA
SUBIDA

ESCADA

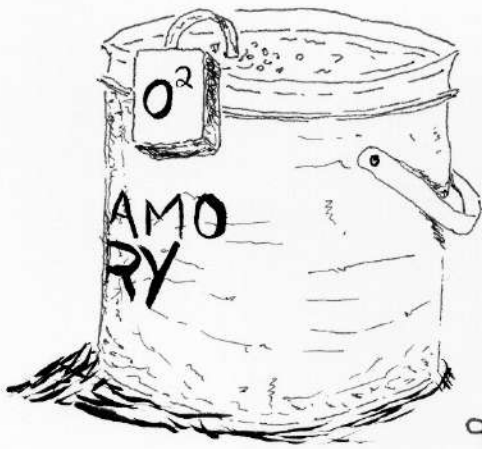


Sul da
Pedro Ivo -
A arte de
pesca com
tabuinha e
ferrinho estaria
suspensa por tempo
indefinido.

"Cuidado que tá subindo
o ouro!", disse certa
noite um pescador ao passar
o viveiro de camarão para outro pes-
cador que carregava os artefatos ao subir
uma escada improvisada para acessar a
passarela da ponte

VIVEIRO

Colombo Machado Salles.



Normalmente feito com
um baldinho de gordura
vegetal reaproveitado, com
um motorzinho de oxig-
enação acoplado, atua para
manter vivos os camarões que servem de
isca viva — ou comida fresca — para
pesca de corvinas, burriquetes, pescadas
e, principalmente, robalos.

TABUINHA



não podem ser
pensados — sequer repre-
sentados — separadamen-
te.

ferrinho, tabuinha
e chumbada são feitos
pelos próprios pescadores.

Em coordenação com a
ponte, esses artefatos
compõem a cadeia
operatória da
arte de pesca
com tabuinha e
ferrinho.

CHUMBADA
≈ 500
cada

É uma "arte" de pesca
por ser fruto de uma ati-
vidade criativa, desenvolvida,
ao longo de décadas, por
diversos pescadores que
perceberam que a ponte
pode ser muito mais
do que um objeto para a
passagem.

FERRINHO

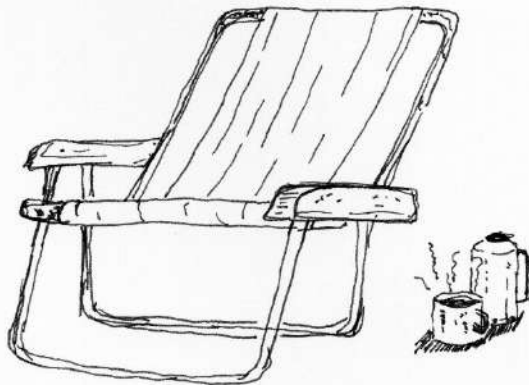
PONTE

ANZOL



ASSENTO

Não é uma unanimidade;
mas que ajuda,
ajuda.





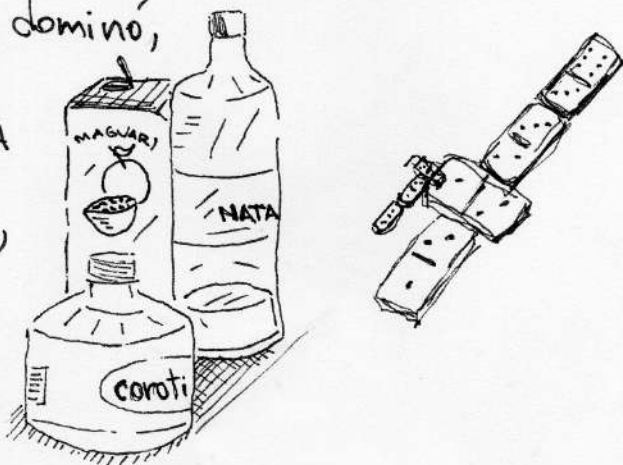
NÃO se trata
de apenas nutrir
AS células,



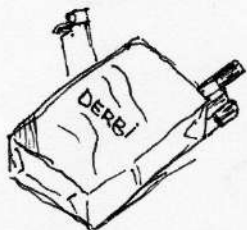
ou se distrair enquanto
o peixe não é ferrado.

Do churrasco na passarela, ao goró aqui e ali,
passando pela partida de dominó,

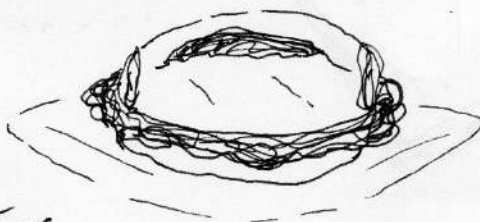
A pesca na passarela combina
uma série de objetos que,
agenciados aos pescadores,



atuam na produção de
experiências e eventos que
resultam



NAS
relações

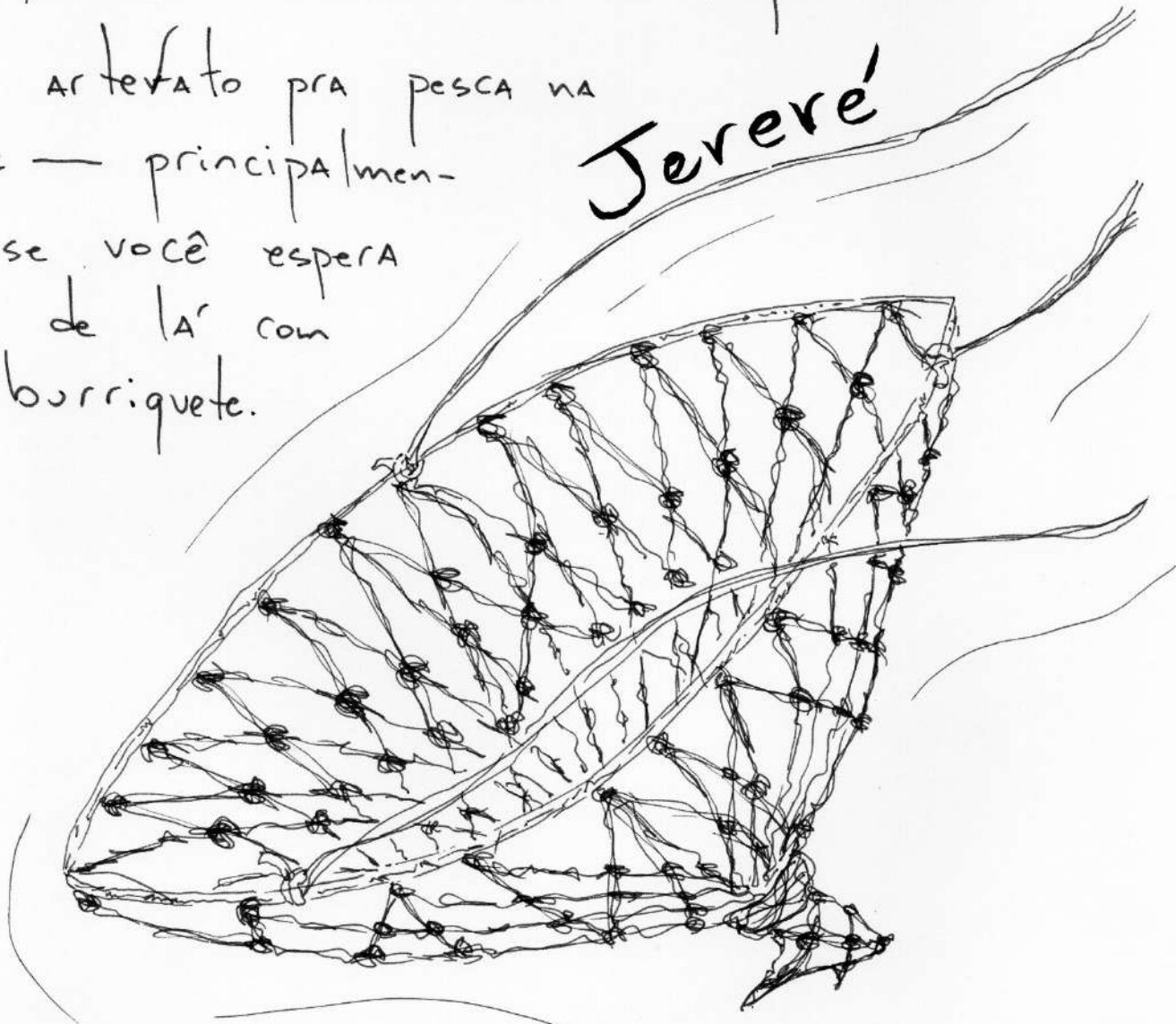


de pertencimento ao
ambiente.

"É o que eu sempre digo:
'nãõ vem pra ponte sem o jereré'".

A frase resume bem a importância
desse artefato pra pesca na
ponte — principalmen-
te se você espera
sair de lá com
um burriquete.

Jereré



Isso porque, sem o jereré, você será obrigado a
puxar o peixe até a passarela, a uma altura de
cerca de ~~30~~ metros, e fazer isso sem rasgar a
boca de um peixe de mais de 10 kg só pelo
anzol seria improvável.

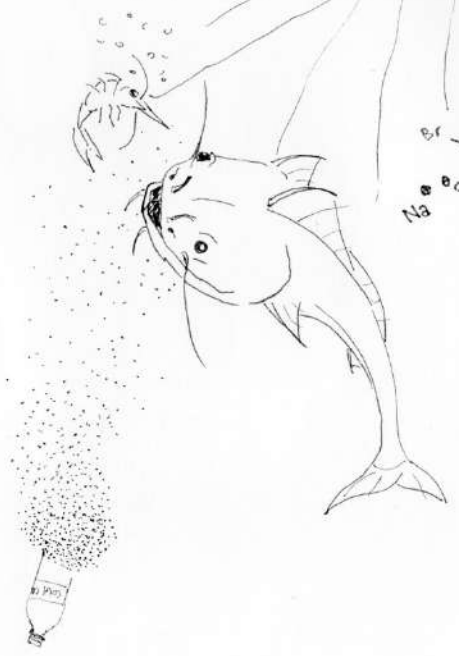
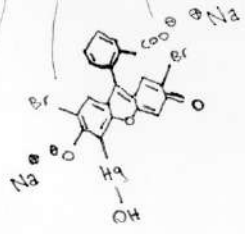
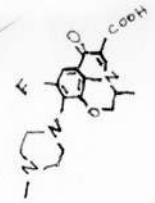
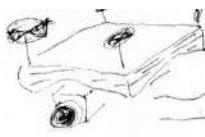
POTÊNCIAS DA PAISAGEM

"O que não existe está também
dentro da existência,
constitue o real;

é, nas palavras de

Clarice Lispector
(...), "inreal".

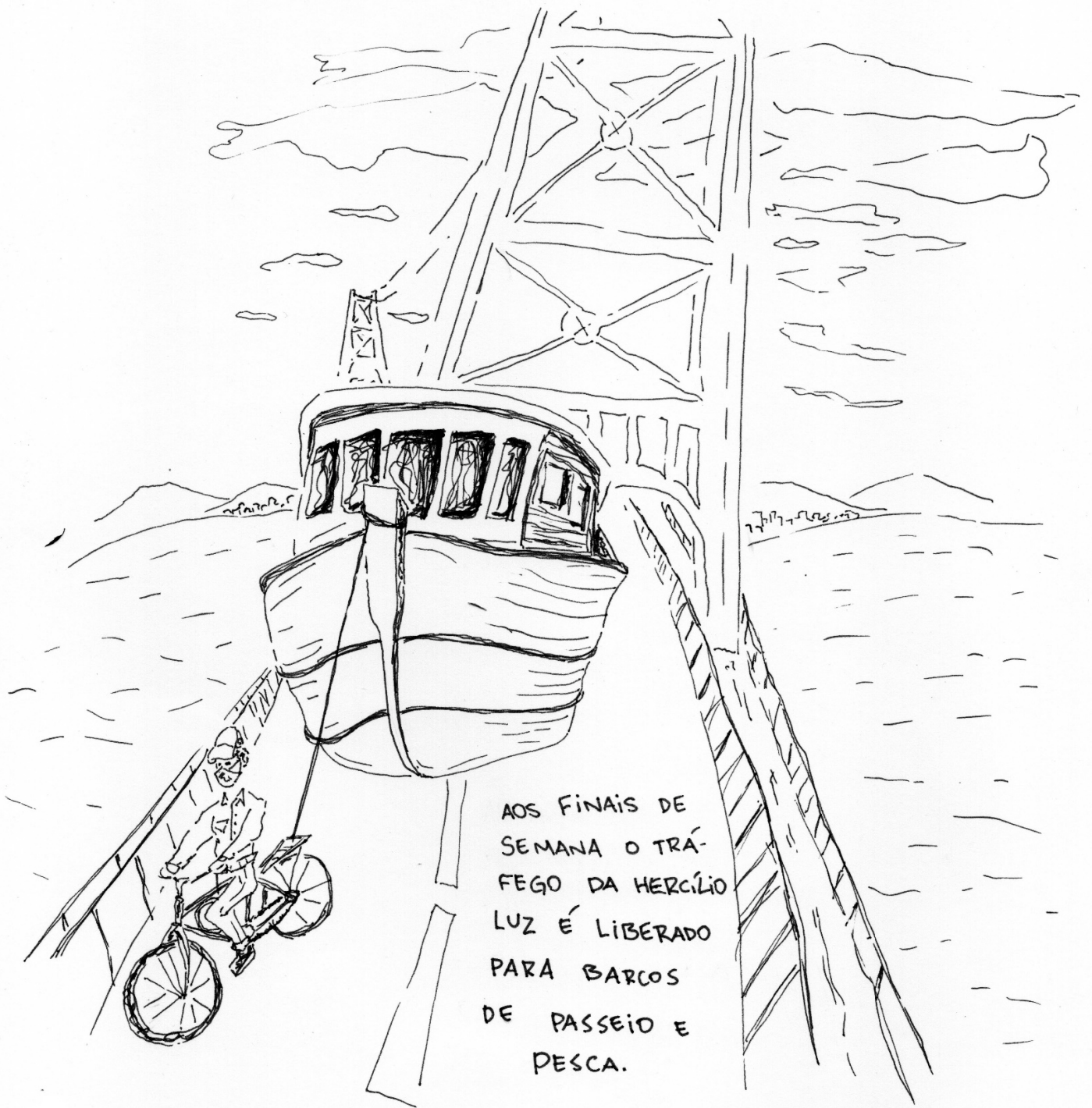
Alexandre Nodari



"OCUPAR É DEDICAR-SE AO TRABALHO DE VIVER JUNTOS. (...) SE QUISE-
MOS VIVER, DEVEMOS APRENDER A
OCUPAR ATÉ OS ESPAÇOS MAIS DE-
GRADADOS DA VIDA NA TERRA."



TSING, ANNA. VIVER NAS RUÍNAS: PAISAGENS
MULTIESPÉCIES NO ANTROPOCENO. 2019, p 87



AOS FINAIS DE
SEMANA O TRÁ-
FEGO DA HERCÍLIO
LUZ É LIBERADO
PARA BARCOS
DE PASSEIO E
PESCA.



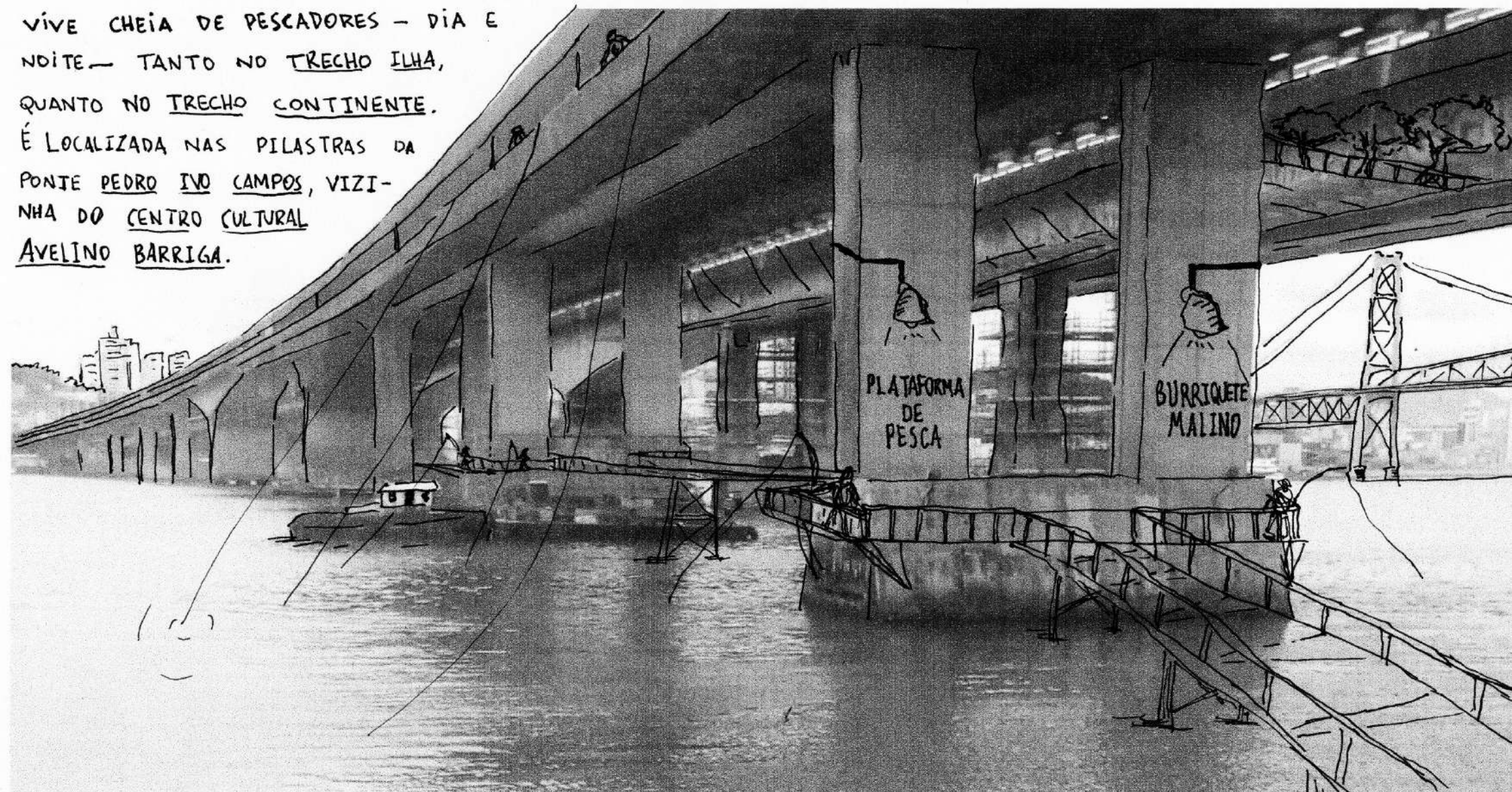
O CENTRO CULTURAL AVELINO BARRIGA
FICA NO VÃO ENTRE
AS PONTES PEDRO IVO
E COLOMBO SALLES E PODE
SER ACESSADO PELO CONTINENTE
OU ILHA ATRAVÉS DAS
PASSARELAS CENTRAIS.

DOMINGO DE
VERÃO NO
CANAL



A PLATAFORMA DE PESCA BURRIQUETE MALINO

VIVE CHEIA DE PESCADORES - DIA E NOITE - TANTO NO TRECHO ILHA, QUANTO NO TRECHO CONTINENTE. É LOCALIZADA NAS PILASTRAS DA PONTE PEDRO IVO CAMPOS, VIZINHA DO CENTRO CULTURAL AVELINO BARRIGA.



.descrição crítica:

as paisagens dentro da paisagem

Esse trecho é dedicado à realização de uma caracterização a mão livre sobre a paisagem da baía de Florianópolis. Lançando mão da descrição crítica proposta por Anna Tsing (2019, p. 119), se apresenta uma etnografia com embasamento teórico e poética fantástica. Um movimento arriscado que busca espriar a produção antropológica a uma estética menos familiarizada com o texto acadêmico tradicional. Sem contudo relaxar nos rigores metodológicos da antropologia, ou subestimar a capacidade do interlocutor de exercitar a imaginação a fim de se aproximar de alteridades radicais – como entes inorgânicos ou não humanos. Um movimento em direção a possibilidade de tratamento do material etnográfico coletado a partir da meta de se produzir um conhecimento antropológico acerca da paisagem e das assembleias multiespécies da baía de Florianópolis. A composição em retalhos foi a solução parcial elaborada na tentativa de traduzir as dinâmicas [multi]espaciais e [multi]temporais com a qual se buscou tratar as experiências em campo. Não há sugestão de modos de se ler este trecho da dissertação. Ande em linha reta, obedeça aos sinais ou faça como os situacionistas: a escolha é sua.

Para Luiz Ruffato,

Haruki Murakami,

Clarisse Lispector e

Raduan Nassar.

.cabeçalho

Florianópolis, 17 de agosto de 2019.

Sábado.

.atmosfera

Hoje, na Capital, o céu será de sol sem nuvens.

Temperatura – mínima de 07° C; máxima: 16°.

Vento Sul, aproximadamente 25km/h.

Maré de sizígia, vazante até às 9h, enchente até às 18h.

Terceiro dia de lua cheia, caminhando pra quarto minguante.

.hagiologia

Nossa Senhora do Desterro

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

→ **Nota:** *Se procura por outros significados, veja [Desterro \(desambiguação\)](#).*

Nossa Senhora do Desterro⁴ é um [título católico](#) dado à [Santíssima Virgem Maria](#). Representa a [fuga da Sagrada Família para o Egito](#). Por isso, também é conhecida como **Nossa Senhora da Fuga**. É muito venerada na [Itália](#) como a “*Madonna degli Emigrati*”, sendo [padmadroeira](#) daqueles que foram obrigados a deixar sua pátria para se [refugiarem](#) ou a fim de [procurar trabalho no estrangeiro](#).

Nossa Senhora da Fuga

Venerada pela	<i>Igreja Católica</i>
Festa Litúrgica	<i>02 de abril</i>
Padroeira de	<i>Refugiados</i>

⁴ «[História da Devoção a Nossa Senhora do Desterro](#)». Consultado em 14 de julho de 2013. Arquivado do original em 1 de setembro de 2015

.caixa de saída

----- Original Message -----
Subject: Mapa conceitual
Local Time: August 24, 2020 11:19 AM
From: ivan.gomes@protonmail.com
To: anna.tsing@matsutakimail.com

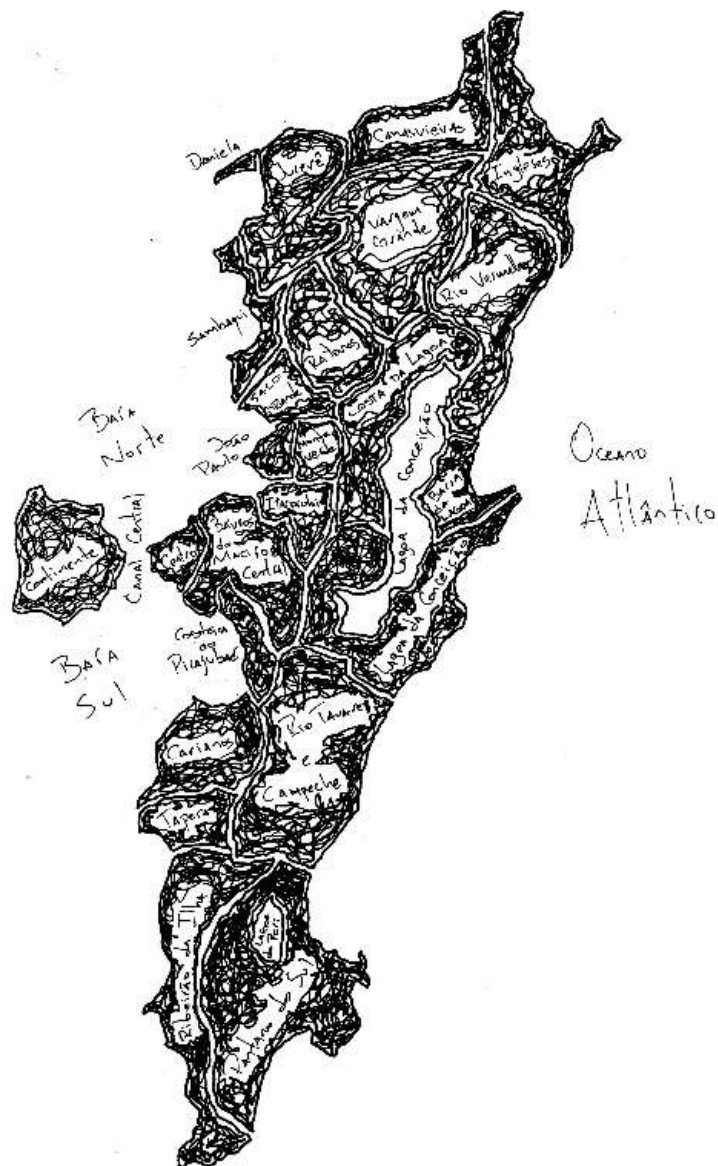
Olá, Anna, como vai?

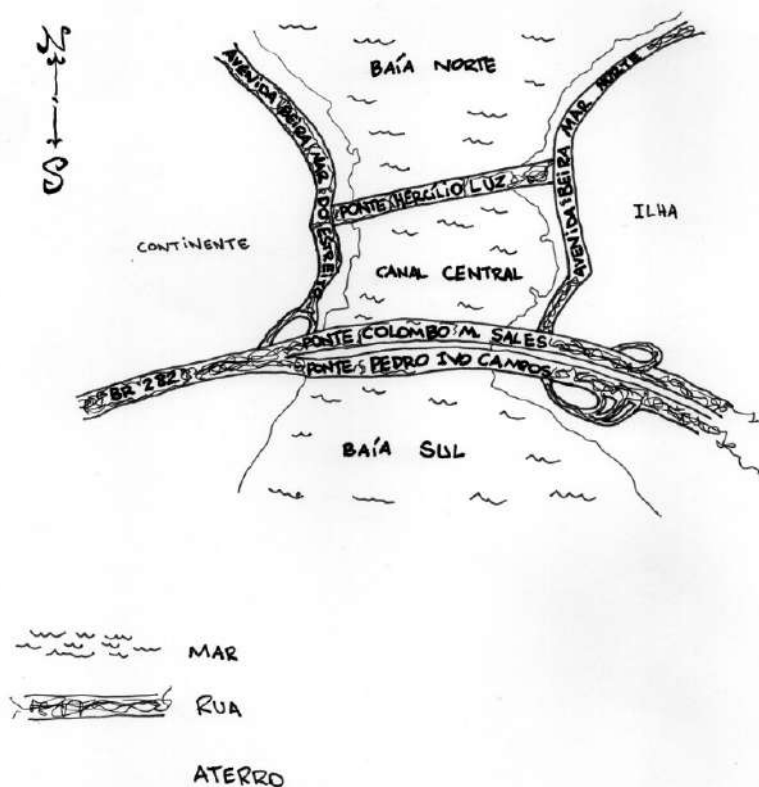
[espero que bem, apesar do contexto em que estamos vivendo]

Escrevo pra te contar que penso ter encontrado uma assembleia multiespécie digna de uma boa história para as antropologias da paisagem. Quem me ajudou a enxergar isso - além de você - foi o Rafael Devos, meu orientador e seu parceiro de pesquisas. A princípio, meu corpo, bastante treinado em captar afetos com origem nas interações entre humanos e humanos e, no máximo, humanos e ambiente - com o humano sempre predominando sobre o ambiente como *objeto* -, acabava que eu não atinava a imensa *qualidade* de material que deixava de atender na percepção que eu desenhava durante minhas peregrinações pelo campo.

Por exemplo: quando idealizei minha pesquisa de campo, meus limitados interesses de pesquisa tinham como ponto de partida os usos que os humanos faziam da passarela da ponte Pedro Ivo Campos. Como você certamente

OS BAIRROS





se lembra, Florianópolis é uma ilha; e três pontes-verdadeiras ruínas - localizadas na região central funcionam como ligação rodoviária entre continente e ilha: além da Pedro Ivo Campos, temos a Hercílio Luz - reaberta no último dia 30 de dezembro de 2020 depois de mais de 30 ano interditada - e a Colombo Machado Salles, utilizada por veículos que deixam a ilha em direção ao continente. No início de minha pesquisa, a ponte Pedro Ivo Campos era a única que contava com uma única

passarela para pedestres e ciclistas - talvez por isso mesmo meu interesse tenha recaído, antes de tudo, ali, pois sou pedestre e sou ciclista, e habitava a passarela. Durante o campo no ano de 2020 a passarela da ponte Pedro Ivo - muito importante ainda para minha pesquisa - fora interditada para reformas, restando apenas as passarelas da ponte Hercílio Luz - que mesmo após sua reabertura, permanecia em reformas. A Gabi, minha companheira, também é pedestre e ciclista, e foi ela quem chamou minha atenção para o dissenso entre ciclistas e pescadores que habitavam a passarela: alguns dos ciclistas se incomodavam com os pescadores, pois os percebiam como obstáculos, já outros ciclistas tinham os pescadores como habitantes naturais da passarela, sentindo-se inclusive mais seguros com sua existência. Essa ambivalência de percepções foi a faísca que acendeu meu desejo de fazer campo por ali. Meus recortes de pesquisa se inspirariam exclusivamente em perspectivas e discussões realizadas no campo da Antropologia Urbana. Até conhecer seu trabalho.

O Rafa foi aos poucos me convidando a *abrir as janelas dos olhos*, como escreveu Raduan Nassar⁵. Primeiro li seu manifesto [é assim que o

⁵ NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

vejo] *Ocupe as ruínas*⁶, que me afetou intensamente. Foi o primeiro sopro. Em seguida - e lembro bem da ordem - foi o artigo *O cervo, o touro e o sonho do veado: algumas pragas inesperadas do antropoceno* que abriu de vez as janelas e arejou os cômodos da casa inteira. Depois disso, o mofo nunca mais se criou por aqui. Estavam abertas as veredas. O seu trabalho somado aos trabalhos de Aina Azevedo⁷, Tim Ingold⁸ e da trinca Viviane Vedana, Gabriel Coutinho Barbosa e Rafa Devos⁹ formaram então o mapa conceitual a orientar o início de minha aventura.

As pesquisas do trio *prata da casa* me ajudam a desenvolver percepções ambientais da paisagem de pesquisa, conversando bastante com James Gibson¹⁰ - sobretudo com a noção de *affordances*. Sua teoria me ajuda a perceber o campo de forma menos dicotômica - **Natureza vs. Cultura; Sujeito vs. Objeto; Humano vs. Não Humano**. Não está fácil. Aliás, é um dos exercícios de percepção/pensamento mais difíceis de minha trajetória escolar - some-se a isso a álgebra linear, a química inorgânica, a física quântica e a lógica de programação. Uma coisa é escrever, criar argumentos que basicamente dizem que “*devemos abandonar o pensamento dicotômico se quisermos desenvolver pontos de vista menos rudimentares, se quisermos nos afastar da perspectiva científica cartesiana e se nosso intuito for adensar um tanto mais em complexidade nossa visão de mundo, das dinâmicas interacionais entre os entes que o povoam*”. É instigante; com tons de *Luz no fim do túnel*. Mas narciso odeia tudo que não é espelho, e **realizar** o convite de Viveiros de Castro¹¹ - mais do que **aceitá-lo** - é muito, mas muito complicado. Veja bem, Anna, não estou falando isso com desespero ou derrotismo. Se passo essa impressão, me desculpe. Quero apenas ser sincero em reconhecer que, antes, eu mesmo arrotava essa receita e me gabava, como se bastasse recitá-la pra se tornar membro do clube. Eu devia ter prestado mais atenção na metáfora do filme *Eyes wide shut* do diretor Stanley

⁶ TSING, Anna L. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019, p. 87.

⁷ AZEVEDO, Aina; SCHROER, Sara Asu, 2016. *Weathering: a graphic essay*. Vibrant 13(2): 177-197.

⁸ INGOLD, Tim. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis - RJ. Editora Vozes.

⁹ BARBOSA, Gabriel C.; DEVOS, Rafael V.; VEDANA, Viviane. *Paisagens como panoramas e ritmos audiovisuais: percepção ambiental da pesca da tainha*. Revista GIZ (Online), v.1, n.1, p. 41-58, 2016.

¹⁰ GIBSON, James J. *The Ecological Approach to Visual Perception*. Classic Edition-Psychology Press, 2014.

¹¹ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Kubrick¹², quando o personagem principal, representado pelo ator *Tom Cruise* pensa lograr êxito em acessar um ritual erótico de um clube bastante restrito após recitar a senha ao porteiro: uma vez dentro, seu quase total desconhecimento dos códigos de comportamento e interação entregam sua condição de *outsider*. Essa metáfora é rica e ampla, mas, no caso da minha pesquisa, ela se encaixa com o que quero dizer: é preciso muito mais do que receber os **signos** – a senha – em um pedaço de papel, é preciso compreender com profundidade os seus **significados** – *incorporar a percepção ambiental e sistêmica do campo*. Nesse sentido, o trabalho da Viviane, Gabriel e Rafa é a senha, o significado eu venho tentando incorporar durante a pesquisa. E por mais doloroso que seja, é muito excitante também. É a *alegria* e a *potência de agir* das quais se refere *Espinoza* – ao menos pra mim, que adotei como meta desenvolver um trabalho que, dentre outros objetivos, possa nos servir em desaprender a *epistemicida* noção cartesiana e em seu lugar incorporar e desenvolver códigos que nos ajudem a perceber outros mundos. É mais do que um trabalho intelectual: é corporal, sensível.

O conceito de *affordances* colabora nessa tarefa por situar a percepção ao ambiente em que ela acontece, e me ajuda a notar como os habitantes do canal central de Florianópolis interagem com os elementos que compõe a paisagem. São diversos exemplos observados em campo, mas um dos mais emblemáticos pra mim é a pesca com *tabuinha* [ou *taubinha*, ou *tabinha*: depende do enunciador] e *ferrinho* – uma arte totalmente situada à paisagem, em que seus elementos em estrita conexão propiciam os *affordances* para sua prática: os artefatos de pesca foram desenvolvidos ao longo do tempo em estrita relação com: a arquitetura da ponte em relação com: a dinâmica atmosférica e marítima em estrita relação com: o relevo geológico e hidrográfico em relação com: a população marítima em relação com: os pescadores em relação com... Em suma, haverá um capítulo todo em minha dissertação dedicado a aprofundar essa discussão. Espero poder criar um quadro com recortes nítidos o bastante para transmitir a densidade da conexão entre os elementos da paisagem e borrar os limites das dicotomias cartesianas as quais me refiro.

A ponte, os pescadores, os peixes, a configuração marítima, os pedestres e ciclistas, os ventos, os apetrechos – tudo isso e ainda mais

¹² *Eyes wide shut* (trad.: *De olhos bem fechados*). Stanley Kubrick. Austrália, Canadá, Índia, UK, EUA. Warner Bros. 1999.

habitantes dessa paisagem passaram a fazer parte de uma mesma *malha*, uma mesma assembleia multiespécie aos meus olhos. O trabalho de Tim Ingold junto ao seu vem me ajudando a montar esse mosaico multidimensional. Ingold, com suas linhas e movimentos, reativa o devir à etnografia; você me ajuda a extrapolar os limites espaço-temporais da paisagem sem fugir de sua especificidade; ao mesmo tempo, mostra o profundo imbricamento entre os sujeitos todos que fazem constantemente a paisagem, exigindo – no mais potente sentido da palavra – que minha atenção seja ampliada para as interações mais que humanas. No início de minha pesquisa, os peixes eram alheios, resto, coadjuvantes; depois de estudar seus trabalhos, os não humanos passaram a compor a malha da paisagem de outra maneira: sequer consigo pensar mais as relações como *verticais* ou *horizontais*: a paisagem passou a ser tão complexa e multidimensional, que as interações entre todos os habitantes que consigo perceber como desenhistas da paisagem se tornaram os sujeitos mais enigmáticos e exigentes da pesquisa, bem como todos os outros entes não humanos que compõem seu ambiente mais próximo: a baía de Florianópolis. E para essa tarefa, seus esforços de pesquisa em desvendar os processos relacionais mais que humanos, que em coordenação formam assembleias multiespécies, estão me ajudando muito.

Até o momento, minhas pesquisas interpretam a paisagem do canal como mais uma ruína do Antropoceno, e as assembleias as quais me dedico a estudar, como sujeitos que ocupam e viabilizam Vida nessas ruínas – apesar de tudo [como sempre]. Ainda é difícil tornarem nítidos os processos de fazer mundo e de ocupar as ruínas do canal, mas [literalmente] desenhar minhas maquinações e devaneios tornam a tarefa menos árdua – e mais prazerosa. Nisso os diálogos com a *Aina* são indispensáveis, necessários e inspiradores. Tanto com o estudos de seus trabalhos, como a partir de conversas. Ano passado fui apresentado com a possibilidade de apresentar minhas intenções iniciais de pesquisa na *Universidade Federal da Bahia*, em GT que tinha a *Aina* como uma das organizadoras. A dose de inspiração foi muito satisfatória e posso dizer que mais uma vez senti nós se afrouxando, liberando ainda mais meus movimentos. Ao fim e ao cabo, sinto que esse processo de aprendizado que é o mestrado se trata, também, disso: desatar nós perceptivo-conceituais, aprendendo a desaprender modelos de pensamento que limitavam os movimentos criativos. Todos vocês, sem exceção, estão me ajudando nisso: cada uma e cada um desatando sua quantia de cordas. Noto

que depois disso, os músculos estão um tanto enrijecidos, e os vícios de movimento mantêm certos receios em ensaiar novos passos. Mas essa é uma vereda que cabe a mim adentrar: com trabalho, dedicação e responsabilidade.

Dito tudo isso, quero mais uma vez agradecer por me ajudar a calibrar o corpo para perceber a dança entre corpos mais que humanos. Mais leve e ousado, pretendo experimentar formas de exprimir as percepções conceituais, materiais e fenomenológicas do campo que me atravessam. Estou disposto a correr esse risco. Graças a vocês.

p.s.: em anexo envio alguns esboços do ensaio gráfico que irá compor a dissertação.

p.s.²: o outono/inverno daqui foi rigoroso com os reservatórios de água, mas, em contrapartida, generoso com os *Lactarius deliciosus*, *Porcinis* e *Amanitas muscarias*. Gabi e eu aproveitamos as coletas.

Com afeto,

Ivan Gomes

Técnico Administrativo em Educação

Mestrando em Antropologia Social

Universidade Federal de Santa Catarina



Slow Science

.a falta de:

é um problema de infraestrutura e é um problema que a gente precisa jogar mais LUZ pra que ele seja resolvido ELOGO né? – Cunha, tu viu no jornal da RBS que tão falando que a guarda não faz ronda lá, Cunha? Manda umas três ou quatro viatura fazer ronda lá que parece que vai ter mais filmage lá, Cunha.


Manda rápido, num demora, PRA ONTEM!  no pilar,  no parapeito e um

homem andando ao encontro de

[estouro de branco] *inclusive eles têm um trabalho,*

que não é deles,

de acordar as pessoas que ficam dormindo embaixo das pontes aqui

[giro de 90°] ferro cinza enferrujado,  na imagem (como pintaram aquilo ali?) *a outra passarela*

está ali, ela está fechada, parte do concreto está quebrado, ou seja, pras pessoas NÃO PASSAREM MESMO,

CLARO, porque oferece RISCO camaleões vermelhos subindo as pilastras, gente subindo e descendo, gente andando habitando {com [n]a}; passarela [isso não interessa, sobe a câmera e mostra a ferrugem na estrutura, mostra a falta de] as quatro passarelas deveriam ser travessias turísticas, não é mesmo? ALÉM dos pedestres, das pessoas dos trabalhadores que PASSAM:

Ir de um local pra outro; atravessar: “passamos a cerca pra entrar na passarela”. Ir através de: “passar a linha no buraco da *chumbada*”;

Ultrapassar ou transpor algo; EXCEDER UM LIMITE: “o caminhão passou o carro; o pescador passou pela placa falsa e foda-se”.

isso poderia ser explorado, nós estamos naaaa... [movimento de “pegando no tranco”] Ilha da Magia, não é mesmo? Olha, de mágico isso aqui não tem nada.

É a realidade debaixo do tapete, né? [pantomima com as mãos] Literalmente debaixo do tapete. Serve de dormitórios pra moradores de rua, enfim.

- É, isso aí em qualquer lugar do mundo seria uma atração turística pra você fomentar renda, movimentasse aquela região, procurassem aquela região

Político gosta de colocar nome em placa

só iremos avançar quando

partimos pra responsabilização criminal

burrice não utilizar esse EQUIPAMENTO como um..um..um PRODUTO, uma FERRAMENTA

poderia fazer tranquilamente o trajeto de bicicleta e não o faz por MEDO

Ina-cre-ditável,

são três pontes, três enormes novelas

.entrevista:

Para que o desejo e a imaginação se movam, é preciso combinar a melancolia com outros afetos, diz aterro de Florianópolis.

Aterro da baía sul afirma que toda opinião contrária à sua viabilidade tem efeitos irrisórios e enfatiza, parafraseando o filósofo alemão Nietzsche, “*eu sou um destino*”

Ivan Gomes

Hábito urbanístico ao longo do século XXI, os aterros, apesar de discretos à vista dos desavisados e turistas que visitam a ilha de Santa Catarina, ocupam extensas áreas terrestres que avançaram para o mar e modificaram drasticamente as paisagens e os ecossistemas ilhéus. Silenciosamente ao longo das décadas, sua instalação resultou em amplas mudanças nas formas de habitar e práticas dos habitantes da ilha, além de haver causado relevante impacto ambiental. Há relatos e [estudos científicos](#) que trabalham com a hipótese de que os aterros causaram interferências em ecossistemas que extrapolam os locais em que foram implementados.

★

Você julga necessária sua existência?

Obviamente. Necessária e útil. Críticos à minha existência podem aventar o caráter relativo da sua pergunta, e isso em nada desqualifica a inexorabilidade da minha existência. Sou cria de um contexto em que a minha materialidade é imprescindível para uma série de outras materialidades e fenômenos simbólicos indispensáveis para um projeto de mundo muito mais amplo do que os territórios – também materiais e simbólicos – que a mim circunscrevem. Toda opinião – porque é isso que são: mera *doxa* – contrária à minha viabilidade tem efeitos irrisórios. Prova disso: aqui estamos.

Quando você fala em um “contexto em que sua materialidade é imprescindível”, parece remeter ao “espírito do tempo” o qual as pontes se referem quando definem sua gênese. Você se vê como parte desse mesmo espírito do tempo?

Sim e não. Objetivamente – falando de forma bastante vulgar -, pegamos carona na mesma corrente, as pontes e eu. Em uma cadeia de causalidade, eu poderia dizer, grosso modo, que as pontes são minhas dependentes. Salvo a primeira, a mais velha, as outras duas, ao menos como foram arquitetadas por vocês, dependeram da minha própria existência. Mas se ampliarmos nossa perspectiva para dimensões mais amplas, no sentido histórico e dimensional, podemos perceber facilmente o reducionismo implicado nessa noção. O que quero dizer é que pontes são conceitos em que seus significados – e veja que estou pluralizando – são situacionais, ou seja, é preciso interpretá-las caso a caso, contexto a contexto, assim como a minha própria existência objetiva ou subjetiva. O que vocês convencionam chamar vulgarmente *tempo* é muito mais diverso e não linear do que a maioria de vocês imaginam. Você cometeria um erro grosseiro ao equiparar, por

exemplo, as minhas utilidades – e todas as suas subtilidades - com a de todos os aterros que já foram concebidos ou ainda o serão, assim como ao equiparar as utilidades e subtilidades das pontes do canal central de Florianópolis às utilidades e subtilidades das pontes *Golden Gate* em *São Francisco* nos *EUA* ou da ponte de roliços e eucalipto sobre o riozinho de uma comunidade rural. Então é preciso que, ao analisar a narrativa das pontes vocês exerçam as devidas aproximações e afastamentos, em um exercício que, mesmo assim, não vai te dar uma resposta única e definitiva. De qualquer forma, os acontecimentos se desenvolveram como vocês podem atestar e a história está escrita, muito embora a história não se desenrole para frente ou para cima como muitas vezes se *deseja*. O que vocês chamam de *progresso*, aliada a vulgar noção de *tempo* é meramente um ponto de vista. Por isso me vejo e não me vejo como parte desse mesmo espírito do tempo.

Então os acontecimentos poderiam ter sido diferentes?

De novo, a resposta para essa pergunta é sim e não. Enquanto vontade de poder, desejo ou conjectura, tudo é e não é. Apesar da potência da imaginação e do querer, tanto aterros quanto pontes só são quando materializados. E cá estamos. Pensamentos como esses, com condicionantes que caminham para uma imaginação que corre pelo rio das possibilidades que não foram, são como labirintos de melancolia. Apesar do lugar que a melancolia tem como afeto motor, ela sozinha não os ajuda a construir nada, apenas a ficar deitados em posição fetal na rede dos afetos. Para que o desejo e a imaginação se movam, é preciso combinar essa melancolia com outros afetos.

Você parece estar recomendando às pessoas maneiras de tocar adiante possibilidades alternativas.

De forma alguma. Eu recomendando ou não recomendando, as coisas vão acontecer independentemente de qualquer recomendação. Agora vamos voltar a sua pergunta: as coisas poderiam ter sido diferentes? Bem, pra mim, que fui materializado, a única resposta sincera é um sonoro *Não!* Como disse antes, aqui estamos. Como Nietzsche, *eu sou um destino*. Para que as coisas tivessem ocorrido de outra maneira, muitas outras coisas deveriam ter ocorrido de outra maneira. Entre outras coisas, sou resultado de uma complexa e intrincada teia de interações: políticas, econômicas, simbólicas, culturais, de interesses individuais, coletivos e oligárquicos. Digamos que sou ancestral comum dos ossos utilizados por ancestrais comuns de vocês para matarem suas presas. Perto e longe. E isso acaba me encobrindo de certa aura de inevitabilidade, não? No entanto, daqui pra frente, a matéria do por vir está ainda a ser desejada, imaginada, manejada, feita. Quem hoje vive e se move sobre minha superfície, quem habita e se vale das pontes pra tocar suas vidas, nada pode fazer para alterar as decisões, as manipulações políticas e o imaginário de quem nos idealizou e concretizou. Resta os viventes do presente combinarem o que fazer *em relação interacional conosco*.

A antropóloga Anna Tsing, que dentre outros fenômenos da globalização e do Antropoceno, mira seu olhar etnográfico para a ocupação de ruínas como uma possibilidade de enfrentamento resignado mas não niilista das catástrofes e destruições de paisagens. Quando você recomenda que, aos humanos, resta combinar o que fazer em relação interacional com vocês, é mais ou menos para esse caminho que aponta?

Eu não conheço essa antropóloga, Anna Tsing. Então não posso dizer nem que sim, nem que não.

E você se vê como uma ruína?

Acho que não faz diferença.

Mas muitas maneiras de viver – cultura, grosso modo – e vidas propriamente ditas foram impactadas ou mesmo ceifadas durante e depois de sua construção, com evidente diminuição da diversidade na paisagem do gargalo da baía de Florianópolis e depois lugares que têm estrita conexão com ela, como as baías Norte e Sul. Se partimos da ideia de ruína como um ambiente deteriorado, decrepito e em franco declínio de seu potencial, talvez a ideia não seja tão indiferente.

Veja bem: materializações como a minha têm um custo – um custo que extrapola a natureza financeira. Isso não é novidade – e nem era quando eu era imaginado, desejado, discutido e viabilizado. Nunca foi segredo que a minha concretização e as concretizações que da minha existência dependiam trariam consequências dessa natureza. Vocês não têm a capacidade de mensurar com perfeita exatidão, mas as aproximações com base em experiências históricas, reflexões científicas e mesmo intuição chegam bem perto de desenhar o cenário resultante dessas concretizações. Biólogos, antropólogos, cientistas sociais, urbanistas, pescadores, promotores de justiça, habitantes em geral, historiadores, engenheiros ambientais... Não são poucos os que disponibilizaram os cenários a quem pudesse interessar. O custo é estipulado e muito bem evidenciado para quem quer ver. Quando sou materializado em outros pontos do globo, ficam evidentes as consequências. As cartas são postas na mesa e são vocês que decidem a minha viabilidade e depois minha concretização. São noções humanas como *utilidade, propósito, custo-benefício, desenvolvimento, valores morais e estéticos* e uma certa *pulsão de morte* devo salientar. Sobre isso as pontes já lhes comunicaram alguma coisa.

Isso não apaga o fato de que a sua materialização é, de certa maneira, devastadora.

Inevitavelmente. Tenho a impressão de que você insiste nesse tópico carregado de melancolia, nostalgia e, conseqüentemente, certa dose de revolta e desespero, buscando apontar o dedo pra mim como fonte desses afetos. Sem receio e honestamente, reconheço que, objetivamente, a minha materialização resulta em colossal impacto – *ambiental, social, ecológico, geológico, marítimo, econômico, simbólico, político, cultural* etc. Mas perceba que eu não opero por intencionalidade. Repito: sou resultado de uma complexa rede de fenômenos materiais e imateriais que ultrapassa em muito a minha existência. E se você espera de mim uma lamentação, um pedido de desculpas ou uma confissão de culpa, sinto em dizer que essas categorias não existem no meu mundo. Culpa pressupõe intencionalidade, e eu não intenciono, eu aconteço. A intencionalidade é anterior a minha existência.

As pontes assumem que trabalharam para que sua existência se materializasse. Você discorda delas? Você é de uma natureza diferente das delas?

Sim e não, mais uma vez. Imagino que elas não tenham usado o termo “*trabalham*”. Intuo que esteja ocorrendo aqui o clássico erro de tradução entre sujeitos de naturezas materiais e/ou simbólicas distintas. De qualquer forma, vou tentar retomar o fio condutor do esforço em explicar os processos de viabilização de materializações como as nossas. Se você bem se lembra, eu recomendo que vocês exerçam o esforço interpretativo de concepção da nossa materialização de forma situada. Ou seja, é preciso realizar um recorte – mesmo consciente de que esse recorte é *arbitrário, limitante, aberto e incompleto*. Há perdas. Não é possível conceber um retrato de todos os elementos que compõem e viabilizam nossa materialização. Ainda assim, há que se fazer esse esforço, há que se situar, caso queiram se aproximar de uma interpretação mais ampla *possível* dos fenômenos que somos. E, ao fim e ao cabo, tudo se tratará de *meta interpretação*. Todo o humano honesto e menos ingênuo sabe que a busca de conhecimento é limitada, que nunca alcançará a compreensão do Real. A vocês que buscam interpretar e se aproximar o máximo possível do Real, cabe desconfiar – posto que ter certezas é atributo de pensamentos dogmáticos. Partindo desses princípios,

resta então realizar esse esforço de *desconfiança* com *zelo*, *método* e *boa vontade*, no intuito de interpretações das conexões e relações que nos torna viáveis. Se livrem da armadilha de criar *leis* – leis impõem limites, como vocês bem o sabem. Nesse sentido, quando as pontes falam em termos que podem ser entendidos por vocês como havendo intencionalidade unilateral em suas ações, interpretem sempre como uma ação de mão dupla. Ou seja, as nossas ações não surtiriam efeito algum caso não encontrassem terreno fértil e o caminho relativamente aberto. Elas apenas se realizam em uma *interação*: complexa, é verdade, mas muito bem retroalimentada entre as partes. Nos inserimos em um contexto muito mais complexo do que nós mesmos e, nós mesmos tornamos ainda mais complexa essa rede de interações que nos viabilizam. Temos plena consciência dessa complexidade e da total dependência que nossa materialização tem em relação às interações com os devaneios, os desejos, a inoperância, o poder, a leniência, a ignorância, em suma, com as forças e afetos que movem o Real e que não se limitam a qualquer rol exaustivo.

Ainda assim, sem querer isentar os humanos de sua responsabilidade, sua argumentação me parece bastante indiferente ao seu papel nos impactos de morte material e simbólica na paisagem, bem como sua responsabilidade nisso tudo.

Enquanto você operar por meio de dicotomizações, você vai exigir esse tipo de postura. Enquanto você insistir em separar em sua percepção sujeito e objeto, humanos e inumanos, natureza e cultura, e olhar pra mim como um sujeito que deve responder por seus atos isolados, seu direito penal será extremamente injusto. Pode parecer diversionismo de minha parte, mas se olhar com cuidado, verá que tenho razão. Caso contrário, permanecerá como um ratinho de laboratório correndo dentro da roda da melancolia ou preso no labirinto da revolta. Não se trata, como dizem vocês, de *livrar a minha barra*. Estou apenas dizendo o óbvio, caso haja, na intenção de vocês, o interesse em se libertar desse ciclo e se mover para outro lugar. Muito além do afã por encontrar responsáveis ou culpados, para lá de se agarrar à monumentos nostálgicos e no passado habitar, por que não usar a criatividade de vocês a seu favor e, mesmo nisso que você chama de ruína, produzir alguma diversidade: de vida, de práticas, de meios de estar e agir no mundo, enquanto seres com vida? Quais escolhas, além dessas, lhe restam?

Tem alguma pergunta que deixei de fazer e que você pensa que seria importante ter sido feita?

Você não perguntou qual a minha cor preferida.

E qual a sua cor preferida?

Claramente o cinza.

.lamento Itajara:

tem quem nos conheça como Mero, mas particularmente prefiro Itajara, pois remete um tempo outro, em que éramos muitos e o espectro da extinção não pairava sobre nossas cabeças, tempo em que os rituais performáticos de acasalamento bombavam e não havia dificuldade em encontrar parceiros ou parceiras sexuais, época de fartura, muito antes de vocês inventarem moda com história de aterros, xopins centers, plástico e pescas industriais, desestabilizando todo o nosso ambiente, abalando as dinâmicas mais ou menos equilibradas do ecossistema, passamos a desaparecer na mesma medida e proporção daqueles outros da sua espécie que nos apelidaram Itajara, como eles, fomos caçados, como eles sofremos genocídio, como eles vimos nosso mundo ser praticamente extinto, mas assim como eles, estamos aqui, vivos pra contar histórias, revelar memórias, exprimir ontologias, reclamar nosso lugar na paisagem, porque não bastar estar vivo, é preciso mover mundos para que percebam o que aqueles que nos apelidaram Itajara sabiam há muito: somos mais do que troféu, muito mais do que uma fotografia no feicebuque, compomos o mosaico da vida da paisagem a qual habitamos, nos deslocamos; uma vez apagadas as linhas lentas e de tracejo elegante e forte que desenhamos com nossos movimentos subaquáticos, as consequências para o tecido da vida em seu mais amplo sentido são imprevisíveis, mas garanto que em coisa boa não dará, pois riqueza é um ponto de vista, há quem se limite em se contentar com a micro fauna representada com tinta nas notas do Banco Central e feche os olhos para a diversidade que empobrece no mundo de carne, ossos e espinhas de peixe, e quando seu mundo passa a ter dificuldade em deixar viver seres como eu e meus semelhantes, quando a diversidade entra em colapso e se multiplica a política da morte indiscriminada de viventes que não têm acento nas mesas de reunião de organizações mundiais ou cargos eletivos capazes de discursar em eventos solenes que decidem os rumos das vidas e das mortes, a verdadeira riqueza – a diversidade – decresce em miséria, assume contornos raquíticos, e a vida perde em abundância, alegria, exuberância, histórias e bem estar, porque estamos todos conectados, *absolutamente todos conectados*: eu e meus semelhantes com seus vizinhos em manguezais, estuários, baías, costões, águas costeiras, oceanos inteiros, os ventos, as marés, até mesmo a lua bem lá longe, vocês mesmos e o que inventaram chamar “cultura” e “memória” e todo o vasto campo de “conceitos” que colam vocês no mundo e uns nos outros e conosco; por isso não basta que eu defenda apenas a vida desses que vocês chamam de minha “espécie”, eu quero defender a vida dos manguezais que me são berçário e pré-escola, dos corais que me são casa, dos menores que me são alimento e da qualidade e temperatura da água que é tanto e quase tudo pra mim, e isso tudo, essa monumental rede que nos conecta *analógica e materialmente*, já era percebida por aqueles que nos apelidaram Itajara, quando era comum atingirmos o tamanho que hoje espanta e provoca a admiração de vocês e que vira matéria de jornal, vejam só a que ponto chegamos, a que ponto chegaram, a que ponto

.toda a potência que de mim emana:

No princípio eu era um sonho, um devaneio. Invadia a mente dos desatentos e implantava a necessidade da minha existência. Eram poucos os que resistiam ao meu poder de convencimento, de que eu era imprescindível caso eles quisessem ser reconhecidos, ter valor simbólico e econômico, fazer negócios. Era esse o público-alvo de minhas mais virulentas investidas: *homens, brancos, de negócios, da elite catarinense*, sobretudo. Na cabeça daqueles sem poder de realização eu soprava imagens de conforto, bem estar e autoestima. *Confie em mim*, eu dizia, *deixem comigo a tarefa de tornar mais prática a vida de vocês*. Não mais o sacolejo revoltado em dias de vento forte; para o passado a espera por uma embarcação em dias de chuva, reféns da máfia dos barqueiros. Era preciso carregar na tinta que pintava um mundo melhor com a minha existência; pois só assim eu conseguiria borrar as memórias afetivas que aquele povo tinha em relação ao mar que eu queria cobrir. Eu sabia de minhas limitações. Tinha perfeito conhecimento de que a todos eu não conseguiria vender e convencer que era um atraso a vida e o mundo sem mim: seria preciso impor a minha viabilidade, por isso eu aproveitava a avenida aberta na subjetividade dos gananciosos. Eu não fazia distinção entre os idealistas e os inescrupulosos: ambos não apresentavam resistência às minhas investidas. Bastava fazer parte do seletivo grupo capaz de *mover mares e construir pontes*— nos sentidos figurados e literais.

Nem preciso dizer a vocês que logrei sucesso e fiz realizarem minhas ambições de *existir*. Vocês hoje pisam em meu chão. De ideia, me tornei matéria. Reconheço que não seria capaz de fazer isso de modo solitário. Eu peguei carona em algo que muitos de vocês chamam de *zeitgeist*, ou *o espírito do tempo* — do tempo de quando me tornei verdade. No seu mundo acontecia uma imbricada e avassaladora teia de relações simbólicas e materiais com força tamanha que, tal qual *Juggernaut*, atropelava todo e qualquer obstáculo que ousasse se impor aos seus objetivos: eu era um desses objetivos, e àquela força vocês deram nomes variados: *modernismo, desenvolvimentismo, mercadoria, capitalismo, socialismo, progresso* e muitos outros. Veja bem, não é minha intenção reduzir todos esses “conceitos” a um denominador comum. Cada “ideia” dessas seguiu trajetórias “históricas” e “situacionais” específicas, cada qual com suas singularidades cheias de “complexidades” e outros detalhes aos quais vocês investem bastante tempo, dinheiro e vida pra tentar descrever, mapear, entender. Só digo — e talvez isso os ajude nesse processo — que existe uma força que empurra esses “ideais” adiante, e que mesmo essa força é dinâmica, múltipla, de *impossível* decomposição mas que não deve ser desconsiderada por quem intenta entender, mesmo que superficialmente, a minha história, os processos que primeiro me fizeram ideia para então me tornar matéria.

Como disse, de ideia, me tornei matéria; e já se passou tempo o bastante para que vocês possam perceber as evidentes discrepâncias entre as imagens que foram criadas de mim quando eu era apenas um projeto e as imagens que são projetadas sobre mim agora que sou monumento e habitante da paisagem. Muitos de vocês – a maioria, na verdade – sequer chega a exercitar a imaginação ou vasculhar a memória para a elaboração de “metáforas”. Eu sou o que sou. O máximo que a maioria de vocês se permite elaborar é uma vinculação de minha materialidade aos incômodos já costumeiros: *violência, corrupção política, falta de manutenção, vandalismo, mau uso, deterioração*. Modéstia à parte, meu trabalho em surfar a onda daquela força foi muito bem feito. Tão bem feito que são poucos e inexpressivos aqueles que recorrem à imaginação e à memória para reivindicar outras possibilidades, essencialmente diferentes, de *existir comigo*. É como se... É como se tudo o que *posso ser é o que sou*, só que com uma roupagem nova e bem asseada. Vejam bem, eu não fico feliz com isso: felicidade é um “conceito” que não faz parte da minha natureza. Digamos que meu primeiro e último objetivo é *existir*. E mesmo isso não está garantido. *Isso é com vocês*.

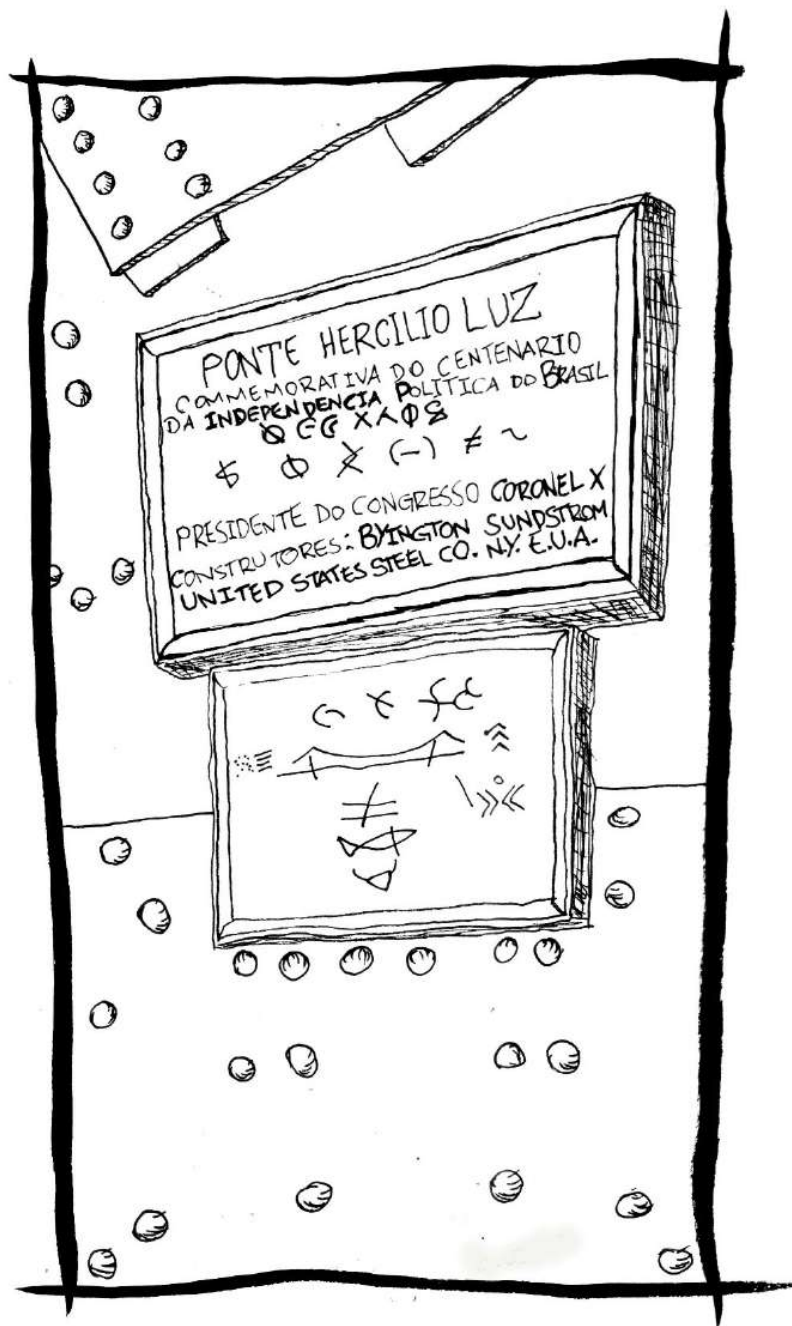
Eu vinha falando sobre as discrepâncias entre o que sou, o que fui nas imagens projetadas, e o que poderia ser. A verdade é que, na prática, não existe uma divisão tão nítida, capaz de pontuar marcações que delimitem com exatidão *passado, presente e futuro*. Eu *sou* o que *fui* e o que *posso ser*. Mas certamente há uma imagem com força suficiente pra projetar na mente de vocês um desenho mais verossímil de mim: ruína. Apesar de ponte, ruína. Apesar de aterro, ruína. Apesar de projeto de integração nacional, desenvolvimento local, progresso mundial, ruína. Que não se enganem: ruína *e muito mais*. Mas a fim de criarmos um canal de entendimento menos confuso, ruína é um “conceito”, uma “metáfora”, uma “analogia” que certamente pode ajudá-los a entender o que sou, o que fui nas imagens projetadas, e o que poderia ser. As pilastras que sustentam o chão pelo qual seus veículos ou seus pés encontram guarida para se mover estão fissuradas, enferrujadas, literalmente caindo aos pedaços. Certamente essa condição não povoava a imaginação da maioria de vocês quando eu era apenas um sonho ou um devaneio. Vejam bem, eu não enganei ninguém. Não fiz promessas de que a entropia não atuaria sobre meu corpo. Além de desonesto, seria ridículo de minha parte tentar vender esse absurdo. Ocorre que nas “ideias” de *modernidade, desenvolvimento, mercado, capitalismo, socialismo e progresso* a entropia é uma “dupla metáfora” que, quando muito e ironicamente, se apresenta como *possibilidade de se manter ativo* – ou, como muitos de vocês chama, *capitalismo criativo*. Mas como alguns de vocês sabem ou intuem, as “ideias”, apesar de poderosas fontes de fazer mundo, encontram suas limitações perante a “realidade”. Na “realidade” *tudo está*. É bastante complexo, mas aqui basta dizer a vocês que, na “realidade”, as pilastras fissuram, enferrujam, caem aos pedaços; na “realidade”, a entropia age como *lei*, descaso age como *regra* e manutenção age como *exceção*: não há crescimento do PIB que desfaça

essa verdade. Aliás, a decrepitude se serve desse paradigma: ruínas crescem quase que na mesma proporção do PIB. Então, se serve de consolo – e pra mim serve –, estou longe de ser uma *singularidade*. Na verdade, sou a própria *vulgaridade*.

Peço desculpas se até o momento não me apresentei do modo que vocês estão mais acostumados a serem apresentados a *algo*. Ao meu ver, estou me desnudando. Mas sei que se não adoto “nomes”, muitos de vocês estranham. A verdade é que não tenho “nome”. O “substantivo” ajuda, mas generaliza; e o “nome próprio” orienta, mas congela. Aliás – e essa é uma mania de vocês que é um mistério para mim – o “nome próprio” que a mim foi designado, sequer pode-se dizer que é *meu*: foi *emprestado*. Pedro Ivo Campos. Colombo Machado Salles. Hercílio Luz. “Substantivo”: ponte. Agora percebo que posso estar confundindo alguns de vocês, posto que falo na “primeira pessoa do singular”, mas acabo de me apresentar como um coletivo e, portanto, deveria estar falando na “terceira pessoa do plural”. Essas suas regras são estranhas a mim, tenho dificuldade em me moldar a elas [peço desculpas por isso]. Separar, unir, dividir são operações inventadas por vocês no esforço de se situar em meio à “realidade”. Eu opero em outra “lógica”, a partir de outras “categorias de percepção”. “eu” – “nós” – “ele/eles”: tudo isso mais confunde do que explica, mais limita do que libera potência, mais congela, modula, particiona. E quando um “substantivo” é indexado à uma “ideia” e essa é materializada – como ocorreu comigo –, a maioria de vocês passa a limitar tudo aquilo que eu poderia ser. Mas isso não é uma unanimidade.

Ponte ou ruína não definem *tudo o que posso ser, tudo o que posso propiciar*; em suma, *toda a potência que de mim emana*. E alguns de vocês percebem isso. Não são muitos, é verdade. E mesmo esses que percebem são muitas vezes hostilizados por aqueles que me limitam como ponte ou ruína. Não que esses poucos não me vejam com os atributos de toda ponte: eles veem isso e muito mais. Eles *ampliam os limites* da percepção; eles *borram os limites* entre “eu”, “nós” e “eles”. Esses poucos percebem que a minha condição de ponte, vinculada à condição de ruína, envolvidas no ambiente em que habitamos, ensejam possibilidades tão diversas quanto suas percepções podem alcançar: desde tornar minhas pilastras substratos bentônicos, à fazer desenhos coloridos – ou não – sobre minha pele cinza; desde me usar como componente de seus artefatos de pesca, à jogar dominó, fazer churrasco e contar e fazer histórias; desde escrever dissertações de mestrado à me fazer de casa nos dias de intenso vento sul. Há quem chame isso de *affordances*, há quem prefira baderna e abandono: vocês não se decidem. Enquanto isso, a entropia me torna em ruína e a percepção *criativa* se vincula ao meu corpo para desenvolver práticas inovadoras de estar no mundo. Eu não tenho *nada* e tenho *tudo* a ver com isso. Eu *estou* aqui, eu *exist*o, e vocês, *inevitavelmente*, farão *comigo* o que *desejarem*.

.Walter Benjamin:



*“Nunca houve um monumento da cultura
que não fosse também um monumento da barbárie”*

.vento sul:

quando bate

frio

forte

não dá

acompanhado

com chuva

não há

concentração

etnografia

“vou bater umas fotos,

filmar algumas cenas,

espera no carro”

confusã

o sem gente

gaivotas flanam divertem-se

grafites permanentes

fustiga gota

gelada

na face

gelada

deu!

vam'bora.

.bagre:

B

BA

BAG **R**

BAGRE **BA**

ÁGUA **BAGREBA** **GREB**

BAGREBAGREBAGR

BAGREBAGREBA **MICROPLÁSTICO**

BAGREBAGRE

BAGREBA

BAGREBA

BAGREBAG

BAGREBAGR

BAGREBAGRE **METAIS PESADOS**

NaCl **BAGREBAGREBA**

BAGREBAGREBAG

BAGREBAGREBAGREB **MPS**

BAGREBAGREBAGREBAG

BAGREBAGREBAGREBAGRE

B **AGREBAGREBAGREBAGREBAG**

BAGR **EBAGREBAGREBAGREBAGREBAG** **R**

BAGREBAG **REBAGREBAGREBAGREBAGREBAG** **REB**

BAGREBAGREBAGREBAGREBAGREBAGREBAGREBAGREB

BAGREBAGREBAGREBAGREBAGREBAGREBAGR

BAGREBAGREBAGREBAGREBAGREBAGREB **LIXO**

BAGREBAGREBAGREBAGREBAGREBAGR **HOSPITALAR**

BAGREBAGREBAGREBAGREBAGREBAGREBAGREBAGREB

BA **GREBAGREBAGREBAGREBAGREBAGREB**

BAGR **EBAGREBAGREBAGREBAGREBAGREBAGREBAR** **BA**

BAGREBAG **REBAGRE**

CAMARÃO

.ele:

soldou aquela viga como se fosse sólida. ergueu aquela ponte como se fosse histórica. amou daquela vez como se fosse a última. não de cara, levou um tempo. caiu de cara e criou família. alguma coisa com o jeito que o vento balançava o vestido. qualquer coisa com a entonação da voz tocando as cabras. *méééééé*, glim-glim-glim-glim, *vaívaívaí*. era tempo outro. prédio demais tinha não. pasto na futura cabeceira da futura ponte. futuro é tudo. aço daqui. *design* americano. suor *catarina*. salário é pouco, mas compra terreno – que é baratinho, mentira, é herança. é arriscado. você viu o que os italiano fizeram em São Paulo? a gente merece mais. greve. piquete. onde já se viu? chama os *estivador*. União Operária. pelo menos tem praia. final de semana, disse que via ela na Saudade – *que saudade dessa praia*. fiz piada, chamei pastora. *rsrsrs, tolo*. disse que ia pensar no meu caso.

:ela.

vaívaívaí. sempre levou jeito com bicho. cabra, galinha, boi, vaca, cavalo, limpa peixe que é uma maravilha. tinha medo mesmo de cachorro, cobra, morcego e do vizinho bêbado. dia de semana, doméstica. patroa enjoada, lagueano com dinheiro, pai político. patrão nunca quase vejo. viagem de negócio. olhar besta de soslaio. conheço bem... não dou trela nem tramela. *eeeeeee, eeeeeeee. méééééé*. dia quente, bom mesmo era tá na praia. sábado. domingo, depois da missa. o bom de levar cabra pra pastar é que dá pra sair de casa. dá pra tomar sol. faz bem pra saúde. já tá bem adiantada a ponte. pra gente que tem barco não faz diferença. *um, dois* tá na ilha

três, quatro pai mata peixe

cinco, seis o vento salpicando gotas de água no

rostro

sete, oito *tótótótótótótótótótó* motor levando pra matar camarão

nove, dez *tocô* pra costeira catar berbigão

onze, doze como é linda a ilha de Ratonés Pequeno

treze, quatorze vai na enchente, volta na vazante

quinze, dezesseis cuida a *tribuzana*

dezessete, dezoito Santo Antônio é logo aqui.

.cândido:

imundos, impuros,

impávido colosso e seu futuro espelha essa grandeza, ordem falta nessa gente, tralhas pelo meu caminho, churrasqueira, acredita?!, barraca de camping, rede, brother, rede!, meu progresso é atrasado por essa gente porca, vagabunda, criminosa, não tem mais o que fazer, um crime, é crime, sabia?, tá escrito: é proibido!, policia devia descer o cacete, levar embora as tralhas, expulsar os tralhas de lá, é caminho!, é passagem!, vê se em Campos do Jordão acontece esse tipo de coisa

imundos, impuros,

só atrapalham, uma vergonha, cadê a polícia?, não têm vergonha na cara, eu vou pra Portugal, é outro mundo, povo educado, com cultura, não isso daqui, isso aqui não tem futuro, já perdi minhas esperanças, no passado que era bom, tinha glória, agora é essa nojeira, ninguém respeita ninguém, terra sem lei, cada um faz o que quer, as linhas espalhadas pela passarela, dia desses embolei com a bicicleta, quase cai, acredita?, e ficam bebendo, droga pesada ali deve ter, *crackeiro*, criança ali já vi, pai, que pai é esse que deve ser?, que exemplo!, *such a shame...*

imundos, impuros,

eu só queria poder... se eu tivesse num dia meio atravessado... voltava lá... mas deixa pra lá eu tenho o que perder, cheiro de mijo, fedor de bosta, cheiro de cigarro paraguaio, só o pó, trapo velho, e ninguém faz nada, impunidade, uma zona, que ódio

.ponte da oportunidade:

All the lights will guide the way

If you get to hear me now

All the fears will fade away

If you get to hear me now

já não sem tempo: quatorze anos [de reforma], não, desde às nove da manhã [torrando debaixo do sol do verão de Desterro] esperando a reabertura de reinauguração da ponte Hercílio Luz. “*com o dinheiro dessa reforma, construíam três*” desdenhou um dos três rapazes que bebiam algo morno, alcóolico, misterioso: “*vamo pra praia*” e foram pra praia, imagino. Já tinha falado o governador. Já tinha feito palanque o prefeito. Até o reitor da universidade federal atuou no palco – sombra, aaah... E nada de liberarem o acesso. No céu azul sem nuvem, pássaro algum, só drones filmando o cardume de testemunhas históricas; no chão, toda sorte de oportunistas: de antropólogo catando performances socioculturais e fenômenos interacionais e simbólicos dignos de nota, a policiais civis colando distintivos adesivos no peito de crianças de colo [cadê o conselho tutelar?], humoristas, apresentadores polemistas, jornalistas, políticos e demais figuras da elite catarinense. Uma festa em que Dionísio, espantado pela rigidez dos estamentos sociopolíticos e culturais da pólis de Florianópolis, não teve força de presença suficiente pra *imprecisar* os abismos que separavam o pobre do menos pobre, o político das minorias. E o *ethos* cartesiano, tão apolíneo, afastou qualquer possibilidade de carnaval.

Um dia feliz

Às vezes é muito raro

Falar é complicado

Quero uma canção

Fácil, extremamente fácil

Pra você,

e eu e todo mundo cantar junto

vento nordeste [como eu sei? É que a ponte tava balançando MUITO (foi o que disse Bernardo França, ciclista, poeta, habitante da paisagem)] forte: anúncio de que aquele e os próximos dias seriam assim: tórridos; porque em Desterro é [grosso modo] assim: vento nordeste, pré-frontal, vem calor; vento sul, frio [ou **menos** quente no verão], acompanhado ou não de chuva; lestadada é chuvisco que não para, *chuva molha tonto*, caravela a dar com pau, ruim de ir pro mar, ruim de pedalar. Antes de gente, desfile de automóveis **reinauguram** a ponte [recado tá dado: *cars first*]. Difícil não ter um mau presságio em um evento que une: desfile de carros placa preta, desfile de rifles ar-15 e ak-47 com policiais a tira colo, expressões como “*ponte da oportunidade*” e “*sondagem de mercado*” como motes [ou *slogans*], princípio e manifestação dos desejos de exploração do patrimônio público.

Hey, satan!

Paid my dues

Playin’ in a rockin’ band

Hey, mama! Look at me

I’m on my way to the promised land

I’m on the highway to hell

Highway to hell

I’m on the highway to hell

Highway to hell

Don’t stop me!

difícil não notar: pequenas pilhas de entulho, caixas de piso tátil a colocar, manilhas de cimento, canos de policloreto de vinila [PVC], ciclovias inacabadas [novidade nenhuma], carretéis gigantes de fios com bitolas impressionantes, tudo assim, meio no caminho, meio arte contemporânea, meio pistas de uma obra inacabada

The Billie Jean is not my lover

She’s just a girl who claims that I am the one

But the kid is not my son

She says I am the one, but the kid is not my son

quase quatro meses depois, não se via mais o cardume de testemunhas históricas; em seu lugar, movimentos em traçados e linhas desenhando histórias no chão e no ar: não mais drones: SARS_COV_2 no lugar, nas máscaras; se foram os aventureiros comerciantes de experiências relativamente controladas – SALTO DE BANGEE JUMP: R\$160,00: em seu lugar, empoleirados nas grossas toneladas hastes de ferro pintadas de um mal gosto cinza pálido, trabalhadores pretos operários pardos migrantes “*não sei, não só daqui não (...) cada tanto numa obra, Brasil inteiro*” [sem chance pro PC do B, pra Fossa das Marianas a União dos Operários, revolução em outra realidade do multiverso da utopia] e a impressão de que a obra não acabou, não acaba, não vai acabar nunca: *business as usual*.

.antropologia visual:

COLOMBO_SALLES_01.mp4

> no vídeo.

[0'00"]

ha-ham, limpa a garganta. Resolução baixa, dá até um ar de cinema *noir*. O vai vem da imagem, tremida, tremendo cinegrafia caminhante, tem seu charme. É noite. Luz amarela no concreto cinza. Passarela. Luzes no pano de veludo negro que é o céu da cidade à noite.

[0'01"]

- *Mais uma gravação no dia... Catorze do sete* [voz de homem ao fundo, sotaque *mané*], *dois mil e treze: uma hora da manhã*.

O etnógrafo caminha, vai se aproximando do vozerio, “*parece que bateu*”, ouve-se.

[0'18"]

- *Parece que bateu o peixe*, repete o etnógrafo.

- *Ferrô?! Ferrô, Pedro, ou não?* Ouve-se murmúrios.

[0'36"]

- *Mas bateu a tabinha, Zé, ou não?*

- *Não bateu, só... Ferrim: timentímtim*, responde o Zé.

Falatório, lata de cerveja na mão, quepe militar, Pedro puxando a linha. Um mar de Van Gogh refletindo o colorido das luzes do centro no canal.

[1'22"]

- *Filma o Éder ali, ó. Filma o alemão*. Giro repentino de câmera. Homem amarelo refletindo a luz da passarela. Ponte Hercílio Luz ao fundo, iluminada, iluminando.

[1'37"]

- *Ó Pedro, depois se tu conseguir vir pro claro aqui, Pedroooo... Págravaçãoficámelhó.*

[2'05"]

Um misto de surpresa e excitação nos murmúrios, “*Ó lá, ó. Olha lá, ó!*”. “*Meu deus do céu!*”, se espanta o etnógrafo, “*Mais de vinte quilo*”, complementa, arremata.

[2'24"]

“*Solta o jereré!*”

[2'32]

- *Nosso amigo Matheus, lá dee... De POA: nosso amigo Bin Laden aqui tá **matando** mais uma miraguaia, ô Matheus.*

- *O Obama?*, ouve-se uma voz em algum lugar da penumbra.

- *O Obama Bin Laden*, completa o etnógrafo.

[3'16"]

- *Problema que não dá pá filma lá embaixo, pq tá escuro*, lamenta o etnógrafo. *Não dá pra filma lá embaixo. Vamo volta aqui e esperar eles puxa com o jereré.*

[4'32"]

- *Ó Pedro, quando puxa o peixe pra cima, puxááá debaixo da luz aqui, faz favô*, reforça o etnógrafo.

- *Pode cré*, ouve em resposta.

[5'05"]

O jereré entra na imagem: subiu até a passarela. “*Ó, cosa linda*” ouve-se. “*Na luz, na luz. Cosa linda*”, dirige o etnógrafo. *Zoom* no burriquete deitado de lado no chão de concreto, manso, guelas abrindo e fechando. “*Ó, já tinha um anzol na boca dela*”, aponta um homem. “*Onde? Não*”, discorda um outro, “*Tá ali ó, tá na boca dela*”.

Corta o vídeo

-

Noutro dia, com tempo, sábado de chuva, pouco pra fazer, o cinegrafista, pescador, etnógrafo senta na frente do computador, passa o vídeo da câmera, sem edição, sem corte. Acessa a página do Youtube. No canto superior direito da tela do navegador tem um ícone que remete uma câmera de filmagem **Criar um vídeo ou uma postagem**. Aguarda o upload do material “*Internet lenta do caralho*”. Feito.

.agilidade

robalo é assim

peixe fresco, exigente

camarão?

vivo!

artificial: um ou outro

é mais difícil, tem que ter

experiência e sorte

primeiro

tem que ter o viveiro

baldinho Coamo

FRY “o ouro”

com tampa, ou

sem bomba de

oxigênio

essas de aquário mesmo,

manja? à pilha, não esqueça

segundo

tem que ter camarão

acorda cedo

três da

manhã

entra na água da baía

GELADA!

até a cintura

e tenta a

sorte

tudo pra *ferrar* robalo

criar canal mútuo de agilidades

pq robalo é assim

peixe fresco,

exigente,

domesticador

.peregrino

Rapazote, muito velho não era, tampouco juvenzinho: barba e cabelos cumpridos, enchumaçados em diversos pontos, acobreados pelo sol – como a pele: pequenas e espalhadas tatuagens misteriosas, grossos traços enevoados, opacos – imprecisavam o palpite sobre a condição do relógio biológico de seu corpo no ínterim nascimento/desfecho derradeiro. *Hippie*, vagabundo, *crackeiro*, viciado, mendigo, em situação de rua: a etiqueta varia conforme a sensibilidade estético política do interlocutor. Fato é que habitava junto de seus semelhantes os entrelugares do centro há alguns dias: o bastante para serem percebidos viventes na paisagem, não o suficiente para serem varridos pela vassoura da Guarda Municipal ou acolhidos pela burocrática boa vontade do serviço social. Criou estratégias pra garantir os dias andarilhando o mundo sem se tornar público alvo nem de um, nem do outro.

[

Dançava ao compasso nômade: saco de lona setenta litros nas costas: roupa pouca, malabares, alguma missanga e arame, fotografias, um romance, um mapa Quatro Rodas Estradas do Sul conseguido numa borracharia perto de Uruguaiana, o haxixe que os meganha desperceberam na última batida por mirar a maior parte da atenção nas partes sensíveis do seu corpo, a barraca de acampamento azul e amarela tal qual La Boca, duas mantas encardidas e uns badulaques pra garantir os dias andarilhando o mundo.

]

O banho quem cedia era uma torneira agarrada ao sopé de uma das pilastras da ponte Colombo Salles, avizinhada ao Clube Náutico Francisco Martinelli: chuveiro com vista pro canal e a ponte Hercílio Luz. O tronco caramelo de seu corpo brilhava em reflexo ao sol de março de manhã, enfiava a mão pelo cós da bermuda sufista, lavava o saco, lavava o rego, escorria pelas pernas despeladas o caldo ensaboado carregando a poeira macilenta incorporada no asfalto da av. Beira Mar Norte durante a manhã de malabares no último semáforo sentido centro: dinheiro que bastava pra garantir os dias andarilhando o mundo.

O par de pontes, localização estratégica para si e para os seus, próximo: o centro, próximo: bairro de bacana, próximo: rodoviária, próximo: área de lazer de bacana, próximo: local das atividades remuneradas; promove: abrigo do sol fustigante, promove: abrigo do irascível vento sul, promove: abrigo da chuva desvairada; promove: ponto de encontro entre os da sua performance, promove: água tratada, promove: os riscos da condição de errante, promove: abrigo pra garantir os dias andarilhando o mundo.

Divide morada provisória com um índio azul acorçado na pilastra da Pedro Ivo, com dois camaleões rubros que sobem as paredes e com um fauno saltitante que se lança sobre os limites impostos pelos criadores das

elevações artificiais do destino. Quando tá *na pira* do ácido, fica (o que lhe parece) horas aprendendo com os seres de tinta *spraya* insistência e furtividade pra garantir os dias andarilhando o mundo em carne e osso.

Empilhou entulho sobre duas pedras desprendidas da ponte Colombo Salles e produziu um banco; catou madeira aqui e ali pela orla e produziu uma fogueira; ajuntou seus semelhantes e produziu entretenimento; cozinhou um miojo na panela enegrecida e cheia de crateras como a lua e produziu janta; abriu a garrafa de conhaque Dreher e produziu calor ao corpo na rara noite fria de abril pra garantir os dias andarilhando pelo mundo.

De madrugada, na barraca empesteada com o cheiro de gasolina aquecida que saía da boca do estômago, talvez sonhasse ouvir passos pesados, coturnos militares pisoteando o chão como tambores de uma música de mau agouro. Vozerio e sacolejo, premonição ou meio sono. Chutam suas coisas, esculacham, exigem “*circulando, circulando*”. Não era a primeira vez, não seria a última. Até que um deles se grita exaltado “*ô, caralho!, que porr*”. Com o corpo de bruços no chão, o coturno de um deles no pescoço, pode ver os pés azuis descalços se aproximando do enquadro. Sentiu o peso na nuca afrouxar até ser liberado totalmente do sufoco. Se levantou com algum esforço e mirou a cena, se esforçando pra entender o que acontecia. Ao seu redor não avistou seus opressores: viu apenas o índio azul, de costas, um metro e vinte, bundinha de fora, caminhando em direção à pilastra que ocupava. Ainda conseguia sentir o coração bombeando com violência o sangue pro resto do corpo – a cabeça zunia e não era de ressaca. Sentiu um gosto ferroso e quente na boca e se deu conta de que de seu nariz escorria sangue. Foi caminhando meio zonzon para a torneira da pilastra da ponte e se deu conta da clara noite de lua cheia. Lavou o rosto, o sangue do nariz e da boca que respingava na camiseta encardida violácea. Não tinha certeza ainda se estava acordado, apesar da dor real que latejava em partes específicas de seu corpo. Se deu conta de que estava profundamente exausto, arrastou os passos até a barraca. Tinha curiosidade, mas não teve coragem de verificar se o índio azul permanecia agachado na pilastra da ponte. Sequer queria tentar refletir sobre o que havia acontecido. Fora tudo tão rápido, tão intensamente confuso, que só queria obedecer a vontade do corpo de se enrolar nas mantas puídas e apagar num sono sem sonhos – o que aconteceu assim que sua cabeça pesada encostou o travesseiro improvisado com roupas sujas.

.no baldinho Coamo FRY:

Maria pisa em Alfredo que pisa em Bethânia que sufoca Iolanda que espumando pinça Marcelo que ama Silvério que acaba de ser lançado ao mar como isca pra burriquete. Viver em buraco escuro salobro barrento é bom, é quente, seguro - depende do ponto de vista, da vida interna de cada um. Pra quem é caranguejo do mangue é prato cheio. Comida não falta: nos últimos tempos com gosto de mercúrio, é

verdade; melhor que reintegração de posse pra subir xopim e avenida pra carro, sim senhor. Duro mesmo é acreditar que vai morrer meio queimado, meio afogado em panela de água fervendo, quando na verdade é tratado a pão-de-ló embolorado, arroz e feijão adormecido e macarrão sem molho – sorte grande! – pra, no fim, desenganado, virar isca de peixe. Altos e baixos na vida, sim senhor. Melhor andar de lado que ter esperanças, te digo. Budismo caranguejo. Um mês na casa do Barriga. Ele mesmo foi me tirar da toca, crê? Mãozona dentro do buraco, braço até o sovado, orelha cheia de lama, espumando ele também. *Tlac-tlac!*, tento mostrar quem manda, erro por pouco. Foi tudo rápido demais. Maldito. Iludiu nós tudo. Olha lá a Soraia tentando sair do baldinho, desesperada, coitada. Com sorte volto pra casa dele de novo, comida boa e sono solto. Sonhar é bom: que pessoa como eu possa viver em paz no mangue quente, cheiro de matéria orgânica, placenta de bichos vários, planta a dar com pau, que o que fede pra um, é *eau de toilette* pra outro, que um dia é da caça e o outro também. Antes de pegar no sono penso naqueles que fugiram das garras do Barriga e sinto alívio. Pode me chamar romântico, mas antes a mão dele que a pá carregadeira de uma *Komatsu WA200*. Porque depois do estrago vem o aterro, depois do aterro vem o concreto, a viga de metal, o vidro espelhado, iluminação de natal, a ilusão de segurança, o sonho médio, o crediário, a neve de mentira, o carrinho de supermercado, o papai Noel gigante, o subemprego, o enquadro do negro, a escada rolante, o *CredCard*, o tíquete de estacionamento, o estacionamento, os carros do estacionamento, a casquinha do *McDonald's*, o entregador de aplicativo, o soterramento de todos os meus filhos, de todos os *seus* filhos, o cancelamento da vida.

Antes o baldinho.

.para providências¹³

fl.02

Florianópolis, 08 de outubro de 2014

Assunto: **Perigo à navegação – Pesca sobre o canal de navegação**

[...] tem sido observada intensa atividade de pesca a partir das passarelas das Pontes de acesso à Florianópolis, Pedro Ivo Campos e Colombo Machado Salles, sobre o canal de navegação, configurando risco iminente à segurança da navegação e à salvaguarda da vida humana nas águas.

2. Face o exposto, submeto o assunto à apreciação de Vossa Senhoria, consultando a possibilidade de estabelecimento de “**interdição das referidas passarelas para a pesca sobre o canal de navegação**”, [...] com fulcro no Art. 34 da Lei nº 9603/98 [..]

Respeitosamente,

Capitão de Fragata

Ajudante

fl.11

Florianópolis, 30 de setembro de 2015.

[...] Informo a V.Sa. que a Polícia Militar foi demandada pelo Comando da Capitania dos Portos de Santa Catarina a respeito do risco que a pesca praticada nas passarelas da Ponte Pedro Ivo Campos vem causando à navegação [...]

Ocorre que não há legislação que discipline o assunto e possa legitimar a atuação da Polícia Militar frente às abordagens que fatalmente ocorrerão.

Nesse sentido, solicito à V.Sa., como paliativo, a instalação de “tela” cuja malha impeça o arremesso de qualquer instrumento de pesca, e a colocação de placas nas cabeceiras da passarela e ao longo de toda a sua extensão, no sentido de alertar para a “PROIBIÇÃO DE PESCAR”[...]

Por fim, como solução definitiva, solicita-se que esse órgão proponha à Casa legislativa competente a edição de Lei proibindo a pesca na passarela de pontes onde ocorra a navegação de embarcações, para garantia na segurança à navegação.

Respeitosamente,

Coronel PM Subcomandante-Geral

¹³ Trechos recortados e aqui replicados *ipsis litteris* do Inquérito Civil 1.33.000.002571/2016-58 do Ministério Público Federal de Santa Catarina

fl.13

[...] Em relação ao solicitado, o DEINFRA tem a informar que foram instaladas placas indicativas de Proibido Pescar na entrada da passarela no lado do Continente e na entrada da Passarela no lado da Ilha.

Colocamo-nos permanentemente à disposição.

Atenciosamente,

Presidente do DEINFRA
Florianópolis, 08 de março de 2016.

fl.36

Florianópolis, 19 de setembro de 2016

Assunto: **Perigo à navegação – Pesca sobre o canal de navegação**

[...]

2. Diante do exposto, informamos que não nos opomos à interdição das referidas passarelas, porém, de maneira parcial, considerando o fator cultural de utilizar aquele espaço para a pesca artesanal e esportiva.

3. Assim, pedimos vossa autorização e colaboração para identificar e delimitar um local nessas mesmas passarelas que continue permitindo atividade, no entanto, em espaço reduzido e que não apresente riscos a nenhum dos envolvidos e sem prejudicar o tráfego aquaviário.

[...]

Atenciosamente,

Secretário Municipal da Pesca, Maricultura e Agricultura – **SMPMA**

fl.41

Florianópolis, 26 de maio de 2017.

Assunto: Pesca ilegal nas pontes Pedro Ivo Campos e Colombo Salles

Senhor Procurador,

[...] informo a Vossa Senhoria que não existe Lei Municipal ou Projeto de Lei em tramitação na Câmara Municipal de Florianópolis, até a presente data, sobre a proibição de pesca nas estruturas das pontes.

[...]

Atenciosamente,

Presidente da Câmara Municipal
de Florianópolis

PORTARIA SUDEPE Nº N-8, 11 DE MARÇO DE 1982¹⁴

O SUPERINTENDENTE DA SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA PESCA – SUDEPE [...]Resolve:

Art. 1º Proibir a pesca com qualquer equipamento, da Ponte “Colombo Machado Salles” em Florianópolis /SC, no trecho que cobre seu vão central, face dos perigos que promove à navegação de embarcações comerciais e de recreio que por ali transitam.

[...]

Superintendente

DOU 19/03/1982

fl.65

Por fim, considerando a natureza dos fatos que são objetos deste IC, o longo tempo em que tais fatos vêm ocorrendo e, especialmente, diante das circunstâncias em que vivemos atualmente, no mundo e no Brasil, marcadas pelas limitações sociais e econômicas impostas pelas adoções de medidas de combate à pandemia da CoVid-19, esclareço que **não há urgência** no cumprimento deste despacho.

Florianópolis, 29 de abril de 2020.

[Assinado Eletronicamente]

Procurador da República

.o “alemão”:

o alemão não nasceu nem morou o alemão nem nunca colocou os pés na
alemanha ele é o alemão pq tem aquele sobrenome esquisito e difícil de escrever
ele veio mesmo do oeste de santa catarina

e foi o alemão que apresentou pra mim a passarela da ponte pedro ivo

na moradia estudantil o alemão era querido por muita gente
militante por acaso se meteu com política estudantil pq era voluntarioso o
alemão ele queria ajudar pau pra toda obra não durou no ramo

quando vc virava amigo do alemão vc podia ter certeza de uma coisa o alemão não vai te deixar na

¹⁴ Referida portaria é apenas citada no IC. Os trechos aqui replicados foram copiados *ipsis litteris* diretamente da própria portaria.

[mão

teve aquela vez que ele me viu chorando e chorou junto o alemão te juro
sabe ter empatia o alemão pq ele é assim quando vira amigo

virava noites em claro o alemão na salinha de estudos da moradia
estudantil curso difícil da porra moedor de carne
e de sonhos

cálculo um

cálculo dois

pré cálculo

nem sei até que cálculo ia daí depois tinha

mecânica dos fluídos

não entendo nada disso de limite e encontrar a

integral e pq tem gente que quer fazer isso

mas antes de se meter com álgebra linear e física o alemão calculava a conta
dos fregueses

era garçom o alemão quando veio morar em

Florianópolis no continente no morro da caixa

no campo vida complicada pra ele parecia pq uma vez o

alemão quando a gente voltava do futebol nas quadrinhas da

UFSC

narrou lembrança criança pequeno alemãozinho galocha cachoeira de caldo marrom escorria no

[chiqueiro

lavagem dos porcos e de repente parou o alemão

“parar de falar de coisa triste”

não gostava de falar dessas coisas o alemão ficava triste taciturno emocionado

daí veio pra Florianópolis queria se meter com cálculo e essas
coisas o alemão era brilhante
esforço não media pq
quando chegou e foi morar no morro da caixa
estudava em cursinho de dia trabalhava como garçom à noite simpático e educado o alemão
vai bem como garçom ágil também e habilidoso
o alemão é talentoso

um dia roubaram o celular do alemão ele foi ter com o patrão da
boca no morro da caixa é assim
daí acharam o celular dele e o ladrão vai saber

e não é que o alemão conseguiu entrar na
universidade é dessa geração
que nem a minha
PT Dilma Lula painho pai dos pobres educação pra todos não foi fácil

“várias treta na cabeça”

falava sempre o magreza e tava certo ele

mas pq vc tá falando tudo isso pq vc tá contando essas coisas vc deve já tá
pensando pq eu tava lembrando esses dias
que foi o alemão que me levou pra conhecer a passarela pedro ivo
era sábado à tardinha ou era domingo nada pra fazer tédio na moradia

“pega bicicleta,

revolta” disse o alemão e a gente foi pedalando até a passarela e eu achei o máximo aquela vista inusitada
e o alemão contou a história dele lá pra mim
morro da caixa garçom cursinho
andava ia a
pé voltava

a pé todo

dia

toda noite

pela

passarela

“é bem perto do centro”

disse ele pagava barato no quartinho ajudou a entrar na

universidade a passarela

pobre é estrategista

eu nunca vi o alemão passar por ali a pé

eu nunca mais voltei na passarela com o alemão

mas é muito fácil

pra mim

imaginar o alemão roupa social jaqueta no frio lúgubre luz amarela pele idem

passando na passarela no passado do morro da caixa

do sonho ingrato

gastando a sola do sapato social puído ponta quadrada

{

hoje

vinte e nove de agosto de dois mil e vinte

a passarela tá fechada pra pedestre ciclista pescador pixador antropólogo aposentado

suicida pra linhas riscadas no chão por corpos que se deslocam

carregados de histórias

como a do alemão de gente que cruza a vida na passagem da paisagem

continente ilha continente ilha

sonho decepção sonho decepção decepção decepção

quem

como o alemão um dia

vive no morro da caixa

que ande um quilômetro a mais pra chegar no centro da ilha da magia hercílio luz

que visual tira selfie tira

que se esforce um pouquinho mais que que

custa já come mal

já dorme mal

já estuda mal

já mora mal

que mal que faz que diferença que faz um quilômetro pra ir um quilômetro pra

voltar cinco seis sete dias por semana estômago semivazio

chuva com vento sul frio do inverno catarina duas calça duas meia duas camisa duas blusa duas toca

[se tiver

deus recompensa o sofrimento em dobro doze vezes no crediário

povo trabalhador povo guerreiro

que nem o alemão

}

.desintegração e posse:

***DAQUI SEU MAR VAI SER
MAIS PANORÂMICO***

ed. A.COELHO

E Você vai morar com todas as comodidades do Centro. Com a vista da majestosa Baía Sul – no coração da nova Florianópolis.

São 12 andares, com cinco (5) tipos de apartamentos

para cada gosto ou preferência.

Dois velozes elevadores automáticos prestando no

dia o melhor serviço.

O acabamento, este é de primeiríssima.

Venha conversar conosco sobre o tipo que lhe interessa e o plano de financiamento que lhe convier.

Nosso plantão atende diariamente, incluindo

sábados e domingos.

**STAND
DE VENDAS**

const. e imobiliária COELHO

*“Visando ser aquinhado com um espaço
na nova área que estava surgindo, o padre*

Francisco de Salles Bianchini

se adiantava

considerando a catedral ‘pequena e antiquada’”

“a unanimidade dos **Srs. Vereadores** é contrária à comercialização da área, achando que o
acrescido de marinha deverá ser ocupado exclusivamente por pistas de rolamento e áreas
verdes, a exemplo do aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro”

o engenheiro

ERNANI SANTA RITA

presidente da

COMISSÃO FISCALIZADORA

do projeto do aterro da Baía Sul

admitiu [...] que os 25 mil metros quadrados que serão destinados à comercialização do local
coexistirão

com áreas destinadas especificamente ao lazer.

informou que a utilização do aterro está sendo cuidada

com a máxima cautela

de forma a torná-lo,

além de eficiente,

agradável

e humano

**SECRETARIA DE TRANSPORTES E OBRAS
COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO DO PROJETO DE
URBANIZAÇÃO DO ATERRO**

O PRESIDENTE DA COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO DO PROJETO DE
URBANIZAÇÃO DO ATERRO, arquiteto *Wilson Luiz Pereira*

DEFINE:

a operação realizada por mais de um ano pela draga Sergipe – que incorporou à ilha uma
área de 45 mil metros quadrados – como uma verdadeira *cirurgia plástica na paisagem da capital.*

(SANTOS, 1996)

.no carrinho de mão:

carregavam:

BURRIQUETE – 45kg, 1,20m, dorso marrom acinzentado, noite de lua cheia, *taubinha* bateu forte;

PESCADA AMARELA – 14kg, 80cm, uma das melhores brigas, dorso amarelo-prateado;

BAGRE – 15kg, 90cm, rendeu ensopado pra uma dúzia no feriado de Nossa Senhora;

MERO – 80kg, 1,5m, antes de ser proibido, não tinha máquina de foto, acredite se quiser;

CORVINA – 6kg, 70cm, bem azuladinha;

ROBALO – 90cm, 20kg, clarinho, clarinho com a linha lateral bem acentuada, que briga!

hoje em dia ninguém leva mais o carrinho de mão pra passarela, não tem mais necessidade, os peixe diminuíro em tamanho e quantidade, os antigo vinha de carrinho de mão, mas a pesca de arrasto em alto mar acabaro com tudo, agora é só passa tempo, só diversão, a gente ouve as história, os mais antigo conta, até mero ferravam aqui, antes de ser proibido, antes de acabarem com tudo, um ou outro burriquete, vinte, vinte e cinco quilo, no máximo, o cara já comemora, já fica feliz da vida, antigamente era de quase metro, quarenta quilo era comum, mas a pesca de arrasto... depois falam que é a gente, isso aqui não é nada, querem colocar tudo no mesmo saco, outro dia deram multa pro Barriga, quarenta pau, dois burriquete, de onde o Barriga vai tirar dinheiro pra pagar? não tem, diz ele, não vai pagar, e continua vindo, vai tirar isso do homem? pesca aqui faz mais de trinta ano já, ele é dessa época, dos carrinho de mão, já viu coisa o Barriga, agora é isso aqui: uns bagre, umas corvina e o cara já vai pra casa feliz, leva um pexinho pra patroa, limpa, tempera, limão, sal, põe na brasa, faz a festa

.palimpsesto da gentrificação

desde 1955 andando por essas bandas, antes tinha nada disso que tem aqui, antes do aterro, aterro acabou com tudo, nascido e criado nas margens da avenida Mauro Ramos onde hoje tem a Universal, subia a rua professor Anacleto Damiani, quase no comecinho da avenida Hercílio Luz, descia ali, estudava no Instituto, aqui a gente remava, a água ia dar ali na porta do Mercado Municipal, ainda tem o Clube de Remo Martinelli, a gente ia na Prainha, trabalhava desde moleque, não tinha isso de ficar

máscara no rosto negro, cobria a boca, nariz, barba rala mista preto e branco: era lei,

a jaqueta preta acetinada do

DEINFRA

SEGURANÇA DO TRABALHO

nas costas bordado de branco

tinha o estádio do Figueira ali na Beira Mar, na frente de onde hoje é o shopping, não tem?

aterro

de moleque a gente pegava uns trocado, comprava bala, água, cerveja, doze, treze, catorze anos e ia vender em dia de jogo, fazia já o dinheirinho, ajudava em casa, comprava as coisa, hoje querem nada com nada, violência, cresceu demais a ilha, muita gente, foi ter greve no último ano da faculdade, hoje qualquer coisa

ao seu lado: uniforme cinza, faixa furta-cor reflexiva expulsa

mosca expulsa

acidente

máscara preta, escudo do Santos Futebol Clube, negro como o outro, ria por trás do pano breu muralha viral

a cada hipérbole do companheiro

pescava, trazia uns peixinho pra casa, tinha barco, acabou tudo isso aqui, saía da escola, batia uma bola ali no campinho,

aterro

escola de samba, bloquinho desfilava tudo, entrei como ajudante de mecânico, fui estudando, fazendo curso, tem que

gelado vento sul, a babá, jaleco branco bordado colorido jardim de infância cabelo branco pele caramelo carrinho preto prata [me dá um lá menor] caaaaro de nenê branco colostro, parque da Luz de frente pra cabeceira da ponte Hercílio [Luz também], tarde final bonito luz do sol assim, meio rosa, meio ouro, meio Monet

meia dúzia de policiais

Schwarzenegger

glock

Stallone

ak-47

Norris

algemas

Laudgren

ar-15

Satham

cacetete

Diesel

espargidor de pimenta

pra dentro de um dos dois SUVs policiais foi metido um velho, magricelas, não tinha almoçado ainda, uma barra forte, bicicleta, corrente enferrujada e caída no porta-malas, levado deus sabe pra onde, “*covardia*” se atreveu a babá, “*com os grandão eles não se metem*”, me cochichou

não, não moro mais na Mauro Ramos, apartamento no Aririú,

Palhoça, casei, filhos, tem que fazer a vida

.agilidade (2):

Essa foi por pouco. Cheguei a sentir a pontada na bochecha. Por sorte sou forte, ágil e jovem. Foi só inflar com tudo a bexiga natatória, contorcer o corpo e bater o rabo com força pra conseguir fugir com o camarão

na boca sem ter que contar com a sorte. Preciso parar de me arriscar desse jeito, ser mais atenta. Não sobrevivi a cinco *arrastões* pra morrer de *chupão*. Cinco!, você sabe o que é isso? A maioria dos meus irmãos, parentes e companheiros são *arrastados* de primeira. Não que eu esteja me gabando. É bem triste perder milhares de uma vez só. Bagres, corvinas, pescadas amarelas e até os ágeis robalos, que se dão bem também mais pra perto do ar. Contam que antigamente não era assim. Que os *arrastões* existem desde muito, mas que não eram tão avassaladores como ultimamente, principalmente no mar aberto. Por isso eu gosto de vim pra baía, é mais tranquilo, menos perigoso, quentinho, lama boa, água docinha. Com menos interferência do lado de lá, do mundo subaéreo. Além disso, tem bastante comida na lama, perto de onde vem água doce de rio, que é onde a gente gosta de ficar mais. É siri, é camarão, é peixe pequeno. Baía, estuário, bacia, mangue: lugares bons pra ter filho e crescer em relativa paz. Contam ainda que eram normais os burriquetes enormes, fortes, capazes de colocar no mundo muitos burriquetes mais. Mas os *arrastões* foram levando os maiores de nós junto com os mais novos. Hoje é muito difícil ter filhos, não tá fácil pros burriquetes, nem pros nossos primos corvinas. Primeiro que nossos corpos são pequenos e não dão conta de ter tantos filhos quanto as grandes matriarcas. E mesmo a nossa parca ninhada é arrastada quando crescem um pouquinho dependendo de onde a gente desova. Poucos conseguem, como eu, se safar. E quando conseguem, tem que brigar pela caça, que tá escassa também, diga-se de passagem. Peixes menores são disputados a caudadas. Camarões e berbigões estão cada vez mais raros, parece que tem alguma coisa a ver com os monstros de pedra que reviram a lama e tocam pedregulhos n'água. Isso vai destruindo a casa da minha comida. As longas viagens são penosas por conta disso. Quando começa a ficar muito frio nas redondezas onde nascemos e gostamos de ter nossos filhos, vamos seguindo as correntezas mais quentes. Passamos por poucas e boas até encontrar lugar agradável – isso também tá bem difícil. Tem burriquete dizendo que a água tá ficando com um gosto diferente. Misturado com o doce e o salgado agradável, tem um gosto de ferro que passa pela boca. E tem burriquete que também tá sentindo que não faz mais frio como antigamente, que logo não vamos precisar viajar tanto. “*Seria bom*”, alguns dizem. De minha parte até gosto de viajar, como gosto desses camarões e caranguejos, principalmente quando estão assim, fácil de abocanhar. É claro que tem o risco de ser *chupado* pra cima. É uma coisa estranha, a gente quase nunca sabe *exatamente* quando vai ser *chupado*. Só sabe que tem camarão, tem caranguejo que tá ali, fácil, fácil, a meio metro da lama, dançando pra lá e dançando pra cá, com cara de lesado. E quando você abocanha *créc* e depois *zoom*, sente a picada na bochecha e começa a ser *chupado*. Quando você mais se debate, mais dor, mais desorientado, e o *chupão* vai te carregando até que

você não aguenta mais de dor, de pavor, de espanto e vai ficando mais forte a *chupada* e quando você vê... Eu já

vi, eu já presenciei. E eu já conheci um burriquete que depois do *créc* conseguiu se livrar. É verdade! E ele ficou com uma coisa esquisita na bochecha, uma marca prateada, era estranho, era pavoroso. É diferente da violência quase inescapável do *arrasto*, é verdade. O *arrasto* leva os grandes, os pequenos, os médios, não escolhe tamanho

– se já falei sobre isso, me desculpem por ser repetitiva. Além de haver uma deliciosa refeição de oferenda, existe a possibilidade de lograr, dar a volta e sair com dupla satisfação: a barriga cheia e a prazerosa sensação do risco contornado. É um jogo de perde-ganha bem perigoso, preferível ao jogo de perde-perde dos arrastos. Temos a nosso favor o raciocínio rápido, a destreza corporal, a familiaridade com o ambiente. Isso não é pouca coisa.

.simulação

PROIBIDO PESCAR

Art. -34 – LEI N° 9.605/98

Pena – detenção de um

ano a três anos ou multa

.bagre (2):

TUDOGOSTOSO

Avalie essa receita ********

BAGRE ENSOPADO

TIO SAM membro desde 2010

INGREDIENTES

- 2,5kg de bagre limpo em postas
- 5 batatas grandes fatiadas grossas
- 5 dentes grandes de alho amassados
- 2 cebolas grandes picadas
- 3 tomates grandes picados sem casca e sementes
- Sal a gosto
- Caldo de limão galego a gosto
- Colorau a gosto
- Salsa e coentro a gosto

- 1 xícara e 1/2 de azeite extra virgem
- 2 colheres de sopa de azeite de dendê
- 1 litro de água quente
- Pimenta a gosto

MODO DE PREPARO

- 1 Retire as barbatanas do bagre fazendo um corte fundo nas laterais das nadadeiras
- 2 Puxe as nadadeiras de trás para frente para tirar as espinhas internas
- 3 Lave bem o peixe e tempere com sal e limão e deixe descansar
- 4 Coloque o azeite para esquentar em uma panela grande (de barro, se preferir)
- 5 Refogue o alho, o colorau, a cebola, o tomate, o dendê, a pimenta.
- 6 Junte as batatas e deixe refogar um pouco.
- 7 Adicione a água quente e deixe ferver até as batatas ficarem cozidas
- 8 Adicione as postas do peixe arrumando-as por baixo das batatas e deixe ferver um pouco e confira o sal.
- 9 Depois de colocado o peixe não mexa até cozinhar.
- 10 Se precisar, adicione água quente aos poucos.
- 11 Quando as batatas estiverem cozidas, desligue o fogo.
- 12 Servir na própria panela para não desmanchar o peixe.
- 13 Acompanha: arroz branco, pirão de peixe, batata frita e salada.

.vista parcial-fractal do canal:

Florianópolis nublado vento sul

(Florianópolis é daqui de cima? é daqui de dentro? é dali de baixo? é dali de fora? é submersa nas águas da baía?)

em física: a imagem que você vê não é da paisagem; você vê a luz ricocheteada da paisagem que atravessa o vidro da janela, do para-brisas, da viseira;

em biofísica: não há sequer cores: são frequências de fótons recompiladas pelo seu cérebro;

em antropologia: sujeitos híbridos, percepções diversas;

homens negros, *poltronas 09 e 21*, ônibus da **Viação Catarinense**, São Paulo -

Florianópolis

calça jeans, camisa polo listrada colorida com número incógnito, boné, chinelo de dedo um, tênis nike comprado dum mostruário que era uma lona azul no chão do Brás outro, tantos dias na estrada fica difícil contar, tantas fronteiras cruzadas fica difícil contar, visto no passaporte – em suma: *refugiado* – o da *poltrona 09*, seguindo o fluxo do avô, do pai, dos oito tios o da *poltrona 21*, “*tá chegando, tá?*” tá sim, passa a ponte Pedro Ivo Campos e do vidro da janela à esquerda a ponte Hercílio Luz e embaixo aquela água marrom acinzentada agitada e à frente o destino final o desaforo o fim (ou o recomeço?) da linha

pós-adolescente, moto CG 125 2012, motor refeito, escapamento esportivo roncando agudo

acoplado ao guidão à sua frente o navegador e o empregador, **iPhone** e **iFood**, Rua Capitão Euclides de Castro, R\$ 8,27 a corrida e só, sem qualquer garantia de manutenção dos vencimentos se acaso quebra algum osso costurando os corredores pela Colombo Machado Salles *bibibibibibibibi* tantas vezes costurada naquele dia fica difícil contar, vento sul, mão e unhas encardidas geladas atenção multiplicada, retesa os músculos, já dói as costas, já sente o nariz escorrendo, pela viseira do capacete só vê obstáculos entre a entrega e cliente ansioso por seu Big Mac com batata e refrigerante tamanho gigante

mulher branca, SUV branco (mais um entre tantos), cadeirinha de bebê desocupada não ficasse os trinta minutos conversando com a professora de pilates evitaria o trânsito do pico da noite ilha-continente sobre a ponte Colombo Salles – tudo parado na frente, tudo parado atrás via do retrovisor em que pendia um filtro dos sonhos, **Alok** no alto falante “*All the fears will fade away / If you get to hear me now*”, ar condicionado no 26°C – gosta do calor -, calça larga e leve preta, regata branca por debaixo da cachemira bege, cabelos loiros amarrados em um rabo de cavalo alto, nuca loira a mostra com suas pintas vermelhas, o cordão de ouro com pingente brilhando BRUNA, tinha ainda que passar no **Hippo** de Coqueiros, olhou no relógio quinze para as dezoito ainda, parecia mais: o vidro escurecido do SUV branco transmitia a impressão de que o céu lá fora estava de um cinza chumbo *assustador*

adolescente negra, letreiro luminoso **JARDIM ZANELATTO** do ônibus Marcopolo azul de pé no corredor sacolejando e atravessando a Pedro Ivo, cansaço no rosto, fone nos ouvidos – *o que escuta?* – mochila nas costas, livros e cadernos sacolejando nos braços sacolejando

pra lá

e

pra cá

Dom Casmurro, Machado de Assis

Olhos d'água, Conceição Evaristo

O cortiço, Aloísio de Azevedo

da janela assiste o trânsito do outro lado, na outra ponte, e sente alívio por fazer o fluxo contrário apesar das pernas cansadas, sente alívio por saber que não haverá mais trânsito quando sair do cursinho comunitário às vinte e duas horas e tomar o latão que leva ela todo dia de volta ao Jardim Zanelatto, rostos conhecidos e cansados, sente alívio e sente receio por ser movida pelo sonho-ideal de entrar na universidade pública – curso: jornalismo – e sente alívio por poder se dedicar exclusivamente a isso: “*estuda, meu bem, não se preocupa com o resto*” repetia a avó entrelugar de alívio
pra quem tá entrando
pra quem tá saindo
de cima, de dentro
se olha sobremaneira adiante
ao redor
o vento, o frio
a maré, a lua
enchente, vazante,
a chuva, o sol
a maresia, a água, as gaivotas, o burriquete de 25kg ferrado e puxado pelo Fernando
os *emsituaçãoderrua*, os *artistaderrua*, as caravelas,
todo o *resto*
tá lá fora
aqui dentro, aqui em cima: o medo, o sonho, a rotina, a revolta, a esperança, a repetição, a
diferença
[sobretudo a diferença]
segunda-feira, quinta-feira, final de semana,
dia, tarde, noite, madrugada
lua cheia, lua nova e a crescente
a passagem, é só passagem, rolagem,
tudo passa pelo tecido da paisagem.
Tudo, menos

.água

nada contra
quem nada contra
quem nada conta
ou vê ou sente ou pouco sabe sobre
o mar de eventos que propiciamos ser

é clichê eu sei dizer que o nome do planeta é terra
quando é a água que te dá a cor a olho nu de longe vê azul

senti o *dejá vu* em deixar fluir em nós o rio que desagua em baía bacia
mar oceano tem fim tem cabimento dizer que tem vida que começa
aqui

é só olhar e ver de perto perceber do minúsculo pra
você ao enorme que te faz tremer a espinha da pessoa
gela ao reconhecer que a nossa fluidez diz tanto mais do que pode conceber

tentar traçar a linha que diz *aqui começa o ciclo* eu rio a gente chuva nós doces ou salgadas
salobra mangue sangue na nascente que já morreu e ainda assim fluindo *Roundup®*
contaminada entrei pelo cano saímos pela bica entrei pela boca
vazamos pelos poros molhamos a camisa lavada a
mão pelas mãos da benzedeira escorremos pelo ralo
descemos a ladeira a céu aberto esgotada ao Sol do meio dia e vapor
viramos nuvem cabelo alvo desenho móvel aos olhos da criança tornei cinza chumbo
pesei trovão caí pesada intoxicada nem sei quem somos de onde viemos pra onde vamos baía caímos
parte de novo de tudo isso daqui que vai pra lá e vai pra cá nadando o peixe
a baleia o sapo o camarão o tubarão o cação na lama a desova carregamos tudo
pra lá

pra
cá

plâncton alga micro plástico material particulado em
suspensão carregando tudo pedra mercúrio ferro de demolição

com a lua relacionamento antigo que traio com o vento vadio que me sopra ao pé do

ouvido pra lá

pra cá

não sou eu quem vou entregar
assim de mão beijada os segredos que escondo
porque não tem segredo só verdades
superficiais
que é preciso sentir conviver estabelecer numa
relação de intimidade familiaridade
consanguinidade
veias partilhadas com fluxos de água que

vem de longe na sua opinião mas que na
verdade
é sem separação
divisão

sim e não
você ou eu ou o berbigão

[início da intersecção entre este e o próximo trecho/

.depois do vento sul:

[início da intersecção entre este e o próximo trecho/

Tive um sonho essa noite. Um sonho qu'eu não consigo lembrar dele inteiro. Tipo aqueles sonho todo bagunçado, recortado e bagunçado, *não tem?* Como se cada parte dele fosse uma pedra de dominó *e coisa*, e ele inteiro as pedra tudo junto, e que daí vai misturando. Acho que é porque eu tava ansioso pra que hoje chegasse logo, e daí só fiz ter sonho agitado. E quando o sonho é agitado eu sempre lembro deles no dia seguinte como se fosse essas pedra de dominó bagunçada *e coisa*. Tipo, eu lembro de umas parte mais do que de outras. Como que nem naquela parte que eu tava puxando, puxando, puxando a linha e parecia que não acabava nunca, e eu puxando, e fazendo força, força pra caralho, e puxando e chamando o Joel pra me ajudar porque tava foda, e nada do *bocó* vir me ajudar. Ele nem tava tão longe, mas eu chamava e parecia que ele não ouvia, na real. Foi aí que eu percebi que na real eu falava mas a minha voz não saia da boca. *Era uma sensação ruim do caralho, querer falar, querer gritar e a voz não sair de jeito nenhum*. E o pior era que eu tava fazendo um esforço filho da puta com aquela linha na mão, que já tava vergando os dedo, *não tem?* Depois eu nem lembro se cheguei a puxar a linha inteira, se tinha qualquer coisa ali. Esses sonho embaralhado são uma bosta de lembrar. Tu lembra de algumas cena como se tivesse mesmo vivido aquilo que tu sonhou, mas não parece que as coisa se encaixa. É como se uma coisa não seguisse com a outra como na vida real, *não tem?* É estranho. Mas igual, acho que sonhei essas coisas porque tava ansioso pra hoje, pra vim pra cá pra ponte. Parte dos caras já 'tavam aqui desde ontem de tarde. O Joel disse que chegou só de noite, porque teve que ficar esperando chegar o cara do turno da noite, que rende ele no posto. Daí então o Joel não pôde chegar antes com o resto dos caras. E ele tinha ficado puto, puto, porque antes dele chegar, já tinham pegado uns dois burriquetes dos graúdo, grandão, e a carne que os caras assaram já tava toda seca, fria e sebosa. Pelo menos a *béra* tava gelada, porque o Angenor tinha ganhado de aniversário de 65 anos do filho dele um cooler pra trazer a cerveja aqui pra ponte sem ela esquentar tão rápido, *não tem?* Então tirando a carne sebosa, o Joel não tinha muito do que reclamar, não. Menos ainda porque logo que ele chegou e

arremessou a isca¹⁵, já conseguiu ligeiro pegar um burriquete¹⁶. O Cláudio disse que não deu nem meia hora. Porra, se eu já tava ansioso antes, agora mesmo, sabendo que o mar tava bom, daí mesmo é que eu fiquei loco. O [vento] nordeste tava fraquinho, fraquinho. Nem demorei muito pra pegar a isca. Tava tão ansioso que nem prestei ‘tenção e o caranguejo pinçou meu dedo, o filho da puta¹⁷. Já peguei ele mesmo e meti no anzol. É foda, mas desde moleque quando eu ia pescar c’o tio, eu nunca tive dó de pescar peixe. Na real eu gostava pra caralho. *Matar* e limpar o peixe pra já meter na brasa *e coisa*. Nunca tive frescura com isso não. Mas o que eu não gostava e ainda não gosto de fazer, é espetar isca no anzol. Sei lá por que disse, *feio*. Não fico falando muito disso pros outros, não. E não é só caranguejo vivo assim, não. Até quando a gente ia nos rio e pescava de minhoca eu tinha dó de meter o bicho no anzol. Sei lá, parece que é meio foda ser isca, *não tem?* Tipo, ser espetado num anzol, ser jogado na água e daí o peixe ir lá e te come *e coisa*. Sei lá, parece que o peixe tem mais chance do que a isca. Daí se o peixe é ligeiro, ele tem mais chance, mas a isca tá fodida de todo o jeito. Até esse filho da puta que pinçou meu dedo eu tive dó de espetar o anzol nele. Mas não tem jeito. É isso que pega os burriquetes aqui na ponte. Além do mais não tenho tanta pena assim, mas só um treco que me faz lembrar dessa parada que eu tenho desde moleque, quando ia pescar com o tio. Então eu mandei os caranguejin’ pra água. Eu tava terminando de armar as *taubinha* e passar as linha nos *ferrinho*, quando o Angenor¹⁸ chamou os caras pra ajudar a puxar um que ele tinha

¹⁵ Um caranguejo resignado pinçado de um baldinho Coamo FRY.

¹⁶ O burriquete em questão não tivera um dia de grande sorte: quase fisgado uma vez, ganhou confiança e, apostando alto, não escapou da segunda investida contra o caranguejo-isca arremessado por Angenor.

¹⁷ *Iolanda* era o nome do caranguejo.

¹⁸ Angenor está aposentado há pouco mais de dois anos. Se aposentou como porteiro de prédio. Trabalhou por trinta anos em um condomínio no centro da cidade. Pele negra, num tom acanelado, cabelos grisalhos, muito curtos. Um nariz pequeno e escuro, que chamava atenção e era motivo de piada entre os chegados. Curiosamente, Angenor foi descobrir seu nome batismo quando foi se aposentar. Para dar entrada na aposentadoria, o INSS exige a seguinte documentação:

- 1) documento de identificação válido e oficial com foto;
- 2) número do CPF;
- 3) carteira(s) de trabalho, carnês de contribuição e outros documentos que comprovem pagamentos ao INSS;
- 4) certidão de nascimento ou, se casado ou divorciado, certidão de casamento ou divórcio.

Acontece que, solteiro desde sempre – vivia em união estável com a dona Zica há mais de vinte anos, mas nunca oficializaram a união –, já não fazia ideia de onde estava a sua certidão de nascimento. O pequeno cartório do Ribeirão da Ilha, local onde houvera sido registrado seu nascimento, já não existia mais no mesmo local. Para complicar a situação, o antigo prédio que era ocupado pelo cartório pegara fogo – motivo da mudança. Foi então preciso resgatar o registro de nascimento do Angenor no arquivo do antigo cartório, que havia salvado alguma coisa do incêndio. Lhe pediram para que aguardasse dez dias úteis, que assim que encontrassem o livro do registros – se o encontrassem –, entrariam em contato. Passaram-se oito dias quando o telefone da casa do Angenor tocou:

- Pronto!.
- Alô, boa tarde. Poderia falar com o senhor Angenor?
- É ele mesmo. E é A-GE-NOR, meu filho.

acabado de *ferrar*. Quando eu vi, já tinha dois cara na linha, ajudando o velho, que já tava *meia nau*. O Joel puxando o peixe, e um outro cara que parou a bicicleta e tava ali manjando a gente pescar, com um papo que trabalhava na universidade, fazia pesquisa ali na ponte e tirando foto. Pra tudo hoje em dia a *raça* quer bate foto. Direto para uma *raça* aí de magrela pra bate foto dos peixe que a gente pega. Já tem uns e outro aí que passa até xingando. Dia desses tinha uns cara passando rapidão de bici, tudo com aquelas roupinha colorida *não tem?* Eram vários. Um deles se enroscou na linha tudo, saiu xingando, falando que era proibido pescar ali, o *tanso*. Porra, *feio*. Precisava passar tão rápido? Viu que a gente tava ali pescando... Era só ir mais na *manha*. Se tivesse na *manha* não tinha enroscado na linha. Difícil engolir uns cara assim. Mas também tem gente que é de boa. Passa fazendo barulho com aquelas buzininhas e *coisa*. Dando boa noite. Têm uns que enchem o saco, mas têm outros que são de boa. É como sempre digo: educação é tudo. E além do mais esse *migué* de ser proibido pescar na ponte, nem é pra eles passarem rapidão daquele jeito. É por causa dos barco que passa ali embaixo da ponte. Mas isso é só ali no vão central, tá ligado? Embarcação é só no vão central, *feio*. A gente que sabe não arremessa no vão central. É um ou outro de fora, que não tá ligado, e a gente já orienta, *não tem?* Além do mais, esses cara das bike nem devia passar rapidão assim, porque aqui passa gente a pé também, criança, velho. A gente aqui que pesca nem atrapalha. Fica aqui parado, na *manha*, deixa as coisa no canto pra não virar *pega ratão, não tem?* Só quando alguém *ferra* algum peixe que daí fica mais movimentado, mais bagunçado. É gente pra lá e pra cá, um

- Então, é justamente sobre isso o assunto que temos para tratar com o senhor. Poderia vir aqui no cartório amanhã, no horário de funcionamento, das 10h às 17h?

No dia seguinte, o atendente do cartório lhe explicou pessoalmente:

- Então, seu... Agenor, acontece que houve um equívoco. O senhor foi registrado como Angenor, e não Agenor. A certidão está correta, com o nome que o senhor está acostumado a ser chamado, mas o registro no livro, que é o que realmente vale, está como Angenor.

- Jesus! Mas homem, como isso? O funcionário errou o nome na hora de registrar?

- Acho difícil, seu... Agenor. O procedimento sempre foi de que o nome de registro fosse preenchido pelo pai ou pela mãe quando vinham no cartório, e o escrivão o copiava no livro de registro. Provavelmente, a pessoa que registrou o senhor, escreveu o nome errado. E depois, a certidão de nascimento foi emitida sem a letra “N” – aí sim um erro do funcionário do cartório, que provavelmente era habituado com o nome mais comum, que é realmente sem o “N”.

- Meu Deus do céu...

- Pois é seu... Agenor. Quer dizer, Angenor. Sinto muito pela confusão. O senhor pode solicitar a mudança do nome, retirando o “N” do registro e adotando oficialmente o nome que o senhor sempre utilizou e que está em todos os demais documentos. Mas já adianto que esse processo demora uns meses ou até...

- Não, não, não! Não vou esperar esse tempo todo mais pra me aposentar não. Já deu! Fica Angenor mesmo. Quer saber? Acho até mais bonito! Vai ser um segundo batismo, depois de velho.

Desfeita a confusão pretérita a da qual Angenor não teve parte, alguns o chamam de Angenor – principalmente quem o conheceu depois desse segundo batismo, como ele costuma chamar. Os amigos mais antigos chamam ele de Agenor, pelo costume. E pra não ter erro, basta chamá-lo pelo sobrenome, como sempre fizeram no prédio em que ele trabalhou por trinta anos: Oliveira.

ajudando a puxar, outro pegando o *jereré*, outro amarrando uma pedra no *jereré*. Ficam os cara tudo pra lá e pra cá. Tipo agora que o velho fisgou um, que parecia ser grande. Quando eu tava indo pra lá pra ver se precisava que eu fizesse alguma coisa, ouvi a *tabuinha* batendo. E pela batida, já manjei que tinha *ferrado* um dos grandes. Saí correndo pra começar a puxar. Porra, tinha sido rapidão também. Naquele dia ia ter peixe pra porra. Devia ter cardume mariscando ali embaixo nas pilastra, *não tem?* Comecei a puxar a linha. Tava pesado pra porra. E foda que tava começando a enchente e a maré já tava levando as linha pra debaixo da ponte, *não tem?* Nem com toda *chumbada* tava segurando o *chicote* lá embaixo. Dava pra pescar e depois descer o *jereré* pra subir o peixe, mas tava difícil de acertar o *jereré* no peixe, *não tem?* Talvez era isso que tava deixando mais difícil de puxar o peixe. Mas como eu tava acelerado, nem senti direito. Só fiquei puxando. Depois de uns dez minuto de briga com o bicho, tava ele lá boiando na superfície da água... Foda demais, cara... Só que *feio*, não era um burriquete: **era dois!** Feio, *dois burriquete numa puxada só*. Nunca isso tinha acontecido comigo. Se os cara não ‘tivesse tudo ali, ninguém ia acreditar em mim. Mas quando eu vi melhor, vi que não era os dois que ‘tavam na minha linha: era um na minha linha, e outro na linha do Joel. Um dos dois deve ter enroscado um no outro, sei lá. Chamei o Joel pra me ajudar a puxar. Diferente do meu sonho, vieram ele e o cara da bicicleta. Depois veio o Angenor e outro cara que também tinha parado a bici. Ia ser foda subir os dois num *jereré* só. Não ia caber. Os bicho era grande mesmo. E eles não ia ficar tão perto assim um do outro. Depois que a gente termino a puxada, deixei o cara da bici segurando uma linha e o Joel segurando outra e fui mijar. Já tinha tomado umas quatro latinha de *béira* e tava numa vontade da porra de mijar. Coloquei o pau pra fora, de pé ali no corrimão, e dei uma mijada no mar e depois acendi um cigarro. Quando voltei, o outro cara da bici tava procurando uma pedra pra colocar no *jereré* do velho pra fazer peso pra ajuda na mira na hora de acertar o peixe. E o foda que ia ter que descer dois *jereré*: um pra cada burriquete. Logo chegou o Beleu com uma pedra grande que não sei de onde aquele bicho tiro. Veio sorrindo, aquele sorriso meio sonso, *não tem?* Cara, demoro. Demoro uma meia hora, eu acho. Mas a gente conseguiu subir aqueles dois burriquete. Mesmo com aquela pedra que o Beleu trouxe, tava difícil de acertar o *jereré*, porque o vento tava soprando forte agora, *não tem?* Mas é só ter paciência. Vai na moral que uma hora o bicho entra, porque ele tá cansado. Daí é só alegria. O Joel puxo um e eu puxei outro. Bicho pesado do cacete. Quando a gente terminou de puxar os bicho, fui dar mais uma mijada e quando voltei já tinha outro cara que parou a bici pra tirar foto dos burriquetes. Ele tava usando aquelas roupinhas feia da porra. Joel todo fazendo pose e *coisa*. O cara disse que ia pra casa se trocar pra vim aqui pescar c’a gente. Falei que se ele viesse mesmo, era pra trazer mais gelada, que o dia tava só começando, e que ia dar peixe pra caralho.

.filosofia:

Aquela filosofia valia mais do que mil livros, tinha peso e tinha carne aquela espera; sempre me lembro do tio arrumando suas coisas na noite anterior, ele dizia que a pesca começava muito antes de lançar a isca na água, era preciso antes imaginar o lugar, sentir o tempo, ler os ventos e o movimento das nuvens, tudo isso sem deixar de levar em consideração o período do ciclo do planeta em torno do sol e o humor da natureza nos últimos dias, porque o segredo de uma pesca certa, dizia o tio, era sentir e captar o máximo de sinais possível era saber de antemão a possibilidade de nos abater uma lestada, que afastaria os peixes, colocando em seu lugar as caravelas, dançando com seus movimentos lentos, escondendo em sua beleza onírica o ácido lancinante, e era preciso saber a hora de sair de casa e chegar no lugar, e saber o lugar era também uma arte, pois era preciso olhos atentos para acompanhar o desenho da correnteza, e que às vezes o melhor lugar era o menos visitado, e mesmo assim o tio quase sempre era certo; minha vó me acordava cedo de manhã, quando ainda era escuro e nem o galo tinha estalado o bico, e eu já abria os olhos, rápido e sonolento, mas de um pulo arrastado eu já estava na mesa posta da cozinha, e sempre ficava surpreso e aliviado, imaginando a que horas minha vó teria levando, e como ela conseguia acordar e já deixar a mesa pronta assim tão rápida, assim tão farta, assim tão perfumada de pão e café e bolachas; o tio também já tinha acordado, e já tinha comido alguma coisa, porque já tinha iniciado o preparativo para a dança, dando a última vasculhada na sua maleta de ferramentas de pesca, e eu tomava aquele chocolate gelado como um rei, meio sonolento, mas sentindo um prazer imenso em colocar pra dentro aquele líquido gelado, que ia acordando minha boca, depois minha garganta e depois meu estômago, e eu sentia alegria, jogando pra dentro o pão com margarina e as bisnaguinhas, “não come tudo agora, meu bem, deixa um pouquinho pro caminho”, e eu obedecia, e depois que comia ia lavar o rosto e trocar de roupa, mas eu não escovava os dentes, porque eu gostava de ficar com o gosto do café da manhã na boca, e a minha vó sabia disso e não falava nada, então quando eu voltava do quarto pra cozinha, a mesa já estava tirada e o tio tava fumando o último cigarro dele antes da gente sair, ele quase sempre perguntava pra mim se eu queria mesmo ir, e eu sempre respondia que sim, mesmo às vezes ficando entediado – meu corpo ainda não entendera aquela filosofia – eu gostava, porque era um tédio que não me deixava triste ou melancólico, e eu sempre tinha o que fazer enquanto o peixe não fígava meu anzol; só muito tempo depois, já mais velho e tomado pelo atropelo da vida e do mundo, eu fui entender o que o tio dizia quando falava daquela filosofia da espera quase imóvel.

.assembleia mais que humana: sentindo a paisagem a partir das coordenações entre humanos e não humanos da baía de Florianópolis

Nesta instalação da dissertação seguiremos perambulando pela paisagem da baía de Florianópolis, agora com maior atenção à assembleia mais que humana que, em coordenação consciente ou não, atuam na manifestação da paisagem. Receberão mais destaque os não humanos que habitam as baías Norte e Sul da capital, as dinâmicas das águas, as interferências dos ventos, da lua, dos aterros, dos rejeitos, da temperatura, em sum, uma ampliação das forças ecológicas orgânicas e não orgânicas, humanas e não humanas que traçam com seus movimentos, sonhos e desejos a mancha antropocênica da baía de Florianópolis. O novelo que nos guiará por esse trajeto será a prática de pesca com tabuinha e ferrinho.

Para Aru, Tordilho e Tostado.



fim da intersecção entre o trecho anterior da dissertação e este/]

Uma das perguntas que motivaram essa pesquisa foi elaborada a partir da analógica acima, de autoria de Gabriela Rudnick. A foto *sugere* o contexto e a soma de elementos simbólicos da paisagem que ajudaram a atizar a brasa da minha curiosidade. O aviso PROIBIDO PESCAR - pendurado numa das pilastras da cabeceira insular da ponte Pedro Ivo - é um ponto de partida, capaz de compor a primeira pergunta: “PROIBIDO PESCAR?”

E antes de ceder à pressa – inimiga da reflexão – de seguir com a indagação “POR QUE?!” , preferi me arriscar nas trilhas do “COMO?”. Por isso precisava saber o que o [Art. 34 da Lei 9.605/98](#)¹⁹ dizia para sustentar tão severa pena de detenção de um ano a três anos ou multa:

Pescar em período no qual a pesca seja proibida ou em lugares interditados por órgão competente:

(...)

Parágrafo único. Incorre nas mesmas penas quem:

I – pesca espécies que devam ser preservadas ou espécimes com tamanhos inferiores aos permitidos;

II – pesca quantidades superiores às permitidas, ou mediante a utilização de aparelhos, petrechos, técnicas e métodos não permitidos;

III – transporta, comercializa, beneficia ou industrializa espécimes provenientes da coleta, apanha e pesca proibidas.

(grifo nosso)

Certo. Agora eu já tinha mais elementos, pistas e indagações adicionadas para continuar a investigação. O artigo da Lei determina duas condutas principais passíveis de penalidade: a primeira: “*pescar em período no qual a pesca seja proibida*”, ou seja, no defeso; há um *quando* implicado nessa conduta, um recorte *temporal* como eixo principal; a segunda conduta: “*pescar (...) em lugares interditados por órgão competente*”, na qual o *onde* compõe o eixo principal, um recorte *de lugar* portanto. Como a princípio meu interesse era situado na proibição da pesca *na* passarela, me dediquei a investigar o caminho que levava à interdição da pesca. Me intrigava que, apesar do aviso em letras nítidas e bem visíveis, a pescaria permanecesse como uma performance corriqueira de uso e ocupação daquele equipamento urbano. E, ao mesmo tempo, convinha conhecer os caminhos institucionais e a qualidade do debate público que culminaram na interdição da passarela para a pesca. Uma interdição de um espaço público não se determina de maneira leviana. Ou ao menos, levando em consideração os princípios e ideais democráticos de regulamentação estatal dos usos dos espaços públicos, não seria o esperado. Plano

¹⁹ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm



MARINHA DO BRASIL
CAPITANIA DOS PORTOS DE SANTA CATARINA

Florianópolis,

Assunto: Perigo à Pesca sobre o canal
Senhor Prefeito

Prefeitura

pedestres na passarela da ponte Pedro Ivo

solicito que essa

faça cumprir a proibição de permanência de

diretor, plano costeiro, discussões entre sociedade civil e Estado, embasamento em estudos científicos e relatórios de especialista, mais discussões entre os usuários do espaço – ou seus representantes - e o Estado, acordos e, por fim, legislação regulamentadora. Um ritual democrático básico esperado para que a interdição se sustentasse com legitimidade. Sendo assim, passei para a pesquisa de arquivo. Procurei por documentos que me ajudassem a remontar a história da interdição, com a expectativa de que o processo de proibição da pesca pudesse conter certa riqueza de perspectivas e narrativas acerca da paisagem pesquisada e de seus habitantes – humanos e não humanos.

O trajeto da pesquisa de arquivo me levou ao Inquérito Civil nº 1.33.000.002571/2016-58, com potencial capaz de nos ensinar algumas coisas sobre a microfísica do poder no âmbito de órgãos estatais. Neste caso, em relação à um *objeto técnico* (AKRICH, 2014) de considerável relevância na paisagem da baía de Florianópolis. Perceber a ponte como um objeto técnico nos termos de Akrich nos convida a considerar seu conteúdo político, “no sentido de que eles constituem elementos ativos de organização das relações dos homens entre eles e com seu ambiente” (AKRICH, 2014, p. 161). Essa noção pode nos ajudar a perceber como os dissensos e disputas políticas sobre a hegemonia da regulação dos usos e movimentos permitidos na ponte influenciam não apenas na relação entre humanos, mas destes com não-humanos e com o ambiente que habitam. Tais dissensos se manifestam a partir da confrontação, na dimensão material, entre o *script* ou cenário que os projetistas – sejam eles arquitetos, engenheiros, urbanistas, tecnocratas ou legisladores – propõem para os usos do objeto, bem como a atuação que os usuários vão realizar – ou *irrealizar* - no campo prático do dia a dia, nos usos e práticas potenciais que os habitantes percebem no objeto técnico.

Ou seja, há a ponte pensada por seus projetistas para usuários “ideais”, e há a ponte vivida por habitantes “reais”. Para o estudo etnográfico a partir de tal confrontação, “é necessário efetuarmos sem parar o ir e vir entre o projetista e o usuário, entre o usuário-projeto do projetista e o usuário real, entre o mundo inscrito no objeto e o mundo descrito pelo seu deslocamento” (*idem*, p. 165). Nesse sentido, antes de tirarmos conclusões precipitadas sobre o “bom uso” ou o “mau uso”, ou ainda o uso legal ou uso ilegal da ponte, de sua passarela e pilastras, e se nos interessa uma narrativa mais detalhada acerca da qualidade das relações entre seus habitantes e o ambiente, tendo como um dos componentes dessa malha a ponte, não podemos nos furtar em realizar o movimento pendular recomendado por Akrich, o ir e vir entre projetista(s) e usuário(s) – aqui: habitantes (Ingold, 2015): humanos e não humanos.

Destacamos a noção de *habitante*, a partir do diálogo com Tim Ingold (2015, p. 220), sobretudo para que não percamos de vista as qualidades *dinâmicas* e de *estreiteza* com o caráter de movimento da

paisagem que o termo convoca. Em conexão com o termo *peregrinar*, Ingold nos convida a exercitar a sensibilidade de perceber os *habitantes* da paisagem como sujeitos que se desdobram não em lugares, “mas ao longo de caminhos” (*idem*, p. 2019). Com isso, passamos a perceber a passarela das pontes Pedro Ivo Campos e Colombo Machado Sales – onde a arte de pesca em questão acontece – menos como lugar, recorte estanque e descolado de um ecossistema maior, para atentar aos *caminhos* que seus habitantes percorrem – não apenas para acessá-la, mas sobre suas estruturas, conectados com o mar da baía, os peixes, os ventos, a lua: em suma, entrelaçados com todas as outras linhas traçadas na paisagem por todos esses outros *habitantes*.

A sensibilidade para o *devenir rizomático* (Deleuze; Guattari, 1995) das malhas e assembleias mais que humanas que fazem a paisagem da baía, é indispensável para entendermos a dinâmica dos eventos que fazem os usuários reais da ponte. Além disso, tal sensibilidade nos liberta da percepção modulada e enquadrada da paisagem. Tal noção nos engana ao nos bloquear a capacidade sistêmica de perceber a paisagem, considerando que o *lugar* não se encerra em si próprio, que a baía de Florianópolis, por exemplo, tem estreita conexão com paisagens não tão próximas, e que os não humanos que a habitam não se limitam àquele perímetro e, portanto, que ações desempenhadas ali fatalmente causarão influências em outros lugares – e o contrário sendo verdade. Nesse sentido, perceber os humanos e não humanos aqui presentes nessa etnografia como *habitantes* – bem como perceber que muitos deles percebem uns aos outros também como habitantes – resulta em percebê-los como sujeitos que, ao se deslocar, adquirem sensibilidades sistêmicas e ecológicas de perceber e habitar a paisagem.

Ao mesmo tempo, levar em consideração os não humanos em nossa análise se faz imprescindível na medida em que estamos falando de – tanto no sentido de “falar sobre algo ou alguém”, quanto de “falar a partir de determinado lugar” – um equipamento que não se limita a categorias humanocêntricas, posto que se encontra em uma baía que “acontece” a partir de uma malha de coordenções mais que humanas. Ademais, a ponte transita – ela também, quem diria – entre dois meios: o aéreo e o aquático: parte de suas estruturas estão submersas a cerca de dez metros de profundidade nas águas da baía, compondo a paisagem não apenas como um equipamento urbano para a *passagem* de veículos, pedestres e ciclistas, mas também propiciando *affordances* diversos a não humanos do meio aquáticos: como os mariscos, que percebem nas pilastras da ponte substrato propício para se fixar, tornando-se, por sua vez, um farto banquete para os peixes que habitam a baía, formando então um pesqueiro de respeito e reputação entre os pescadores que percebem na ponte mais do que um equipamento para a mobilidade urbana.

A noção de *affordances*, derivada da “ecologia da percepção” elaborada por James Gibson (2015), se refere às *potenciabilidades* – ou impossibilidades – propiciadas ou oferecidas por um ambiente(s),

indivíduo(s), objeto(s) ou matéria(s) aos seres vivos, humanos ou não humano para a ação – ou inação – de outros ambientes, indivíduos etc. A ponte, neste sentido, é também uma *linha* que conecta não apenas a ilha ao continente dentro de um complexo rodoviário, mas o meio aéreo ao meio aquático e, por consequência, atua como um componente na arte da pesca realizada em suas passarelas, que faz comunicar humanos e não humanos, todos habitantes destes distintos – embora inseparáveis - mundos. Como veremos ao longo deste trecho, os usuários reais não se limitam aos usos dos usuários projetados pelos projetistas. De interação contínua e dinâmica entre os habitantes da baía e infraestruturas como as pontes podem resultar *affordances* que propiciam potencialidades ou obstáculos extremamente diversos aos habitantes do canal. Em busca de uma perspectiva que se esforce menos em sufocar tais potencialidades - muitas vezes criativas e fomentadoras de diversidade cultural e ecológica – do que trabalhar para que se chegue a acordos de convivência viável, este trecho fará um mergulho nas práticas realizadas a partir de determinados *affordances* percebidos pelos habitantes das pontes.

Em uma incursão a campo ocorrida em 03 de agosto de 2019, manhã de um sábado gelado e ensolarado, típico das manifestações do inverno em Santa Catarina, a passarela da ponte Pedro Ivo estava repleta de pescadores – cerca de vinte ou trinta. Apesar da atmosfera, em tese, propícia para uma pesca farta, ninguém estava matando peixe. A espera propicia a conversa, e naquela ocasião foi com o Padeiro que eu mais troquei ideias. Em certo ponto da resenha, comentei com ele sobre a placa que informava que era proibido pescar por ali. Ele respondeu, entre contrariado e indignado, que “aquilo ali não existe”, que a arte de pesca realizada ali é uma prática “cultural”. Essa conversa aconteceu no quinto mês de mestrado, quando a pesquisa se acotovelava entre as disciplinas e a rotina administrativa, e estava tão prematura que mesmo as perguntas eram poucas. Hoje, outubro de 2020, pouco mais de um ano depois que ouvi o Padeiro significando a arte da pesca com ferrinho e tabuinha como uma prática cultural, reconheço que parte considerável dos meus esforços de pesquisa se debruçaram em desvendar e caracterizar os elementos culturais que compõem e são compostos por essa arte de pesca. Por ser uma prática cultural ecológica, íntima às dinâmicas da paisagem da baía, e que interagem em coordenação com inúmeras outras práticas de habitantes mais que humanos, vamos, daqui em diante, tentar perceber o ambiente a partir das sensibilidades derivadas dessa arte de pesca e de seus envolvidos – dos pescadores aos peixes, passando por suas iscas, artefatos, coabitantes da passarela e entes invisíveis, mas não menos coercivos na dimensão material.

.caracterizando o coletivo

Rose Mary Gerber, antropóloga que realizou sua pesquisa de doutoramento junto *com* pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina, fez um trabalho generoso e refinado sobre os caminhos que os estudos antropológicos sobre as comunidades pesqueiras trilharam no Brasil. A princípio, segundo Gerber, os estudos que tratavam de populações pesqueiras buscavam referências em trabalhos realizados junto às comunidades camponesas. No entanto, a autora pondera que tal aproximação se deve, em certa medida, “como forma de pensar sobre o que se denominava *sociedades simples*” (Gerber, 2015, p. 60). Gerber cita ainda as pesquisas de Simone Maldonado, que alude para a coexistência das práticas agrícolas com as práticas pesqueiras como um dos motivos pelos quais o conceito de camponês serviu para pensar os pescadores. A perspectiva de Gerber, no entanto, caminha para se desvencilhar da dicotomia ou das referências que se originam nas práticas agrícolas ou de *comunidades simples*. Sua intenção é pensar e trabalhar para o desenvolvimento de novas categorias para se pensar antropologicamente as populações pesqueiras, considerando as diversas possibilidades de configuração dos espaços culturais pesqueiros e as maneiras de pescar. Seguindo sua sugestão, ensaiaremos a partir de agora uma caracterização dos aspectos que singularizam a arte de pesca com *ferrinho* e *tabuinha*, realizada nas passarelas das pontes Pedro Ivo Campos e Colombo Machado Sales, localizadas na baía de Florianópolis.

.arte de pesca, ou quando a tecnologia e a magia se encontram com a arte para compor uma coletividade difusa

Nas baías Sul e Norte de Florianópolis é possível observar diversas técnicas de pesca, bem como as socialidades e habitabilidades específicas que cada uma engendra. Conforme mencionado, aqui serão narradas histórias sobre a arte da pesca com *ferrinho* e *tabuinha*. O termo *arte de pesca* busca inspiração em uma [exposição de artefatos de pesca ocorrida no Museu Nacional de Etnologia de Lisboa, Portugal](#). A bibliografia a qual tive contato com o termo não explora a escolha da palavra, de qualquer forma, adotarei arte de pesca por sentir que o termo tem capacidade de aproximar as qualidades criativas, artísticas, técnicas/tecnológicas e desterritorializantes da pesca com *tabuinha* e *ferrinho*. Sobre este aspecto, estamos de acordo com Alfred Gell quando este considera “a arte um componente da tecnologia” (2005, p. 45), tendo em vista que as obras de arte são reconhecidas enquanto categoria por serem resultado de processo técnico no qual os artistas são peritos. E que as produções artísticas e de relações sociais “são ligadas por uma homologia fundamental” (Gell, 20015, p. 57), ao passo que ambas se constituem a partir de processos técnicos. O processo técnico a partir do qual são compostas as obras de arte, a maneira pela qual é elaborada sua vinda ao mundo é o que pode vir a ser a fonte de poder que os objetos da arte exercem sobre nós, ou seja, “mais

Ao Senhor

dos Portos

CÓPIA

Perigo à

Pesca sobre o canal

Capitão,

venho por meio deste, responder o Ofício
que trata da solicitação de interdição das
passarelas das Pontes de acesso à Florianópolis,

passarelas
para a pesca artesanal e esportiva.
nos opomos à interdição das
considerando o fator cultural de utilizar aquele espaço

Assim, pedimos vossa

colaboração para

limitar

o tráfego aquaviário.

precisamente o processo de suas formações que dos próprios objetos em si mesmo” (2005, p. 48), uma vez que tais processos podem oferecer certa resistência de acesso, de alcance de quem é alheio a seus processos criativos. Essa resistência ocasiona a dificuldade em se abarcar mentalmente o devir do processo que resultou a obra de arte. Segundo Gell (2005, p. 50), tal dificuldade, somada ao caráter inalcançável imprimido pela obra e seu processo de composição, denota ao processo técnico uma certa aura mágica.

Aí estaria presente o *encanto* da tecnologia, por meio do qual se manifesta o processo da arte de pesca com *ferrinho* e *tabuinha*. Um processo coletivo e social, que se desenvolveu e se aprimorou ao longo de décadas de elaboração prática nas passarelas das pontes. Por mais que o segredo seja inalienável dessa arte de pesca, ela só poderá ocorrer em relativa plenitude se os movimentos estiverem em coordenação compassada com uma imensa e complexa rede de sujeitos humanos e não humanos, além de ajustada à atmosfera do ambiente e aos *affordances* que cada elemento propicia. *Ferrinho* e *tabuinha* tem, dessa maneira, os contornos de uma obra de arte coletiva e ecológica.

Levando em consideração o cenário e os atores que a realizam, podemos imaginá-la como uma *performance* que se desempenha inexoravelmente em estreiteza com a técnica artística do *happening* (traduzido do inglês, “acontecimento”). Ou seja, apesar de combinar elementos de *artes plásticas* (as confecções manuais dos artefatos, sua disposição na montagem no cenário e seu manuseio), *dança* (os movimentos de acesso à passarela e no jogo com o peixe) e *teatro* (a partir do papel que cada um ocupa e desempenha para performatizar a arte) em seu processo de elaboração e realização incorpora-se sempre algum(ns) elemento(s) de improvisação ou espontaneidade, que não se repete nunca da mesma maneira, tendo em vista a contingência inerente à dinâmica da paisagem na qual a arte de pesca ocorre. Assim como as hortas Trobriand às quais Alfred Gell se debruça em sua análise, a arte de pesca com *ferrinho* e *tabuinha* são “o resultado de um certo sistema de conhecimento técnico e, ao mesmo tempo, uma obra de arte coletiva” (2005, p. 61), capaz de resultar na captura do peixe – ou na *volta* que este é capaz de dar no pescador, partindo com a barriga cheia de camarões, sardinhas e caranguejos.

.o dilema: nem *amador*, nem *esportivo*

Aceitando a sugestão de Rosa Gerber: de exercitar o pensamento no sentido de uma antropologia das comunidades pesqueiras, considerando diversas possibilidades de configuração e maneiras de pescar, me vi diante de um desafio: a partir da etnografia da arte de pesca realizada nas pontes, não percebi em sua configuração elementos que os caracterizasse como uma comunidade pesqueira artesanal tradicional sedentária. Ou seja, os atributos de seus movimentos e assentamentos para a pesca não dispõem de arranjos e materiais comuns à pesca artesanal praticada por comunidades pesqueiras, como ranchos de pesca,

uma socialidade muitas vezes influenciada por laços de parentesco, papéis de gênero evidenciados nas atividades desempenhadas para a ocorrência da pesca, embarcações marítimas, relações com o Estado típicas de comunidades pesqueiras, etc.

Ao mesmo tempo, adotar os termos *pescador amador* ou *esportivo* nos colocaria dentro de um quarto-sala burocrático que muito pouco diria sobre as especificidades dessa arte. Por mais que a palavra “amador” nos seja simpática – aquele ou aquela que “ama”, que faz ou se relaciona por amor –, quando esta se fecha com termo “pescador amador”, seu sentido se transfigura por constar como categoria burocrática. Nosso interesse aqui é contar histórias de uma arte que se desenvolveu e se desenvolve em uma paisagem multiespécies dinâmica, arruinada em diversos aspectos, mas ainda assim fértil em criatividade que mantém – muito relativamente – viva a maritimidade do canal. E tal fertilidade tem como parte de seus componentes as artes de pesca performatizadas nessa paisagem. Por mais que gostaríamos que nossas histórias sobre essa prática cultural tocasse a sensibilidade dos *criadores das elevações artificiais do destino*, passa longe de nosso interesse nos limitar a um enquadramento capaz de traçar a singularidade dos eventos experienciados em campo.

Diante desses dilemas, coube a tarefa de esboçar uma caracterização com intuito de representar as dinâmicas e elementos culturais que configuram aquele grupo de pessoas enquanto um coletivo de pesca, mas também como habitantes de uma paisagem que não deixa de ser uma mancha antropocênica, em ruínas há bastante tempo. Considerar o caráter artístico dessa prática de pesca, conforme dissertamos em diálogo com Gell, nos auxilia a correr um risco meditado, bem como nos instiga a experimentar alguns ensaios na tentativa de descrever e elaborar imagens acerca dessa coletividade e de suas estratégias de *reexistir* em meio a ruínas. Então experimentemos:

.estamos diante de uma TAZ multiespécies?

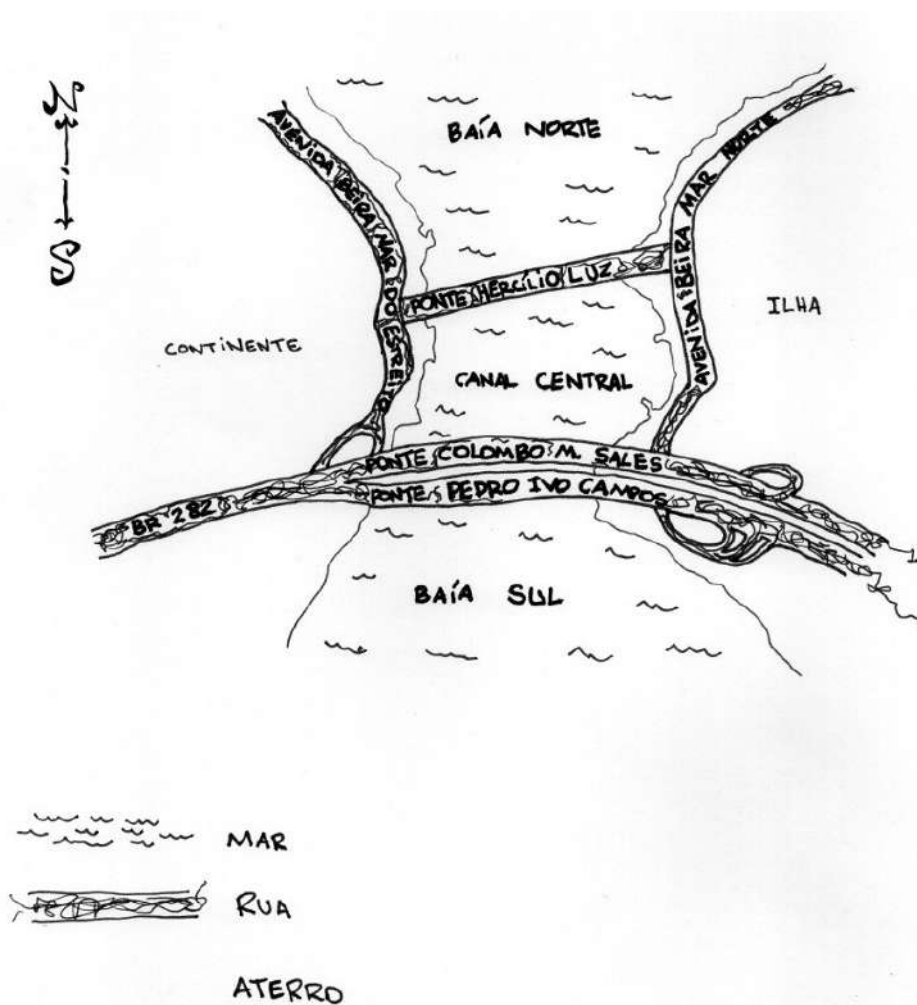
Hakim Bey mantém indefinido o conceito de TAZ (traduzido do inglês, “Zona Autônoma Temporária”): assim como um desenho: aberto, processual, antitotalizante e inconclusivo (Ingold, 2015); nômade à sua maneira, fiel ao adjetivo “temporária”, não perene, não definitivo. Mas, ainda como um desenho, a TAZ detém qualidades combinadas que dão, se não sua forma, seu tom, a partir de nada mais do que um “ensaio (‘uma tentativa’), uma sugestão, quase que uma fantasia poética” (Bey, 1985, p. 04). A indefinição não é por escapismo ou preguiça, ela é já uma das características mais indispensáveis para o *acontecimento* da TAZ. É ela quem mantém a maleabilidade e a flexibilidade para seu florescimento por entre as brechas do “fechamento do mapa”.

Apesar do mapa não passar de abstração – dado não ser capaz de cobrir o planeta na precisão de 1:1 –, e mesmo dentro das complexidades atuais da geografia, “imensidões embutidas e escondidas escapam da

fita métrica. O mapa não é exato, o mapa não pode ser exato” (Bey, 1985, p. 08). É nesse contexto em que, por mais que as tecnologias de controle e governamentalidade atingiram uma abrangência inédita, se insere a arte de pesca da *tabuinha* e *ferrinho*. Todas as características da TAZ mencionadas acima podem ser observadas em sua performance de *happening*. Elas são, como para a TAZ, imprescindíveis para seu *acontecimento*.

“Mas é uma prática antiga, há quem a execute há décadas no mesmo lugar”, pode-se objetar. É uma verdade parcial, eu diria, posto ela está sempre a mercê da imprevisibilidade e mutação constante inerentes à paisagem na qual ocorre a arte de pesca. Ela é, nas palavras de Ingold (2015, p. 215), “contra o espaço: lugar, movimento, conhecimento”. Imprevisibilidade e mutações atmosféricas, sociais, políticas, geográficas, estruturais, biológicas, urbanísticas, arquitetônicas, imaginárias. Com isso, o nomadismo é o “estado” de movimento dessa arte de pesca. Pode parecer contraditório caracterizar uma arte de pesca que se realiza em passarelas de pontes como um movimento nômade, tendo em vista o caráter eminentemente estático de uma infraestrutura como essa. Mas ainda em acordo com as ideias de Ingold,

considerando as pontes como *lugares*, que são “delineados pelo movimento, e não pelos limites exteriores ao movimento” (*idem*, p. 220, *grifo nosso*). Dessa forma, *habitantes* de uma TAZ, assim como do lugar ingoldiano, habitam e conhecem “conforme prosseguem, conforme *atravessam* o mundo *ao longo de* trajetos de viagem” (*idem*, 228): mesmo que a viagem seja ao longo de *situações*, *contextos*, e não



necessariamente do *espaço A* para o *espaço B*.

Além do que já falamos sobre sua mutabilidade, ocorre que a pesca com *tabuinha* e *ferrinho* é uma espécie de *contra-uso* (Leite, 2002) das passarelas. Enquanto objeto técnico, os projetistas imaginam um usuário- projeto que, grosso modo, *passa*: o automóvel em primeiro lugar; abaixo, os ciclistas e pedestres. Todo resto é incidental, inesperado, que escaparam à domesticação dos corpos.

As pontes se tornaram atraentes para mariscos, que percebem em suas pilastras um bom lugar de morada; por sua vez, os peixes se aproveitam do banquete ofertado pela coordenação entre mariscos e as pilastras de concreto, tornando o lugar um pesqueiro de sucesso; que, por fim, atraem pescadores: é a diversidade contaminada (Tsing, 2019, p. 87). Aqueles sem capacidades ou inclinação para pescar embarcados percebem nas plataformas da ponte uma opção melhor para a pesca do que nas margens da baía. Uma cadeia que produz efeitos incidentais, mas que devem ser observados dentro do escopo dos usuário reais (Akrich, 2014).

Como é comum com infraestruturas “públicas”, a tartaruga da entropia venceu a corrida contra a lebre das prioridades do Estado e as pontes foram sofrendo desgastes em suas estruturas metálicas e de concreto, tornando, para alguns, arriscada a passagem pelas passarelas. A arte de pesca com *tabuinha* e *ferrinho* acontece nas passarelas das pontes Colombo Machado Salles (CMS) – inaugurada em 1975 - e a Pedro Ivo Campos (PIC) - inaugurada em 1991. A falta de manutenção converteu ambas em ruínas avançadas, e suas passarelas são vestígio do que um dia serviu como passagem adequada à ciclistas e pedestres. No início do trabalho de campo, apenas uma das quatro passarelas estavam ativas: a passarela sul da ponte Pedro Ivo, as outras três, desativadas. Os pescadores habitavam tanto a passarela Sul da PIC quanto a passarela Norte da CMS, mesmo com esta última interdita devido desmoronamentos de pedaços do piso. Mas, assim como a TAZ que, segundo Bey, vive “à procura de ‘espaços’ (geográficos, sociais, culturais, imaginários) com potencial de florescer como zonas autônomas” o coletivo de praticantes da pesca com *tabuinha* e *ferrinho* se esgueiram à procura de rachaduras que estejam relativamente abertas, “seja por negligência do Estado ou por terem passados despercebidos pelos cartógrafos, ou por qualquer outra razão” (1985, p. 08), a fim de realizar suas atividades.

Parte do campo se realiza em um entrelugar: a junção, o gargalo entre as baías Norte e Sul que, juntas, compõem a baía de Florianópolis. Um entrelugar composto por uma malha repleta de linhas de movimentos desenhadas na paisagem por seus habitantes. Um palimpsesto entre o centro da cidade, o continente superpovoado, um complexo rodoviário – o qual as pontes são elementos de destaque - que distribui os automóveis para diversas direções, um aterro gigantesco, e um mar que não deixa de fluir. Apesar das infraestruturas aparentemente imóveis à olhares desacostumados, a paisagem - um misto de

urbano com marítimo, de ar e água, de ruínas e projetos megalômanos - possui caminhos repletos de armadilhas e que estão em constante mudança, como na [Zona do filme *Stalker* de Andrei Tarkovsky](#), exigindo habitabilidades adaptadas para se guiar sem se perder *demaís*.

Por fim, a obra de arte conforme elaborada por Alfred Gell possui pontos de contato com o ensaio poético de Hakim Bey. As qualidades criativas da TAZ encontram ressonância na tecnologia do encanto e no encanto da tecnologia da arte de pesca com *ferrinho* e *tabuinha*. Em primeiro lugar porque, para acontecer, vemos que seus praticantes precisam exercer técnicas de habitabilidade que não se limitam a arte de pesca em si – há que se habilitar técnicas bastante específicas de *peregrinação*, ou seja, de experiências corporificadas de movimentos de perambulação *dentro, através, em torno, para e de lugares de para* outros lugares (Ingold, 2015, p. 219). A instabilidade dos pontos de acesso à infraestrutura exige que o roteiro da performance seja constantemente readaptado e que habilidades nômades, de peregrinação sejam incorporadas ao processo.

Em março de 2020, um ano depois do início dessa pesquisa de mestrado, a passarela Sul da PIC foi interditada, surpreendendo a mim e aos interlocutores que indaguei em campo. Como “stalkers”, os praticantes da arte de pesca com *ferrinho* e *tabuinha* “orientam seus percursos por estrelas estranhas” (Bey, 1985, p. 11), uma “web” que não depende necessariamente de computadores para existir. O boca-a-boca pode ser suficiente para construir uma rede de informações – como foi o caso quando descobri seu paradeiro após o cercamento das passarelas. A chave aqui não é “o tipo ou a tecnologia envolvida, mas a abertura e a horizontalidade da estruturas” (Bey, 1985, p. 13).

Uma vez interditados os acessos oficiais às passarelas, os pescadores tomaram a iniciativa de buscar diálogo para propor um acordo a “um” engenheiro responsável pela obra de reforma das passarelas: os pescadores queriam poder acessar a passarela norte da ponte Colombo Salles – aquela mesma, em pior estado, caindo aos pedaços. Um acordo pragmático foi posto na mesa de negociação entre duas ontologias diferentes (Almeida, 2014). Não tenho certeza se há exagero em falar nesses termos. Mas levando em consideração as diferenças entre as sensibilidades com as quais os pescadores e engenheiros percebem e habitam a paisagem, os princípios e categorias as quais ambos os grupos lançam mão para justificar suas práticas e, por fim, a distinção entre as redes de interações mais que humanas que ambos compõem e movimentam, se não caracterizam diferentes ontologias, são suficientemente distintas para denotar uma fricção entre alteridades bastante dissonantes. Nesse contexto, a negociação exigida para a consagração do



POLÍCIA MILITAR

Sr. Presidente,

Informo que a Polícia Militar a Comando da Capitania dos Portos de Santa Catarina

que vão a estrutura. mente aos

Ocorre que não há legislação que discipline o assunto e possa legitimar a atuação da Polícia Militar frente às abordagens que fatalmente ocorrerão.

Neste sentido, solicito como paliativo

a colocação de placas

de

"PROIBIÇÃO DE PESCAR"

Por fim, como solução definitiva, que se tente proibir a pesca

Respeitosamente,

Coronel PM Subcomandante-Geral

Senhor

Presidente do Departamento Estadual de Infraestrutura
Florianópolis – SC

acordo pragmático *que consentiu* aos pescadores o acesso à plataforma em ruínas, apesar de informal aos olhos do Estado, faz parte dos processos que resultam e compõem a obra de arte coletiva que é a pesca em questão. Há arte em *atuar* politicamente, em dialogar, em mobilizar um enunciado e compor uma narrativa retórica de convencimento. A esse ponto, podemos perceber confluência com a noção de que a TAZ “é o único ‘lugar’ e ‘tempo’ possível para a arte acontecer pelo mero prazer do jogo criativo, e como uma contribuição *real* para as forças que permitem que a TAZ se forme e se manifeste” (Bey, 1985, p. 29, *grifo nosso*).

Mas, afinal, estamos diante de uma TAZ multiespécies?

Sim.

E não.

O que você acha?

Voltemos ao início: Hakim Bey não define a TAZ. Uma TAZ não *é*. Se a *Zona Autônoma Temporária* foi trazida para esta análise, é porque percebo pontos de convergência no devir como os pescadores da arte da *tabuinha e ferrinho* atuam para *ocupar as ruínas* das pontes.

As histórias ecológicas da baía de Florianópolis, são histórias – sempre no plural - de definhamento da maritimidade, do distanciamento dos habitantes com as práticas e sensibilidade em coordenação com as dinâmicas marítimas e os não humanos marinhos – tanto trânsito!, e nenhuma balsa! A pesca na ponte – não apenas com *tabuinha e ferrinho* – é também a ocupação de uma paisagem bastante perturbada ao longo de muitos e muitos anos. Uma paisagem *ainda* em “perturbação lenta”, que significa, segundo Anna Tsing, “ecossistemas antropogênicos nos quais outras espécies podem viver”, e que “nutrem colaborações interespecíficas” (2019, p. 23). Ou seja: não estamos diante, *ainda*, de um deserto radical. Ocupar é atuar no trabalho de conviver, de viver juntos, mesmo em locais em que as probabilidades estejam contra. “Se quisermos viver”, alerta Tsing, “devemos aprender a ocupar até os espaços mais degradados da vida na Terra” (2019, p. 87). E não é o que sugere a TAZ? E não é o que convida a arte de pesca com *tabuinha e ferrinho*?

A quem soar exagerado o termo ruínas, convido para um passeio – mas que venha com “o coração aberto” – por *uma das histórias* ecológicas da baía de Florianópolis que nos esforçamos em narrar no trecho *metáforas em cena: as paisagens dentro da paisagem*. Se diversidade é um valor, e se o sufocamento das potencialidades de vida de uma paisagem é motivo de raiva e melancolia, talvez a metáfora comece a fazer sentido. O que a arte de pesca com *tabuinha e ferrinho* oferece é – além do mais –

uma prática, uma maneira de habitar paisagens e espaços públicos alternativa ao legado da modernidade que sustenta as infraestruturas da baía. Mas não vamos demorar mais. Vamos atender ao chamado de Anna Tsing e, em vez de simplesmente catalogar a diversidade, vamos “narrar as histórias em que a diversidade emerge” (2019, p. 24). E já que elegemos a arte de pesca com *tabuinha* e *ferrinho* como um dos novos narrativos, como uma das paisagens dentro da paisagem, passemos a aprender não apenas com seus praticantes o processo técnico pelo qual sua obra de arte é concebida: mas também com toda a assembleia mais que humana mobilizada para o seu *acontecimento*. Ou ainda, *como ocupar ruínas*.

.*tabuinha* e *ferrinho*: performances, técnicas, cadeia operatória e assembleia mais que humana

A pesca com *tabuinha* e *ferrinho* se realiza tanto na passarela sul da ponte Pedro Ivo Campos quando na passarela Norte da ponte Colombo Machado Salles. Para ser mais preciso, atualmente [a passarela da Pedro Ivo está interdita ao público desde maio de 2020](#)²⁰; ao passo que [a passarela da Colombo Salles teve sua interdição determinada pela justiça em 2014](#)²¹ e assim “permanece” desde então. No entanto, as interdições não resultaram obstáculo para que a pesca continuasse a ocorrer. Antes de março de 2020, com apenas a passarela da ponte Colombo Salles interdita, ambas as passarelas eram utilizadas. Grande parte dos enunciados aos quais tive acesso, seja em reportagens ou em conversas com interlocutores que não pescavam, se limitava a condenar a contravenção: os pescadores incorriam em prática ilegal ou irregular. Indo mais além, me interessava entender os motivos que levavam essas pessoas a se arrisarem – tanto física quanto juridicamente – para acessar locais interditados. Durante o campo me deparei com algumas possibilidades.

Uma das mais relevantes diz respeito ao lugar com maior probabilidade de *ferrar* peixe. Ou seja, os pescadores se dirigiam ao lugar que acreditavam ter melhor acesso a pesqueiros mais propícios para se fisgar peixes. Muitos deles me diziam que o lugar que mais tinha peixe era no vão paralelo entre uma ponte e outra. Outros elegiam essa ou aquela pilastra

²⁰ <https://www.sc.gov.br/noticias/temas/transportes-e-estradas/passarela-da-ponte-pedro-ivo-campos-sera-interditada-para-continuidade-da-obra-de-manutencao> - acesso em 25.11.2020

²¹ <https://mpsc.mp.br/noticias/interditada-passarela-para-pedestres-na-ponte-colombo-salles> - acesso em 25.11.2020

como um pescador mais dádivo. Contudo, um bom lugar para a pesca não é estático, haja visto o dinamismo da *atmosfera*. A noção de atmosfera, conforme elaborada por Tim Ingold (2015, p. 204), nos convida a perceber os corpos em estreita comunhão com a paisagem. A partir dela podemos notar que, “em sua manifestação atmosférica” (*idem*), os elementos da paisagem na qual a pesca é realizada – como o vento, a temperatura (do ar e da água), a salinidade (da água) - não são definidos pela percepção dos pescadores ou peixes, mas sim “mistura-se e satura a sua consciência, onde gera sua própria capacidade de perceber” (*idem*). Assim, a condição propiciada pela atmosfera da paisagem seria um dos fatores que levam os corpos a ocupar determinados lugares a depender do fim que se almeja. Com isso, podemos direcionar nossos esforços em investigar os elementos atmosféricos da paisagem que seduzem o corpo dos pescadores a acessar essa ou aquela passarela, bem como dos peixes, moluscos, crustáceos etc.

Uma delas está relacionada ao ecossistema do gargalo entre as baías Norte e Sul, mais especificamente às dinâmicas das correntes marítimas, o contexto atmosférico e a batimetria. Quando a maré está *vazando*, a massa de Água Costeira (AC) – predominante na baía de Florianópolis -, corre em direção ao Norte; ao passo que na *enchente*, a correnteza se move para o Sul (Alves, 2011, p. 15 e 16). No entanto, a direção e a velocidade das correntes não podem ser antecipadas com precisão, mesmo a partir dos diversos aplicativos instalados nos *smartphones* de muitos pescadores. Segundo me explicou Caniço, assíduo frequentador da passarela, nem sempre a maré define a direção da correnteza. Em marés de quadratura – ocorrida quando a lua está nas fases de quarto minguante ou quarto crescente -, ela fica mais *besta* (relatado em março de 2020). A enchente e a vazante ocorrem em horários bastante imprecisos, e a fraca força da maré permite que um vento um pouco mais intenso altere sua direção. Sua explicação coaduna com as observações hidrográficas presentes na dissertação de mestrado de Lourival Alves Júnior (2011), que, a partir de quinze levantamentos realizados na baía de Florianópolis, dos quais treze – pouco mais de 85% - realizados durante marés de quadratura, concluiu que “o principal agente controlador das correntes superficiais foi o vento”, e que “na maioria dos levantamentos as correntes obedeceram as suas direções”, e por fim, “que as marés só dominavam as correntes superficiais quando as intensidades de vento eram baixas ou inexistentes” (Alves, 2011, p. 50).

A direção da correnteza superficial da baía tem estreita relação com a pesca nas pontes. A passarela Sul da ponte Pedro Ivo Campo tem sua abertura voltada para a baía Sul, ou seja, os pescadores têm seus olhos, corpos e artefatos voltados em direção ao Sul; ao passo que a passarela norte da ponte Colombo Machado Salles - interditada desde 2014 – tem sua abertura e mureta voltada para a baía Norte, conseqüentemente os pescadores miram em direção ao Norte. Quando *a correnteza superficial se move em direção à baía Sul* – seja primordialmente pela interação com os astros (evento astronômico), a partir da

maré de *enchente* ou de *vazante*, com o vento (evento meteorológico) ou com ambos-, *a isca, a chumbada e, conseqüentemente, a linha, são forçadas em direção ao Sul.*

Caso os pescadores estejam com seus artefatos instalados *na mureta da passarela Sul e ferrem* um peixe, seu trabalho na briga e na puxada tende a exigir um pouco mais de esforço, mas *acertar e subir* o peixe com *jereré* será menos complicado, uma vez que a captura tende a se manter em seu campo de visão, e a partir de uma combinação técnica envolvendo o *jereré*, o vento e a correnteza, o operador do *jereré* sofre menos para alçar o peixe (os detalhes dessa técnica serão descritos mais adiante).

Por outro lado, caso os pescadores estejam *ocupando a passarela Norte*, na ponte Colombo Salles, *nessas mesmas condições atmosféricas citadas anteriormente (correnteza superficial se movendo para o Sul)*, tudo se torna mais complicado: a puxada e a briga rendem mais esforço do que no outro contexto, pois certamente sua isca e chumbada estarão localizados mais ao sul, embaixo da ponte ou ainda além da passarela Sul. Dessa forma a atmosfera estará favorecendo menos o pescador do que o peixe: enquanto aquele precisa se esforçar mais na puxada, este pode unir a força da correnteza a de seu nado em direção desfavorável ao pescador, que ainda terá que ter cuidado para manter a linha afastada da mureta durante a briga e a puxada, a fim de que esta não seja corroída ou desgastada por aquela. Caso o pescador vença o peixe e consiga trazê-lo para a superfície, seu campo de visão tenderá a ficar prejudicado, devido a correnteza que tenderá a mover o peixe sempre para baixo da ponte, o que dificulta inclusive acertá-lo com o *jereré*. No entanto, *quando a correnteza superficial se move para Norte*, é a pesca *na passarela Sul* da Pedro Ivo que se torna mais dificultosa do que *na passarela Norte* da Colombo Machado Salles.

Com isso podemos perceber a relevância do papel que os elementos atmosféricos desempenham para nos dar indícios acerca da importância, para os pescadores, de ter disponíveis as possibilidades de acessar essa ou aquela passarela. Ao levarmos em consideração o plano da percepção ecológica da arte de pesca com *tabuinha* e *ferrinho*, não podemos deixar de atentar para os *affordances* que cada contexto atmosférico propicia para todos os envolvidos. Lembremos que a noção de *affordances* se refere às potencialidades propiciadas ou oferecidas por um ambiente, indivíduo(s), objeto(s) ou matéria(s) aos seres vivos, humanos ou não humano para outros indivíduos ou ambientes.. Assim sendo, cada contexto atmosférico irá propiciar *affordances* específicos. E se levarmos em consideração a singularidade do retalho da paisagem a qual estamos nos referindo – com as passarelas, os ventos, as correntezas, os peixes, os pescadores etc. – e prestarmos a devida atenção às suas combinações diversas, talvez a noção de escolha se complexifique.

Affordances, é importante ressaltar, não necessariamente propiciam potencialidades positivas, ou

fáceis, ou boas, ou belas. Se nos limitarmos a dicotomias – como positivo/negativo, boas/más, belas/feias – limitaremos também as possibilidades analíticas que a noção de *affordances* nos permite alçar. Ao lançar mão da ecologia da percepção de Gibson (2015) para analisar um retalho da paisagem, temos que buscar exercer uma *atenção sistêmica*. Um mesmo elemento da paisagem pode oferecer *affordances* específicos para cada habitante, cada sujeito, humano ou não humano. Nesse sentido, a passarela Norte da Colombo Salles, apesar de propiciar *affordances* perigosos à integridade física de habitantes humanos – como a rachadura de uma das placas de concreto que estruturam seu piso –, pode também propiciar *affordances* que, combinados ao contexto atmosférico, sejam favoráveis aos pescadores no jogo da pesca. Um objeto técnico propicia *affordances* que não se limitam àqueles imaginados por seus projetistas. Ao mesmo tempo que tais *affordances* podem oferecer possibilidades indesejadas ou até mesmo mortíferas – o mesmo veneno que mata pragas e “salva” lavouras, pode envenenar rios –, a capacidade criativa dos habitantes da paisagem podem, em coordenação com os incontáveis *affordances* que abundam na paisagem – mesmo uma paisagem arruinada em diversos aspectos–, promover a diversidade, refazer a vitalidade espontânea.

Vamos agora seguir adiante com a contextualização dos processos da arte de pesca com *tabuinha* e *ferrinho*, mergulhando no ambiente submarinho da baía de Florianópolis, a fim de tentarmos nos habituar um pouco mais às alteridades radicais em relação aos habitantes dessa paisagem tão estranha a maioria de nós humanos que, ao se voltar majoritariamente aos fenômenos do plano aéreo, ignoramos uma dinâmica que só se separa na paisagem a partir de nossa percepção. Sem esse mergulho nossa análise estaria completamente comprometida. Sigamos.

.mariscos, siris, camarões: o papel dos organismos bentônicos e demersais na assembleia da baía

Muito embora as baías Norte e Sul de Florianópolis sofram com perturbações consideráveis devido as infraestruturas mencionadas ao longo deste trabalho, sua importância a respeito da sobrevivência e manutenção da diversidade de inúmeros organismos aquáticos ainda é considerável. Por se tratar de área costeira e receber o aporte de águas de três importantes estuários – dos rios Biguaçu, Tijucas e Cubatão do Sul (em ordem crescente de abundância) –, o ambiente aquático da baía de Florianópolis pode se enquadrar como tendo *potencial* bastante produtivo, atuando na reprodução, na alimentação e como berçário dos diversos organismos que lá habitam. A abundância nutritiva da baía se deve muito às matérias orgânicas e inorgânicas provenientes das regiões estuarinas citadas. Essa matéria “sofre um processo de transformação e reciclagem através de processos físicos, químicos e biológicos” (Moreira, 2011, p. 19), e apesar de parte dessa matéria se dispersar em direção aos oceanos, outra parte é depositada no fundo do ecossistema da baía (*idem*): a lama.

Organismos associados a substratos, como determinadas espécies de crustáceos, moluscos, equinodermos e cnidários, são de grande importância ecológica no processo de reciclagem desses nutrientes provenientes dos estuários. A associação desses organismos marinhos com algum substrato caracteriza a formação de um coletivo de organismos conhecido como *bentos* (Moreira, 2011, p. 19). Muito embora as categorizações genéricas acerca dos substratos aos quais os organismos se associam citem, com mais frequência, locais como recifes de coral, costões rochosos, manguezais, marismas ou estuários, podemos identificar, a partir de relatos dos pescadores da ponte, comunidades bentônicas nas pilastras das pontes Pedro Ivo e Colombo Salles. Esses organismos “autoreasselvajaram” (Tsing, 2019, p. 246) a infraestrutura exótica ao ambiente.

Ao mesmo tempo, não são raros os relatos da intensa obliteração de coletivos bênticos em outras manchas na paisagem da baía. Dona Dina, tradicional pescadora da baía Norte aposentada e antiga moradora do bairro do João Paulo, relata que em outros tempos se dirigia até a praticamente extinta faixa de areia da praia do bairro para “catar berbigão”, que agora não existem mais por ali. Os moluscos associados às pilastras das pontes agem diretamente na produtividade do meio (Moreira, 2011, p. 20). Sua interação com os peixes que habitam a baía também influenciam na diversidade marítima através da transferência de energia e nutrientes a partir da cadeia trófica – peixes *mariscam* esse moluscos “filtradores” de matéria orgânica e inorgânica da baía.

Além das pilastras das pontes habitadas pelos coletivos bênticos de mariscos, há relevante incidência de organismos demersais tanto na baía Sul quanto Norte, guardadas suas peculiaridades. Diferentemente dos organismos referidos como bênticos, que dependem por todo seu ciclo vital dos substratos aos quais se associam, os organismos demersais apenas *eventualmente* associam-se a substratos (Moreira, 2011, p. 19). Na baía Norte, que possui um canal maior de conexão com o oceano em comparação com a baía Sul, verifica-se uma entrada de água maior e, conseqüentemente, possui um corpo d’água com maior salinidade. Associado ao sedimento arenoso e uma maior hidrodinâmica, a boca da baía Norte propicia a ocupação do camarão sete barbas *Xiphopenaeus kroyeri*, apreciado não apenas por humanos comedores de camarão, mas pela maioria dos peixes capturados pelos pescadores das passarelas das pontes.

No entanto, a disposição heterogênea do sedimento arenoso da baía Norte e uma zona sem movimentação de correntes “podem propiciar a ocorrência de um número diferente de espécies entre baías” (Moreira, 2011, p. 68). Tal conclusão converge com o relato do *seu* Doca, marido da Dona Dina, que por décadas pesca camarão na baía Norte, e que certa vez me confiou que “depois do aterro, que alterou a força da maré na baía Norte, diminuiu a quantidade de camarão”. O que antes se *matava* em três horas no mar, hoje nem em uma noite inteira se consegue. Além do camarão sete barbas, camarões rosa

Farfantepenaeus paulensis e *Farfantepenaeus brasiliensis* e siris azuis *Callinectes danae* e *Callinectes ornatus* habitam de maneira generalizada as baías, sobretudo em meses mais quentes (*idem*).

Muito embora nossa análise e discussões sejam em larga medida pautadas pelas perturbações resultantes das infraestruturas abordadas, não podemos deixar de reconhecer o papel fundamental de esforços exercidos a fim de desacelerar tais perturbações. Haja visto a presença de duas Unidades de Conservação – *Área de Proteção Ambiental do Anhatomirim, Estação Ecológica de Carijós* – nas águas da baía Norte e a *Reserva Extrativista do Pirajubaé* nas águas da baía Sul. O camarão *X. kroyeri* e os siris azuis *C. danae* e *C. ornatus* habitantes da baía Norte são favorecidos pela APA de Anhatomirim e pela zona de amortecimento da *Reserva Biológica do Arvoredo*, ao passo que o camarão branco *L. schmitti* ocorre com abundância em picos na área aproximada à ESEC Carijós (Moreira, 2011, p. 68). Na baía Sul, *C. danae*, *C. ornatus*, *L. schmitti* e *F. paulensis* são favorecidos pela RESEX do Pirajubaé, ocorrendo sobretudo na zona próxima às pontes (Moreira, 2011, p. 69). Há ainda ocorrências de camarões rosa e branco e siris azuis em outras zonas, algumas bastante urbanizadas, como em locais próximos à São José e Palhoça, na baía Sul, onde é pequena a movimentação na corrente (*idem*).

Podemos perceber que mesmo em um ambiente severamente perturbado por infraestruturas bastante estranhas ao ecossistema da baía, áreas de preservação atuam como verdadeiras zonas de cuidado, que vão impactar, mesmo que com bastante timidez, na diversidade de manifestações de vida. Como dito, essas espécies são bastante apreciadas pelos burriquetes, corvinas, robalos, pescadas amarelas e bagres *ferrados* pelos pescadores de *ferrinho* e *tabuinha*. No entanto, é preciso alertar que, apesar de importantes, tais medidas de *preservação* ainda não conseguem fazer frente às perturbações causadas pela urbanização da região metropolitana de Florianópolis. “O processo de urbanização é o modificador mais ativo dos ecossistemas aquáticos” (Decarli, 2019, p. 50), e as observações que atestam aumento dos efeitos a partir da urbanização sugere que as políticas de conservação até então adotadas não são suficientes para proteger e proliferar a diversidade multiespécies, ou mesmo mitigar impactos antropogênicos nos ecossistemas da cidade de Florianópolis (*idem*). Para além de políticas ambientais de *preservação*, Decarli aponta como alternativa políticas de *restauração* de ambientes aquáticos (*idem*). Ocupar ruínas não se trata de viver na insalubridade. É também aprender a recuperar as manchas que o Antropoceno imprime nas paisagens. É uma tarefa muitas vezes ingrata, e que fazemos com certa indigestão, mas se não isso, se não *a ocupação, a apropriação, a recuperação* de paisagens que *já foram* extremamente perturbadas, o que nos resta? Abandoná-las de vez?

.as águas: muito mais que um meio

A vida que habita a baía de Florianópolis tem estreita ligação com a dinâmica das águas de lá. Não é fácil desenhar um panorama que resuma seus significados, efeitos e segredos. Essa dissertação passa longe da meta de tentar ser fiel a tamanha polissemia. Mas precisamos tentar desenvolver sensibilidades capazes de considerar a importância da dinâmica hídrica da baía não apenas como coadjuvante, mas como mais um sujeito ativo, com seus projetos de fazer mundo. Para tanto, vou tentar tratar as massas d'água das baías Sul, Norte e de seu encontro no estreito central de maneira a enxergarmos mais do que uma imensa mancha amorfa, indescritível e indistinguível. Ela é, mais do que um meio, agente da vida biossocial multiespécies da paisagem.

Certa tarde, enquanto tomava café junto a dona Dina e seu Doca, este último relatou que “depois dos aterros, a maré nunca mais foi a mesma. Ela ficou mais fraca. Diminuiu a quantidade de camarão que a gente *mata*”. Ouvi esse relato do seu Doca pela metade de 2019 e, apesar de tê-lo anotado como uma pista relevante acerca das perturbações das infraestruturas na baía, foi apenas quando passei a perceber as águas e pesquisar a hidrografia das baías em coordenação com os seres orgânicos e inorgânicos é que fui capaz de entender a conexão entre os eventos. Tentarei resumir o caminho que segui em minha investigação a quem, como eu até pouco tempo, era incapaz de sentir os fios que conformam esse novelo entre perturbação e diversidade. Ou ainda, a quem, mesmo acostumado a sentir a agência do mar, possa conhecer um pouco sobre como ele se comporta nesse pequeno retalho marítimo.

Já descrevemos sucintamente os movimentos realizados pelas correntezas superficiais, tanto em seus aspectos astronômicos quanto meteorológicos. Analisamos também a confluência entre todas essas forças que fazem com que tal separação não nos ajude muito a entender *as vontades* da maré. Mas para conseguirmos entrar na conversa com o seu Doca, sem se perder demais pela complexa sensibilidade que décadas de vivência com/na baía habilitou em seu corpo, precisamos considerar ainda as influências que as infraestruturas passaram a exercer nas correntezas. E para isso é preciso conhecer alguns retalhos a mais da paisagem, em que a coordenação entre massas d'água, bacias hídricas, estuários, batimetria e margens terrestres da ilha atuam como forças de composição da paisagem.

No ambiente hídrico da baía de Florianópolis há quatro bacias independentes com fluência em direção ao oceano: do rio Tijucas, do rio Cubatão do Sul, do rio Biguaçu e rio Madre: as duas últimas são as menores bacias do estado (Alves, 2011, p. 01). A baía de Florianópolis comporta uma área de aproximadamente 430km², medindo 50km de comprimento de Norte a Sul, tendo o continente e a Ilha de Santa Catarina margeando-a à Oeste e à Leste, respectivamente. Trabalhamos com a subdivisão

tradicional entre baía Sul e Norte, com o gargalo na área que se convencionou chamar central – e onde a maior parte do campo *in loco* da pesquisa etnográfica foi desenvolvido. A baía Sul recebe aporte de diversos pequenos estuários, dos quais o maior é o rio Cubatão do Sul, na margem continental da baía Sul (Alves, 2011, p. 02). Ao passo que a baía Norte tem como maior estuário o rio Tijucas, que deságua no município homônimo, e em que as massas d'água acompanham as correntezas de enchente para adentrar pela embocadura Norte da baía. Acerca das embocaduras, é indispensável o conhecimento de que a embocadura Norte é muito maior do que a embocadura da baía Sul. Isso porque essa diferença no tamanho das embocaduras vai afetar diretamente diversos aspectos da correnteza, da maré e da batimetria da baía. Que, por sua vez, afetará as assembleias orgânicas e inorgânicas aquáticas.

A embocadura maior da baía Norte permite que uma maior massa de Água Costeira (AC) se desloque em direção ao sul nas marés de enchente, e com uma velocidade mais amena, justamente por sofrer estrangimento menor do gargalo ao Norte, bem como das margens entre ilha e continente. A soma desses – dentre outros – aspectos, contribui para que a batimetria – ou seja, a profundidade – da baía Norte seja relativamente constante, sendo em média de cerca de 5m. Aliás, vale ressaltar que a baía de Florianópolis é um sistema relativamente raso, apesar de algumas diferenças aqui e acolá. O norte da baía Sul, próximo ao gargalo central, têm profundidades que variam entre 2,4 a 8,6 metros. Já mais ao Sul pode variar entre 3,1 a 9,5 metros, com uma coluna d'água mais espessa do que na baía Norte. No entanto, é no gargalo entre as baías Norte e Sul que encontramos a maior profundidade do sistema: cerca de 10 metros de profundidade (Alves, 2011, p. 10 e 11). É importante destacar que tais medições foram publicadas em 2002 (Silva *apud* Alves, 2011, p.10), e que outras perturbações foram realizadas desde então, como o engordamento da praia de Canasvieiras, além de constante elevação do nível do mar. Mas o aspecto geral, de que a baía Norte é mais rasa e constante do que a Sul, e de que o gargalo entre elas é mais profundo, não se alterou a ponto de desconsiderarmos a análise. Sobretudo no que diz respeito à profundidade do gargalo central, que, segundo seu Doca “chama pescador por conta de sua profundidade”. Essa foi outra afirmação declarada naquele mesmo café da tarde, e que também ficou gravado como uma pista que agora podemos abordar um pouco mais.

Ocorre que a profundidade de determinada área da baía está intimamente interligada com a dinâmica hídrica que ali se manifesta. Da mesma forma que a batimetria da baía Norte é mais rasa devido à intensidade de suas correntes marítimas, o inverso ocorrem nos fragmentos da bacia em que há mais potência no movimento das marés. A embocadura da baía Sul, por ser mais estreita, restringe as massas d'água que penetram do oceano aberto para a baía. Ao mesmo tempo que essa característica hidrográfica faz com que, ao encontrar-se com as massas d'água da baía Norte, esta tenha predominância em força sobre aquela, a

embocadura mais estreita influencia na força com a qual as águas adentram a baía (Alves, 2011, p. 13), que por sua vez removem o solo subaquático com mais intensidade, tornando aquele trecho mais profundo. O mesmo princípio hidrodinâmico atual no gargalo central entre as baías Norte e Sul, ajuda a explicar a maior profundidade de todo o sistema. Não podemos deixar de considerar a influência que a bacia do rio Cubatão do Sul têm no sistema hidrodinâmico da baía Sul, a qual tem a força de suas correntezas afetadas pelo desaguar do rio Cubatão do Sul (Alves, 2011, p. 48).

Além da influência no sistema hidrodinâmico da baía, o estuário do rio Cubatão do Sul – bem como das outras bacias já mencionadas: Tijucas, Biguaçu e Madre – têm considerável importância quanto à disponibilidade de partículas orgânicas e inorgânicas que atuam tanto na nutrição de habitantes não humanos da baía, quanto em sua contaminação (Alves, 2011, p. 07; Moreira, 2011, p. 19; Decarli, 2019). Tais partículas viajam dos estuários para a baía por quatro estágios principais: via plumas, deposição inicial, ressuspensão e transporte por processos marinhos e acumulação de longo período. As intervenções antrópicas na baía e ao longo dos cursos de água doce, bem como o despejo de material poluente no sistema hídrico resultam em perturbações que intervêm na movimentação dos sedimentos (Alves, 2011, p. 07). As partículas que viajam pelo rio a partir de ciclos de transporte, ressuspensão e deposição possuem ciclos de transporte em que a duração e a distância percorrida dos rios à baía dependem diretamente do sistema oceanográfico costeiro e do comportamento sazonal de descarga do rio (Alves *apud* Noerberg, 2011, p. 07). Nesse sentido, as drenagens e aterros realizados ao longo do último século na baía de Florianópolis tendem a disponibilizar para a coluna d'água uma grande quantidade de contaminantes acumulados nas partículas (Alves, 2011, p. 07), além de afetar consideravelmente o ciclo e a qualidade de vida de organismos bentônicos e demersais (Decarli, 2019).

Assim sendo, além das alterações na hidrodinâmica das correntes d'água, as drenagens e aterros têm considerável potencial poluente e de contaminação dos Materiais Particulados em Suspensão (MPS) que podem ser orgânicos ou inorgânicos, e que compõem a dieta dos não humanos da baía. Por compor a cadeia trófica, há o risco de que a contaminação se espalhe dos menores organismos aos maiores: dos plânctons orgânicos e inorgânicos aos bentônicos e demersais e desses aos peixes, chegando aos humanos. Além do risco de contaminação, a perturbação acelerada dos estuários tende a afetar a diversidade e nutritividade das baías. Sabemos que ecossistemas costeiros são conhecidos pelo seu potencial de vida, sobretudo por sua malha composta de estuários, lagoas, manguezais, conhecidos por comporem ambientes propícios à reprodução, berçário e alimentação de complexas assembleias multiespécies (Moreira, 2011, p. 19). No entanto, a intensidade das perturbações resultantes das mega obras de urbanização na cidade de Florianópolis, ao produzir ambientes marítimos fantasmas, atua num morticínio que impacta o ecossistema

de maneira que a preservação apenas não basta, exigindo um trabalho de restauração (Decarli, 2019, p. 50).

A partir dessa breve e resumida caracterização das hidrodinâmicas e de parte do ecossistema da baía de Florianópolis, talvez estejamos mais aptos a pensar junto de seu Doca. As histórias de Florianópolis têm em comum o atravessamento pelos diversos aterros que mancharam as paisagens da cidade ao longo do último século. Seu Doca possui um rancho de pesca no bairro João Paulo, na baía Norte da ilha. Como pudemos notar, a hidrodinâmica sofre influência direta da coordenação entre diversos elementos: as marés, as correntes, os ventos, a profundidade, as bacias hidrográficas, a temperatura, a salinidade e as margens terrestres. A restrição do espaço das embocaduras acelera e dá potência às massas d'água constringidas. Ao mesmo tempo, alaga margens em outros pontos, ampliando a área de superfície da baía: como de fato ocorreu nas praias da baía Norte entre elas João Paulo, Cacupé e Sambaqui, locais de pesca costumeiramente frequentados por seu Doca. Tal alargamento atua da desaceleração da força da correnteza nos pontos citados da baía Norte.

Camarões sete barbas são preferência do seu Doca. Se trata de um crustáceo demersal, ou seja, vive em alternada coordenação com os substratos da baía, e têm origem diversa: de manguezais a estuários. Para além das perturbações que estes ecossistemas sofrem com a constante urbanização de Florianópolis e todos os elementos daninhos ensejados por esses fenômenos, a desaceleração da velocidade das correntezas pode ser considerado um desses elementos daninhos resultantes da urbanização da ilha. A vazante mais fraca afeta o movimento dos camarões sete barbas, mantendo-os afastados das áreas próximas aos aterros – e que o seu Doca costuma pescar –, exigindo que o seu Doca se desloque mais a norte para conseguir matar os camarões – em número reduzido. Além disso, a contaminação, poluição e devastação de ecossistemas que rendem fertilidade às zonas costeiras – como estuários e manguezais – impactam diretamente a diversidade e abundância de vida desses crustáceos e outros animais marinhos que compõem sua assembleia. T tamanha perturbação, interseccionada com a pesca industrial praticada em alto mar são alguns dos gatilhos dessa mancha antropocênica.

O dilema do seu Doca tem muito a nos dizer acerca da coordenação entre humanos e não humanos na baía, e a intensidade dos impactos que as perturbações na paisagem causam nas assembleias que a habitam. Tornando a pesca artesanal uma atividade cada vez mais debilitada. É devido a infinita abrangência dessa malha de vidas mais que humanas que se cruzam que o dilema do seu Doca vai ter pontos de contato com os dilemas da arte de pesca com *tabuinha e ferrinho*. Pois recordemos: os mesmos camarões sete barbas que o seu Doca hoje pena pra *matar* e vender a R\$60,00 o quilo, apreciado pelos humanos capazes de desembolsar esse montante, é apreciado também pelos peixes mirados pelos pescadores das passarelas. Eles não compram os camarões do seu Doca – além de caros, são iguarias muito valorizadas por humanos.

Servem os camarões rosa ou de Laguna. Os camarões podem até ser comprados, mas há quem os capture *à unha* no perímetro da baía de Florianópolis, a fim de seduzir os peixes. E com isso tornamos mais intrincada nossa assembleia mais que humana, posto que chamamos os peixes para conversa.

.peixes

E antes de partirmos para a cadeia operatória da performance propriamente dita da arte de pesca com *tabuinha* e *ferrinho*, a fim de ampliarmos ainda mais nossa sensibilidade acerca da assembleia mais que humana a qual propicia o acontecimento da arte de pesca nas passarelas, vamos apresentar aqui brevíssimas histórias acerca dos principais peixes que participam do jogo de *agilidade* (Haraway, 2003) com os pescadores e seus artefatos. Quando nos referimos à *agilidades*, estamos buscando inspiração na noção de interação mais que humana conforme descrito por Donna Haraway em seu *Manifesto das Espécies de Companhia*.

Ao detalhar a qualidade obtida na relação interessada entre humanos e cães no [esporte de agilidade canina](#)²², Haraway argumenta a favor de interações mais que humanas – o que ela chama de *outridade significativa* – a partir de uma atenção acentuada que humano e não humano mobilizam mutuamente para realizar a *melhor comunicação possível*, destarte o abismo comunicacional interespecífico. Em outras palavras, para que humano e cão se aproximem ao máximo de um entendimento capaz de mobilizar uma parceria num esporte que é interespecífico por natureza, é preciso que haja engajamento da atenção ao Outro, tradução de intensões e acordos pragmáticos.

Anna Tsing vai tomar emprestada a noção de Haraway para expandi-la a interações entre humanos e outros não humanos, além dos cães e outros animais domesticados. De nossa parte, seguiremos pelo caminho apontado por ambas, mas situado ao contexto da nossa paisagem e da arte de pesca com *tabuinha* e *ferrinho*, e todas as comunicações e relações interespecíficas que pudemos perceber a partir desse recorte em campo. Ou seja, nossa sensibilidade etnográfica em descrever as coordenações interespecíficas desse evento se inspira na percepção de que estamos diante de esforços de comunicação interespecie a fim de que se realize uma interação bastante específica. E para que isso se realize é preciso que haja o engajamento junto aos diversos elementos que compõe esse retalho da paisagem, tanto por parte dos humanos quanto, e sobretudo, dos não humanos. *A tentativa de esquiva ao excepcionalismo humano* é nosso mantra (Tsing, 2019).

Durante a apresentação do peixes, traremos para as histórias alguns outros não humanos que propiciam o sustento nutricional dos peixes e são mobilizados estrategicamente como iscas pelos

²² <https://youtu.be/hxMsVbFr1Bc>

pescadores. A maioria desses outros não humanos já se apresentaram aqui e acolá ao longo dessa dissertação, e são eles também componentes dessa assembleia mais que humana. Por fim, apesar de se valer de características biológicas mais gerais das espécies, nos arriscaremos a descrever as especificidades observadas dos indivíduos em campo, inspirados na ferramenta metodológica dos estudos em Ecologia denominada *Conhecimento Ecológico Local* (CEL), o qual diz respeito a conhecimentos adquiridos através das experiências em habitar (Ingold, 2015) a paisagem, transmitidas a partir da oralidade, entre gerações e entre populações (Martins, 2012, p. 27).

.burriquete, ou *Pogonias cromis*

Também conhecido por aí como miraguaia, piraúna, corvina preta ou *black drum*, é da família *Sciaenidae*, o que lhe confere similaridades biológicas bastante próximas da corvina. Distribui-se da Nova Inglaterra (EUA) ao Golfo San Matías (Argentina) (Santos *et al*, 2016, p. 90), bem como toda costa marítima brasileira, com maior incidência nas regiões Sul e Sudeste. É uma espécie estuário-dependente, ou seja, “obrigatoriamente usam os estuários em alguma etapa de seu ciclo de vida” (*idem*), sobretudo na juventude e nos períodos de acasalamento e desova, tolerando ampla gama de temperaturas e salinidades na água (*idem*, p.90 e 91). Enquanto adultos, podem ser encontrados com maior frequência em águas costeiras e com menos frequência distantes da costa (*idem*, p. 91). Estima-se que pode chegar a 150cm de comprimento total e 66kg, sendo um predador bentônico e demersal (*idem*, p. 90) (mariscos, caranguejos e camarões da baía de Florianópolis fazem-nos felizes). Ou seja: são peixes que habitam mais próximos ao fundo da baía. É um peixe bastante brigador quando *ferrado*. Aparecem pelos arredores do gargalo entre as baías Sul e Norte durante o inverno, por volta de agosto, em busca de águas mais quentes, e são pescados por ali até meados de dezembro.

Atualmente a espécie se encontra na lista de espécies ameaçadas na categoria *em perigo*, sendo protegida de modo integral, incluindo a proibição de captura, transporte, armazenamento, guarda, manejo, beneficiamento e comercialização (MMA, 2014). Tal proibição se deve sobretudo devido a sobreexploração da espécie por meio da pesca industrial realizada em um dos principais berçários da espécie na região sul do Brasil, a Lagoa dos Patos no RS (Santos *et al*, 2016). Muito embora não haja encontrado estudos acerca dos trajetos migratórios do burriquete, existe a hipótese, aventada por alguns pescadores da ponte, de que muitos dos indivíduos ferrados na baía de Florianópolis sejam oriundos da Lagoa dos Patos, tendo em vista a sincronidade com a subida das tainhas em busca de águas menos frias.

De todo modo, independentemente da origem do peixe pescado a partir da passarela, interessa a nossa análise refletir acerca do *ritmo* da perturbação que tal arte de pesca imprime na população de

burriquetes. Muito embora a espécie esteja protegida pela legislação ambiental, causa certo estranhamento por parte de alguns interlocutores que sua arte de pesca sofra as mesmas sanções do que, por exemplo, a pesca industrial. É incomparável a capacidade de dano desta arte com aquela. Sobretudo levando em consideração que a diminuição exponencial da espécie no Sul do Brasil, a ponto de deixá-la em perigo, passou a ser observada a partir do ápice da pesca do burriquete na Lagoa dos Patos no Rio Grande do Sul, ocorridas entre as décadas de 1950 e 1970, chegando a atingir 1.450 toneladas em 1977 (Moreira, 2011, p. 90) – o equivalente a aproximadamente 58.000 espécimes de pequeno/médio porte, com cerca de 25kg cada. Esse porte é considerado relevante pelos pescadores da passarela, o que faz com que a captura do burriquete seja bastante valorizada, apesar dos riscos: Barriga não cansa de repetir a história de quando foi multado por ter em seu poder quatro burriquetes. Segundo ele, a multa alcançou cerca de R\$40.000,00: “*E eu vou pagar como? Não pago, não tenho como pagar com minha aposentadoria*”.

.bagre, ou *Genidens genidense* e *Genidens barbuis*

Com todo zelo, Felipe empalou o anzol pelo dorso do camarão ainda vivo, ávido por *ferrar* um robalo. Poucos minutos depois, seu caniço enverga ligeiramente para baixo formando um arco, indicando que algo *vivo* estava na ponta da linha, submersa na baía de Florianópolis. “*Opa!, pegou!*”, exclamo, “*Robalo!*”, pergunto. Felipe sacode a cabeça de um lado pro outro, “*Tsc, é nada; é bagre, essa praga*”, lamenta. Puxa então o peixe para a passarela e, sem muito zelo, retira o anzol que *ferrara* o peixe – de fato, era um bagre de cerca de uns 15cm – e joga ele de volta pra baía, a uma altura de cerca de 30m. “*Isso é uma praga!*”, torna a dizer.

Apesar de haver 40 famílias de bagres catalogadas pela ciência ocidental, apenas duas vivem em água salgada. As duas espécies comuns na baía são da família *Ariidae*. O tamanho dos bagres na baía pode variar, mas os de maior prestígio atualmente, segundo os pescadores, são da ordem dos 3,5kg e cerca de 50cm, mas há relatos nostálgicos de décadas anteriores, em que se *ferrava* indivíduos de até 10kg, e que era preciso “ir pescar com carrinho de mão” (José, relato em março de 2020). Nem todo pescador da passarela encara o bagre como uma praga, nem lamenta quando um *G. genidens* ou um *G. barbuis* é *ferrado* e puxado até a passarela. Esses que aprenderam a valorizar esse peixe costumam não voltar de mãos abanando para casa. Isso porque essas duas espécies são das mais populosas que habitam a paisagem (Cartagena, 2008, p. 15). Difícil arriscar qualquer hipótese que tente explicar a alta incidência desse *Siluriforme* na baía de Florianópolis, mas com base nos relatos dos pescadores, podemos arriscar algumas: a primeira: bagre “come de tudo” (Wilson, relato em março de 2020; Moreira, 2012, p. 41). É sabido que o bagre não é de rejeitar comida, podendo até mesmo comer os companheiros de espécie. Na baía eles vão encontrar

um banquete composto por camarões, siris azuis, caranguejos e peixes menores.

Devido às características nutritivas das águas costeiras e estuarinas da baía, a assembleia de não humanos é bastante atrativa para os bagres. No entanto o ecossistema da baía não propicia apenas alimento, mas também águas quentes e salobras, com menor salinidade, preferidas para a procriação (Moreira, 2011 *apud* Hostim-Silva *et al*, 2009). Por ser um peixe estuário-dependente, um dos períodos em que migram do alto mar para a baía é para a reprodução, em que os adultos se dirigem à baía para desovar. É da percepção de pescadores que a baía propicia águas mais quentes, rasas e com lama que lhes propicia alimento e proteção contra predadores (Moreira, 2012, p. 39).

Os hábitos demersais dos bagres são favorecidos pela sensibilidade que seus *barbilhões* ou *bigodes* lhes conferem. São sensibilidades que no fundo da baía e no escuro propiciam ao bagre perceber a proximidade e presença tanto de presas – ou iscas de pescadores - quanto de predadores, a partir das vibrações na lama ou na água. É um importante órgão de comunicação do bagre com o ecossistema, pois é a partir dos *bigodes* que grande parte das informações do ambiente são transmitidas ao seu corpo, em coordenação com o olfato. A importância desses sentidos torna propícia a vida noturna para o bagre e lhe dá vantagens em relação a espécies de vida mais diurna.

Em campo ouvi relatos de que em tempos de mais abundância de peixes, o bagre era amplamente desprezado. Não tinha valor mesmo para marcar presença na mesa do pescador ou pescadora. Mas de uns tempos pra cá, a partir do escaçamento da assembleia de peixes, o bagre passou a ser menos desprezado por quem o *ferra*. “*Tá cheio de carne aí, ó. Só torar ali a cabeça; da cabeça pra baixo é só carne*”, ensinou Wilson (relato em março de 2020) apontando para um bagre de cerca de 3,5kg recém *ferrado*, “*Esse alimenta uns cinco, fácil!*”. Por ter hábitos demersais, o bagre disputa as iscas que os pescadores manipulam para burriquetes e corvinas, que também habitam a lama da baía. E como é um peixe que “*come de tudo*”, não importa se a isca é uma posta de sardinha barata, um camarão vivo ou mesmo o pedaço de um companheiro de espécie.

.corvina, ou *Micropogonias furnieri*

Apesar de ter uma série de apelidos ao longo da costa brasileira, na baía de Florianópolis atende pelo nome de corvina mesmo. Em outros lugares é também chamada de pescada, pescada branca, pescada do Piauí, cruvina, cascudo, corvineta, cupá, marisqueira, tacupapirema, ticupá e ticopá e por aí vai. Pode alcançar cerca de 80cm de comprimento e pesar 6kg. Como mencionado anteriormente, pertence à família do burriquete: *Schiaenidae*, e assim como o parente, é estuário-dependente – podendo adentrar em águas doces -, se aproveitando dos mesmos *affordances* que o ambiente de fundo propicia ao burriquete:

banquete bentônico e demersal – camarões, mariscos, peixes menores e siris. Mas também têm hábitos pelágicos, ou seja, de se lançar em colunas d'água, mais superficiais. Habita ecossistemas costeiros, sobretudo como berçários nas fases iniciais da vida, ao passo que a desova é pelágica, ocorrendo em mar aberto. Entretanto, há pescadores que relatam ocorrência de fêmeas ovadas também em paisagens estuarinas (Moreira, 2012, p. 42 e 43), sobretudo nos meses de agosto, setembro e outubro, com as desovas ocorrendo a partir de outubro.

A corvina é um peixe bastante apreciado pelos pescadores da ponte, sejam praticantes da arte com *tabuinha* e *ferrinho* ou com caniço. Por habitar tanto o fundo quando a meia água, as iscas e técnicas adotadas para a pesca do burriquete seduzem também a corvina. Há relatos de que as chances de *ferrar* uma corvina é maior nas marés de sizígia, ou seja, em lua cheia ou nova; nas marés de quadratura – quarto crescente ou minguante – há um pouco mais de chances de *matar* corvina de dia, mas ainda assim, bem menores em comparação às marés de sizígia. Por ser um peixe que não chega a atingir porte avantajado, sobretudo na baía, em que há mais peixes jovens, sua pesca é versátil, podendo ser utilizados artefatos menos robustos. É comum ver pescadores embarcados em caiaques com algumas corvinas mortas amarradas na lateral de suas embarcações. Apesar de seu porte, a corvina tem fama de ser um peixe brigador e com bastante prestígio – assim como sua carne, agregando inclusive valor comercial bastante relevante. Ao contrário do bagre e do burriquete, pode-se encontrar essa espécie à venda nas peixarias do Mercado Municipal de Florianópolis.

.pescada amarela, ou *Cynoscion acoupa*

Eu diria que é um dos preferidos dos pescadores das passarelas. Aliás, pensando melhor, com exceção do bagre – que divide opiniões – , todos os peixes que os pescadores *mataram* enquanto eu estava em campo, e que estou descrevendo aqui, são alvo de comemoração dos pescadores. Terceiro membro da família *Sciaenidae* dessa assembleia, habita águas tropicais e subtropicais de toda costa da América do Sul, compreendendo toda costa litorânea do Brasil, além do oeste do Panamá e na Argentina (Souza, 2017, p. 19). Também apelidada de pescada (somente), pescada branca, pescada olhuda, pescada cumbucu e *croaker* e por aí vai. É uma espécie de peixe nectônica, ou seja, corpos com habilidades capazes de vencer a força das correntezas e se deslocar de maneira pelágica: mais próximos às superfícies d'água - muito embora seja caracterizada também como demersal, por desenvolver hábitos de fundo. Habitando sobretudo águas costeiras rasas, bastante comuns em águas estuarinas salobras, lagoas e baías estuarinas e desembocaduras de rios, podendo adentrar águas doces (*idem*). Quando jovens, restringem-se a águas salobras e doces, em pequenos ou grandes cardumes nadando próximos ao fundo (*idem*, p. 20). Pode alcançar cerca de 160cm

de comprimento e pesar 30kg. Têm preferência por camarões e peixes menores, iscas podem ser tanto naturais quanto artificiais.

.robalo, ou *Centropomus spp.*

Um dos principais motivos que levam os pescadores das pontes a carregar consigo baldinhos-viveiros de camarões vivos é o desejo do robalo. A fim de ter sucesso na agilidade (Haraway, 2013; Tsing, 2019) entre pescador e robalo, o camarão vivo atua como um elo bastante eficaz. Camarão morto não realiza a agilidade necessária ao jogo da pesca. São reconhecidas pela ciência ocidental 12 espécies do gênero *Centropomus*: seis habitando o Oceano Pacífico e as outras seis o Oceano Atlântico, circulando regiões tropicais ou subtropicais desde os EUA (Anni *et al*, 2009, p. 01). Habitam sobretudo ecossistemas costeiros, em águas rasas de ilhas, recifes e, sobretudo, canais, baías, manguezais, estuários, rios costeiros e lagoas (*idem, apud* Carvalho – Filho, 1999). Toleram bem variações de salinidades, mas são especialmente sensíveis à variação de temperatura das águas. Adotam dieta carnívora, especialmente outros peixes, crustáceos, moluscos e até mesmo insetos – com especial apetite por camarões. Há duas variações consideravelmente distinguíveis pelos pescadores: a primeira é o robalo flecha *Centropomus undecimalis*, também apelidado de robalão, camorim, *commom snook* e por aí vai (*idem*). Estima-se que a espécie possa alcançar 120cm de comprimento e pesar cerca de 25kg. A segunda variação é o robalo peba *Centropomus parallelus*, que é chamado também de camorim peba, camorim pena robalo peva, *fat snook* e por aí vai, podendo medir cerca de 50cm de comprimento e pesar até 5kg. Em Santa Catarina sua desova ocorre entre o final da primavera, meados de novembro, e início do outono, pelos idos de abril, percorrendo todo o verão, na costa, enseadas próximas a desembocaduras de rios e estuários rasos (*idem*). Alevinos e larvas se dirigem a estuários, rios e lagunas que propiciam ambiente bom para berçário, ao passo que adultos habitam águas salobras, como da baía, e salgadas, podendo, no entanto, viver relativamente bem em águas doces também, muitas vezes encontrados quilômetros acima das bacias fluviais (*idem*).

É considerado um peixe sedentário, com pouca locomoção em comparação a outras espécies, movendo-se mais em período de enchente e vazante mais intensas, como das marés de sizígia ou correntezas de vento forte. Sendo assim, considera-se que o período de melhor pescaria da espécie é em marés de quadratura. Dias quentes também são percebidos como mais propícios para *matar robalinhos*. Além de sua carne ter grande apelo culinário, pescadores são encantados pelas agilidades propiciadas pela pesca dessa espécie, sendo uma das mais valorizadas nas passarelas e na baía de Florianópolis. É um peixe bastante propenso à caça. Por isso, apesar de sua preferência por permanecer próximo ao fundo da baía, não se furta a perseguir a presa – seja selvagem, seja presas no anzol dos pescadores. Apesar de ser um hábito a pesca

com iscas vivas, as iscas inorgânicas (artificiais) também são utilizadas na tentativa de sua *ferrada*. Há quem esteja migrando das iscas vivas para as artificiais por julgar estas últimas mais econômicas e de fácil obtenção. A escolha da isca depende também da atividade do robalo no momento da pesca, ao passo que a escolha da isca artificial precisa ser alinhada também à coloração da água: se mais clara, a cor da isca não deve destoar demais desta; se mais escura, é preciso uma isca inorgânica de coloração mais acentuada em relação ao meio aquático. Nas passarelas, a arte de pesca mais realizada na procura de robalos é com vara e molinete.

.falemos um pouco sobre as “iscas”

Isca é um termo que se insere apenas dentro de um contexto, e é bastante genérico se prestarmos um pouco mais de atenção. Quando nos referimos às iscas como os não humanos orgânicos mobilizados na arte de pesca de *tabuinha e ferrinho* – visto que essa arte não compreende o uso de iscas inorgânicas, como veremos mais adiante –, na maioria das vezes estamos falando de não humanos que muitas vezes servem também à alimentação humana, e não apenas dos peixes que se espera *matar*. Camarões, caranguejos, siris, postas de peixes como sardinha, bagre e tantos outros: todos compõem a dieta tanto dos humanos pescadores quanto dos não humanos que habitam o ambiente subaquático da baía de Florianópolis. Em um contexto de mercado, muitas iscas são consideradas iguarias de alto valor culinário, como é o caso do camarão – por mais que aqueles que servem como iscas nessa arte de pesca não sejam tão *grávidos* quanto os camarões sete barbas adultos. Ainda assim, são não humanos que compõem a dieta tanto dos humanos quanto dos peixes *ferrados* por aqueles.

Como podemos observar, os não humanos mobilizados como iscas precisam estar em consonâncias com diversos parâmetros. Antes de tudo é preciso que compõem a dieta dos peixes que se busca *matar*. A depender do interlocutor, esta pode parecer uma afirmação óbvia ou leviana para constar nesse registro. Mas não há muito tempo, este antropólogo que vos relata essas histórias, tentou *ferrar* algum peixe na baía Norte, próximo às margens, no bairro Sambaqui, usando como isca minhoca de terra. Sim, aquelas mesmas que atuam na decomposição de matéria orgânica, enriquecendo o solo. Esse episódio evidencia, além do amplo desconhecimento recente deste antropólogo acerca dos fundamentos básicos das artes de pesca, que é preciso ter ciência dos *affordances* necessários para que haja algum sucesso na comunicação entre humano e não humano. Minhocas de terra não propiciam alimentação aos peixes da baía, porque minhocas, antes de tudo, não compõem a assembleia multiespécies do ecossistema ao qual o peixe está inserido. É verdade que os micro plásticos e agentes contaminantes como o mercúrio também são estranhos a esse ambiente, mas a cadeia de acontecimentos que leva os peixes a ingerir esses elementos é de outra ordem. O que está em jogo nas artes de pesca que buscam *ferrar* peixes a partir do uso de iscas é a adequação aos *affordances*

propiciados pelo ambiente à dieta do peixe, em que este último esteja habituado a perceber como alimento. Claramente não cheguei a *ferrar* sequer um insistente baiacu com aquela minhoca estrangeira.

A partir da percepção de que as iscas utilizadas na arte de pesca da *tabuinha e ferrinho* devem estar em consonância com a assembleia mais que humana da baía de Florianópolis, podemos perceber como os diversos elementos da paisagem aqui apresentados constituem uma intrincada malha de existências humanas e não humanas, orgânicas e inorgânicas, e em que medida as perturbações tendem a influenciar no imbricamento dessa malha. Como foi mencionado em diversos trechos dessa etnografia, a hidrografia da baía de Florianópolis compõem uma malha ainda maior de um ambiente costeiro constituído por manguezais, estuários, bacias fluviais e seus diversos cursos d'água, implicando diretamente um balanço ecossistêmico que, a partir da intensidade das perturbações resultantes da mancha antropocênica emanada pelo conceito de urbanização adotado na paisagem, não pode mais depender somente de medidas de conservação. A paisagem está e continua a ser perturbada a tal ponto que cruzar os braços e aguardar que o ecossistema se recupere não basta, é preciso agir para *recuperar*.

A presença de pescadores nas passarelas das pontes situadas no gargalo entre as baías Norte e Sul de Florianópolis é uma espécie de bioindicador de uma assembleia mais que humana que resiste aos avanços da mancha antropocênica de um modelo de urbanização que está longe de ser exclusiva à Ilha de Santa Catarina. Como certa vez me disse meu orientador, Rafael Devos, “onde tem ponte, tem pescador”. A partir da caracterização da assembleia que rodeia a arte de pesca com *tabuinha e ferrinho*, creio que podemos seguir a sentença: e onde há pescadores, (muito provavelmente) há peixes; e, no caso dessa paisagem costeira, onde há peixes, há camarões, siris, caranguejos, mariscos; níveis aceitáveis de temperatura, salinidade, salubridade, maritimidade. Em suma, habitabilidade mais que humana.

A resiliência dos não humanos dessa assembleia pode ser observada no exemplo de *autoreasselvajamento* (Tsing, 2019, p. 247) exercido pelos mariscos em associação às pilastras das pontes como substratos bentônicos. *Reasselvajamento* diz respeito ao manejo de não humanos inseridos em paisagens de elevada perturbação humana, tanto para colaborar com a recuperação dos processos do ecossistema perturbado ou simplesmente ampliar sua biodiversidade (*idem*, p. 246). Nesse sentido, *autoreasselvajamento* seriam agências reasselvajadoras realizadas de maneira autônoma pelos próprios não humanos, sem manejo intencional de humanos.

Muito embora as escalas e qualidades do autoreasselvajamento possa variar, ou seja, desde o sufocamento da diversidade de uma paisagem extensa por autoreasselvajadores daninhos como os veados vermelhos em uma ecossistema arruinado na Dinamarca (*idem*, p. 241) à ressurgência de novas florestas quando se deixam respirar paisagens perturbadas, a associação dos mariscos às partes de uma

infraestrutura planejada para outros usos pode nos ensinar algumas coisas acerca de ressurgências. Não se trata de se contentar e tranquilizar a consciência com exemplos de resiliência e meritocracia mais que humana, mas de perceber na insistência da vida possibilidades de coordenações que atuem na proliferação da diversidade, tão cara em paisagens que necessitam ser recuperadas, como é o caso da baía de Florianópolis.

Vejo mobilizações nesse sentido como facilitadoras e catalizadoras de um processo de proliferação da diversidade mais que humana. Mas para que tais medidas não se limitem a ações esparsas, simbolizadas por insuficientes noções de sustentabilidade ou até mesmo se tornando uma estética e um nicho de mercado, não basta perceber a paisagem como pontos fragmentados e sem conexão, com pequenos pontos a serem preservados. As “iscas” da arte de pesca com *tabuinha* e *ferrinho*, percebidas como um importante participante dessa paisagem mais que humana, nos evidencia a importância de uma percepção sistêmica acerca da maneira como habitamos e atuamos na/com a paisagem.

Para Barriga

TUDO COMEÇA COM A ISCA

O TRAJETO



O ACESSO



A ESPERA



A BATIDA

A FERRADA



PERCEBENDO A ATMOSFERA

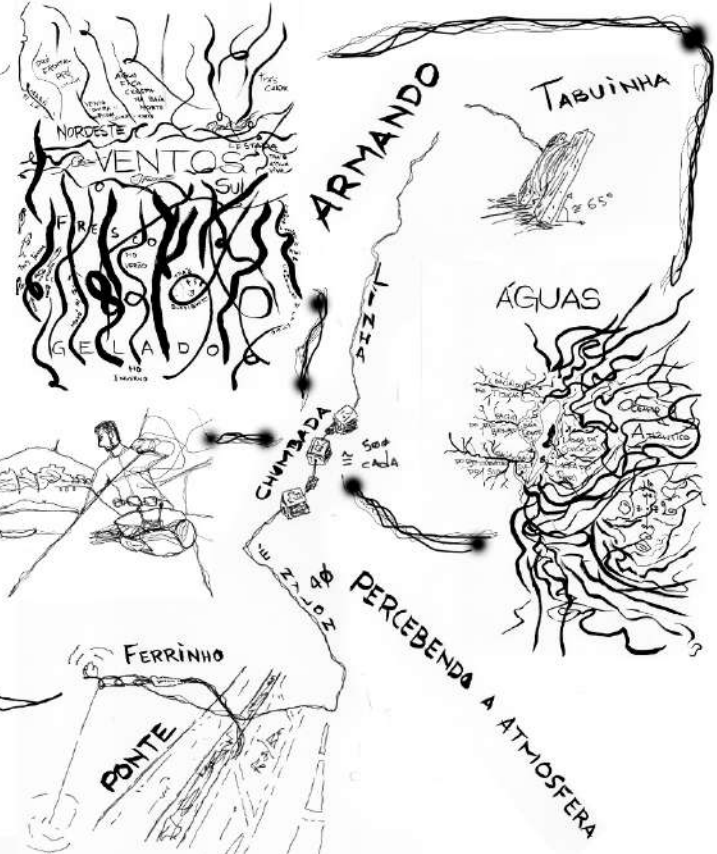
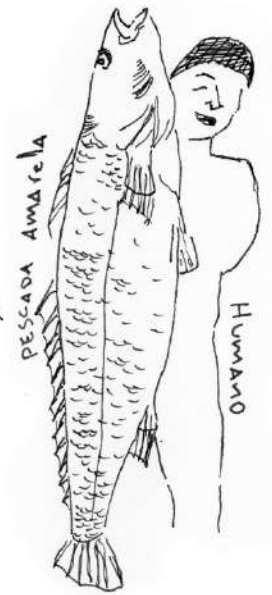


ÁGUAS



A PUXADA

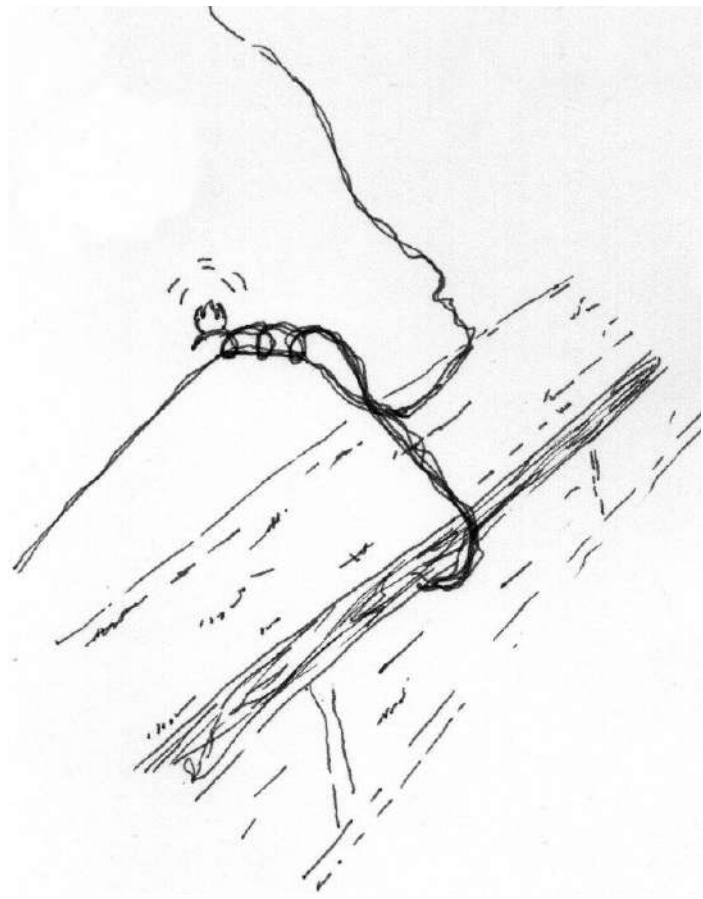
A ESPERA



.ponte/passarela

Podemos iniciar pelo objeto mais importante e, curiosamente, menos óbvio: as pontes/passarelas. Pode ser que soe estranho dizer que a ponte é o objeto menos óbvio na descrição da arte de pesca com *ferrinho* e *tabuinha*, mas meu argumento se sustenta nos *affordances* que esse objeto pode propiciar aos pescadores e seus demais artefatos de pesca. Como mencionado em nossa análise sobre o papel da ponte na paisagem mais que humana da baía, sobretudo como substrato bentônico aos mariscos, a ponte tem importante papel atrativo aos peixes, tornando-se um importante pesqueiro. No entanto, o acesso a esses pesqueiros estaria restrito aos pescadores embarcados não fossem as passarelas. A partir das passarelas, os pescadores têm acesso “aéreo/terrestre” a esses pesqueiros, bastando lançar a isca do ponto mais propício da passarela. Mesmo os *arremessos* com caniço não têm a mesma qualidade quando realizados das margens, conforme me informou Marcos (em setembro de 2020).

Outro *affordances* disponibilizado pelas passarelas é de *abrigo*. Vale destacar que esse *affordances* é percebido também para outros usos possível – desde os mais coloquiais, como passagem de pedestres e ciclistas, à possibilidade de praticar caminhadas sob sombra constante, se proteger da chuva, do sol forte, de ventos arrebatadores – atraentes a pessoas em situação de rua. Essa capacidade de propiciar abrigo torna mais fácil e viável longos períodos de pescaria – alguns passam dias pescando ali, como o Barriga, que diz voltar pra casa apenas para higiene e alimentação quando a pescaria tá boa (relato de 2017).

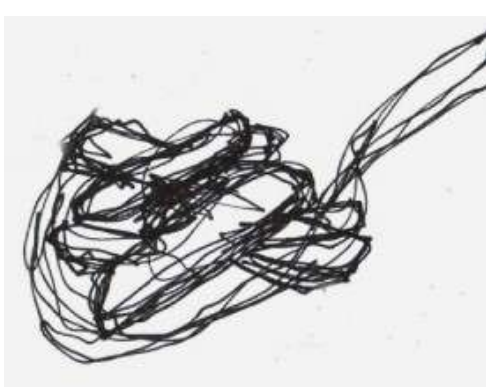


No entanto, os *affordances* propiciados pela ponte não se limitam ao âmbito de *local de pesca*. As próprias estruturas da ponte foram percebidas e mobilizadas como *componentes* da arte de pesca com *tabuinha* e *ferrinho* ao longo do aperfeiçoamento da técnica pelos pescadores. A princípio podemos elencar a função que ela têm em coordenação com o *ferrinho*: este é encaixado na mureta lateral da passarela a fim de

se manter afixado durante a pesca. A mureta, que serve também como proteção aos usuários da passarela, tem em sua parte superior uma protuberância que volta-se para o interior da passarela, e é esta protuberância que propicia o acoplamento do *ferrinho*, bem como o descanso das *chumbadas*, *iscas*, *peixes físgados*, *latinhas de cerveja*, em suma, atuando também como uma espécie de *suporte*.

O piso da passarela, além de propiciar o suporte dos pescadores e seus artefatos sobre os pesqueiros e águas da baía, em coordenação com a *tabuinha*, pode servir como um indicador do porte e até a espécie do peixe *ferrado*. “Bateu *taubinha!*” é um dos enunciados que avisam que algum peixe foi *ferrado*. “Bateu forte?” é uma das indagações que podem se seguir ao evento da batida. Ou seja, a depender da intensidade sonora que resulta da interação física entre *tabuinha* e piso da passarela, os pescadores mais atentos e experientes conseguem interpretar tal *informação* e mensurar aproximadamente o porte e a espécie do peixe *ferrado*. Esse fenômeno é bastante significativo no que diz respeito a *transdução* entre o meio aquático e

aéreo (Helmreich, 2015), a partir das ondas sonoras resultantes da viagem de energia que principia na físgada do peixe imerso nas águas da baía, viaja pela linha de *nylon 140*, atravessa o *ferrinho* e faz bater a *tabuinha* que descansava inerte em um ângulo de aproximadamente 65° no piso da passarela. Sua batida “transduz” a energia mecânica em energia sonora que viaja pelo ar e, ao “bater” no corpo do pescador, sinaliza a este que, a partir da experiência e percepção, se dirige à linha relativamente preparado para *puxar* um burriquete, uma corvina, um bagre desse ou daquele porte.



Nesse sentido, podemos interpretar que, assim como a ponte propicia *affordances* de abrigo para os mariscos, também propicia *affordances* à arte de pesca com *tabuinha* e *ferrinho*. A partir da percepção dos pescadores, inclinados em encontrar soluções para melhor *ferrar* os peixes que habitam o gargalo da baía, são notadas potencialidades no ambiente que passam despercebidas por quem busca se valer das estruturas das pontes para passagem, seja dentro de seus automóveis ou do lado de fora, pedalando ou caminhando. Com isso, podemos notar a importância exercida pela ponte na cadeia operatória dessa arte de pesca.

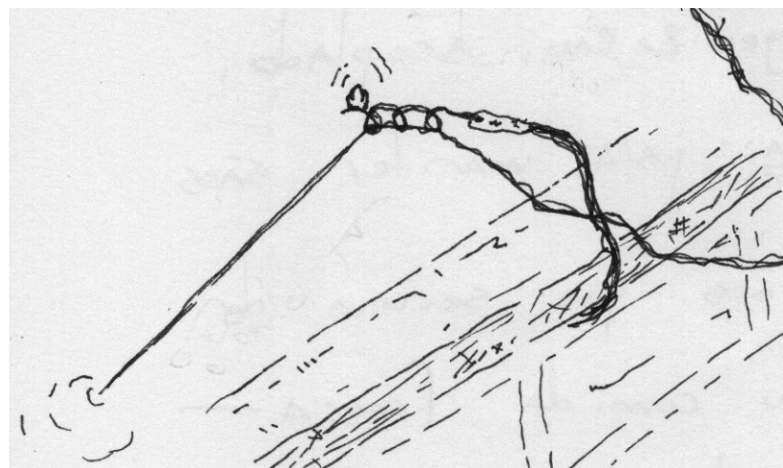
.ferrinho

O signo não diz tudo. *Ferrinho* é e não é um mero pedaço pequeno de ferro. Se trata de objeto técnico manufaturado pelo próprio pescador e, *também* por isso, contendo elevado grau de *individuação* (Simondon citado por Schwedersky, 2019, p. 51, 2015). Segundo o filósofo Simondon (2015, *apud* Schwedersky, 2019, p. 50), para além de pensar os seres individuados, o indivíduo em si, é mais significativo

refletir acerca dos processos de individuação aos quais estão engendrados os sujeitos. Ainda segundo Schwedersky, o filósofo “parte do princípio de que o indivíduo se encontra numa relação ativa e permanente com o mundo e é a relação que define ao mesmo tempo em que fundamenta esses processos” (2019, p. 50). Sendo assim, importa-nos atentar menos aos indivíduos segregados da individuação do que o processo em que a individuação acontece e influencia o corpo do indivíduo. Tais processos de individuação se caracterizam por trocas de informações entre o artefato e a pessoa – um transmitindo informação ao outro. Ao mesmo tempo que o pescador atua no *ferrinho*, este atua de volta no pescador, implicando em uma interação que não compreende uma mera separação entre sujeito e objeto, tendo em vista que cada qual tem sua qualidade de agência sobre o outro. Tal noção não se limita tão somente à interação pescador com *ferrinho*, passando também pelas diversas interações que ocorrem no processo da arte de pesca como um todo – dessa arte em relação às outras.

Como exemplo deste argumento, podemos falar sobre as diferentes individuações que as várias artes de pesca realizadas na baía fazem acontecer. Certa manhã, um homem que passava a pé pela passarela pediu um cigarro ao Padeiro, que pescava com *tabuinha* e *ferrinho*. Enquanto esse lhe entregava o cigarro, o passante provocou: “*Eu não tenho paciência pra pescar desse jeito. Prefiro tarrafá*”. O Padeiro então retrucou que “*com tarrafá não tem graça*”, pois era muito rápido, completando depois que o homem já estava fora do campo de audição que “*só dei o cigarro porque achei que ele tava pescando aqui; se soubesse não dava, não*” (evento em agosto de 2019). As individuações que resultam da pesca com *tabuinha* e *ferrinho*, apesar de convergir em diversos pontos com outras artes, carrega uma grande quantidade e qualidade de informações bastante específicas, sobretudo se levarmos em consideração o ambiente e a paisagem aos quais ela se manifesta. Além disso, há as individuações que os sujeitos materializam nas maneiras e invenções imprimidas em seus artefatos.

Dito isso, o que vemos em se tratando de variedade de *ferrinhos*, à primeira vista, pode não haver singularidades evidentes. Hastes de ferro deformadas em uma ponta para que sejam encaixadas com justeza à mureta da passarela; o meio elevando-se num ângulo próximo aos 45° e sua ponta terminando com uma espiral de cerca de três ou quatro voltas, por onde a linha de *nylon* é inserida a fim de se manter suspensa como em uma vara de pesca. Em média, o *ferrinho* mede cerca de 30 à 40cm – o bastante



para que a linha permaneça em suspenso sem tocar na parede da mureta.

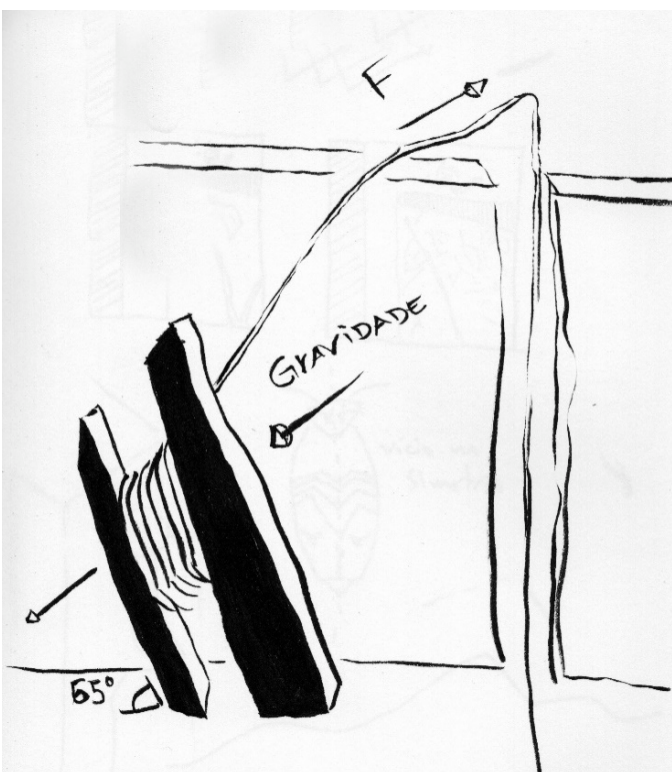
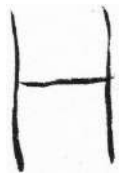
No entanto, a partir das experiências acumuladas pelo coletivo de praticantes dessa arte de pesca, algumas invenções são imprimidas aqui e ali a partir da interação com o *ferrinho* e ambos com todos os elementos envolvidos no processo. Os *ferrinhos* do Wilson, por exemplo, têm espessuras que variam ao longo do corpo. A parte que se encaixa na mureta tem maior espessura do que a ponta espiralada. Segundo ele, a bitola mais fina confere maior sensibilidade à ponta do *ferrinho*, sendo possível perceber *beliscadas* nas iscas e até mesmo de peixes de menor porte ou que resistam menos a *ferrada*. Perceber beliscadas dentre de um certo período pode ser determinante entre uma *ferrada* firme ou a *volta* que o peixe pode dar, *logrando* o pescador e saindo com a isca.

A diferença na espessura é conquistada a partir de um remendo entre as metades do *ferrinho* feito com a ajuda de uma massa de secagem rápida, adquirida em qualquer casa de construção. À primeira vista, pensei que se tratasse de um remendo por rompimento. Para garantir ainda mais capacidade de comunicação ao *ferrinho*, Wilson fixa guizos na ponta espiralada. Dessa forma, o pescador passa a unir informações *visuais* mais apuradas com uma ponta mais fina a informações *auditivas* com o advento dos guizos.

.tabuinha (ou taubinha ou taubuinha)

Basicamente, a *tabuinha* é um carretel em que se enrola a linha de *nylon 140* usada nessa arte de pesca. Mas ao longo do processo ela cumpre também outras funções. Há uma variedade considerável de modelos de *tabuinha*, e mesmo seu material pode variar, não sendo necessariamente de madeira como o nome

sugestiona. Durante o campo pude notar, por exemplo, *tabuinhas* de plástico também, reaproveitadas de algum outro objeto, em uma espécie de reaproveitamento. Sua forma mais genérica, no entanto, é um “H” em que na haste horizontal – um tanto mais espessa do que da letra – é enrolada a linha, e as hastes verticais propiciam tanto a possibilidade de manuseio pelo pescador, como apoiá-la no piso da passarela. Num sistema bem armado de *tabuinha* e *ferrinho*, quando a isca e a *chumbada* estão mergulhados dentro d’água e a linha passada dentro da espiral do *ferrinho*, a força do tensionamento ocasionado à linha permite que o pescador repouse a *tabuinha* no piso com duas das bases das hastes verticais no chão e o corpo da *tabuinha* inclinado em uma ângulo aproximado de



65°. Esse posicionamento tem a função de atuar como um alarme caso um peixe seja *ferrado*. Além de atuar no sistema de alarme, dependendo do porte do peixe e da violência com a qual ele parte com o anzol *ferrando* ele, além da experiência do pescador, que pode lhe conferir uma espécie de “ouvido absoluto”, o tom da batida da *tabuinha* pode indicar aproximadamente o porte e a espécie do bicho.

É importante destacar que a *tabuinha*, assim como o *ferrinho*, é de manufatura dos adeptos dessa arte de pesca e, também por isso, possui um grau de individuação considerável. Assim como não é possível analisar a *tabuinha* fora da paisagem e dos outros objetos que compõem essa arte de pesca, descansando sua definição meramente como um *carretel* de linha na *pesca com linha de mão*. A coordenação da *tabuinha* com o contexto, sobretudo a partir das individuações dos pescadores que, com seus corpos habitando a paisagem da maneira que habitam, com suas percepções e experiência cultural transmitida ao longo do tempo, adaptando-se também às mudanças na paisagem é o que torna a *tabuinha* mais do que meramente um carretel. Aliás, é importante destacar que mesmo esse papel que cumpre a *tabuinha* e essa arte de pesca são um exemplo de adaptação às mudanças e perturbações que a paisagem da baía sofreu ao longo do tempo. Talvez a *tabuinha* não fosse do jeito que é caso não houvesse as passarelas e as pontes *onde e como* estão, caso os peixes que ali habitassem não tivessem os hábitos e os portes que têm, caso a hidrografia não estivesse como está – considerando ainda as perturbações antrópicas –, ou ainda, caso as correntezas, as marés, a batimetria não estivessem como estão. Isso me lembra a informação que o seu Doca me cedeu durante uma de nossas conversas na mesa do café, quando disse que ali, sob as pontes, devido a profundidade mais acentuada em relação ao restante da baía de Florianópolis, era ainda “um dos melhores lugares pra pescar de linha” (relato ocorrido no primeiro semestre de 2019). A batimetria – medida de profundidade – desse ponto da baía gira em torno dos 10 metros. Esse dado é relevante para essa arte de pesca, sobretudo em relação à composição da linha e da *chumbada*.



.*chumbada*, linha de nylon 140 e anzol

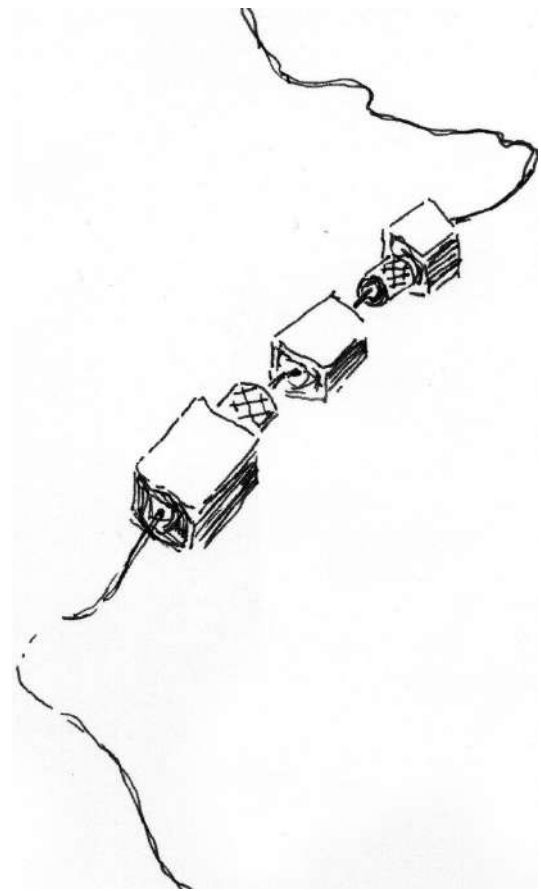
Tendo em vista que os peixes cobiçados pelos pescadores têm hábitos demersais, tanto em relação à desova quanto aos hábitos alimentares ou de locomoção, é preciso que a isca permaneça próxima ao fundo. Esse objetivo é alcançado com a *chumbada*. A *chumbada* corresponde ao sistema que confere peso à linha, ao chicote e ao anzol para que essa possam atingir o fundo da baía. Um sistema composto com cerca de cinco ou seis chumbos de cerca de 500gr cada. Sim, um sistema que totaliza aproximadamente 3kg de chumbo – lembremos que estamos no trecho mais profundo da baía. No entanto, o que vai definir a massa – e a quantidade de chumbos lançados na água – será a força da correnteza no momento da pesca: quanto mais forte e rápida estiver a correnteza, mais unidades de chumbo o pescador precisa lançar na água para que a isca



permaneça mais ao fundo.

Assim como *tabuinha* e *ferrinho*, a *chumbada* passa por processos de individualização e manufatura caseira por parte dos pescadores. Wilson me descreveu o processo em relato realizado em março de 2020. Primeiro deposita-se em uma panela a massa de chumbo necessária para atingir o peso desejado. A panela é levada ao fogo – o ponto de fusão do chumbo é relativamente baixo, cerca de 327,5° C em 1atm de pressão, podendo ser atingido em fogões caseiros. Assim que o chumbo atinge o estado líquido, é despejado dentro de uma das lacunas do tijolo. Com o chumbo ainda em estado líquido é atravessado ao longo de extensão da lacuna, ao centro, um prego ou haste de ferro de não mais que 3mm de espessura. De ferro pois o ponto de fusão do ferro é bem mais alto – aproximadamente 1538°C a 1atm de pressão -, o que garante que será mantido um furo atravessando o chumbo. Esse furo é imprescindível para a arte de pesca, pois por ele a linha de *nylon* 140 é atravessada. Depois que o chumbo se solidifica novamente, o tijolo é quebrado e a barra de chumbo retangular resultante do processo é serrada em cubos com cerca de 500g cada. A linha transpassa os furos de cerca de cinco ou seis chumbos e, entre eles - ao menos nos artefatos de Wilson - são inseridos pedaços de mangueira daquelas utilizadas no botijão de gás de cozinha. Esses pedaços de mangueira servem como divisórias entre os cubos de chumbo.

O pescador arremessa a isca com apenas um chumbo, para que esse possibilite a realização de um pêndulo no momento do arremesso. Primeiro vai soltando o anzol com a isca e o chumbo aos poucos, até que estes atinjam a altura abaixo da passarela, no início do vão da ponte. Depois realiza-se o movimento do pêndulo na linha com os braços e larga-se para que ela se lance ao mar. Não é necessário fazer grande esforço, sobretudo porque se busca não distanciar demais a isca das proximidades das pilastras da ponte. Além disso, a correnteza, que é bastante forte nesse ponto da baía, levará a isca e a chumbada para Norte ou para Sul, conforme sua direção e força. Uma vez que a isca imerge n'água, o pescador passa a lançar os demais cubos de chumbo que permaneceram descansando na mureta da passarela. Seu movimento é bastante coordenado, com uma graça peculiar. Primeiro lançam o chumbo, que vai escorregando pela linha como uma tirolesa ao longo dos cerca de 30m que separam a passarela da superfície da baía; assim que o chumbo se aproxima da superfície, o pescador ergue o braço com a linha na mão para que não tenha o perigo de o chumbo afundar separado dos outros chumbos que já



estão submersos.

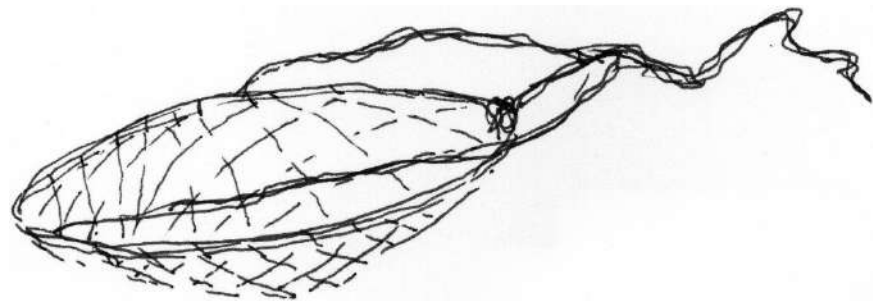
Essa coordenação é muito importante por alguns motivos. O primeiro deles diz respeito a manutenção do sistema de chicote, imprescindível para a pesca de peixes com hábito de fundo, como é o caso dos peixes almejados. O chicote é o pedaço de linha de cerca de 80cm que precisa permanecer livre no fundo da baía, para que a isca se movimente ao sabor da correnteza. Para manter esse pedaço de linha em suspensão, é preciso que o primeiro chumbo estanque em um limitador, e que os demais chumbos que formaram a *chumbada* se mantenham todos próximos. A quantidade de cubos de chumbo que será preciso lançar n'água depende, como dito, da força e direção da correnteza, que por sua vez, como sabemos, depende de uma série de fatores *dinâmicos*: da maré – se enchente ou vazante, se de sizígia ou quadratura; da força e direção do vento; do local – se está na passarela da Pedro Ivo, voltada para o Sul, ou na Colombo Salles, voltada para o Norte – e do momento da pesca. Além disso, é preciso recordar que no gargalo entre as baías Norte e Sul, a correnteza já é consideravelmente mais forte do que no restante das baías e, por fim, a profundidade da baía nesse ponto. Sendo assim, o pescador mantém os cubos de chumbo descansando na mureta da passarela e, caso alguns desses fatores mais contingenciais se altere – como a direção da maré e o vento – o pescador irá perceber e julgar a necessidade de lançar mais algum cubo para compor a *chumbada*. É preciso salientar que não se deve exagerar na dose, sob pena de tornar a briga com o peixe mais “pesada”.

Por fim, a linha e o anzol são industrializados, a primeira feita com *nylon* e o outro podendo variar bastantes mas, por se tratar de pesca em água salgada, necessita ser um metal mais resistente à corrosão e à oxidação. Mas mesmo se tratando de objetos industrializados, existem fissuras em que a individualização se insere, como no trabalho de confecção dos chicotes conforme descrito mais acima.

.jereré

Um arco circular, normalmente feito em aço, com aproximadamente 80cm de diâmetro, entrelaçado por uma rede de cordas de cerca de 6mm de espessura. Cordas são amarradas em três pontos mais ou menos equidistantes do círculo

a fim de dar certo equilíbrio ao sistema quando este é içado à passarela com o peixe dentro. As três cordas juntam-se em uma, que precisa ter mais do que 30m de comprimento – altura aproximada da passarela até a superfície da baía, podendo variar conforme a enchente ou a vazante. Por fim, importa destacar que apesar de haver *jererés* a venda no mercado, há possibilidade de individualizações a partir da manufatura de aproveitamento



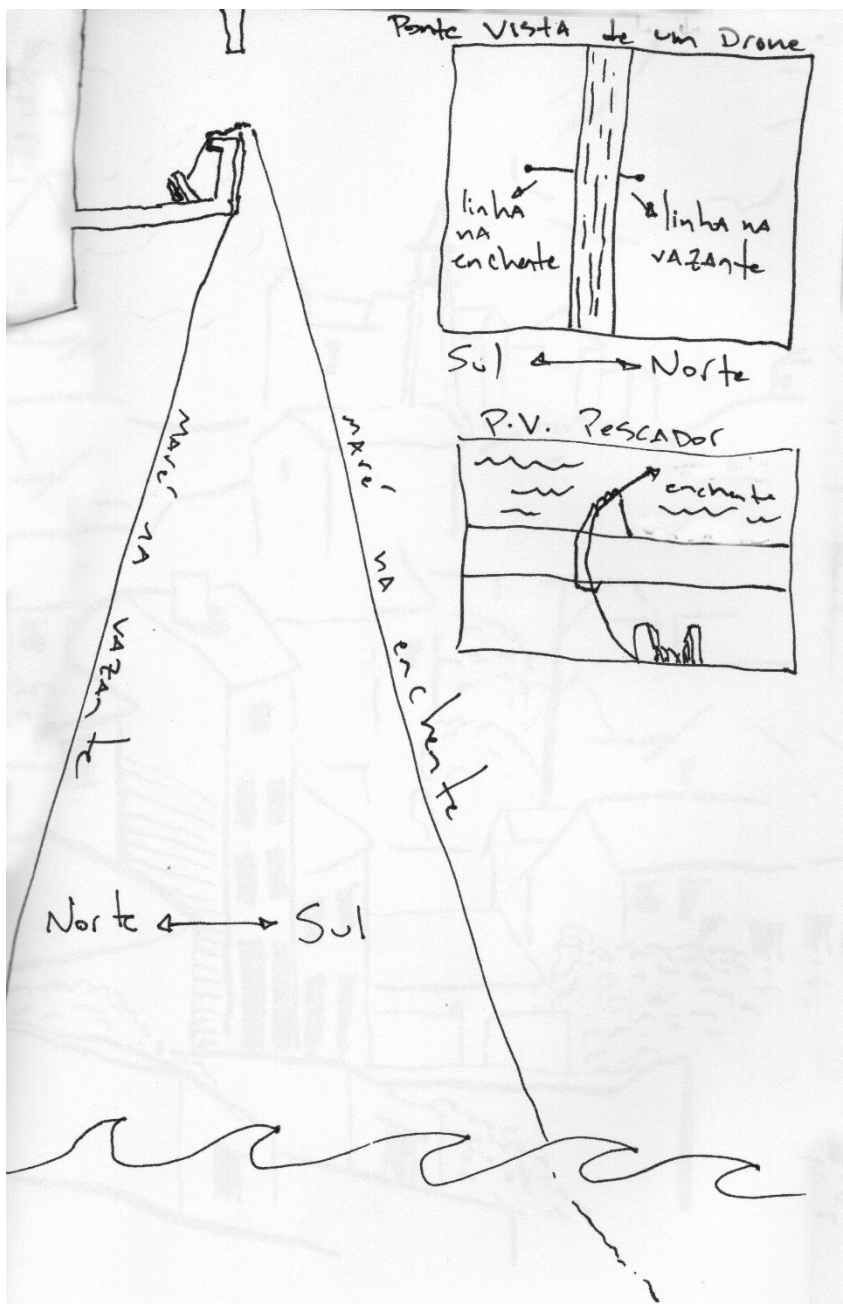
de materiais, como vigas de ferro dobradas e soldadas e pedaços de rede de pesca reaproveitadas. Esse é apenas um exemplo de muitos observados em campo na passarela.

“É como eu sempre digo, não vem pra ponte pescar sem o *jereré*” certa vez disse o Silvio. Ele dizia isso enquanto improvisava uma amarração na corda do *jereré* que trazia consigo, que tinha a corda muito curta. Tendo em vista a distância considerável entre a baía e a passarela, puxar peixes mais pesados, como o caso da maioria dos burriquetes, seria impossível, uma vez que a gravidade atuaria contra o pescador e o anzol dilaceraria a parte do corpo do peixe em que estivesse *ferrado* com o anzol. Além de elevadas chances de matar o peixe “à toa”, tornaria inviável a pesca com *ferrinho* e *tabuinha* na ponte.

Já presenciei peixes menos robustos sendo puxados sem o *jereré*. Em certa manhã de março de 2020, Wilson pediu ajuda ao Carlos para que este puxasse um bagre de cerca de 3,5kg pra passarela, dizendo “*não ter braço*” para fazê-lo. Sem o *jereré*, Carlos foi puxando o bagre pela linha. Além da dificuldade ampliada pela baixa aderência do *nylon* e espessura pouca em comparação à corda do *jereré*, o sofrimento do

bagre foi intensificado, tendo em vista que o *jereré* sobe o peixe como uma rede, sem exercer mais traumas ao peixe. Tal manobra seria improvável de ser realizada com um burriquete de cerca de 20kg *ferrado*.

Enquanto um pescador mantém o peixe sob controle com a linha na mão, um companheiro é acionado para manipular o *jereré*. Esse é mais um dos momentos em que a coletividade da performance se faz presente e praticamente indispensável. Não apenas porque seria muito difícil, a um só pescador, realizar os movimentos de manter o peixe relativamente sob seu controle, a partir da retenção da linha com as mãos enquanto manipula o *jereré*, mas também devido às possíveis limitações corporais que alguns pescadores têm, seja pela idade já mais adiantada ou qualquer motivo individual. Descer o *jereré* da passarela até a baía não exige muita força física, apenas jeito.



Mas é o alinhamento entre *jereré* e peixe que exige uma série de habilidades sincronizadas à atmosfera do momento em relação à posição do pescador.

Caso a arte de pesca esteja acontecendo na passarela Pedro Ivo Campos, voltada para o Sul, e esteja soprando um vento Sul – do Sul em direção ao Norte – relativamente intenso no momento de enchente de maré de sizígia, diversas forças estarão operando, neste momento, nos diversos habitantes envolvidos no evento: o mar estará interagindo com o vento – o primeiro correndo para Sul e o outro soprando para norte – e o pescador precisa perceber o resultado dessa interação; tal interação vai influenciar nos movimentos do peixe na superfície da baía; o vento ainda vai estar atuando sobre o *jereré*, provavelmente fazendo-o balançar em direção ao Norte, o que, dependendo do quanto o *jereré* seja empurrado, pode comprometer o campo de visão do pescador, pois seu artefato tenderia a esconder-se embaixo da ponte. No entanto, no caso de a correnteza da maré de sizígia enchendo estar prevalecendo sobre a força que o vento Sul esteja imprimindo nas massas d’água, estas estão correndo em direção ao Sul e tão logo o *jereré* seja mergulhado n’água, será carregado para Sul, provavelmente na mesma direção em que estará o peixe.

Esse evento genérico e verossímil é comum nessa arte de pesca. Os vetores de força da atmosfera podem variar, assim como a potência das forças. A partir daí, podemos perceber como a atmosfera, conforme mencionamos anteriormente em diálogo com Ingold, “mistura-se e satura” a consciência do pescador, gerando “sua própria capacidade de perceber” (2015, p. 204) o evento vivido e atua nos seus movimentos. Não se trata de decifrar os números que buscam referir a intensidade do vento ou da maré. O pescador está diante de um acontecimento que, por mais que tenha semelhanças com outros já convertidos em experiência, é inédito. São muitas linhas compondo a malha da paisagem nesse momento; linhas em estreita interação, como um novelo quase impossível de se desfilar. Imerso nessa atmosfera, o pescador atua conforme sua sensibilidade, produto e produtor dessa mesma atmosfera. E por mais que a experiência possa ajudá-lo no processo, haverá sempre margem para a novidade de um movimento, de uma tradução, de uma contingência, exigindo certa resiliência e criatividade para acertar o alvo: o peixe no *jereré* e o *jereré* no peixe.

.viveiros e iscas

À arte de pesca com *ferrinho* e *tabuinha* servem basicamente dois tipos de isca: vivas e não vivas, mas todas orgânicas. Todas simulam não humanos componentes da assembleia que habita a baía: camarões, siris, caranguejos, peixes ou postas de peixe. No trecho em que conhecemos um pouco mais as peculiaridades dos não humanos dessa assembleia, ficamos sabendo sobre seus hábitos e preferências alimentares,

portanto não nos repetiremos em detalhar esse aspecto novamente.

Em relação à maneira com a qual os animais são mobilizados como isca, há a preferência de que estejam vivos, a fim de dissimular sua condição de chamariz e tornar seu aspecto n'água mais fidedigno aos sentidos dos peixes. Além disso, iscas vivas promovem movimentos que atuam na sensibilidade do peixe. É reconhecido o capricho do robalo, que tem preferência por camarões vivos. Mas mesmo os demais peixes, que não desprezam camarões, caranguejos ou postas de peixe já sem vida, as iscas vivas, segundo os pescadores, apresentam mais vantagem. Em busca de tal vantagem, alguns esforços a mais são exigidos.

São duas as maneiras básicas de se conseguir iscas vivas: comprando ou capturando. Quem compra, tem seus contatos: sobretudo pescadores que habitam a baía de Florianópolis e seu entorno próximo. Ao passo que quem tem como hábito capturar as iscas vivas, precisa mobilizar ainda outros conhecimentos e artes. Camarões podem ser capturados com tarrafas de emalho específico ou puçás menores, mas é preciso ser conhecedor do contexto ecológico em que é possível sua captura, além de, como na arte de pesca, estar sujeito à contingência. Josias sabe bem do que estou me referindo: enquanto pescava na passarela Sul da Pedro Ivo em uma gelada e ensolarada tarde de agosto de 2019, me contou que estava acordado desde às 3h da manhã. O motivo do despertar tão precoce: enfiar-se de bermuda, com as águas até as coxas, nas geladas águas da baía Sul, próximo à Palhoça – município que residia, na grande Florianópolis – a fim de caçar camarões para servirem de isca naquele dia de pescaria na ponte. Conseguiu *um* (01).

Barriga tem como uma de suas preferências usar caranguejos como isca. Conta ele (relato em agosto de 2018) que captura caranguejos pequenos nas pedras da baía Norte ou em manguezais. Leva-os para casa e os alimenta com restos de comida a fim de usá-los aos poucos como isca. Diz que vivem cerca de um mês nesse regime. Enquanto conta suas técnicas, posso ver um balde cheio deles se pisoteando, tentando inutilmente sair de seu cativeiro.

Baldinhos, aliás, são os viveiros mais utilizados na passarela. Normalmente se utiliza baldinhos de gordura vegetal reaproveitados. É possível conseguir esses baldes principalmente em padarias da cidade. Depois de higienizados, são preenchidos com a água salobra da baía e inseridos os camarões ou caranguejos vivos – esses últimos dispensando a necessidade de água. A fim de manter o nível de oxigenação necessário à manutenção da vida dos camarões, é acoplado ao baldinho uma bomba de oxigenação – daquelas utilizadas em aquários – energizadas com pilhas. “*Cuidado, segura que tá indo o ouro*” disse certa vez um pescador enquanto passava o viveiro ao colega que acessava a interditada passarela da ponte Colombo Salles com a ajuda de uma escada (relato em setembro de 2020).



A importância dada às iscas vivas e sobretudo o esforço exercido em sua captura me ajuda a perceber a conexão que esses pescadores têm com a baía de Florianópolis. A fim de fazer acontecer a arte de pesca com *tabuinha e ferrinho*, não se furtam a peregrinar em outros retalhos dessa paisagem, tal como o *habitante* do qual Ingold (2015) se refere. Tal esforço concede à pesca um caráter mais que esportivo ou recreativo. Habitar a paisagem dessa maneira habilita conhecimentos ecológicos locais (CEL) que vão muito além do mero entretenimento lúdico da pesca. Ao se deslocar pelos diversos lugares da baía, os pescadores que se voluntariam a capturar até mesmo as iscas que lhes ajudaram na arte de pesca futura – ou mesmo acessando uma rede de outros pescadores da baía –, habitam o ecossistema de uma maneira bastante íntima, reforçando as relações de pertencimento com o ambiente. Certamente são habitabilidades que não podem ser generalizadas a todos os praticantes da pesca com *tabuinha e ferrinho*, mas não devemos desconsiderar a relevância dessas maneiras de insistir em viver uma maritimidade em um ambiente em que os laços com o mar estão cada vez mais obliterados por infraestruturas urbanas insensíveis ao ecossistema a qual são inseridas.

.escada

Já que mencionamos brevemente a escada, vamos falar um pouco mais sobre esse artefato que foi inserido há pouco na cadeia operatória da arte de pesca. De madeira – mas podendo ser de alumínio também – e não podendo medir menos do que 3m de comprimento, é utilizada para que seja acessada a passarela Norte da ponte Colombo Salles. Como descrito noutra passagem deste trecho da dissertação, após negociação com “O Engenheiro” - um dos responsáveis pela reforma das pontes -, foi liberado aos pescadores, de forma extraoficial, acesso apenas à passarela norte da ponte Colombo Salles, sob certas condições: que acessassem apenas após às 19h30 – quando os trabalhos já houvessem encerrado – e que levassem a escada de casa, pois não seria aberto o portão de acesso.



A escada utilizada no dia em que realizei a observação não era comprida o bastante para acessar a passarela, sendo necessária a colocação de tablados de madeira que serviam como calços a fim de ampliar seu alcance. Enquanto um homem segura a escada, os demais vão, um após o outro, subindo com os artefatos de pesca. Eu, como antropólogo com deficiência física, possuo no corpo limitações que impediram o acesso à passarela da Colombo Salles. Ainda assim, pude observar a

utilização desse novo e incidental objeto à arte de pesca. Mais um objeto, diga-se, que funciona melhor se mobilizado coletivamente, como é comum à pesca nas passarelas.

.celulares

Não é um artefato indispensável para o acontecimento da arte de pesca, mas alguns pescadores lançam mão de algumas de suas funcionalidades. As mais úteis, segundo fui informado, são relativas aos aplicativos que os ajudam a “imaginar” as condições atmosféricas na passarela e na baía para o dia e momento que almejam se lançar à pescaria. Aplicativos como o *Marés gratuito* para celular com sistema operacional *Android* dão indícios acerca das possibilidades de comportamento da maré; o *Windguru* busca criar expectativas sobretudo acerca das dinâmicas dos ventos (este já utilizei bastante para auxiliar no desenho de rotas a tomar com minha bicicleta pela cidade); aplicativos que tentam prever o tempo também se somam à cadeia. Vale destacar, porém, que são ferramentas que dão *indícios, possibilidades*, com larga margem para o imprevisível. Indispensável dizer também que estão longe de se aproximar da sensibilidade que o corpo dos pescadores em comunhão com a atmosfera traduzem em informação.

Por fim, podemos citar ainda a funcionalidade das câmeras dos *smartphones*, propiciando a capacidade de registrar em fotografias e filmes dos acontecimentos – [servindo inclusive como material etnográfico a este antropólogo²³](#) –, e o *Whatsapp*. Este último provoca opiniões bastante ambivalentes a depender do contexto que se insere. Ao mesmo tempo que pode informar, pode também criar certas confusões. Josué me confiou uma história bastante ilustrativa sobre esse tema:

Há um grupo de Whatsapp composto por vários pescadores da passarela. Nele “a maioria o que mandam é putaria”. Mas houve um dia em que o Josué postou no grupo uma foto de um peixão que havia pescado. A passarela que estava quase vazia de pescadores, de repente passou a se encher, todo mundo em busca do seu peixão. Com o tempo passando e ninguém mais conseguindo ferrar peixe, indagaram: “Ué!, cadê o peixe, Josué?!”. ‘tá comigo!’ eu falei, ‘o peixe é meu, eu que pesquei!’”.

Josué ainda me disse que não significa que se uma pessoa pega um peixe naquele momento, todo mundo vai pegar. Muitas vezes mandavam mensagens pra ele perguntando se tava dando peixe. “*Ué, eu falo pra eles virem ver. O bonitão fica lá em casa e eu que venho pra cá que tenho que dizer se tem peixe ou não? Eles que venham também!*” (relatos de março de 2020).

²³ <https://www.youtube.com/user/Felipe161851>

.considerações finais

A última viagem a campo ocorreu entre o final de setembro e início de outubro de 2020. A pandemia de COVID_19 ainda assombrava o mundo. Em Florianópolis as taxas de transmissibilidade do vírus estavam, segundo dados oficiais e imprecisos, relativamente baixa. A necessidade de material para encorpar a reta final da dissertação levou minha companheira e eu a montarmos nossas bicicletas e pedalarmos em direção à capital de Santa Catarina. Durante a vigência do estado pandêmico, minha companheira – Gabriela Rudnick – e eu nos mantemos em isolamento social no sítio de seu avô em Piên, município localizado no estado do Paraná, e que faz divisa com Santa Catarina. [Segundo o Google Maps](#), foram cerca de 260km de *pedal* percorridos em 04 dias – com 01 dia de descanso, totalizando 05 dias.

A escolha da bicicleta como meio de transporte levou em consideração alguns elementos: estamos acostumados a pedalar longa distância em ritmo tranquilo; levando em consideração o risco de contaminação do Sars_Cov_02, a viagem ao ar livre, pedalando, trazia poucos riscos se tomadas as devidas precauções; estávamos já bastante *necessitados* de um deslocamento mais intenso, mas o mais responsável possível; e, por fim, queríamos observar e experienciar a paisagem de uma maneira mais aproximada da percepção teórica que embasa esta dissertação: de que os processos que fazem paisagem se estendem muito além de onde o corpo em inércia pode perceber. Queríamos fazer um campo com o corpo em movimento, em deslocamento, *habitando* (Ingold, 2015) a paisagem. Ou seja, queríamos acompanhar o mosaico enquanto deslizávamos nossos corpos pelo caminho que levava à paisagem de pesquisa: a baía de Florianópolis.

Descemos a serra, passamos por monoculturas de banana e arroz, por cidades fabris, represas, praias com faixas de areia engolidas pela elevação do nível do mar, por rios, por estradas de terra e de asfalto, por manguezais aterrados e cidades em que a especulação imobiliária devora paisagens muito além daquelas em que arranha-céus



BR-101
é
DESEMPENHO.

DE PASSAGEM
É TUDO TÃO
=

NOS FUNDOS DA
CASA: O MANGUE;
AO REDOR:
O SOM DOS
EDIFÍCIOS ATROPE-
LANDO VIDAS,
MATÉRIAS,
MEMÓRIAS



absorvem até mesmo o sol. Infraestruturas e manchas antropocênicas com um grau de modulação capaz de confundir: estamos em Recife ou em Balneário Camboriú? Essa *plantation* de arroz está no Brasil ou será que atravesssei um portal até a Indonésia?

Em meio a tanta confusão, enquanto almoçava um prato feito em um restaurante na beirada da BR-101, quase em frente ao posto da Polícia Rodoviária Federal na cidade de Biguaçu, na Grande Florianópolis, pude entrever no horizonte a baía Norte. Nesse instante me dei conta de que já estava há horas se movendo pela paisagem pesquisada nesta dissertação. Muito embora o local em que almoçava fosse familiar para mim, visto que eu já havia passado por ali dezenas de vezes – pedalando ou em um automóvel – o *insight* de que aquele era já um retalho da paisagem me fez perceber a extensão do campo *ainda a ser*

pesquisado. Não se trata de querer ocupar o mapa na escala de 1:1, como menciona Hakim Bey, mas de desenvolver sensibilidades mais apuradas para as escalas que os fenômenos das infraestruturas foram, são e serão capazes de imprimir na paisagem da baía de Florianópolis, bem como sua abrangência.

A CHEGADA:
QUANDO O CORPO VOLTA
PELO CAMINHO QUE COSTUMAVA IR
O QUE SE TEM:

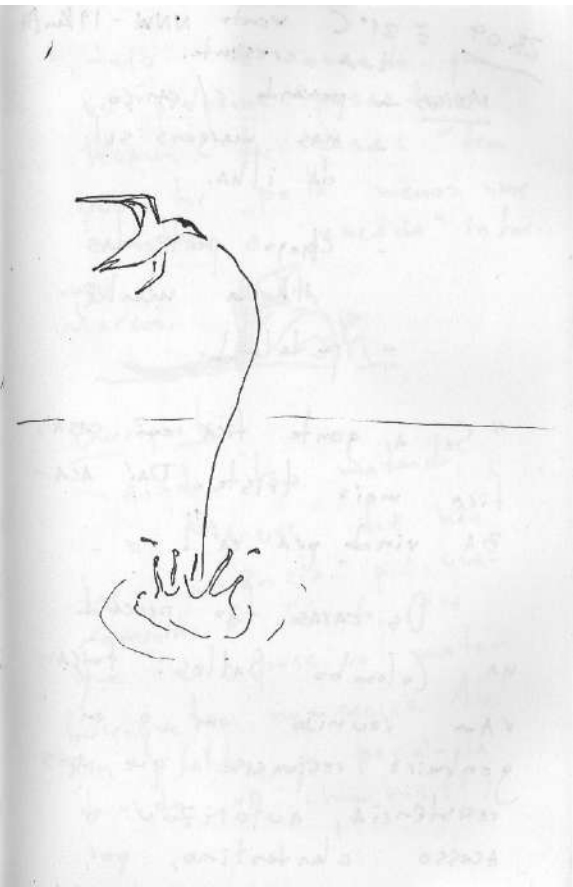


É UMA PAISAGEM
BASTANTE
REMONTADA:

MEMÓRIAS
E AFETOS
SE AMONTOAM
UNS SOBRE OS OUTROS:

E O PRÓXIMO É O DISTANTE
O FAMILIAR É O ESTRANHO

SÃO RECONFIGURADOS
NA CARTOGRAFIA DA PERCEPÇÃO.



Este trabalho desempenhou o papel de ajudar na calibragem dessa sensibilidade em meu corpo enquanto antropólogo. Muito embora eu espere que alguns conhecimentos possam ser obtidos com sua leitura a quem se interessa em fazê-lo, a sensação é de que o que está posto é uma pesquisa experimental que teve efeitos importantíssimos em minha formação como pesquisador. Não posso deixar de reconhecer que os contatos e interações com os habitantes humanos e não humanos dessa paisagem sofreu considerável impacto devido às restrições impostas pela pandemia de COVID_19. Mas além dessa condição, comum a todos/as os/as meus/minhas colegas com pesquisas em andamento, limitações quanto a conhecimentos importantes para refinar as sensibilidades em campo se apresentaram de forma contundente. Me refiro principalmente à percepção da paisagem em seu aspecto mais que humano. Apesar de reconhecer avanços, os limites se tornaram ainda mais evidentes para meu senso de pesquisa. Não que isso seja um ponto negativo: penso, aliás, que é justamente o contrário. Mas não posso deixar de destacá-lo.

Sendo assim, para a continuidade nesse campo de pesquisa da antropologia das paisagens, acredito ter avançado no reconhecimento do que será preciso mobilizar a fim de refinar as análises multidisciplinares que o campo exige. Nesse sentido, a pesquisa de mestrado contribuiu para me familiarizar com campos de conhecimento há muito estranhos aos meus trabalhos acadêmicos, a saber: a biologia, a ecologia, os conhecimentos ecológicos locais, a geologia, a oceanografia, o desenho etc.

Quanto às conclusões preliminares que podem ser aventadas a partir da etnografia, penso que duas podem ser observadas com contornos mais nítidos. A primeira diz respeito ao cerco contra a prática de pesca com *tabuinha* e *ferrinho*. Como pudemos conhecer a partir de nossa pesquisa, as infraestruturas (Tsing, 2019) levantadas na Ilha de Santa Catarina resultam em efeitos culturais muitas vezes subestimados nas discussões em que são destacados sobretudo seus benefícios em prol de uma determinada noção de progresso. Podemos destacar, entre outros, o sufocamento da maritimidade no cotidiano dos habitantes humanos da cidade.

Com os corpos interditados da experiência em coordenação com a atmosfera marítima, um vasto campo de conhecimento prático, cultural, ou ainda, toda uma *cosmosensibilidade* deixa de se manifestar nos corpos dos habitantes da cidade. Esse *vácuo* atua no distanciamento entre humanos e a paisagem, entre humanos e os não humanos que resistem às perturbações ocasionadas por tais infraestruturas. Esse impedimento é muitas vezes silencioso, sorrateiro, colateral aos efeitos que se supostamente pretendia com a elevação de tais infraestruturas. Nesse contexto, a forma os entes do Estado conduzem até aqui os dissensos em relação à pesca realizada nas passarelas das pontes Pedro Ivo Campos parecem desconsiderar a importância cultural que a prática enseja. Muito embora sejam duas práticas marítimas em dissenso – a

navegação e a pesca -, seria mesmo conveniente tratar o dilema como um jogo de *perde e ganha* dado o contexto de escassez de práticas marítimas? Ou ainda, considerando os princípios do Estado Democrático de Direito, não seria mais *justo* lidar com os envolvidos menos em termos de *quem tem o direito de habitar essa paisagem* do que de buscar encontrar *acordos pragmáticos* a fim de mitigar os riscos inerentes a ambas as práticas? Proibir uma prática em detrimento de outra seria desnutrir ainda mais saberes ligados à paisagem marítima e suas assembleias. E se nosso intuito procura coadunar com a manutenção e a proliferação da diversidade de modos de habitar de forma ecológica uma paisagem, o caminho mais acertado para tanto é também o mais trabalhoso: diálogos em busca de acordos acerca das maneiras as quais as práticas possam coexistir de maneira que uma não seja prejudicial a outra.

Por fim, nosso olhar mais detido a determinado recorte de uma assembleia mais que humana em coordenação na baía de Florianópolis aciona, ou melhor, *reforça* um alerta que há muito é divulgado pelas comunidades científicas e de habitantes dessa paisagem: as perturbações ocasionadas pelas infraestruturas humanas na baía de Florianópolis estão impactando no decréscimo das diversidades ecológicas e culturais na paisagem. Como pudemos conhecer a partir das narrativas de habitantes humanos e não humano, de estudos científicos e da observação em campo, a mancha que o Antropoceno imprime na baía não se realiza a partir de um evento singular, de um gatilho capaz de dismantelar instaneamente a malha formada por humanos e não humanos que compõe a paisagem. São eventos em cadeia, ao longo de décadas, uma dose de cada vez.

Esse ritmo parece dissimular o impacto que as escolhas humanas vêm causando. Mas basta apurar bem os sentidos e escutar com o peito aberto quem atravessou por todas as mudanças e é capaz de exprimir memórias de uma diversidade sufocada. As perturbações são tão intensas e violentas que cercar pequenos retalhos da paisagem e protegê-los já não surte o efeito esperado. Elas não são mais capazes de fazer proliferar a diversidade como se desejava, ao menos a ponto de fazer frente aos impactos de morte no ecossistema da baía. Ademais, como pudemos ver, a baía de Florianópolis possui paisagens dentro de paisagens e, ela mesma, compõe e se conecta a outra paisagens. De que adianta retalhos de preservação se a pluma de contaminação viaja com a água e com o ar?

Além da noção de que um olhar recortado da paisagem pouco nos ajuda na tarefa de fazer frente ao extermínio e à extinção, dada a aceleração das políticas de promoção de infraestruturas capitalistas, é preciso trabalhar na proliferação da vida. Em termos ecológicos, já não basta *preservar*, é preciso *recuperar* (Decarli, 2019). À essa tarefa urgentíssima é preciso mais que dar ouvidos aos habitantes tradicionais – humanos e não humanos - da paisagem: é preciso reconhecer sua voz, seus saberes, suas

estratégias. Essa dissertação foi um esforço nessa direção, reconhecendo, porém, que ainda há muito a se fazer, muito a se aprender;

.referências bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila. 2018. “A escrita contra a cultura”. *Equatorial*5(8): 193-226.

AKRICH, Madeleine. *Como descrever objetos técnicos*. Boletim Campineiro de Geografia, v. 4, n. 1, 2014.

ALMEIDA, Mauro. *Caipora e outros conflitos ontológicos*. Revista Antropológica da UFSCar, v.5, n.1, p. 7-28, 2013.

ANNI, I. S. A; PINHEIRO, P. C. *Hábito alimentar das espécies de robalo Centropomus parallelus Poey, 1986 e Centropomus undecimalis Bloch 1792 no litoral norte de Santa Catarina e Sul do Paraná, Brasil*. Anais do III Congresso Latino-Americano de Ecologia, 10 a 13 de setembro de 2009.

AZEVEDO, Aina. *Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual*. Cadernos de Arte e Antropologia, v. 5, n. 2, 2016.

AZEVEDO, Aina. *Um convite à antropologia desenhada*. METAgrafias: metalinguagem e outras figuras, v. 1, n. 1, 2016.

AZEVEDO, Aina; SCHROER, Sara Asu. *Weathering: a graphic essay*. Vibrant, v. 13, n.2, 2016.

BARBOSA, Gabriel C.; DEVOS, Rafael V. *Paralaxe e “marcação por terra”: técnicas de navegação entre jangadeiros na Paraíba e Rio Grande do Norte (Brasil)*. Mana n. 23, v. 3, 2017.

BARBOSA, Gabriel C.; DEVOS, Rafael V.; VEDANA, Viviane. *Paisagens como panoramas e ritmos audiovisuais: percepção ambiental da pesca da tainha*. Revista GIZ (Online), v.1, n.1, p. 41-58, 2016.

BORGO, D. et al. *Os padrões de distribuição dos peixes de uma laguna costeira aberta no Atlântico Oeste subtropical são influenciados pelas variações espaciais e sazonais?* Biotemas, 28(3), setembro de 2015.

CARTAGENA, Betriz F. C. *Estrutura e distribuição espaço-temporal da assembleia de peixes na região do Saco dos Limões, baía Sul – Florianópolis/SC*. Dissertação (Mestrado em Ciências e Tecnologia Ambiental) Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí – SC, 2008.

- COUPAYE, Ludovic. *Cadeia operatória, transectos e teorias: algumas reflexões e sugestões sobre o percurso de um método clássico*. In: Técnica e transformação: perspectivas antropológicas. Rio de Janeiro: ABA Publicações, 2017.
- DANOWSKI, Débora; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir?*. Florianópolis: Cultura e Barbárie. 2014.
- DECARLI, Juarez C. *Efeito da urbanização sobre as comunidades de macroinvertebrados aquáticos em uma ilha subtropical*. Dissertação (Mestrado em Ecologia) Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes. 1998.
- DELEUZE, G. *Kafka: Por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. DELEUZE, G.;
- GUATTARI, F. *Mil Platôs*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.
- GALERA, Daniel. 2019. “Ondas catastróficas”. *Serrote* 32: 208-223: <https://www.revistaserrote.com.br/2019/10/ondas-catastroficas-por-daniel-galera/>
- GARCIA, Amanda Veloso. *Contribuições da abordagem ecológica no entendimento da relação ser humano/ambiente: os problemas de uma abordagem racionalista do conhecimento*. Clareira, v. 3, n. 1, 2016.
- GELL, Alfred. *A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia*. Concinnitas, ano 6, v. 1, n. 8, julho de 2005.
- GIBSON, James J. *The ecological approach to visual perception*. Classic Edition, Psychology Press, 2014.
- HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies de companhia: cães, pessoas e a outridade significante*. Trad.: Sandra Michelli da Costa Gomes. In: Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.
- HARTMANN, L. 1999. “Oralidade, Corpo e Memória entre Contadores e Contadoras de Causo Gaúchos.” *Horizontes Antropológicos*5(12): 267-277.

- HELMREICH, Stefan. *Um antropólogo debaixo d'água: paisagens sonoras imersivas, ciborgues submarinos e etnografia transdutora*. Caderno Eletrônico de Ciências Sociais, v. 3, n. 1, 2015.
- INGOLD, Tim. *What is an animal?* Londres e Nova York: Routledge. 1988.
- INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Trad. Fábio Creder. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- KOPENAWA, Davi. *A queda do céu*. São Paulo: Cia das Letras. 2015.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras. 2019. KUSCHNIR, Karina. *Desenhando cidades*. Sociologia;Antropologia. v.02.04: 295-314, 2012.
- KUSCHINIR, Karina. *Desenho etnográfico: onze benefícios de usar um diário gráfico no trabalho de campo*. Revista Pensata, v. 7, n. 1, 2018.
- LATOUR, Bruno. 2004. *Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções*. Tramas da Rede Sulina, Porto Alegre.
- LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991 (p1-26).
- LEITE, R. Proença. *Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangetown*. Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol.17n. 49 (p.115-172), 2002.
- LEÓN, Ángela. 2018. *Guia Fantástico de São Paulo*. 2ª edição. São Paulo: Lote 42.
- LEPECKI, André. *Corepolítica e coreopolícia*. Ilha: Revista de Antropologia. 13(1): 41-60, 2011.
- MARTINS, I. M. *Conhecimento ecológico de pescadores artesanais sobre peixes de interesse comercial: contribuições para o manejo e conservação na baía de Tijucas, SC*. Dissertação (Mestrado em Ecologia) – Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.
- MELLO, Giovanni L. *Efeito da salinidade, da temperatura e da privação alimentar no desempenho de juvenis de robalo-flecha, Centropomus undecimalis*. Tese (Doutorado em Aquicultura) Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- MOREIRA, Matheus C. *Diversidade, ocorrência e distribuição da fauna de invertebrados demersal*

das baías Norte e Sul de Florianópolis (SC), Brasil. Dissertação (Mestrado em Ecologia) Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

MURAKAMI, Haruki. *O assassinato do comendador vol. 2: Metáforas que vagam*. Editora Alfaguara. Trad. Rita Kohl. 2020.

NODARI, Alexandre. *A literatura como antropologia especulativa*. Revista da ANPOLL (Online), v. 1, p. 75-85, 2015.

PEREIRA, V. C. *Blackout poetry: uma poética do corte como rasura*. Literatura e Sociedade, n. 24, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. *A partícula do sensível*. São Paulo: Editora 34, 2009.

SAER, Juan José. *O conceito de ficção*. Tradução de Joca Wolff. Sopro, 15, p. 1-4, 2009.

SANTOS, Paulo César. *Espaço e memória: o aterro da baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em História) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1997.

SANTOS, P. R. *A pesca artesanal do Miragaia (*Pogonias cromis*, Sciaenidae) e consequências da sobreexploração, no estuário da Lagoa dos Patos*. Dissertação (Mestrado em Biologia de Ambientes Aquáticos Continentais) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2015.

SANTOS, P. R. dos; EINHARDT, A. C. M. C.; VELASCO, Gonzalo. *A pesca artesanal do Miragaia (*Pogonias cromis*, SCIAENIDAE) no estuário da Lagoa dos Patos*. Bol. Inst. Pesca, São Paulo, 42(1): 89-101, 2016.

SAUTCHUCK, C. E. *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SAUTCHUCK, C. E. *Flor d'água: fotografia e etnografia*. PROA – Revista de Antropologia e Arte, n.

5. V. 1. Campinas, 2014.

SCHWEDERSKY, Larissa. *Habilidades, técnicas e movimento: uma abordagem ecológica dos ciclo- entregadores de Florianópolis – SC*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SIMMEL, Georg. *A ponte e a porta*. Tradução de Simone Maldonado: Revista Política e Trabalho n° 12, p. 05-09, 1996.

SOUZA (Jr), Oswaldo G. de. *Pesca e etnoecologia da pescada-amarela – Cynoscion acoupa (Lacèpede 1801) na costa Norte do Brasil*. Tese (Doutorado em Ecologia Aquática e Pesca) Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

SQUIRE, Corrine. 2014. “O que é narrativa?” *Civitas* 14(2): 272-284. STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. São Paulo: CosacNaif. 2015

STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: CosacNaif. 2014.

TSING, Anna. *The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins*. Reino Unido: Princeton University Press.

TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, Anna; GAN, Elaine. *How things hold: a diagram of coordination in a Satoyama Forest*. *Social Analysis* v. 62, issue 4, winter 2018.

TSING, Anna; MATHEWS, Andrew; BUBANDT, Nils, *Patchy Anthropocene: Landscape Structure, Multispecies History, and the Retooling of Anthropology*. *Current Anthropology*, Volume 60, Supplement 20, 2019.

UEXKÜLL, Jacob von. *Dos animais e dos homens: digressões pelos seus próprios mundos*. Trad. Alberto Candeias e Aníbal Garcia Pereira. Lisboa: Livros do Brasil, 1982.

UEXKÜLL, Thure von. *A teoria da Unwelt de Jakob von Uexkül*. *Galáxia*, n. 7, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós- estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Inquérito Civil nº 1.33.000.002571/2016-58 do Ministério Público Federal de Santa Catarina.

Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998 da Presidência da República Federativa do Brasil.

SEM AUTOR. *Passarela da ponte Pedro Ivo Campos será interditada para continuidade da obra de manutenção.* Governo de Santa Catarina. Florianópolis, 29 de abril de 2020, disponível em <https://www.sc.gov.br/noticias/temas/transportes-e-estradas/passarela-da-ponte-pedro-ivo-campos-sera-interditada-para-continuidade-da-obra-de-manutencao>, acesso em: 01 de dezembro de 2020.

SEM AUTOR. *Interditada passarela para pedestres na Ponte Colombo Salles.* Ministério Público de Santa Catarina. Florianópolis, 12 de agosto de 2014, disponível em <https://mpsc.mp.br/noticias/interditada-passarela-para-pedestres-na-ponte-colombo-salles>, acesso em: 01 de dezembro de 2020.

FOX Sports. *P!nk the border collie wins back-to-back titles at the 2019 WKC Masters Agility.* 2019. Disponível em: <https://youtu.be/hxMsVbFr1Bc> - acesso em 01 de dezembro de 2020.

Canal Felipe Reis. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/Felipe161851?app=desktop> - acesso em 01 de dezembro de 2020.